



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

HELENA DE LIMA MARINHO RODRIGUES ARAÚJO

**A TRADICIONAL ESCOLA NORMAL CEARENSE CHEGA AO BAIRRO DE
FÁTIMA: FORMAÇÃO DAS PRIMEIRAS PROFESSORAS
PRIMÁRIAS (1958 – 1960)**

**FORTALEZA
2014**



A TRADICIONAL ESCOLA NORMAL CEARENSE CHEGA AO BAIRRO DE FÁTIMA: FORMAÇÃO DAS PRIMEIRAS PROFESSORAS PRIMÁRIAS (1958 - 1960)

HELENA DE LIMA MARINHO RODRIGUES ARAÚJO

**A TRADICIONAL ESCOLA NORMAL CEARENSE CHEGA AO BAIRRO DE
FÁTIMA: FORMAÇÃO DAS PRIMEIRAS PROFESSORAS
PRIMÁRIAS (1958 – 1960)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação,
Doutorado em Educação Brasileira da Faculdade
de Educação - Universidade Federal do Ceará
(UFC) - para obtenção do título de Doutora em
Educação Brasileira na Linha de Pesquisa:
História e Memória. Eixo: História Educacional.

Orientador: Prof. Dr. Rui Martinho Rodrigues

**FORTALEZA
2014**

Dados Internacionais de catalogação na Fonte
Universidade Federal do Ceará

A 658 t Araújo, Helena de Lima Marinho Rodrigues

A Tradicional Escola Normal Cearense chega ao bairro de Fátima: formação das primeiras professoras primárias (1958-1960) / Helena de Lima Marinho Rodrigues Araújo, 2014.

307 f.: color; enc.; 30 cm

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza, 2014.

Orientação: Prof. Dr. Rui Martinho Rodrigues

1. Educação Brasileira I. Título

CDD: 370

HELENA DE LIMA MARINHO RODRIGUES ARAÚJO

**A TRADICIONAL ESCOLA NORMAL CEARENSE CHEGA AO BAIRRO DE
FÁTIMA: FORMAÇÃO DAS PRIMEIRAS PROFESSORAS
PRIMÁRIAS (1958 – 1960)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação,
Doutorado em Educação Brasileira da Faculdade
de Educação - Universidade Federal do Ceará
(UFC) - para obtenção do título de Doutora em
Educação Brasileira na Linha de Pesquisa:
História e Memória. Eixo: História Educacional.

Aprovada em: 08/12/2014

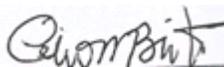
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Rui Martinho Rodrigues (**Orientador**)
Universidade Federal do Ceará (UFC)



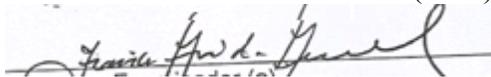
Profª. Dra. Elione Maria Nogueira Diógenes
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)



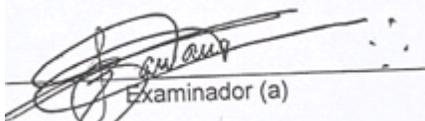
Profª. Dra. Célia Maria Machado de Brito
Universidade Estadual do Ceará (UECE)



Profª. Dra. Antonia Rozimar Machado e Rocha
Universidade Federal do Ceará (UFC)



Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade
Universidade Federal do Ceará (UFC)



Examinador (a)

Prof. Dr. José Rogério Santana
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A todos nós professores que dedicamos a maior parte de nossas vidas à formação de muitas profissões, transformando sonhos em realidade e modificando a sociedade. Sobretudo, dedico às professoras que trabalham nas séries iniciais, por serem as pioneiras na vida escolar dos alunos, em especial, as alunas da Escola Normal (1958-1960) que ajudaram a reconstruir um pedaço importante da história dessa tradicional instituição.

(HELENA MARINHO)

AGRADECIMENTOS

O gesto do agradecimento é uma virtude humana que deve ser cada vez mais aprimorado. Dessa forma se quer fazer o registro de todos os que colaboraram, se tornaram cúmplice e também coautores desta pesquisa. Muito obrigada!

A Deus e Nossa Senhora de Fátima, refúgio constante no qual me fortaleço em suas fontes de luz, adquirindo inspiração para guiar o caminho de minha vida. Pela saúde e oportunidade de poder concluir esta pesquisa.

Aos meus pais: José Francisco Marinho (*in memoriam*) mestre de grandes valores, com certeza meu professor da vida inteira; e Ernestina Rosa de Lima, mulher guerreira, tranqüila e perseverante na fé, fortaleza de minha vida.

Às minhas duas filhas, Alana Kelly e Yasmin, pérolas amadas, sem elas a minha vida não podia ter alegria de ser “mãe” e poder participar de suas vidas. Com certeza foram os melhores presentes que pude ter na vida.

Ao meu esposo, Pedro Robério, pelo amor, dedicação e companheirismo nos momentos de nossas vidas.

Aos meus familiares: avós, tios, sobrinhos, primos, principalmente, aos meus irmãos: Fátima, Ivania, Izabel, Ana Maria, Assunção, Margaret e Patrícia, não podia deixar de registrar aqui o nome de cada um deles que representam união, alegria e muitas felicidades em minha vida.

Ao meu orientador, Rui Martinho, pela capacidade intelectual e conhecimento em pesquisa, lhe sou muito grata por tudo.

Aos professores participantes da banca examinadora, grata pelas preciosas contribuições, sobretudo, aos professores Rozimar, Célia e Ari, por estarem presente desde a qualificação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC, pelos momentos de aprendizagem no decorrer dos debates das aulas, principalmente, aos professores da linha de pesquisa História e Memória.

Ao professor José Gerardo Vasconcelos pela oportunidade em participar do Projeto de Pesquisa com os alunos do Programa de Educação Tutorial (PET) - Pedagogia.

Aos funcionários e colegas do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira.

A todos os funcionários dos lugares que visitei durante a pesquisa.

À comunidade Instituto de Educação do Ceará, casa em que trabalhei como docente (2004-2010): funcionários e amigos da secretaria e demais setores, especialmente, Adriana, Irene, Kleila e

Antonio, aos professores e amigos: Maria de Lourdes, Geralurdes, Claudenildes, Dianaídes, Maria da Paz, Acleide, Guerreiro, Teobaldo, Wellington e Júlio Cesar.

À diretora do IEC, Iraneide Borges (2002-2008), pela atenção e reconhecimento de meu trabalho durante a sua gestão.

Aos meus colegas de profissão.

Aos sujeitos da pesquisa, ressaltando a grande contribuição das normalistas da Escola Normal (1958-1960).

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo incentivo financeiro.

*“Sim, sou eu, eu mesmo, tal qual resultei de tudo,
Espécie de acessório ou sobresselente próprio,
Arredores irregulares da minha emoção sincera,
Sou eu aqui em mim, sou eu.
Quanto fui, quanto não fui, tudo isso sou.
Quanto quis, quanto não quis, tudo isso me
forma”.*

(FERNANDO PESSOA)

RESUMO

As Escolas Normais no Brasil foram as primeiras instituições a trabalharem com a formação de professores primários, sobretudo de professoras, contribuindo para a melhoria da educação nas séries iniciais. No Ceará, também é notório o seu papel relevante que se tornou uma tradição para a sociedade desde o seu funcionamento no ano de 1884. Esta pesquisa de Doutorado “A tradicional Escola Normal Cearense chega ao bairro de Fátima: formação das primeiras professoras primárias (1958 – 1960)” teve como objetivo principal compreender como aconteceu a formação das primeiras professoras primárias em 1958-1960 no bairro de Fátima e como objetivos específicos: historiar a chegada dessa instituição nesse bairro, conhecendo as perspectivas das normalistas sobre essa mudança, incluindo o prédio e o entorno da escola; conhecer o currículo escolar do curso, buscando compreender seus aspectos pedagógicos em relação ao propósito da instituição: formação de professores primários; entender o planejamento das aulas, como também, a preparação da prática docente ou tirocínio das normalistas e compreender o que significava para elas estudar na Escola Normal, buscando entender qual o lugar que esta instituição ocupava na memória dessas normalistas. Na abordagem teórica, utilizou-se dos conceitos: i) *tradição*, a partir dos autores: Hobsbawm (1997) e Balandier (1997); ii) *formação de professores*, destacando-se os autores: Lima (1966), Arroyo (2000), Fontana (2005), Nóvoa (1992); Novaes (1992) e iii) *Escola Normal*: Silva (2009; 2001), Carvalho (1998), Olinda (2005) e Holanda (2001). Além desses autores, pesquisou-se em fontes documentais, legislação educacional brasileira e jornais. Na metodologia, classificou-se a pesquisa como qualitativa e estudo de caso, utilizando-se da entrevista semiestruturada e depoimentos com 16 (dezesseis) sujeitos dos quais 10 (dez) normalistas: 2 (duas) da 2ª turma e 8 (oito) da 3ª turma; o marido de uma normalista; o neto do coronel Pergentino Maia; o diretor do arquivo público intermediário; a diretora atual e 2 (dois) funcionários da instituição. Os resultados apontaram que embora as normalistas tivessem vivenciado grandes desafios durante o curso: a mudança para um prédio em reformas, o bairro ainda se estruturando e o contexto educacional reformulando as diretrizes para o Ensino Normal (1958-1959), mesmo assim, conclui-se que prevaleceu a tradição de se formar na Escola Normal cearense, por ser a instituição primordial na formação de professores para as séries iniciais.

Palavras-chave: História da Educação do Ceará; Escola Normal; Tradição; Formação de professoras primárias.

ABSTRACT

The Normal Schools were the first institutions in Brazil to work with the education of primary teachers, particularly the female ones, contributing to improve the education in the initial courses. In Ceará, its relevant role is so notorious that it became a tradition to the society since its foundation in 1884. The main objective of this PhD research is to understand how the education of the first female primary teachers happened from 1958 to 1960 in Fatima neighborhood. The specific objectives are: keep track of the arrival of the Normal School in that neighborhood, knowing the perspectives of the “normalistas” about this change, including the building and the school’s around; to know the educational curriculum of the course, trying to understand its pedagogical aspects in relation to the institution’s the purpose: primary teachers education; to understand the class planning as well as the teaching practice preparation and to figure out what studying in the Normal School means to them, trying to understand the place that institution occupied in the normalistas’ memories. In the theoretical approach, the following concepts were used: (i) tradition, from the authors Hobsbawm (1997) and Balandier (1997); (ii) teacher education, highlighting the authors Lima (1966), Arroyo (2000), Fontana (2005), Nóvoa (1992), Novaes (1992) and (iii) Normal School: Silva (2009; 2001), Carvalho (1998), Olinda (2005), Holanda (2001). Beyond those authors, we searched in documental sources, Brazilian educational legislation and newspapers. About the methodology, the research was classified as qualitative and case study using semistructured interviews and testimonials with sixteen (16) subject of which ten (10) normalistas: two (2) of the 2nd class and eight (8) of the 3rd class; the husband of a “normalista”; the Colonel Pergentino Maia’s grandson; the director of the intermediary public file; the current director and 2 (two) institution employees. The results showed that although the “normalistas” had experienced major challenges during the course, such as the move to a building under renovations, the neighborhood still being structured, and the educational context reformulating guidelines for the Normal School (1958-1959), we conclude that the tradition of graduating in the Normal School cearense, prevailed because it was the primary institution in the education of teachers for the initial courses.

Keywords: History of Ceará Education; Normal School; Tradition; Primary female teachers education.

LISTA DE FOTOS

- Foto 1** – Convite para comemoração dos 50 anos de formatura
- Foto 2** – Livro de registro de diplomas
- Foto 3** – Capa do livro de ata de inauguração da Escola Normal Cearense
- Foto 4** – Ata de inauguração da Escola Normal
- Foto 5** – Primeira Escola Normal A
- Foto 6** – Primeira Escola Normal B
- Foto 7** – Escola Fênix Caixeiral (1891)
- Foto 8** – Escola Fênix Caixeiral
- Foto 9** – Prédio atual onde funcionou a Escola Normal (1884-1923)
- Foto 10** – Escola Normal Pedro II
- Foto 11** – Vista parcial da Escola Normal Pedro II
- Foto 12** – Placa sobre a Escola Normal e foto de Justiniano de Serpa
- Foto 13** – Imagem da tela afixada na sala dos professores
- Foto 14** – Grupo de normalistas (1958-1960)
- Foto 15** – Entrada do Colégio Estadual Justiniano de Serpa
- Foto 16** – Normalistas do curso (1958-1960)
- Foto 17** – Normalista do curso (1958-1960)
- Foto 18** – Parte do Sítio Canadá
- Foto 19** – Lembrança escolar da normalista tirada na escola
- Foto 20** – Normalista na entrada da escola (1958-1960)
- Foto 20** – Lateral do IEC/EN - rua Graciliano Ramos nº 52
- Foto 21** – Lateral da escola rua Napoleão Laureano - estacionamento.
- Foto 22** – Lateral da escola rua Napoleão Laureano - muro do estacionamento
- Foto 23** – Porta de acesso: IEC/EN e EEFM Marechal Juarez Távora
- Foto 24** – Galeria, pavilhão ou corredor no interior da escola
- Foto 25** – Placa da Praça da Normalista A (2008)
- Foto 26** – Placa da Praça da Normalista (2014)

Foto 27 – Placa Praça da Normalista B (2008)

Foto 28 – Placa Praça da Normalista B (2014)

Foto 29 – Normalistas nas escadarias e pavilhão

Foto 30 – Sala de aula do IEC/EN

Foto 31– Entrada da sala de aula do IEC/EN

Foto 32 – Grupo de normalistas na biblioteca

Foto 33 – Interior do auditório grande

Foto 34 – Frente do auditório com entrada para a Av. Luciano Carneiro

Foto 35 – Placa afixada na entrada da instituição no bairro de Fátima.

Foto 36 – Bandeira da escola

Foto 37 – Indicação da biblioteca – José Teixeira de Freitas

Foto 38 – indicação da área de saúde – João Hippolyto de Azevedo e Sá

Foto 39 - Sala dos professores - piano

Foto 40 – Piano fotografado de frente

Foto 41 - Professor Américo Barreira e normalistas em excursão

Foto 42 – Professora em formação no período de regência A

Foto 43- Professora em formação no período de regência B

Foto 44 – Pesquisadora e professora em formação em momento de apresentação da regência

Foto 45– Cartão com indicação para classificação

Foto 46– Resultados das alunas do 3º ano – Escola Normal

Foto 47– A data da Independência e a sua comemoração em Fortaleza

Foto 48 – Ginásio 7 de Setembro

Foto 49 – Parada da Independência em Fortaleza (1958) A

Foto 50 – Parada da Independência em Fortaleza (1958) B

Foto 51 – Colégio 7 de Setembro

Foto 52 – Normalistas do Instituto de Educação Justiniano de Serpa

Foto 53 – Desfile do IEC/EN “Ceará de Alencar e Iracema”

Foto 54 – Formatura em 1960

Foto 55 – Formatura em 1960: normalistas da 3ª turma

Foto 56 – Símbolos e cores usados nos anéis de formatura de professores

Foto 57 – Placa de formatura em Pedagogia A

- Foto 58** – Placa de formatura em Pedagogia B
- Foto 59** – A pesquisadora e professores em formação na formatura
- Foto 60** – Capa do convite de formatura das normalistas – 1960
- Foto 61** – Convite de formatura das normalistas – 1960
- Foto 62** – Convite de formatura das normalistas – 1960 – Programa
- Foto 63** – Convite de formatura das normalistas – 1960 – Juramento
- Foto 64** – Frente do diploma de formatura – 1960
- Foto 65** – Verso do diploma de formatura – 1960
- Foto 66** – Missa em Ação de Graça em comemoração aos 50 anos de formatura das normalistas (1958-1960)
- Foto: 67** – Confraternização em 2010 da turma de normalistas (1958-1960)
- Foto 68** – Grupo de normalistas da 2ª turma - Comemoração em restaurante
- Foto 68** – Grupo de normalistas da 3ª turma – IEC/EN (1958-1960)
- Foto 70** – Plano governamental de Juscelino Kubitscher
- Foto 71** – Instituto Padre Frota
- Foto 72** – Chegada das normalistas –A
- Foto 73** – Chegada das normalistas –B
- Foto 74** – Grupo de normalistas
- Foto 75** – Indicação do local de ginástica
- Foto 76** – Grupo de normalista na escadaria
- Foto 77** – Parabéns e bênçãos
- Foto 78** – Grupo de normalistas próximo ao auditório grande - A
- Foto 79** – Grupo de normalistas próximo ao auditório grande – B
- Foto 80** – Normalista relatando a viagem ao Rio de Janeiro
- Foto 81**– Normalista apontando a placa
- Foto 82** – Pesquisadora e grupo de normalistas na “Pracinha da Normalista”
- Foto 83** – Grupo de normalistas e pesquisadora no pavilhão 2
- Foto 84** – Pesquisadora e algumas normalistas em frente a entrada do banheiro
- Foto 85** – Pesquisadora e normalistas – pavilhão 2
- Foto 86** – Grupo de normalista – descontração
- Foto 87** – Grupo de normalistas – Indicação da área João Hippolyto de Azevedo e Sá

Foto 88 – Grupo de normalistas no Laboratório de Ciências - A

Foto 89 – Grupo de normalistas no Laboratório de Ciências – B

Foto 90– Grupo de normalistas no Laboratório de Informática

Foto 91 – Grupo de normalistas na secretaria - A

Foto 92 – Grupo de normalistas na secretaria – B

Foto 93 – Grupo de normalistas entrando na sala de aula

Foto 94 – Grupo de normalistas na sala de aula

Foto 95 – Grupo de normalistas no auditório pequeno.

Foto 96 – Palavras finais

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1**– Lugares visitados em busca das fontes
- Quadro 2** – Períodos e nomes dos diretores da Escola Normal Cearense (1885-1922)
- Quadro 3**– Dados sobre nomes, leis e locais da Escola Normal Cearense 1884-1922
- Quadro 4** – Período e quantidade de diplomados (1884-1922)
- Quadro 5** – Período e quantidade de diplomados (1923-1958)
- Quadro 6** – Períodos e nomes dos diretores da Escola Normal Cearense (1923-1958)
- Quadro 7**– Dados sobre nomes, leis e locais da Escola Normal Cearense 1923 -1958
- Quadro 8**– Dados sobre nomes, leis e locais da Escola Normal Cearense (1958-)
- Quadro 9** – Períodos e nomes dos diretores da Escola Normal Cearense (1958-1960)
- Quadro 10** – Critérios para admissão no curso normal
- Quadro 11** – Parágrafos do artigo 30º do regulamento (CEARÁ, 1959)
- Quadro 12** – Exame de admissão (1958)
- Quadro 13** – Concepções de representação de currículo
- Quadro 14** – Diretrizes para avaliação a partir da Lei Orgânica do Ensino Normal (BRASIL, 1946).
- Quadro 15** – Informativo sobre médias por disciplina no ano de 1959
- Quadro 16** – Informativo sobre médias por disciplina no ano de 1960
- Quadro 17** – Indicação das médias final durante os anos de 1950 e 1960
- Quadro 18** – Datas comemorativas designadas no Decreto de 21 de dezembro de 1822

LISTA DE SIGLAS

- ABNT** – Associação brasileira de Normas Técnicas
- CAPES** – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CH** – Centro de Humanidades
- CHESF**– Companhia Hidro Elétrica do São Francisco
- CREAECE** – Centro de Referência em Educação e Atendimento Especializado do Ceará
- DNOCS** – Departamento Nacional de Obras contra as Secas
- FUNDEB** – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação
- IEC** – Instituto de Educação do Ceará
- IES** – Instituição de Ensino Superior
- EJA** – Educação de jovens e adultos
- ENEM** – Exame Nacional do Ensino Médio
- INEP** – Instituto Nacional de estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
- LDB** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- LIBRAS** – Língua Brasileira dos Sinais
- MEC** – Ministério da Educação
- NAAH/S** – Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação e Talentos
- ONG** – Organização não governamental
- OSPB** – Organização Social e Política Brasileira
- PARFOR** – Plano nacional de formação de professores da educação básica
- PDT** – Professor Diretor de Turma
- PET** – Programa de Educação Tutorial
- PNE** – Plano Nacional de Educação
- SEDUC** – Secretaria de Educação do Ceará
- SPAECE** – Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará
- TCC** – Trabalho de Conclusão de Curso

TCE – Trabalho de Conclusão de Estágio

TICs –Tecnologias da Informação e Comunicação

UDN – União Democrática Nacional de Estudos Pedagógicos

UECE – Universidade Estadual do Ceará

UFC – Universidade Federal do Ceará

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UVA – Universidade do Vale do Acaraú

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: ORGANIZANDO A PESQUISA	21
1.1	Palavras Iniciais sobre Formação de Professores para o Ensino Primário	21
1.2	Aspectos Metodológicos da Pesquisa	28
1.2.1	Por que trabalhar com a formação das primeiras professoras primárias da Escola Normal no bairro de Fátima em 1958-1960?	29
1.2.2	Caracterizando a pesquisa	32
1.2.3	Embasamento teórico, fontes e lugares	38
2	A ESCOLA NORMAL DO CEARÁ	45
2.1	Uma Proposta Histórica para a Formação de Professores Primários	45
2.2	A Tradicional Escola Normal Cearense: Lugares e Histórias	50
2.3	A Chegada ao Bairro de Fátima (1958-1960)	65
3	O CURSO NORMAL NO PRÉDIO DO BAIRRO DE FÁTIMA	79
3.1	Estrutura Física e Administrativa da Escola	79
3.2	O Ingresso no Curso: Exame de Admissão	106
3.3	O Currículo Escolar	118
4	ASPECTOS DIDÁTICOS E PEDAGÓGICOS DO CURSO	134
4.1	As Aulas e os Recursos Didáticos	134
4.2	Prática de Ensino das Normalistas	162
4.3	Avaliação da Aprendizagem	183
5	TRADIÇÃO E ESCOLA NORMAL	193
5.1	O Dia 7 de Setembro	194
5.2	A Festa de Formatura	207
5.3	Os Encontros das Normalistas se Tornam uma Tradição após a Conclusão do Curso	221
6	OS DESTINOS DAS NORMALISTAS APÓS A CONCLUSÃO DO CURSO	228
6.1	O Ingresso da Mulher no Cenário do Trabalho e o Magistério Primário	228
6.2	As Escolhas das Normalistas Entrevistadas nesta Pesquisa	232

6.3	Aspectos Atuais sobre as Vidas dessas Normalistas e o que Significou Estudar na Escola Normal	244
7	RETORNO DAS NORMALISTAS AO PRÉDIO DA ESCOLA NORMAL APÓS 54 ANOS	250
7.1	Palavras Inicias e a Chegada das Normalistas	250
7.2	Os Fatos que Foram Destacados pelas Normalistas ao Longo do Trajeto nos Lugares da Escola	254
7.3	Socialização de Impressões e Marcas das Normalistas sobre o Encontro	272
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	277
	REFERÊNCIAS	283
	APÊNDICE	296
	ANEXOS	297



1 INTRODUÇÃO: ORGANIZANDO A PESQUISA



Prof. João Hippolyto e normalistas



“O historiador que busca compreender e recuperar o movimento, a contradição, e que entende que esta compreensão é dada pela mútua determinação do sujeito que investiga e do objeto investigado, só pode entender por método o *diálogo* entre teoria e evidências. Isto implica que os procedimentos não sejam definidos *a priori*, ou externamente, mas sim no decorrer da pesquisa, fruto do próprio diálogo”.

(VIEIRA, PEIXOTO e KHOUR, 1991)

1 INTRODUÇÃO: ORGANIZANDO A PESQUISA

Neste momento o objetivo é apresentar aspectos da tessitura da pesquisa: sinalizar um breve panorama apontando elementos que se tornaram relevantes no processo de formação de professores primários no Brasil, buscando mostrar a contribuição das Escolas Normais nesse processo. Concernente aos aspectos teórico-metodológicos enfatizar-se-á a escolha de se trabalhar com a Escola Normal cearense e a formação de professoras primárias, caracterizar a pesquisa e discorrer sobre o aporte teórico, os lugares e fontes utilizados nesta pesquisa.

1.1 Palavras Iniciais sobre a Formação de Professores para o Ensino Primário

Ao longo do processo histórico educacional brasileiro foram instauradas medidas com objetivo de melhorar a educação e formar professores para as séries iniciais, porém vale ressaltar que elas estavam atreladas a ideologias prevalecendo as tradicionais e conservadoras que eram gestadas em um contexto histórico, econômico e político específico, portanto, representavam vontades de algum grupo ou pessoa que tinham o poder de transformar essas medidas em normas a partir de decreto, alvará, resoluções que retornavam à sociedade.

No ano de 1759 algumas dessas ações influenciaram a educação, iniciando as reformas pombalinas, tendo à frente Sebastião José de Carvalho e Melo – Marquês de Pombal. Em 12 de janeiro desse ano ocorreu a expulsão dos jesuítas (Padres da Companhia de Jesus que chegaram ao Brasil no ano de 1549), e que na época, mantinham a maioria das instituições de ensino secundário. Posteriormente, e como consequência dessa medida, com o Alvará de 28 de junho de 1759, os jesuítas ficaram proibidos de exercerem o ensino e também foi decretado a extinção de todas as classes e escolas que estavam sob o seu domínio. (ANDRADE, 2012, 2013; GOMES, 1982).

Em substituição a educação dos jesuítas no mesmo Alvará foi especificado a criação de um Director dos Estudos e a implementação de lugares de professores de Gramática (Latim), Retórica, Grego e a metodologia de ensino. (GOMES, 1982). Observa-se que nessa nova proposta também conhecida como “sistema de aulas régias” era caracterizada por aulas dissociadas e autônomas e, mesmo indicando a metodologia de ensino, se distanciava da perspectiva jesuítica que tinha uma proposta, embora para a elite da época, de educação

fundamentada em uma instituição escolar em que mantinham um plano ou manual denominado de *Ratio Studiorum* que englobava método, diretrizes, currículo e administração, tendo como preceito a formação intelectual clássica articulada à formação moral (NEGRÃO, 2000). Por outro lado, vale destacar que os jesuítas trabalhavam a prática missionária com os índios a partir da catequização como forma de “civilizá-los”, objetivando a conversão ao cristianismo. Para viabilizar a comunicação entre eles é importante assinalar que o Padre José de Anchieta, escreveu uma gramática da Língua Tupi-Guarani (COSTA, 2007).

Retornando à reforma pombalina a partir do Alvará de 28 de junho de 1759 mencionado, os resultados não foram satisfatórios dentre os fatores destacam-se: devido ao modo de como foi proposta as aulas, se tornou difícil o acompanhamento, gerando uma situação de descontrole; o imposto cobrado na venda de vinho, aguardente e carne que gerava o recurso financeiro para custeio desse sistema, denominado de subsídio literário era considerado injusto e não tinha fiscalização adequada, ocasionando a falta de pagamento dos salários dos professores, assim, sem atrativo, se interessavam pela profissão no magistério pessoas sem aptidão para ingressar no magistério. (ARANHA, 1996).

Com a chegada da família real ao Brasil (1808) foi instaurado o método de Ensino Mútuo, Monitorial ou Lancaster do inglês Joseph Lancaster (1778-1838), com o objetivo de ensinar as primeiras letras, caracterizado pela oralidade, repetição e memorização, cujo papel fundamental do monitor era coordenar a correção dos alunos entre si. O método foi criado no Brasil por lei em 15 de outubro de 1827 (BRASIL, 1827) em que D. Pedro I manda criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império.

No artigo 4º ressalta que as escolas serão de ensino mútuo e que também abrangerá as capitais das províncias; e no artigo seguinte, assinala OS professores que não tiverem a necessária instrução deste ensino, irão instruir-se em curto prazo e à custa dos seus ordenados nas escolas das capitais. Mesmo com esta designação na lei, não se obteve sucesso.

No tocante ao assunto de melhoria da educação primária, vale destacar que na Resolução 665 de 04 de outubro de 1854 o presidente da província Vicente Pires da Motta no artigo 1º autoriza a reformar a instrução primária da província do Ceará, uniformizando-a o mais possível com regulamento expedido pelo governo para o município neutro do Rio de Janeiro.

Outra medida, logo após a reforma constitucional de 12 de agosto de 1834, foi a criação das Escolas Normais com objetivo de formar professores para as séries iniciais. Foram

instauradas pela iniciativa das províncias (futuros estados) que ficariam responsáveis pela formação primária e secundária enquanto o governo central ficaria com a formação do ensino superior. Sobre esse assunto a Resolução nº 1.136, de 5 de dezembro de 1864, reformando a instrução pública da província, sinaliza no artigo 11º que as câmaras municipais ficam obrigadas às despesas escolares de seu município (FARIAS e LERCHE, 2006).

A primeira Escola Normal brasileira foi construída na província do Rio de Janeiro através da lei nº 10 em 1835, fundamentada no padrão francês conforme Resolução 1.136 de 5 de dezembro de 1864, art. 8º - o presidente da província “mandará construir, n’esta capital, uma casa para esta escola com acomodações necessárias, segundo o plano d’essas escolas em França, a qual servirá de modelo para as outras que devem ser feitas nas diversas cidades e villas da província, conforme o art. 19º do citado regulamento”. (FARIAS e LERCHE, 2006). Em seguida, foram criadas em vários estados, dentre eles: Minas Gerais (1840), São Paulo (1846); Pernambuco e Piauí (1864), Rio Grande do Sul (1869), Sergipe 1870, Amazonas (1872); Espírito Santo (1873), Maranhão (1874), Paraná (1876), Santa Catarina (1880) e Ceará 1878.

Assim como as outras tentativas para a melhoria da educação primária, incluindo a formação do professor, a implementação da primeira Escola Normal brasileira (Rio de Janeiro em 1835) como uma solução para os problemas ocasionados na época também teve seus percalços, dentre eles formando número ínfimo de docentes, deficiências didáticas e curriculares, o desinteresse pela profissão em razão dos baixos salários e a falta de reconhecimento profissional ocasionaram o fechamento dessa escola em 1849.

Vale destacar que neste ano de 1849 também são introduzidos no Brasil, mediante regulamento em 14 de dezembro do mesmo ano, os novos métodos austríacos e holandeses pautados no ensino de “professores adjuntos”, considerados mais econômicos. “O aprendiz de professor aprende vendo e praticando na própria sala de aula, como monitor, adjunto ou substituto de um mestre mais experiente no “ofício”, como nas oficinas artesanais.” (VILLELA, 2003, p. 01).

Esses problemas perduram até hoje, sobretudo quando se toma a categoria professor em âmbito geral, os dois últimos estão muito presentes nos debates “o desinteresse pela profissão em razão dos baixos salários e a falta de reconhecimento profissional”, o que não deixa de ser resquícios desse processo de educação e formação de professores instaurado no Brasil.

Refletindo sobre este contexto a partir da perspectiva de Martins (1999) se percebe a questão do poder do atraso da História lenta, podendo dessa forma pensar que a escrita dessa historiografia educacional está permeada por muitos autores que são representados pela História tradicional no sentido de privilegiar os “grandes heróis” e quase sempre privilegiando fatos verticalizados em prol de uma minoria.

No Brasil a esfera da política é um espaço que serve como exemplo por se aglomerarem um engodo constante de forças de poderes na maioria das vezes saindo vitorioso quem mais tem articulações e aliados. Sobre a questão do poder, Foucault (2000), sinaliza que este não é localizado, pois se constitui de redes que alimentam os mecanismos de poderes propalados em toda parte da sociedade e que não apresentará mudanças caso esses mecanismos também não sejam modificados. Situação que contribui para justificar a história seguindo com passos lentos, como é o caso também da história educacional.

Embora não se possam negar alguns avanços conquistados no decorrer da história educacional, evidenciando-se a década de 1990 na melhoria da educação básica, destacando-se: a formação continuada dos profissionais da educação, concurso público de acordo com a formação e a criação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB), criado pela Emenda Constitucional nº 53/2006 e regulamentado pela Lei nº 11.494/2007 e pelo Decreto nº 6.253/2007. (BRASIL, 2007), com certeza fatores positivos que incidem de certa forma na busca da melhoria da qualidade da educação pública, mas muitas questões relacionadas à educação ainda precisam de políticas públicas e melhorias.

Retornando à formação de professores primários, após aquele período de reformas que antecederam a criação das Escolas Normais e tentativas para melhorar essa educação, a partir do momento em que as Escolas Normais iniciaram seu funcionamento e já estão consolidadas, passam a ser as instituições por excelência na formação de professores para as séries iniciais, assumindo um papel relevante para o desenvolvimento do Brasil abrangendo as esferas política, social, cultural, econômica, pois contribuiu na mudança de costumes e comportamentos das pessoas nas províncias.

Dentre essas modificações se destaca a preparação da mulher para o mercado de trabalho, no caso da normalista para o magistério, fato ocorrido em um contexto histórico de uma época vivenciada no discurso da moral, bons costumes e muita rigidez na educação feminina que

vivia sob a tutela de uma família patriarcal. Silva (2001) em sua pesquisa ressalta que a Escola Normal do Ceará no contexto de seu funcionamento “traz luzes e modernidade contra o atraso na terra da Seca” questão que compõe o título de seu trabalho: “A escola normal do Ceará: luzes e modernidade contra o atraso na terra da seca (1884-1922)”.

A Escola Normal cearense, criada em 28 de agosto de 1878 por Lei Provincial nº 1.790, porém iniciando as suas atividades somente em 1884, seria anexa ao Liceu e os professores desta instituição também seriam os professores daquela escola. Teve sempre o privilégio de funcionar em lugares bem localizados. Seu primeiro endereço foi ao lado do prédio do Teatro José de Alencar (1884-1917) em frente à Praça Marquez de Herval (depois Praça do Patrocínio e hoje José de Alencar) no bairro Centro. Posteriormente, funcionou na Escola Fênix Caixeiral (1918-1922) criada em 1889, era destinada à formação de profissionais para atuarem no comércio. Localizada à Rua 24 de Maio esquina noroeste com a Rua Guilherme Rocha (antes denominada de Rua Municipal) no bairro Centro. No ano de 1923 retornou para seu primeiro endereço (CARVALHO, 1998).

Sua terceira localização foi onde atualmente funciona o Colégio Estadual Justiniano de Serpa (1923-1958), na Praça Figueira de Melo (antes denominada de Praça dos Educadores e Praça do Colégio) em frente ao colégio Imaculada da Conceição também no bairro Centro. A partir do ano de 1958 é transferida, juntamente com o jardim da infância e a Escola-Modelo ou de Aplicação, para o bairro de Fátima e muitas alunas que estudaram naquele prédio nos cursos primários e secundários também vieram com a Escola Normal para esse novo endereço. Local onde funciona até os dias atuais e aconteceu a formação das primeiras normalistas nesse novo endereço no ano de 1958 a 1960, respectivamente objeto e recorte temporal desta pesquisa.

Problematizando e ao mesmo tempo articulando o objeto de estudo – formação das primeiras normalistas nesse novo endereço bairro Fátima com o espaço/temporal 1958-1960 o que poderia ser assinalado tomando como base o que já foi mencionado? A Escola Normal cearense sempre funcionou em lugares privilegiados no Centro da cidade de Fortaleza, com boa estrutura física dos prédios, embora tenha mudado por motivo de reforma para outros prédios como no caso do funcionamento na Escola Fênix Caixeiral (1918-1922), sempre foi para local próximo e acomodação em ambiente apto para funcionamento.

A questão é que 1958 a Escola Normal, a Escola de Aplicação com o primário (crianças) foram deslocados para uma área no, caso um bairro ainda em processo de urbanização.

Nesse período havia apenas a Igreja de Fátima também em reformas e algumas casas sendo construídas, prevalecendo as fazendas e sítios nessa região.

Por falta de infra-estrutura o acesso era restrito não se tinha muitas estradas e calçamentos, também se tinha a escassez de automóveis e ônibus que dificultavam o transporte para o referido bairro, conjunto de fatores que tornava o acesso das normalistas à escola muito difícil tendo que fazer o percurso em ônibus lotado e enfrentar também o deslocamento a pé devido ao ônibus não poder chegar até a escola por falta de toda essa infra estrutura.

Além disso, o prédio onde funcionaria o curso de formação das primeiras professoras primárias que abrigaria a Escola Normal também era um problema, pois a transferência foi efetivada para um prédio que ainda não estava concluído, apenas com dois pavilhões planos, sem ventilação adequada situado em um terreno de condição geográfica muito baixa, ocasionando as enchentes e umidade local em que antes funcionava uma fazenda, adequada para a localidade.

Diante de todos esses fatores negativos o que levou as normalistas a concluírem seu curso nessa escola? Por que não ir para outras instituições que não tinham esses problemas? Até que ponto todos esses empecilhos afetaram no decorrer do curso e de que forma? Será que as alunas que se formaram nas primeiras turmas (1958-1960) exerceram sua prática na escola Modelo como era tradição, já que esta chega junto com a Escola Normal? Como foi o acompanhamento dessa prática? Que conteúdos foram utilizados nas disciplinas durante o curso? Que problemas as normalistas se depararam?

A decisão pela transferência repercutiu nos jornais da época, como por exemplo, nas matérias do Jornal Tribuna do Ceará (21 de fevereiro de 1958), intituladas: “Inconveniente a transferência do Curso primário do Instituto de Educação medida errada e contraproducente que irá ferir os direitos da maioria”, “Transferência para o Centro Educacional: os cursos primário e Normal do Instituto de Educação” e no jornal O Povo (30 de abril de 1960) se referindo à questão geográfica do terreno do prédio no bairro de Fátima.

Outro elemento que ocorria no momento de 1958-1960, não mais diretamente se referindo à localidade e também a sua estrutura física, mas em nível nacional que foi a reformulação da Lei Orgânica do Ensino Normal (BRASIL, 1946). Essa medida representou um período de transição nas diretrizes que normatizavam o ensino normal, por conseguinte, uma situação de embates e discussões que se instaurou também no Ceará nos debates em torno de se pensar novos direcionamentos e propostas para a reforma do ensino normal cearense através do

Regulamento Decreto nº 3.662 (CEARÁ, 1959), assunto que refletiu diretamente dentro do IEC/EN, trazendo mudanças para a prática pedagógica e desenvolvimento do curso.

Essa questão foi discutida por Guerreiro (2003) em sua dissertação quando enfoca a reforma Lauro de Oliveira Lima que foi um dos importantes nomes que esteve à frente desse momento tão relevante para a educação cearense. Nesse contexto, algumas reflexões podem ser destacadas: como esses debates chegaram a Escola Normal? Quais as posturas do corpo docente, administrativo e discente sobre essas novas perspectivas de normalização para a formação de professores no o ensino primário? Perguntas que foram bem discutidas nesta dissertação e que aparecerão nesta pesquisa quando forem articuladas diretamente ao curso dessas normalistas.

Por fim, presente e arraigada na história da educação cearense para o magistério primário se tinha um fator preponderante que era a tradição da Escola Normal de formar as normalistas para exercerem a profissão de professora, desde 1884 trabalhando com a mesma filosofia. Mas no momento do curso (1958-1960), nessa mesma instituição, aconteciam esses fatores já mencionados.

Assim, diante dessas condições apresentadas até que ponto esses elementos interfeririam no desenvolvimento do curso dessas normalistas e na tradição da Escola Normal no pioneirismo e qualificação para a formação de professoras para o ensino primário? Será que as alunas que já estudavam no prédio anterior (Justiniano de Serpa) no ginásio iriam atribuir a mesma qualidade de ensino e orgulho de estudar nessa instituição? E qual seria a posição das outras alunas novatas que ainda não estudaram, mas com certeza tinha algum conhecimento sobre a história da Escola Normal cearense?

Para se determinar o alcance desta pesquisa, delimitou-se, como objetivo principal: compreender como aconteceu a formação das primeiras professoras primárias em 1958-1960 no bairro de Fátima e os objetivos específicos: historiar a chegada dessa instituição nesse bairro, conhecendo as perspectivas das normalistas sobre essa mudança, incluindo o prédio e o entorno da escola; conhecer o currículo escolar do curso, buscando compreender seus aspectos pedagógicos em relação ao propósito da instituição: formação de professores primários; entender o planejamento das aulas, como também, a preparação da prática docente ou tirocínio das normalistas e compreender o que significava para elas estudar na Escola Normal, buscando entender qual o lugar que esta instituição ocupava na memória dessas normalistas.

Sobre as justificativas das escolhas da pesquisadora se apontam a ausência e/ou poucos trabalhos publicados, principalmente, no recorte temporal desta pesquisa (1958-1960); a Escola Normal é a pioneira na formação de professores primários e mesmo tendo trabalhos publicados, pela sua longa história e tradição, muitos assuntos ainda podem ser pesquisados, contribuindo para as pesquisas posteriores.

Como é o caso desta pesquisa que se tornou inédita quando se delimitou como objetivo principal analisar como aconteceu a formação das primeiras professoras primárias em 1958-1960 no bairro de Fátima e defender a *tese de que neste novo endereço, (no bairro de Fátima) mesmo com os desafios enfrentados, prevaleceu a tradição de se estudar na Escola Normal como sinônimo de excelência para o magistério primário*. Dando continuidade a esta seção de Introdução se apresentará as escolhas concernentes aos aspectos metodológicos desta pesquisa.

1.2 Aspectos Metodológicos da Pesquisa

O objetivo desta seção é mostrar as escolhas da pesquisadora que culminaram no desfecho desta pesquisa de cunho social, onde se procurou entender a história como um campo de possibilidades, concordando com Martins (2004), quando ressalta que o conhecimento se constrói numa relação dialética sujeito-objeto, reconhecendo, todavia que, em se tratando de pesquisa social, o objeto também é sujeito.

Partindo dessa compreensão, as fontes assumem um papel importante na pesquisa não podendo ser vistas a partir do viés da neutralidade, pois todas são carregadas de ideologias e histórias. Nesta pesquisa não se tem a pretensão de trabalhar a história da formação de professoras à luz da postura tradicional em que os documentos são priorizados, mas trabalhar com o confronto de todas as fontes com o intuito de compreender essa história observando as histórias peculiares evidenciadas em cada fonte que, por sua vez, serão analisadas também a partir da perspectiva da pesquisadora.

Hobsbawm (1995, p. 104) sinaliza para a dificuldade de se escrever a história „de seu próprio tempo“. “A própria frase já aponta para uma questão importante. Ela supõe uma experiência de vida individual e também coletiva”. Fato que se torna um desafio para o

pesquisador de tentar trabalhar com essa ideia de que o sujeito e objeto na pesquisa, principalmente social, estão imbricados e interligados, como já ressaltado (MARTINS, 2004).

No item seguinte se mostrará alguns aspectos que sinalizam a escolha da pesquisadora em trabalhar com a formação das primeiras professoras primárias da Escola Normal (1958-1960).

1.2.1 Por que trabalhar com a formação das primeiras professoras primárias da Escola Normal (1958-1960)?

No ano de 1992 se teve o primeiro contato com o Instituto de Educação que atualmente sedia a Escola Normal no bairro de Fátima com o nome de Instituto de Educação do Ceará (IEC) atual Escola Normal¹. O fato ocorreu durante o estágio, requisito para o cumprimento da prática de ensino do primeiro curso de graduação de Licenciatura em Filosofia e como estudava no Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará (UECE) se interessou em desenvolver essa tarefa nessa instituição devido à proximidade, mas também porque era uma escola que tinha uma proposta diferenciada das outras escolas de ensino médio por ter a missão de formar professores, fato que na época chamou atenção. Neste momento, tinha-se apenas conhecimento elementar sobre esta instituição.

Durante esse estágio se teve contato com uma turma de Sociologia da Educação em torno de 35 a 40 alunos, predominando alunas. Trabalhou-se com a observação da prática docente da professora regente e percebeu-se que alguns alunos não prestavam atenção na aula. Teve-se a oportunidade de ficar um dia sozinha com a turma, momento marcado por vários sentimentos: ansiedade e insegurança, que agora se percebe também como uma deficiência da prática de ensino em nível superior, ressaltando-se o pouco tempo que era destinado à prática de ensino.

Nesse dia, se levou para a sala o estudo de Nidelcof (1982) “Uma escola para o povo”, e com a leitura deste material surgiram diversos assuntos relacionados à educação em que se procurava direcionar à disciplina. É oportuno frisar, em uma das conversas com a professora

¹ Para melhor compreensão do leitor e apresentação didática sempre que no texto se julgar necessário uma distinção em relação à referência atribuída à Escola Normal levando em conta o local e data, embora seja uma única instituição se usará nas próximas citações, para o prédio do bairro de Fátima a sigla IEC/EN devido ter recibo a Escola Normal em 1958, vinda do prédio da Praça Filgueiras de Melo juntamente com o Jardim da Infância e a Escola Modelo, medida oriunda também das propostas de reforma do ensino normal tratadas no Decreto-Lei nº 8.530 de 02 de

regente, que ela fez menção à falta de reconhecimento do trabalho do professor e também da atenção dos alunos (futuros professores) em relação às aulas. Fato esse que vem comprovar a permanência de problemas surgidos com o início da história da educação brasileira (já mencionados) e que se constituem como elementos que acompanham os debates sobre a profissão docente nos dias atuais.

Para discutir um pouco essa questão se traz a contribuição de Arroyo (2002, p. 30), quando destaca que “[...] ser professora ou professor é carregar uma imagem socialmente construída”. Que imagem foi construída sobre a profissão de professor ao longo da história? Para se tentar responder a esta questão, alguns exemplos podem ser citados: mostrar uma imagem do professor como aquele que se responsabilizava por instruir a população por conta própria, sem salário; que ser professor era uma profissão que nascia da vocação, não que esta não seja importante, mas que além deste fator outros são primordiais como o ter domínio dos conteúdos e saber fazer chegar até os alunos; se referindo às professoras das séries iniciais de serem cultuadas e até mesmo eternizadas como tias e não professoras, fato que ainda está muito presente nas escolas. (ARROYO, 2002; FREIRE, 2003)

No tocante à questão da formação do professor que foi por muito tempo ao longo da história deixada à margem ou se tomaram iniciativas provisórias, é como se a profissão “professor” se bastasse a si mesma. Dois autores acirram o discurso em prol da formação do professor, mas que se debruçaram na questão da condição da professora primária ser vista como tia e não como professora.

Freire (2003, p. 28), em sua obra *“Professora sim, tia não?”* Destaca que “[...] essa atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes [...] formação que se funda na análise crítica de sua prática.” Fato que implica numa postura ética e política que todo professor deve assimilar e praticar, exercício que ajuda a desmistificar aquela imagem apresentada anteriormente. Outro estudo direcionado ao mesmo assunto é o de Novaes (1992) em sua obra *“Professora primária: mestra ou tia?”*. Na conclusão ela assinala professora não e parente posição! “somente quando as professoras perceberem o quão é importante seu trabalho para a sociedade é somente elas próprias que poderão imprimir um novo sentido à sua prática e às suas lutas profissionais”.

janeiro de 1946 – Lei Orgânica do Ensino Normal (BRASIL, 1946) se retornará a este assunto posteriormente. E quando se reportar a esta instituição no período de 1884-1957, se usará a denominação Escola Normal.

Considera-se que as mudanças ocorridas na esfera da educação já são também resultados dessa consciência ética e política, se percebe a cada dia mais professores interessados na busca pelo reconhecimento da profissão fato que pode ser constatado com as constantes greves e discussões sobre uma educação de qualidade presente nos eventos, escolas, universidades, enfim, há uma presença mais solidificada sobre os profissionais da educação, sobretudo – professores –, mas ainda se tem muitos desafios em que as mudanças encontram resistência, principalmente, na questão já mencionada relacionada ao poder (FOUCAULT, 1998). Esses momentos de estágio proporcionaram o contato com a prática docente e a vivência de uma sala de aula.

Na mesma década, em 1999, se retorna ao IEC/EN para desenvolver o segundo estágio, porém no âmbito da gestão, pois o curso era de Especialização em Gestão Escolar ministrado pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Esse novo contato possibilitou o conhecimento do funcionamento, diretrizes, regimentos dos aspectos necessários para o desenvolvimento do trabalho escolar, que mantinha a tradição na formação de professores para as séries iniciais. Os conhecimentos adquiridos ajudaram na escolha de se trabalhar com a formação de professores na monografia final de curso, apresentando a questão da formação do pedagogo frente às exigências do curso superior.

Os dois últimos momentos se correlacionam também por estarem ligados de forma temporal compreendendo o período de (2003-2010). Primeiro, pela ordem cronológica em 2003, se enfatiza a aprovação em concurso público como professor pleno I do estado. Insistiu-se pela lotação nessa instituição, tendo êxito iniciei no ano seguinte permanecendo até o ano de 2010, onde se trabalhou com as disciplinas de Fundamentos Filosóficos da Educação, Sociologia da Educação, Prática de Ensino das Ciências, sobretudo, Estágio Supervisionado. O segundo, no ano de 2010.1 quando estava cursando a licenciatura em Pedagogia na UECE, e na ocasião da disciplina de Prática Docente no Ensino Médio se teve outra oportunidade de usar essa instituição como campo de estágio.

Nesse momento, para surpresa o professor regente dessa disciplina mencionou em sala de aula na UECE que o estágio seria realizado no IEC/EN, porque era a única escola de nível médio que formava professores. Nesse semestre de 2010.1, ainda havia vínculo junto ao IEC como professora orientadora de Estágio e, devido a esta experiência, foi possível contribuir com o desenvolvimento da disciplina Prática docente no Ensino Médio.

Na ocasião foi disponibilizado para a turma da UECE o trabalho monográfico “Da Escola Normal ao Instituto de Educação do Ceará (IEC) uma reflexão à luz da história e da experiência docente no Estágio Supervisionado (2010)², como referência bibliográfica e ao mesmo tempo usado para a avaliação nessa disciplina por trazer aspectos sobre a instituição IEC/EN e sobre os estágios.

Ainda pontuando experiência na prática docente, enfatiza-se o trabalho nos cursos superiores em instituições privadas e como colaboradora da UFC e UECE na graduação e/ou especialização como também as orientações de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Outro ponto relevante que vem ao encontro desses momentos já destacados é a produção de alguns trabalhos acadêmicos apresentados em eventos científicos sobre formação de professores e ligados à educação em âmbito mais geral.

Somando-se a esse conjunto de fatores, ressaltam-se as duas formações em nível de graduação: 1) *Filosofia*, que fornecerá categorias, conceitos, a postura ética e questionadora e 2) *Pedagogia*, que proporcionará conhecimentos para desenvolver os aspectos relacionado à educação em âmbito geral, destacando a formação docente e ensino normal, mediante os debates com os autores. Como também a experiência que se acumulou em pesquisa em todos esses níveis onde se cursou graduação, especialização (Gestão Escolar e Educação a Distância) e mestrado em Filosofia tendo contato, portanto, com a pesquisa *latu e stricto* senso.

Essas experiências vivenciadas e os estudos dos trabalhos de autores que pesquisaram sobre vários aspectos referentes à Escola Normal desde que fundada (1884) proporcionaram análises sobre o funcionamento pedagógico, administrativo e histórico, representando acúmulo de conhecimentos acerca desta instituição. Assim, ressalta-se que esta pesquisa nasceu da vontade individual e ao mesmo tempo coletiva de “ser no mundo”³, vivenciando como sujeito participante da história dessa instituição enquanto docente e também pelos estudos e conversas com outros pesquisadores e a convivência ativa no desenvolvimento do trabalho escolar. Todo arcabouço contribuiu para se escolher o tema proposto. No ponto seguinte se pontuará a caracterização desta pesquisa.

² Trabalho publicado em 2014 pela EdUECE, intitulado: “Escola Normal cearense em foco: perspectiva histórica e da prática docente no Estágio Supervisionado”.

³ Cf. dissertação da pesquisadora *Considerações à analítica existencial em Ser e Tempo* (2004, p. 33). “Ser no mundo” (*In-der-Welt-Sein*), o mundo na concepção heideggeriana, não é representado pelo conjunto de coisas dadas. Ao contrário, o mundo é o da ocupação. Trata-se de uma conjuntura de significação, de linguagem, isto é, de uma estrutura de sentido historicamente em movimento.

1.2.2 Caracterizando a pesquisa

O primeiro elemento norteador desta pesquisa é a abordagem *qualitativa* (BOGDAN; BIKLEN, 1994; MINAYO, 1994; MARTINS, 2004), pelo fato de se incluir a fonte oral e de considerá-la de extrema relevância para as pesquisas desse tipo. Com o surgimento da História Nova a partir da *Escuela dos Annales*⁴ (LE GOFF, 2003, 2005; BURKE, 1992) se abrem possibilidades para se compreender a história em vários contextos a partir da visão de atores antes alheios à História. (retornará a esse assunto no item seguinte).

No final dos anos de 1960 a História oral se inicia de forma tímida e vai se reafirmando nos anos de 1970, época em que ocorre uma das primeiras experiências no Brasil⁵. Nas décadas seguintes vão se intensificando trabalhos acadêmicos tendo a história oral como fonte e até como defende Thompson como uma metodologia. Para este historiador (2002, p. 22) no seu escrito *A voz do passado: história oral*, tratando do método e do significado da história, ressalta a utilização da fonte oral pelo historiador, assinalando que:

não é necessariamente um instrumento de mudança: isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema - devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.

É o que se faz também neste trabalho “devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras”, no caso, aos sujeitos que contribuíram de forma primordial para o enriquecimento da História da Educação Cearense através da história da formação dessas primeiras professoras primárias no bairro de Fátima.

⁴ “A expressão „a nova história“ é bem mais conhecida na França. *La nouvelle histoire* é o título de uma coleção de ensaios editada pelo renomado medievalista francês Jacques Le Goff. [...] Mais exatamente, é a história associada à chamada École de a Analles, agrupada em torno da Revista Annales: économies, sociétés, civilisations. (BURKE, 1992, p. 9). A história nova se contrapõe ao legado da história tradicional, privilegiando os documentos como fonte e enaltecendo os grandes heróis.

⁵ “No ano de 1971 em São Paulo, no Museu da Imagem e do Som (MIS), que tem se dedicado à preservação da memória cultural brasileira”. (THOMPSON, 2005, p. 17).

Completando essa ideia, o professor Rui Martinho no seu texto “A propósito de história oral” (2003, p. 17), ressalta que “[...] a história oral seja uma tentativa de pensar a história vivida, ultrapassando a simples condição de coleta de material para historiadores futuros”. Dessa forma, nessa pesquisa se buscou observar, nas entrelinhas das falas das entrevistadas, fazer uma análise que dialogasse também com as outras fontes pesquisadas. E, nesse momento, se pontua a segunda característica desta pesquisa – *estudo de caso*.

O estudo de caso também sofreu influências da perspectiva histórica tradicional e também era visto como uma abordagem que estava aquém da Academia, *locus* em que deveria se trabalhar com a pesquisa pautada na tradição de quem dominava e delimitava o direcionamento das pesquisas que era o destaque aos heróis da história, pois neste contexto a história oral e o estudo de caso não se inseriam nessa perspectiva. Mas com a nova concepção da História Nova em contraponto com a História tradicional se iniciou a pesquisa trazendo tanto estudos de casos como a História oral. Porém, ressalta-se ainda a resistência de pesquisadores sobre o assunto.

Consoante Yin (2005, p. 20) “[...] utiliza-se o estudo de caso em muitas situações, para contribuir com o conhecimento que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais, políticos e de grupo, além de outros fenômenos relacionados.” Dessa forma, vem ao encontro da escolha da análise do grupo das primeiras normalistas formadas no IEC/EN em um mesmo tempo e espaço que se constituiu pelas histórias individuais e ao mesmo tempo coletiva, a partir de suas vivências no curso. Outro fator dessa abordagem e que justifica a escolha da pesquisadora, ainda na perspectiva desse autor (2005, p. 19), é que “o estudo de caso se caracteriza pela capacidade de lidar com uma completa variedade de evidências, documentos, artefatos, entrevistas e observações”.

A terceira característica desta pesquisa se refere à questão *do instrumental elaborado para trabalhar com a fonte oral*. No caso, se optou pela *entrevista semiestruturada* (cf. Anexo A - Roteiro de entrevista) e em alguns momentos, pela livre expressão verbal caracterizados pelo depoimento da fala livre dos participantes. Esses momentos foram gravados e transcritos no final do semestre de 2012, primeiro semestre de 2013 e fevereiro de 2014. Aponta Minayo (1994) que a entrevista privilegia a obtenção de informações por meio da fala individual, a qual revela as condições estruturais, sistemas e valores, normas, símbolos e também transmite representações de determinado grupo.

Como quarta e última escolha que caracteriza esta pesquisa são apontados os *sujeitos*. Totalizando 16 participantes, dentre os quais: 06 (seis) normalistas e por serem de 2 (duas) turmas distintas são denominadas na pesquisa por *N1 e N2 da 2ª turma* e *N1 a N4 da 2ª turma*.

O marido de uma normalista (*in memorian*) por ter participado dos encontros com as colegas de turma de sua esposa desde o tempo do curso, prática que acontece até hoje. Também porque esta normalista teve experiência no magistério após a conclusão do curso e até fundou um escola dando contribuições relevantes para este trabalho.

O diretor do arquivo público intermediário porque em uma das visitas a este lugar se teve a oportunidade de conversar com ele sobre a pesquisa e por coincidência ele ressaltou que conhecia o bairro de Fátima na época acrescentado alguns dados relevantes que serão mostrados e também foi quem falou sobre a família do coronel Pergentino Maia, possibilitando também a entrevista futura com o neto deste coronel.

O neto do coronel Pergentino Maia por seu avô ter sido proprietário de terras no bairro de Fátima onde tinha várias propriedades, dentre elas o sítio “Canadá”¹ de características bem similares e também bem próximo ao sítio onde se construiu o prédio que abrigou a Escola Normal, de Aplicação e Jardim da infância vindas da Praça Filgueiras de Melo em 1958. Outro fator por sua família ter doado o terreno para a construção da Igreja de N. Sra. de Fátima, trazendo contribuições para se pensar como era entrono do prédio e também o processo de urbanização do bairro.

A diretora atual do IEC/EN pela necessidade de atualização de dados relevantes desta pesquisa; 02 (dois) funcionários desta instituição que são os mais antigos e serão denominados *F1 e F2*, um com mais de 20 e outro com mais de 15 anos de serviço.

Por fim, na seção 7 desta pesquisa “Retorno das normalistas ao prédio da escola normal após 54 anos” momento que também foi filmado e produzido um vídeo de 48 min. (se retornará a este assunto), participaram 7 (sete alunas) mas somente 3 (três) das que foram entrevistadas as demais, isto é, 4 (quatro) se tornaram participantes da pesquisas somente neste momento. Sendo essas normalistas também da 3ª. turma e amigas da anteriores. Infelizmente não foi possível fazer a entrevista na época e somente apareceram no dia 11 de julho de 2014, data em que aconteceu este encontro, porém compartilharam deste momento tão importante, para elas e para a pesquisadora possibilitando um encontro de histórias e memórias que foram registrados neste trabalho.

No tocante à questão desses sujeitos, primordialmente, referente às normalistas, não se tinha ideia de como localizá-las devido à distância temporal que separa a conclusão do curso de 1958-1960 para o ano de 2011.1, quando se obteve aprovação no curso de Doutorado, iniciando no semestre seguinte. Mas um fato inusitado ajudou na localização dessas normalistas que se tornaram sujeitos dessa pesquisa, quando folheando um jornal me deparei com o convite apresentado no Jornal O Povo (21/10/2010):



Foto 1 – Convite para Comemoração dos 50 Anos de Formatura

Fonte. *Jornal O Povo* de 21 de outubro de 2010.

(Arquivo pessoal da pesquisadora. Foto tirada em 26 de janeiro de 2012).

No convite estava escrito:

Convidam-se a todas as concludentes do ano de 1960 do curso Normal do Instituto Educacional Justiniano de Serpa (Bairro de Fátima), a comparecerem no dia 27 de outubro de 2010, às 19h a missa de Ação de Graças, na Igreja São Vicente (Av. Desembargador Moreira, 2211) em homenagem aos seus 50 anos de formatura. Após a celebração eucarística, as formandas reunir-se-ão no Restaurante Serigado (Av. Barão de Studart, 825).”

A primeira observação em relação ao convite foi a data de 50 (cinquenta) anos comemorada em 2010, portanto a turma se formou em 1960 tendo o curso iniciado em 1958, já que a duração do Curso Normal era de 3 (três) anos. Esse foi um dos momentos mais significativos e de contentamento dessa pesquisa, também um presente para a pesquisadora. No convite, havia os números de telefones e nome da responsável, o que possibilitou o contato e a explicação sobre o interesse em realizar uma pesquisa cujo tema seria a turma delas que comemoravam seus 50 (cinquenta) anos de formação naquele ano de 2010. Depois de conversas

pelo telefone, foi realizada uma visita em que se conseguiu acesso a uma lista⁶ de normalistas que mantinham contato todos os anos para celebrarem a amizade que permanecia entre elas.

Na sequência desses contatos foram acontecendo as entrevistas que foram marcadas em suas residências. Deixaram em suas falas e entrelinhas marcas e impressões que ajudaram a ressignificar e tornar público as suas histórias como as primeiras professoras formadas pela tradicional Escola Normal no bairro de Fátima. Foram momentos inspirados em lembranças que se entrelaçavam entre o individual e coletivo sinalizando para os sentimentos de alegria, quando se reportavam para as brincadeiras, amizades; preocupação, sobretudo, nos períodos de provas oral e escrita; satisfação quando mencionavam as aulas e professores que ficaram marcados em suas memórias e a importância e encantamento em estudarem na IEC/EN, embora muitas já tenham vindo do prédio anterior da Praça Filgueiras de Melo.

A localização e acesso aos nomes da lista possibilitaram um achado relevante para a pesquisa nas visitas ao IEC/EN, as pastas individuais das normalistas com documentos pessoais, por exemplo, o histórico escolar da 3^a. turma, por conseguinte, também dos diários de classe. Fonte que permitiu comprovar que a turma era composta por 50 (cinquenta) normalistas, conteúdos, nomes de professores, por exemplo.

Vale ressaltar que em outro documento, no livro Registro de diploma, localizado em uma das visitas a esta instituição, conforme foto abaixo, se teve acesso a um dado importante atestando que no ano de 1960 foram diplomadas 190 normalistas representadas em 4 (quatro) turmas, tendo seus diplomas assinados pelo diretor João Hippolyto de Azevedo e Sá:

⁶ Embora na lista constasse 14 (quatorze), se conseguiu entrevistar 6 (seis), pois uma que reside na Inglaterra, outra em São Paulo mas se conseguiu entrevistá-la, uma que faleceu, outras que se encontravam enfermas, outras que ainda trabalhavam, portanto, problemas que causaram impedimento para entrevistá-las.

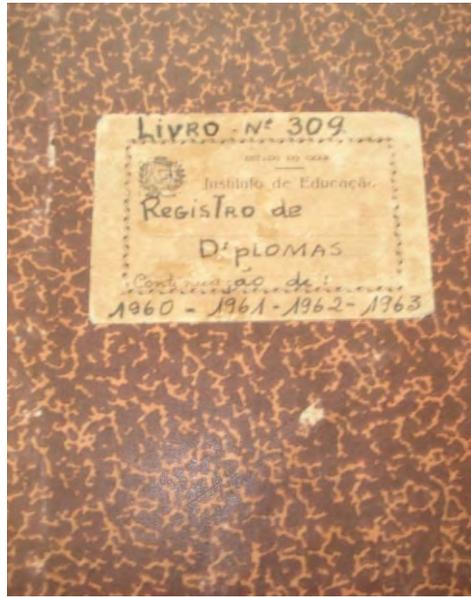


Foto 2 – Livro de Registro de Diplomas

Fonte. IEC/EN. Arquivo pessoal da pesquisadora.
(Foto tirada em 13 de dezembro de 2011).

No assunto a seguir de mostrará considerações sobre o embasamento teórico, incluindo a revisão da literatura localizada sobre o objeto pesquisado e também os lugares visitados em busca das fontes.

1.2.3 Embasamento teórico, fontes e lugares

No embasamento teórico se tem como abordagem teórica a História Nova (LE GOFF, 2003, 2005; BURKE, 1992) como já mencionado. Na concepção tradicional da História, que ostentava e mostravam a predominância dos heróis e documentos escritos como uma verdade absoluta, a fonte oral, por exemplo, era preterida. Mas com a História Nova surgem novas possibilidades e sobre ela Le Goff (2005, p.76-77) assinala como tarefas:

- a) Uma nova concepção de documento, acompanhada de uma nova crítica desse documento. O documento não é inocente, não decorre apenas da escolha do historiador, ele próprio parcialmente determinado por sua época e seu meio; o documento é produzido consciente ou inconscientemente pelas sociedades do passado, tanto para impor uma imagem desse passado, quanto para dizer a “verdade”.
- b) Um “retratamento” da noção de tempo, matéria da história. Aqui, também pesquisar quem tinha poder sobre o tempo, sua medida e sua utilização. Demolir a ideia de um tempo único, homogêneo e linear.

c) O aperfeiçoamento de métodos de comparatismo pertinentes, que possibilitem comparar apenas o que é comparável. Por exemplo, a propósito do feudalismo, evitar uma definição demasiado ampla, que coloque sob um mesmo rótulo realidades demasiado distantes no tempo e no espaço. (Grifo do autor).

A História Nova trouxe uma forma oposta à tradicional que permitiu o historiador fazer uma crítica aos critérios que eram usados nesta vertente como linearidade com a ideia de continuidade da história, prejudicando a delimitação de tempo e espaço como constructo de uma só história.

Em relação à Revisão da literatura ou Estado da arte se utilizou pesquisas nas diversas formas: teses, dissertações, monografias, artigos, livros e por entender que as pesquisas devem ter como referência trabalhos qualitativos que contribuam e acrescentem se privilegiou tanto os trabalhos mais clássicos que permitiram um olhar situado para o lugar e momento de onde foram escritos, como também se procurou citar autores que apresentaram atualizações dessas discussões buscando uma compreensão do trajeto, embora aqui não se esteja direcionado à linearidade, mas a permissão do confronto de fatos de acordo com a historiografia descrita no momento.

Delimitou-se também 3 (três) categorias conceituais como recorrência constante nessa pesquisa: I) *Tradição*, II) *Formação de professores* e III) *Escola Normal*. Sobre a primeira, destacando-se Hobsbawm (1997, p. 9), traz um conceito para “tradição inventada”:

como um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.

Balandier por sua vez (1997, p. 37), enfatiza que a tradição “gera continuidade, exprime a difícil relação com o passado impõe uma conformidade resultante de um código de sentidos e, portanto, de valores que regem as condutas individuais e coletivas, transmitidos de geração em geração”. Acompanhado esses conceitos sobre tradição se traz a concepção de memória a partir de Le Goff (2003, p. 469) “é um elemento crucial do que se costuma chamar de *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje”.(Grifo do autor). Essas memórias não poderiam ser trazidas

para as pesquisas devido à tendência tradicional que monopolizava e atribuía normas para sua legitimação.

A segunda categoria é *formação de professores*, enfatizando a formação de professoras primárias. Para fazer essa discussão se utilizou da contribuição de autores, destacando-se: Lima (1966) “Treinamento do professor primário: uma nova concepção da escola normal; Novaes (1992) “Professora primária; mestra ou tia”; Freire (2003) “Professora sim, tia não”; Fontana (2005) “Como nos tornamos professoras?”.

Em relação à formação de professores em âmbito geral, se apontam os trabalhos: “Os professores e sua formação” e “Vidas de professores” escritos por Nóvoa (2005; 1992); Saviani (2009) “Formação de professores: aspectos históricos e técnicos do problema no contexto brasileiro” e (2005) “História da formação docente no Brasil: três momentos decisivos”. “Ofício de mestre: imagens e autoimagens” de Arroyo (2000). Para contextualizar a História da educação se ressalta: Castelo (1974) “História do ensino no Ceará; Romanelli (1999) História da educação no Brasil e Saviani (2007) “Histórias das ideias pedagógicas no Brasil”.

A terceira categoria é *Escola Normal*, referente às pesquisas direcionadas a este tema se apresentará do trabalho mais recente para o mais antigo e que serviram como aporte de revisão da literatura sobre essa instituição desde o seu funcionamento (1884). Ressaltam-se além da monografia dessa pesquisadora (2010), a dissertação de Guerreiro (2006) sendo esta a única localizada com referência ao período de 1958-1960, mas que trata da questão da reforma do ensino normal cearense e os embates que circundam esta reforma.

A tese de doutorado de Silva (2009), que enfatiza as reformas educacionais no Ceará nos anos de 1930-1950; a dissertação de mestrado de Alves (2009) que analisou o ensino público primário cearense na década de 1920; a dissertação de mestrado de Oliveira (2008), referente ao ensino ativo e à arquitetura do prédio da Escola Normal Justiniano de Serpa (1922-1934); a tese de doutorado, que trouxe como foco a formação do aluno em tempo integral, também no prédio da Escola Normal Justiniano de Serpa, escrita por Olinda (2005); a tese de doutorado de Holanda (2001), que retrata aspectos sobre o limiar da Escola Normal como primeira instituição de formação para o magistério; a dissertação de mestrado de Silva (2001), buscando mostrar a formação docente numa perspectiva histórico-social enquanto luzes e modernidade contra o atraso na terra da seca (1884-1922);

Por fim o trabalho de especialização de Carvalho (1998), que faz um resgate histórico e pedagógico desde o início do funcionamento da Escola Normal ao Colégio Justiniano de Serpa e, por fim, a monografia de graduação de curso de Arquitetura de Machado (1987), retratando aspectos peculiares sobre o prédio da primeira Escola Normal.

Aliadas a essas 3 (três) categorias primordiais serão trazidos sempre que necessários os conceitos relevantes que ajudaram na análise do assunto abordado: políticas educacionais, currículo, avaliação, planejamento, prática de ensino e didática, por exemplo.

Em relação às fontes todas foram usadas no decorrer da pesquisa de diversas formas uma vez que o estudo de caso, que é uma possibilidade nas pesquisas a partir da perspectiva da História Nova, permitir essa articulação, assim destacam-se: I) *Fontes documentais impressas*: leis, resoluções, decretos e jornais. II) *Fontes bibliográficas impressas*: livros, artigos de periódicos, teses, dissertações, monografias, III) *webliografia*: todo material localizado na internet: livros, leis, artigos de periódicos, teses, dissertações, monografias.

Utilizou-se ainda de IV) *material iconográfico*: imagens e fotografias. Ressalta-se que em todo o texto se usou muitas fotos devido a considerar que enriquece o trabalho trazendo em si só impressões que convidam ao pensar e refletir sobre vários aspectos, como também por este de cunho histórico apontando para períodos em que cada foto retrata especificidades. Santos (2003, p. 54) assinala que o registro fotográfico “capacita o leitor de mais comentários e interpretações em função da possibilidade de uma linguagem, imbuída de outras mediações e interveniências” e V) *Fonte oral*: depoimentos e respostas das entrevistas dos sujeitos participantes desta pesquisa.

No tocante aos lugares visitados para a busca das fontes, ressalta-se como principal e mais visitado o IEC/EN, situado à Rua Graciliano Ramos, nº 52, bairro de Fátima, onde se localizou fonte documental: histórico das normalistas, livro de registro de diploma, livro de ata de inauguração da escola, jornais, diários de classe, placas informativas, atas de reuniões e fotos. Demais lugares que se constituíram como *os loci* de pesquisa e fontes localizadas apresentadas no quadro abaixo em ordem alfabética:

Quadro 1 – Lugares visitados em busca das fontes

LOCAL	ENDEREÇO	TIPO DE FONTE LOCALIZADA
Arquivo Público do Estado do Ceará	Rua Senador Pompeu, 648 – bairro Centro	Documental: leis, pareceres e resoluções.
Arquivo Público Intermediário do Estado do Ceará	Rua Pinto Madeira, 116 – bairro Centro	Documental: leis, pareceres e resoluções
Biblioteca da UECE	Avenida Paranjana, 1700 – bairro Campus do Itaperi	Livros, dissertações e monografias.
Biblioteca da UFC - Ciências Humanas	Avenida da Universidade, 2683 – Bloco 4 – bairro Benfica	Livros, teses e dissertações
Biblioteca da UFC - Arquitetura	Avenida da Universidade, 2890 – bairro Benfica	Livros
Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel	Avenida Presidente Castelo Branco, 255 – bairro Praia de Iracema	Documental: jornal e livros
Colégio Estadual Justiniano de Serpa	Avenida Santos Dumont, nº 56, Praça Figueira de Melo – bairro Centro	Fotos e alguns objetos relacionados á educação.
Colégio 7 de Setembro	Avenida Imperdor, 1330 – bairro Centro	Livro
Escola Estadual Profissional Juarez Távora	Rua Ministro Joaquim Bastos, 747 – bairro de Fátima,	Placa informativa sobre a escola industrial e da fundação da Escola quando ainda era de ensino fundamental e médio
Instituto do Ceará Histórico, Geográfico e Antropológico	Rua Barão do rio Branco, 1594 – bairro Centro	Jornais e livros
Instituto do patrimônio Artístico e Cultural (IPHAN)	Rua Liberato Barroso nº 525 , Praça José Alencar - bairro Centro	Monografia, catálogos, Guias e alguns informativos.
Jornal Diário do Nordeste	Avenida Desembargador Moreira, 2430 – bairro Dionísio Torres	Algumas matérias sobre a Escola Normal
Jornal O Povo	Avenida Aguanambi, 282 – bairro José Bonifácio	Algumas matérias sobre a Escola Normal
Mídia internet	Sites diversificados	Leis, pareceres, resoluções, teses, dissertações, livros, artigos, dentre outros.
Museu da Imagem e do Som	Avenida Barão de Studart, 410, bairro Meireles	Foto
Quartel da 10a. Região - Região Martim soares Moreno	Rua Alberto Nepomuceno S/N – bairro - Centro	Informativo
Secretaria de Educação Básica (SEDUC)	Avenida General Afonso Albuquerque Lima, 1 – bairro Cambeba	Livros

Fonte. Elaboração da pesquisadora.

É importante mencionar as dificuldades encontradas em alguns destes lugares, tais como: desorganização de acervo, má conservação de material, desmotivação devido à falta de cooperação de algumas pessoas, falta de material como luvas e máscaras, enfim um conjunto de fatores que dificultam a pesquisa e que também traz angustias aos pesquisadores. Contexto criado por pessoas que não vêem na pesquisa uma forma de registro para as futuras gerações e que não têm também compromisso e não têm ciência da importância desses objetos, livros, jornais, enfim com todo material que serve como testemunho aos historiadores para escreverem e analisarem diversas histórias e perspectivas de lugar, espaço e tempo.

Enfatizam-se também as contribuições positivas que se encontrou nos lugares onde se foi bem recebida, e que se tiveram condições de pesquisar em acervos organizados mostrando também o outro lado que motiva o pesquisador a se debruçar em seu trabalho e poder finalizar,

sabendo que contribuiu para as pesquisas futuras deixando seu material também como fonte de pesquisa e incentivo.

A tessitura da pesquisa foi elaborada da seguinte forma: a introdução, que foi denominada de seção 1 e se apresentam algumas considerações sobre a formação de professores primários. Em seguida se mostrou a estrutura do trabalho trazendo elementos necessários para explicar as escolhas da pesquisadora e os caminhos percorridos para a conclusão deste estudo, tais como: por que pesquisar sobre a formação das primeiras professoras primárias no bairro de Fátima, no período de 1958-1960? Caracterização da pesquisa englobando instrumentais e sujeitos; embasamento teórico lugares e fontes da pesquisa.

Posteriormente, serão abordados aspectos que ajudarão a mostrar um pouco da história dessa instituição no Ceará, a formação de professoras primárias e a sua chegada ao bairro de Fátima no ano de 1958, portanto, já será na delimitação do recorte temporal desta pesquisa (1958-1960), apresentará a estrutura física e administrativa e será finalizando com o processo de seleção para o ingresso no curso.

Na terceira seção será apresentado o desenvolvimento do curso iniciando pela estrutura física e administrativa, o ingresso no curso e o currículo. Na próxima serão abordados aspectos didáticos e pedagógicos do curso: como eram ministradas as aulas, metodologias e recursos didáticos, como e onde ocorreu a prática de ensino e que contribuição trouxe para a formação dessas normalistas e como a avaliação era trabalhada nessa instituição.

Na quinta seção se busca elementos que enalteçam a tradição da Escola Normal apresentando a dia 7 de setembro, a formatura e os encontro entre as normalistas após o curso que se tornaram uma tradição pela continuidade e freqüência cultivando a amizade até os dias atuais.

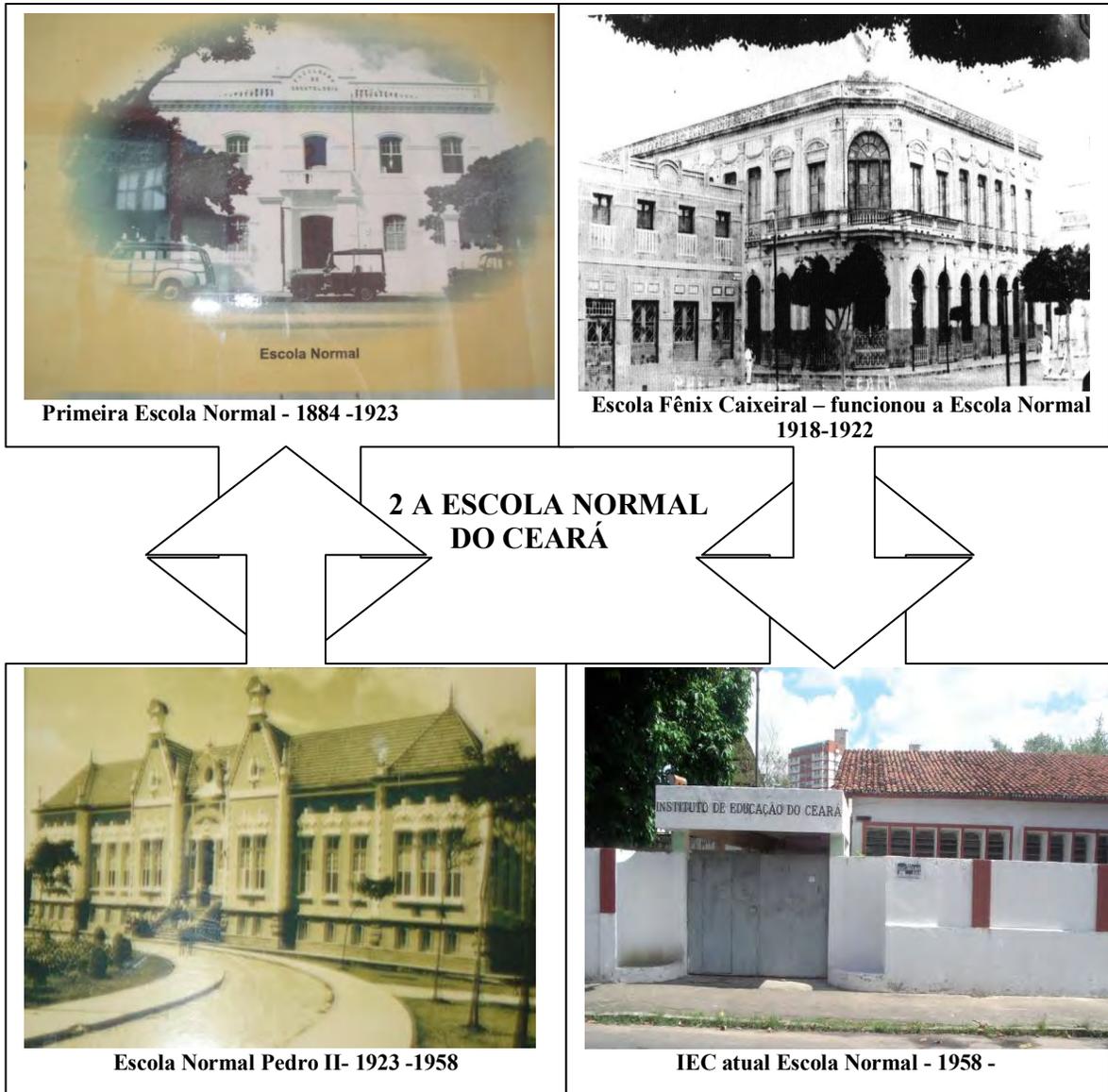
Na sexta seção se mostra os destinos que essas normalista tiveram após a conclusão do curso enfatizando o ingresso da mulher no mercado de trabalho e o magistério primário, seguida das escolhas delas após o curso e aspectos atuais sobre suas vidas e o que significou estudas na Escola Normal

Na sétima seção, se apresentará como aconteceu o retorno dessas normalistas ao prédio da escola Normal após 54 anos, destacando a chegada delas ao prédio, o que elas foram pontuando durante o percurso e a socialização das marcas e impressões sobre este encontro.

Em seguida, serão apontados os resultados e conclusões desta pesquisa, com a intenção de que esta e as outras discussões apresentadas sobre essa secular instituição, incentivem

novas pesquisas e amplie o acervo bibliográfico, sobretudo, da formação de professores que se considera uma questão fundamental para a melhoria da qualidade da educação, seja na educação básica ou em nível superior.

Na próxima seção, se mostrará a Escola Normal cearense apontando os seguintes itens: uma proposta histórica para a formação de professores primários, os lugares onde funcionou esta instituição e sua chegada ao bairro de Fátima.



Era muito boa a escola eu amava aquela escola, eu amava. O meu maior sonho era estudar na escola e consegui estudar. A Escola Normal e o Liceu eram as escolas de alto gabarito de Fortaleza.

(NORMALISTA 2 da 3ª. TURMA)

2 A ESCOLA NORMAL DO CEARÁ

Desde o seu funcionamento, em 1884, se consagrou como a primeira instituição modelo na formação de professores primários, se destacando as professoras que ficaram conhecidas como as normalistas. Entraram também para a história da música sendo eternizadas na canção cantada por Nelson Gonçalves “Normalista” que se tornou um hino e simboliza, juntamente com a farda da normalista, a tradição entre o pensar a formação de professoras primárias e Escola Normal.

2.1 Uma Proposta Histórica para a Formação de Professores Primários

Mesmo tendo trabalhos publicados sobre a Escola Normal Cearense⁷ com enfoques diversos, justifica-se a relevância de se fazer uma breve exposição dos lugares onde funcionou esta instituição trazendo alguns elementos importantes, desde o início de seu funcionamento (1884), devido o recorte temporal desta pesquisa (1958 a 1960), pois se deixaria de lado 74 anos de história dessa instituição. Assim, se tem nesta seção, o objetivo de registrar elementos importantes e situar o leitor no processo histórico desta instituição, que se tornou uma tradição na formação de professores, principalmente, de professoras para as séries iniciais.

No ano de 1837, a gestão do Presidente da Província, José Martiniano de Alencar, já tinha uma visão futurista para a implementação da Escola Normal cearense e, por conseguinte, melhorar a qualidade da educação pela formação docente para as séries iniciais. Pela Lei nº 91, de 5 de outubro, no art. 1º, “Fica criada, temporariamente, uma Escola Normal de primeiras letras na Capital da Província, vencendo o professor o ordenado de 1:200\$000 e seguindo em tudo o método Lancaster” (já explicitado nesse trabalho). fato esse também referendado por Castelo (1970, p. 193).

O sucessor de José Martiniano de Alencar alegou, porém, que o Tesouro Provincial não teria condições financeiras para cumprir esta carta legislativa. Assim, a instauração da Escola Normal ficaria para mais tarde, começando a funcionar no centro da capital – Fortaleza, no ano de 1884, ao lado do Theatro José de Alencar, na gestão do Presidente Provincial Sátiro de

⁷ Para uma leitura mais acurada sobre o funcionamento administrativo e pedagógico, como também as reformas política e educacional ocorridos no funcionamento desta instituição de 1884-1950, sugere os trabalhos: Silva (2009; 2001), Carvalho (1998) e Olinda (2005).

Oliveira Dias, criada pela Lei nº 1.790, de 28 de dezembro de 1878. O edifício foi projetado pelo engenheiro civil austríaco Henrique Folgare, sendo o responsável pela obra o engenheiro Henrique Theberge, encarregado das obras públicas provinciais e executada pelo mestre pedreiro Francisco de Souza Brasil. A ata da sessão inaugural foi descrita conforme fotos documentais seguida do teor do texto, ambos mostrados abaixo:

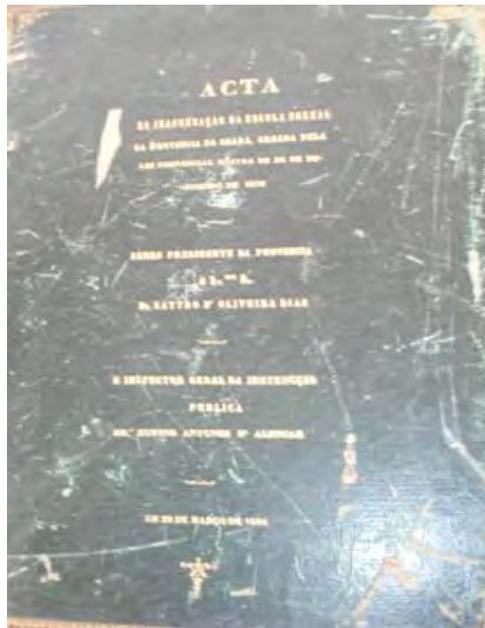


Foto 3 – Capa do Livro de Ata de Inauguração da Escola Normal Cearense
Fonte: IEC/EN. Arquivo pessoal da pesquisadora.

A foto acima traz os seguintes dados:

Acta da inauguração da Escola Normal da Província do Ceará, creada pela Lei provincial n 1.790 de 28 de dezembro de 1878. Sendo presidente da província Dr. Satyro D' Oliveira Dias e inspector geral da instrução pública Dr. Rufino Antunes D' Alencar, em 27 de março de 1884.

Este livro reúne documentos importantes da história dessa instituição desde que criada, dentre eles: a Acta de inauguração da Escola, a Acta oficial da inauguração da Escola Modelo em 11 de agosto de 1922, Ata de inauguração da herma do presidente Justiniano de Serpa, em frente ao edifício da Escola Normal no dia 20 de março de 1924 e Ata da sessão comemorativa do cincoentenário de inauguração da Escola Normal em 22 de março de 1934. Já na foto 2, apresenta-se a acta de inauguração, seguida do teor de seu texto que foi citada também por autores, dentre eles, Castelo (1970, p.196 -197):

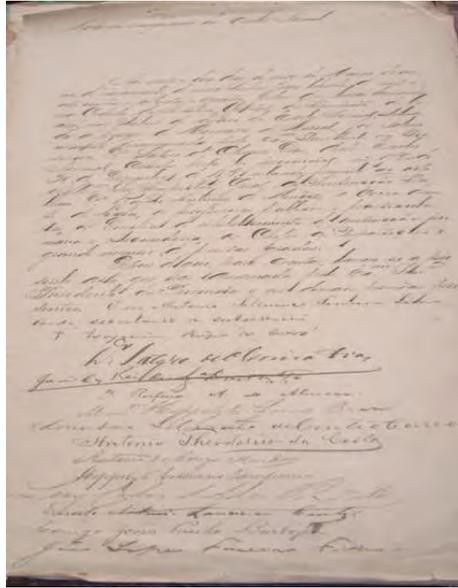


Foto 4 – Acta de Inauguração da Escola Normal⁸
Fonte: IEC. Arquivo pessoal da pesquisadora.

Aos vinte e dois dias do mês de março do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, de mil e oitocentos e oitenta e quatro, pelas doze horas da manhã, na cidade de Fortaleza, Capital da Província do Ceará, nos salões do edifício da escola Normal, situada à Praça Marquez do Herval, foi solenemente inaugurada pelo Exmo. Presidente da Província Dr. Sátiro de Oliveira Dias, dita escola normal, criada pela lei provincial n. 1790 de 28 de dezembro de 1878, estando presente ao ato o Ilmo. Sr. Inspetor Geral da Instrução pública, Dr. Rufino Antunes de Alencar, o corpo docente do Liceu, os professores públicos e particulares, os Diretores de estabelecimentos de instrução primária e secundária, os Chefes de repartições e grande número de pessoas gradas. Depois do que, para constar, lavrou-se a presente ata que vai assinada pelo Exmo. Sr. Presidente da Província e as demais pessoas presentes. E eu, Antônio Telimaco Ferreira Lima Verde, secretário, a subscrevi.

Esta Ata foi assinada por 68 pessoas ilustres da época, dentre elas: o Inspetor Geral da Instrução Pública (atualmente, cargo denominado de Secretário da Educação) e também o primeiro a administrar a Escola Normal⁹ interinamente, Dr. Rufino Antunes de Alencar, Senador Liberato de Castro Correia, Eng. Antonio de Lassance Cunha, a escritora Francisca Clotilde

⁸ A Acta de inauguração é composta por 3 (três) laudas, incluindo as assinaturas, mas somente disponibilizou neste trabalho a primeira por trazer o teor do texto redigido na época.

⁹ Ainda não havia a função de diretor, mas depois do limiar das atividades dessa instituição (1884), no dia 26 de junho de 1885, é expedido o Regulamento que criava a função do diretor da Escola Normal. Sendo nomeado, três semanas depois como primeiro diretor o professor José Carlos de Barcelos, homem honrado e intelectual da época. Justifica-se a escolha por que já no ano de 1881 ele foi nomeado pelo presidente Pedro Leão Veloso para ser professor das cadeiras de Pedagogia e Metodologia antes mesmo do funcionamento das atividades dessa instituição, como também, de viajar pela Europa e trazer novos conhecimentos e métodos para a melhoria do ensino primário. Permaneceu na função de diretor no período de 1885-1891.

Barbosa Lima, o bispo D. Joaquim José Vieira, os padres: João Augusto da Frota e Vicente Salazar da Cunha; Maria Tomásia Figueira Lima e Antonio Teodorico da Costa.

Esse fato histórico enalteceu o lugar de destaque da Escola Normal como acontecimento primordial para a sociedade da época. Vale registrar também o trecho apresentado por Aderaldo (1993, p. 36-37) no capítulo em que ele escreveu sobre os destaques importantes ocorridos na época “A eclosão de movimentos intelectuais e libertários no fim do século XIX: O cabo submarino e o telefone de manivela, o sopro do progresso manifesto em novos prédios construídos e a instalação da Escola Normal”:

Foi em meio a esse ambiente de ebulição intelectual criadora que, 1882, se deu a inauguração do Cabo Submarino e, no ano seguinte, o início do funcionamento do Serviço Telefônico, com aparelhos de manivelas. **Em 1884 instalou-se a Escola Normal, que não funcionaria, a princípio, no atual prédio do Bairro de Fátima, nem mesmo naquele outro de praça fronteiriça ao Colégio da Imaculada Conceição, mas no imóvel para ela especialmente construído na Praça do Patrocínio, atual José de Alencar, onde depois se instalaria a Faculdade de Odontologia, depois de ter abrigado o Grupo Norte da Cidade e a Faculdade de Medicina.** Entre esse prédio, construído com pretensões de integrar uma cidade em crescimento, e o do Quartel do Batalhão de Segurança, depois derruído para no local ser levantado, na década de 1930, o Centro de Saúde, afinal demolido, ainda não havia o teatro José de Alencar, somente inaugurado no Século XX. (Grifo da pesquisadora)

Pode-se observar a relevância do fato da inauguração da Escola Normal para o Ceará pela presença das pessoas que participaram privilegiando o evento e pelos registros desse fato por autores e também pelos jornais locais da época. No momento de sua inauguração dava-se início ao funcionamento de uma instituição que formaria professoras primárias oportunizando melhoria na educação, por conseguinte, desenvolvimento para o estado do Ceará e também, uma profissão para as mulheres. Sobre esse aspecto Novaes (1992, p. 22) salienta que:

Até a década de 30, a escola Normal gerida pelo estado ou por instituições religiosas, mesmo com todas as limitações que continha, desempenhou papel relevante na formação profissional e na elevação da cultura da mulher brasileira. O magistério, entendido como um prolongamento das atividades maternas, passa a ser visto como ocupação essencialmente feminina e, por conseguinte, a única profissão plenamente aceita pela sociedade, para a mulher.

Essa visão se estendia para todo o Brasil como ressalta Cruz (2011, p. 69) quando em seu livro “Curso de Pedagogia no Brasil: História e formação com pedagogos primordiais”, em

que entrevistou alunas que estudaram em Escolas Normais, posteriormente se formaram em pedagogia, no estado de São Paulo. Algumas dessas falas vêm ao encontro do assunto apontado:

Minha mãe era professora, levando-me a acompanhar desde cedo o seu trabalho. Meu pai, por ser um homem muito austero, falava assim: “Filha minha não trabalha em repartição pública. Filha minha só pode ser professora”. (Grifo da autora)

Na página seguinte (p. 70) destacou-se outra fala:

Dada uma tradição cultural brasileira de encaminhar as filhas para o magistério, eu fui para a escola Normal. Por um lado, pelo meu pai que via nisso uma profissão digna, séria e apropriada para a mulher; por outro, pelas professoras que me estimulavam a isso.

No tocante a esse aspecto profissional, Guerreiro (2003, p. 79) mesmo se referindo a Escola Normal, já no bairro de Fátima (1958), com a denominação de Instituto de Educação do Ceará (IEC) e que a pesquisadora optou em utilizar a nomenclatura IEC/EN, mostra a continuidade da tradição do prestígio e qualidade na formação de professoras primárias para o magistério cearense quando enfatiza que:

O Instituto de Educação era a Escola Normal de referência, em Fortaleza e no Ceará, para as famílias que queriam ver suas filhas conseguindo um ensino de qualidade melhor e uma profissão socialmente respeitável, numa época em que as opções de trabalho remunerado para as mulheres eram muito limitadas fora da esfera doméstica. Estudar no curso Normal, além de status educacional e social, representava emprego praticamente garantido para alunas de diferentes classes sociais que por ele passavam e quisessem seguir a carreira de magistério.

Sobre este assunto, destacam-se as falas das normalistas da turma de 1958-1960 entrevistadas desta pesquisa que mencionaram o incentivo da família e/ou sua vontade em se tornar professora para se apropriar de uma profissão e uma oportunidade para ingressar no mercado de trabalho logo após a conclusão do curso:

N1 da 2ª. turma - meus pais me incentivaram porque eles queriam que eu fosse professora. Eles diziam você termina o curso de professora ta com o diploma na mão e tem uma profissão, se vocês terminam o Científico ou o Clássico não têm nada, apenas terminou o curso, mas professora naquele tempo era uma coisa muito respeitável. Quando se dizia assim, fulana é professora, havia um certo respeito quando se dizia isso. Por isso, a mamãe dizia: pode fazer qualquer curso, mas depois de professora.

N 2 da 3ª. turma - na minha época o ideal era ser professora e eu queria demais ser professora, muito ser professora.

N4 da 3ª. turma - eu resolvi fazer o curso normal porque naquela época toda moça fazia o curso normal um curso de preparação e agente não tinha opção, agente fazia o curso normal pra em seguida já ir trabalhar. Porque se você fizesse um outro curso que na época era Científico era, não me lembro o outro que tinha, Clássico, era Científico, Clássico e Normal. Então as pessoas que queriam trabalhar iam fazer o curso normal que também dava direito a fazer faculdade se quisesse. E se você fizesse o Clássico ou Científico você teria que fazer faculdade porque não era uma profissão.

A partir das falas pode-se inferir que a Escola Normal se tornou um marco de mudança na vida das mulheres no sentido de formação profissional instaurando assim, uma tradição entre as jovens da época de estudarem nessa instituição. Associado ainda ao aspecto profissional da formação de excelência nessa instituição, por conseguinte, do reconhecimento da tradição da Escola Normal, ressalta-se a fala a seguir:

*N1 da 3ª. turma – um dia estava no colégio das Dorotéias aguardando para falar com a diretora sobre uma substituição de uma professora que eu ia fazer uma inscrição. Então presenciei uma professora chegando e entregando o currículo para a diretora e fiquei surpresa quando ela olhou para a professora e disse: **por que você não fez seu curso Normal na Escola Normal? Lá é que forma excelentes professoras.** (Grifo da pesquisadora)*

Dando continuidade a assuntos relacionados à tradicional Escola Normal Cearense na sequência serão apresentados lugares onde funcionou esta instituição e alguns elementos das histórias dessa instituição que ajudam na constituição do pensamento acerca dessa instituição como a primordial na formação de professores, principalmente de professoras primárias.

2.2 A Tradicional Escola Normal Cearense: Lugares e Histórias

Retornando ao ano de 1884, nessa seção mostrar-se-á através de fotos as edificações onde funcionaram esta tradicional instituição, abordando também alguns elementos importantes que resgatam a história em cada um dos prédios que sediou a Escola Normal, por entender um prédio escolar como um lugar simbólico e guardião de história. No tocante a esse assunto, Sales (2000, p. 114), acentua que:

[...] o valor simbólico de um prédio escolar está relacionado com o valor social atribuído aos códigos emitidos por sua forma arquitetônica que, por sua vez está atrelada ao valor atribuído ao tipo de escola que sua forma arquitetônica está associada, e que essa atribuição de valor, aos diversos tipos de escolas, é fruto de um processo sócio-histórico de julgamento social, que se estabelece e se manifesta nas representações sociais de

escolas que os sujeitos compartilham em um dado contexto. [...] As formas arquitetônicas dos prédios escolares mais valorizadas são aquelas que estão associadas às melhores escolas.

Concorda-se que a arquitetura dos prédios revela muitos elementos que englobam o projeto pensado para sediar algo. No caso da Escola Normal, um local para sediar a primeira instituição de formação de professores primários, no padrão francês e que teria como clientela a elite da época. As fotos abaixo revelam o *glamour* e imponência do prédio, além de seu entorno e localização privilegiadas.



Foto 5 – Primeira Escola Normal¹⁰

Fonte: Roberto Machado.
Trabalho da pesquisadora (2010 e 2012)

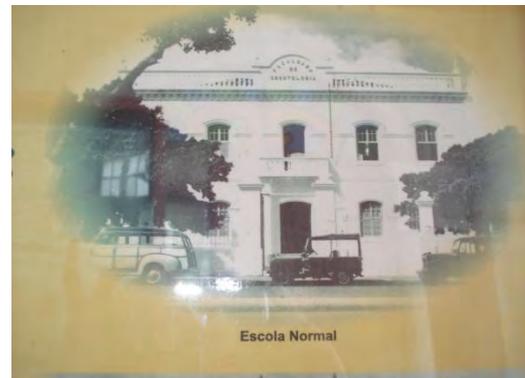


Foto 6 – Primeira Escola Normal

Fonte: Memorial da Educação -
Colégio Justiniano de Serpa
Trabalho da pesquisadora (2010)

Vislumbrando agora estas fotos e observando como foi pensada a estrutura do prédio que sediou a primeira Escola Normal, Moura (1912 *Apud* CARVALHO 1998, p. 31) sinaliza que:

O prédio da Escola Normal situado na Praça Marquez do Herval depois Praça do Patrocínio e hoje José de Alencar, foi colocado no ângulo esquerdo da face meridional da citada praça, atraída pela arquitetura simples, ligeira e elegante. Tinha dois pavimentos, a entrada era percebida por um pequeno pavilhão de construção delicada. Tinha no poente pelo lado da praça 18m e 66cm e de largura 12m. O pavimento superior enfrentando com a praça, constava uma porta em grade e quatro janelas, duas de cada lado, a que correspondiam outras tamanhas na frente oposta, e com face ocidental paralela à rua 24 de Maio, constavam três janelas em cima, três em baixo, na mesma ordem e face oriental. Era guardado por muros; a que fica pela parte norte era guarnecida de grades e portão de ferro. Media 40m e ao lado da rua 24 de maio 18cm.

¹⁰ Foto copiada do trabalho de graduação de Roberto Machado, UFC, 1987. (Cópia xerox ampliada de foto impressa sem referência de origem. Propriedade do Sr. Marciano Lopes. Foto sem datação precisa, mas seguramente anterior a 1910, gentilmente cedida pelo Sr. M. L.). Publicada na monografia da pesquisadora no Curso de Pedagogia (UECE, 2010).

O prestígio da Escola Normal era tão grande que seu prédio foi erguido na área nobre do centro da cidade de Fortaleza. Azevedo (1992, p. 40), traz em seu texto um conjunto de informações que demarcam o entorno do local onde foi erguido o primeiro prédio dessa instituição, citando pontos e lugares importantes da cidade de Fortaleza, por conseguinte, enaltecendo sua importância:

Por volta de 1912 era a Avenida Marquez de Herval (hoje praça José de Alencar) um dos mais belos logradouros da capital. Havia ali, como na praça do Ferreira, quatro quiosques de madeira artisticamente trabalhada, ocupando os quatro cantos da praça. Ao centro, suntuoso coreto, onde a banda da Polícia Militar realizava retretas em dias designados pela Independência. No local onde funcionou até bem pouco tempo o Centro de Saúde, situava-se o Quartel da Polícia; **no outro lado, esquina com a Rua 24 de Maio, a Escola Normal.** (Grifo da pesquisadora).

Em decorrência de reformas na estrutura desse prédio, segundo Castelo (1970) e Carvalho (1998) a Escola Normal juntamente com a escola Anexa para a prática pedagógica passou a funcionar (1918-1922), provisoriamente, ocupando o pavimento térreo do palacete Fênix Caixeiral¹¹ funcionando na Rua 24 de Maio esquina noroeste com a Rua Guilherme Rocha (antes denominada de Rua Municipal). Assinala Castelo (1970) que a Escola Normal ocupou o pavimento térreo do palacete. A seguir apresentam-se duas fotos dessa instituição retratando dois momentos do prédio sem a edificação do pavimento e com o pavimento superior construído, local onde sediou a Escola Normal:



Foto 7 – Escola Fênix Caixeiral

Fonte: Memorial da Educação – Colégio Justiniano de Serpa Trabalho da pesquisadora (2010)



Foto 8 – Escola Fênix Caixeiral

Fonte: Museu da imagem e do som Trabalho da pesquisadora (2012)

¹¹ A Escola Comercial Fênix Caixeiral foi criada anexa ao Liceu do Ceará, pela Lei n° 544, de 14 de agosto de 1899, sancionada pelo Presidente do Estado, Comendador Antonio Pinto Nogueira Acioli.

Vale lembrar que o primeiro prédio na Praça Marquez de Herval sediou a Escola Normal até 1923, exceto o período da ocupação na Fênix Caixeiral (1918¹²-1922). No ano de 1923, a Escola Normal retornou para o seu antigo e primeiro prédio, local que se tornava restrito devido ao aumento no número de matrículas. Após a mudança de endereço da Escola Normal em 1923, funcionou nesse 1º prédio o Grupo Escolar Norte da Cidade e, entre 1947 - 1954 teve sede o Instituto Médico do Ceará; a partir de 1954 a Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e, atualmente, funciona nessa edificação, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)¹³. “Ele é um bem tombado pelo Conselho Estadual de Cultura em sua 124ª sessão ordinária de 3 de março de 1995, sendo propriedade da Universidade Federal do Ceará”. (Guia dos bens tombados do Estado do Ceará, 1995, p. 53).



Foto 9 – Prédio atual onde funcionou a Escola Normal (1884-1923)
(mesmo prédio das fotos 5 e 6)

Fonte: arquivo pessoal da autora.
Trabalho da pesquisadora (2010 e 2012)

No tocante ao funcionamento dessa instituição nesses dois prédios (Praça Marquez de Herval e Fênix Caixeiral), destacam-se alguns elementos importantes que ajudam a recompor o quadro geral dessa época e vislumbrar o papel da Escola Normal nesse contexto, dentre eles: o preconceito moral que regia a sociedade, assim o professor deveria ter uma excelente reputação e

¹² Através do Decreto nº 50, de 18 de outubro de 1918, a organização da Escola Normal passou a ser um estabelecimento feminino, até então se destinava aos dois sexos. (CARVALHO, 1998).

¹³ Desde 1987, o prédio sedia o IPHAN, que é um órgão vinculado ao Ministério da Cultura, responsável pela preservação dos bens que compõem o patrimônio cultural brasileiro. Atua em todo o Território Nacional por intermédio de 21 superintendências regionais e outras unidades, sendo que a 4ª. SR, com jurisdição no Estado do Ceará, tem sede em Fortaleza e escritórios técnicos em Icó e Sobral.

os alunos disciplina. Estudavam em grande número mulheres, embora tivesse matrículas para homens¹⁴. Devido à escassez de professores o curso que deveria ter a duração de 3 anos foi reduzido para um ano.

Mesmo com o preconceito moral vigente, sobretudo, para as mulheres que eram reprimidas e controladas, a normalista era vista como uma pessoa politizada. Fato esse que também aponta para uma instituição que embora trabalhasse com disciplina, também preparava o aluno para tomar atitudes. Dessa forma, enfatiza-se um fato mencionado por Carvalho (1998, p.33):

houve, nessa época, um fato que é digno de nota. Em, 4 de junho de 1891, o Professor Barcellos foi impedido de continuar na direção da escola por força de acumulação de cargos públicos, de acordo com a Constituição do estado (não há registro do outro cargo). Diante desse acontecimento, ocorreu um fato inusitado na época. As alunas, em manifestação de solidariedade, reuniram-se em número de oitenta e quatro, indo ao Palácio do Governo pedir reintegração do Diretor. O presidente de então, José Clarindo de Queiroz, comprometeu-se a levar ao Legislativo o pedido das alunas.

Embora não tenha sido aceita a reivindicação das alunas por motivo de força da lei, o fato dessas normalistas agirem diante desta situação mostra a diferença do posicionamento da normalista em detrimento da condição da maioria das mulheres de submissa e sujeito passivo na época. (CARVALHO, 1998).

Ainda trazendo elementos que possam caracterizar a Escola Normal no período de 1884-1922), período em que funcionou nos dois prédios supracitados, destacam-se os nomes dos diretores em quadro ilustrativo com as datas e nomes desses sujeitos que fizeram parte da história dessa instituição e tiveram grande representatividade no processo histórico, social, intelectual e político, por conseguinte, enalteciam o respaldo da instituição diante da sociedade da época

Quadro 2 – Períodos e nomes dos diretores da Escola Normal Cearense (1885-1922)¹⁵

PERÍODO	NOMES DOS DIRETORES
1885 - 1891	José de Barcellos
1891 - 1892	Padre Antonio Cândido da Rocha
1892 - 1893	Cônego João Paulo Barbosa
1893	Agapito Jorge dos Santos

¹⁴ Dentre os alunos, enfatiza-se Lino de Sousa Encarnação, natural do município de Ipu que se destacou no meio intelectual e político cearense. Também foi professor da Escola Normal sendo demitido por ser opositor do comendador Acciolly. (CARVALHO, 1998; SILVA, 2001).

¹⁵ O ano de 1884, como é mencionado na nota 09, assumiu a direção Dr. Rufino Antunes de Alencar - Inspetor geral da Instrução Pública (cargo atualmente denominado de Secretário de Educação).

1894 - 1895	Antonio da Silva Fontenelle
1895	Elvira Pinho
1896 - 1900	Valdemiro Cavalcante
1901 - 1902	Benjamim Pompeu Pinto Accioly
1903 - 1906	Antonio Pinto Nogueira Accioly Filho
1907 - 1908	Raimundo Antonio Borges
	Thomaz Pompeu de Sousa Brasil
	Francisco Alves Lima
1913 - 1914	Pompílio Cruz
1914 - 1934	João Hipolyto de Azevedo e Sá

Fonte: adaptado do trabalho de monografia da pesquisadora (2010)

Percebe-se que esses nomes figuram na história cearense pela capacidade intelectual exímia e pelo desempenho de funções exercendo grandes cargos públicos, como políticos (deputado, governador), inspetor geral, escritor, advogado, médico, jornalista, dentre outros. Também alguns alunos do Liceu, posteriormente docente e também professor da Escola Normal. Portanto, os intelectuais que compunham a elite da época eram os que estavam a frente da Escola Normal, situação confortável que colocava esta instituição em um nível de excelência em seu quadro docente e também de diretores.

Outros dados relevantes são mostrados no quadro a seguir, objetivando uma síntese e ao mesmo tempo uma melhor visualização articulando os locais, denominações, períodos e Leis que fizeram parte da história da Escola Normal no período de 1884-1922:

Quadro 3 – Dados sobre nomes, leis e locais da Escola Normal Cearense (1884-1922)

Locais	Nomes	Períodos	Leis
Criada por lei, não foi construída nesse período	Escola Normal	Não funcionou	Lei nº 91 - de 05 de outubro de 1837
Praça José de Alencar	Escola Normal	1884 - 1918	Lei nº 1.790 - de 28 de dezembro de 1878
Escola Fênix Caixeiral	Escola Normal	1918 - 1922	Não houve

Fonte: Guerreiro (2003). Adaptado do trabalho da pesquisadora (2010 e 2014)

Considera-se também relevante destacar a quantidade de normalistas diplomados em cada ano de funcionamento da Escola Normal nesse período, ressaltando que esse recorte temporal compreende os anos em que essa instituição funcionou no primeiro prédio (Praça Marquês de Herval) e Fênix Caixeiral. Abaixo se mostra o quadro com os dados mencionados:

Quadro 4 – Período e quantidade de diplomados (1884-1922)

1884= 7	1889= *	1894= 15	1899= 16	1904=25	1909= 88	1914= 25	1919=14
1885= *	1890= 20	1895= 1	1900= 33	1905= 66	1910= 78	1915=17	1920= 18
1886= 19	1891=16	1896= 16	1901= 46	1906= 69	1911= 68	1916= 18	1921= 22
1887= *	1892= 19	1897= 5	1902=65	1907=80	1912= 35	1917= 22	1922=17
1888= 10	1893: 2	1898= 17	1903= 50	1908=82	1913= 4	1918=19	TOTAL= 1.124

Fonte: adaptado do trabalho da pesquisadora (2010 e 2014). O asterisco significa que não teve nenhum aluno diplomado.

Percebe-se um aumento no número de normalistas diplomados ao longo dos anos, fato esse que implica também no número crescente das matrículas, situação que contribui para que se pensasse em ampliações para a acomodação de um maior contingente de normalistas. Dessa forma, a solução apontada foi a edificação de um prédio próprio para a Escola Normal construído para atender a demanda como parte de uma política de investimento na formação de professores primários.

Conforme Carvalho (1998), Silva (2001) e Guerreiro (2003), o início da construção do segundo prédio próprio (embora a Escola Normal tenha funcionado provisoriamente na Escola Fênix Caixeiral como supracitado) para a Escola Normal do Ceará foi construído na Praça Figueira de Melo (antes denominada de Praça dos Educadores e Praça do Colégio) e data de 11 de agosto de 1922, sob planta do Engenheiro José Gonçalves Justa, na gestão do Presidente Justiniano de Serpa, mas somente inaugurada, em parte, em 1º de agosto de 1923.

A conclusão do Edifício verificou-se no governo interino do Capitão (depois Major) Roberto Carneiro de Mendonça (1931-1934). Neste prédio a Escola Normal funcionou até 1958 e recebeu várias denominações: Escola Normal Justiniano de Serpa (1938 – 1947), Decreto nº 122 – de 22 de março de 1938; Instituto de Educação Justiniano de Serpa (1947 – 1952), Decreto – Lei nº 2.007 de 07 de fevereiro de 1947, Centro Educacional (1958-1960). As fotos abaixo mostram o prédio da Escola Normal Justiniano de Serpa no ano de 1922:



Foto 10 – Escola Normal Pedro II

Fonte: Centro de Memória da Educação – Colégio Justiniano de Serpa
Arquivo pessoal da pesquisadora. Foto tirada em 2013



Foto 11 – Escola Normal Pedro II

Fonte: Centro de Memória da Educação – Colégio Justiniano de Serpa
Arquivo pessoal da pesquisadora. Foto tirada em 2013

Nesse prédio a Escola Normal recebe uma alteração na denominação de seu nome – de Escola Normal de Fortaleza, atribuída nos dois locais onde funcionou na Praça Marquez de Herval e Fênix Caixeiral para Escola Normal Pedro II. Fato importante que corrobora com o prestígio e a tradição a ela atribuída. Mudança ocorrida na gestão do governador vigente em 1924, José Moreira da Rocha, sancionou a Lei nº 2.260 de 28 de agosto de 1925 (*Diário Oficial* de 3/9/1925), que alterava esse nome para “Escola Normal Pedro II” em homenagem ao centenário do Imperador D. Pedro II:

Art. 1º- para comemorar o centenário do 2º Imperador do Brasil, o governo fica autorizado a dar o nome de Pedro II à Escola Normal Pedro II.

Art. 2º - o governo fará aquisição de um retrato do grande imperador, para apor n salão nobre do mesmo estabelecimento.

Art. 3º - revogam-se as disposições em contrário.

A foto posterior mostra a imagem do presidente Justiniano de Serpa junto a uma placa que se encontram afixadas na parede da entrada do atual colégio estadual Justiniano de Serpa, retratando o início da construção do novo prédio, tendo à frente o presidente Justiniano de Serpa em 11 de agosto de 1922, mas devido a sua morte em 1 de agosto de 1923, a primeira parte do prédio foi inaugurada em 23 de dezembro de 1923 pelo seu sucessor presidente Idelfonso Albano; como diretor da instrução pública o prof. Manuel Bergström Lourenço Filho; diretor da escola da Escola Dr. João Hipollyto de Azevedo e Sá. O projeto de construção arquitetado no modelo foi do engenheiro José Gonçalves da Justa e a conclusão do edificio se deu no período de 1931 a 1934 no momento de intervenção com o governo do capitão, depois major, Roberto de Carneiro de Mendonça.



Foto 12 – Placa sobre a Escola Normal e foto de Justiniano de Serpa

Fonte: Colégio Estadual Justiniano de Serpa.

Trabalho da pesquisadora (2010 e 2014)

A foto mostra dados importantes sobre a construção e inauguração de mais um local privilegiado (já mencionados no parágrafo anterior) onde as normalistas poderiam aproveitar de todos os privilégios que a tradicional Escola Normal oferecia para a formação de uma professora preparada para ingressar no magistério com um diploma reconhecido e aprovado pela sociedade. A seguir, apresenta-se uma imagem de uma tela¹⁶ afixada em uma das paredes da sala dos professores do colégio Justiniano de Serpa.

¹⁶ Não se identificou a assinatura do autor como também informações.



Foto 13 – Imagem da tela Afixada na Sala dos Professores

Fonte: Colégio Estadual Justiniano de Serpa. Foto tirada em 2012

Observa-se nesta gravura que o autor reproduziu além da fachada do prédio, parte da praça sendo transitada, predominantemente, por alunas e aqui não se utiliza a expressão “normalistas”, devido aos dados informativos analisados na imagem se reportarem às alunas do curso ginásio. Elas usam farda com camisa branca e saia cor vinho, sendo uma cor bem similar a que está cobrindo as janelas. Um detalhe nas saias é o envolto de duas listas brancas no final do comprimento. E neste sentido, é que se pode inferir que essas alunas que compõem o cenário acima não são normalistas e sim alunas do ginásio que passaram a fazer parte do espaço da Escola Normal no final dos anos 1940. Já as saias das normalistas não tinham este detalhe, ou seja, as duas listas brancas. Já as blusas daquelas alunas se distinguiam das normalistas, pois estas usavam na blusa branca um laço (espécie de gravata “borboleta”), como mostram as falas e fotos a seguir:

*N2 da 3ª. turma – todo mundo só entrava fardado. Era saia vinho abaixo do joelho e a blusinha de cós, branca de manguinha e gravata vinho; sapato preto e meia branca e no cabelo era a vontade, pintura; podia se pintar. **Todo mundo conhecia a farda das normalistas.** Se não fosse de farda voltava a não ser que justificasse, mas era muito exigente. (Grifo da pesquisadora)*

*N3 da 3ª. turma – a farda era a mesma que agente estava usando na Escola Normal, aliás a mesma cor e o modelo era diferente. A saia de pregas, na época a cor chamavam de **grenar** (vinho com pequena diferença), a blusa branca, sapato, meia um calor danado e um laço na blusa. Não me lembro de nenhuma proibição quanto ao cabelo não.*

N4 da 3ª. turma – era saia vermelha mais pra vinho toda pregueada, a blusinha de manga curta com uma gravatinha do tecido do tom da saia, sapato preto acho que lá já era meia branca porque antes era meia preta.



Foto 14 – Grupo de normalistas (1958-1960)

Fonte: arquivo particular da normalista.
Foto tirada no interior do IEC/EN.

Mediante análise das falas e fotos, observam-se detalhes mencionados nas peças que se usavam como farda, saia, blusa, meias e sapatos. Quanto aos cabelos, realmente não se visualiza nenhum modelo padronizado. Ressalta-se ainda a partir da foto a presença de um emblema na blusa, detalhe que não foi mencionado nas falas das normalistas.

Além das informações descritas nas falas acima, enfatiza-se: *todo mundo conhecia a farda das normalistas* (N2 da 3ª. turma), pois assim como o prédio tem seu valor simbólico a farda também exerce grande poder, visto que traz um conjunto de elementos que expressam a ideia de um lugar, ideologia, valores, enfim, uma tradição, que no caso das normalistas, se tornava motivo de orgulho para quem usava e pelo reconhecimento que a sociedade retribuía. Balandier (1997, p. 37 enfatiza que a tradição “[...] é uma herança que define e mantém uma ordem ao apagar a ação transformadora do tempo, só retendo os momentos fundadores dos quais tira sua legitimidade e sua força”.

A foto posterior retrata a frente do local onde sediou a Escola Normal Pedro II, mas já se pode ver na parte central acima da porta o nome Colégio Estadual Justiniano de Serpa¹⁷, criado por determinação da Lei nº 4.743 de 15 de março de 1960. Confrontando este prédio da foto abaixo com o da foto 13, percebe-se uma conservação na estrutura do prédio.



Foto 15 – Entrada do Colégio Estadual Justiniano de Serpa
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.
 Trabalho da pesquisadora (2010 e 2014)

Após a conclusão do edifício da Escola Normal na Praça Filgueiras de Melo, no período de 1931 a 1934 como já mencionado, ela continuou funcionando até o ano de 1958 conforme Decreto nº 1.503 de 07 de janeiro de 1952. Neste período foram diplomadas 2.001 professoras, resultado que corrobora na estabilidade dessa Escola de se estabelecer como uma tradição na formação de professoras primárias (CARVALHO, 1998), como mostra o quadro a seguir:

Quadro 5 – Período e quantidade de diplomados (1923-1958)

1923= 11	1929=15	1935= 48	1941= 155	1947=32	1953=50
1924= 24	1930= 24	1936=54	1942=51	1948=34	1954=52
1925= 10	1931= 21	1937= 112	1943= 50	1949= 35	1955= 85
1926= 3	1932=20	1938= 98	1944= 49	1950= 39	1956= 97
1927= 13	1933= 28	1939= 145	1945=51	1951=50	1957= 109
1928= 17	1934= 38	1940= 160	1946= 48	1952= 52	1958=121
TOTAL					2.001

Fonte: adaptado do trabalho da pesquisadora (2010 e 2014)

Analisando o quadro acima em detrimento do anterior que mostra a quantidade de normalistas diplomadas de 1884-1922, totalizando 1.124, visualiza-se um crescente aumento nos números, fato diretamente relacionado ao aumento na quantidade de matrículas. Acontecimento que contribuía para elevar o conceito da Escola Normal. Um ponto relevante merece ser

¹⁷ Atualmente é uma instituição de ensino médio profissionalizante.

destacado, por contribuir diretamente com o aumento dos professores diplomados e matrículas, trata-se do quadro docente e também de gestores que continuavam com a tradição de pessoas ilustres e de prestígio intelectual como mostra o quadro abaixo com os períodos e nomes dos diretores de 1923- 1958):

Quadro 6 – Períodos e nomes dos diretores da Escola Normal (1923-1958)

PERÍODO	NOMES DOS DIRETORES
1914 - 1934	João Hipolyto de Azevedo e Sá
1934 - 1935	Edite da Costa Braga
1935 - 1936	Luiz Costa
1937 - 1938	Amâncio Philomeno Gomes
1939 - 1951	João Hipolyto de Azevedo e Sá
1951	Antonio Filgueiras Lima
1951 - 1954	José Valdivino de Carvalho
1955 - 1958	José Teixeira de Freitas

Fonte: Trabalho da pesquisadora (2010 e 2014)

Ainda neste endereço e período (Praça Filgueiras de Melo de 1923-1958), a Escola Normal vivenciou vários fatos históricos que influenciavam as ações implementadas pelas políticas públicas educacionais que interferiram no processo histórico dessa instituição, tais como: Era do Coronelismo no final dos anos 1920 e, nesta década as Reformas Educacionais¹⁸, formação de partidos políticos em 1934, Segunda Guerra Mundial (1945), Era Vargas (1930-1945).

Enaltecendo o prestígio e tradição da Escola Normal e já com a denominação Escola Normal Pedro II, no dia 26 de janeiro de 1934, sediou o VI Congresso Nacional de Educação que aconteceu em Fortaleza e para o sucesso desse evento foram tomadas duas medidas: a construção de um auditório e a irradiação dos discursos e conferências para a Praça, ideia do Dr. Beni de Carvalho e o Diretor da Instrução Pública. Estiveram presentes grandes nomes, dentre eles: D. Helder Câmara, o desembargador Abner de Vasconcelos, Dr. João Hippolyto de Azevedo e Sá, Dr. Beni de Carvalho e Dr. Moreira de Sousa. Posteriormente, de 2 a 8 de fevereiro sediou a VI Conferência Nacional de Educação (CARVALHO, 1998).

¹⁸ A primeira reforma de ensino aconteceu em 1920 (Sampaio Dória em São Paulo), 1922-1923 (Lourenço Filho no Ceará), 1924 (Anísio Teixeira na Bahia) e 1925-1928 (José Augusto Bezerra de Menezes no Rio Grande do Norte), 1927-1928 (Lisímaco Costa no Paraná e Francisco Campos em Minas Gerais), por fim, 1927-1930 (Fernando Azevedo no Distrito Federal).

Ressaltando as reformas de ensino que objetivavam a melhoria da educação, agora priorizando a melhoria da qualidade da educação primária, no final da década de 1940 o governo federal cria a Lei Orgânica do Ensino Normal – Decreto-Lei nº 8.530 de 2 de janeiro de 1946 (BRASIL, 1946) que estabeleceu diretrizes para o funcionamento desse ensino, trazendo também grandes mudanças, tanto para a Escola Normal no tocante ao funcionamento devido a ampliação no número de alunos que freqüentariam o mesmo espaço, como para a oferta de curso de formação para profissionais da educação, não mais se restringindo somente à formação docente. Retornar-se-á a este assunto posteriormente.

Em consonância com esse Decreto-Lei, são finalidades do ensino normal em nível de 2º grau especificadas no artigo 1: “promover a formação do pessoal docente necessário às escolas primárias; habilitar administradores escolares destinados às mesmas escolas e, desenvolver e propagar os conhecimentos e técnicas relativas à educação da infância”. Fundamentado nessas finalidades, no capítulo III (artigo 4º - §1º ao § 4º) foram discriminados os tipos de estabelecimentos do ensino normal:

Artigo 4º três tipos de estabelecimentos de ensino normal: o curso normal regional, a escola normal e o instituto de educação:

§1º Curso normal regional será o estabelecimento destinado a ministrar tão somente o primeiro ciclo de ensino normal;

§2º Escola normal será o estabelecimento que, além de dar o curso de segundo ciclo desse ensino, e ciclo ginásial do ensino secundário; (grifo da pesquisadora)

§3º Instituto de educação será o estabelecimento que, além dos cursos próprios da escola normal, ministre ensino de especialização do magistério e de habilitação para administradores escolares do grau primário.

§4º Os estabelecimentos de ensino normal não poderão adotar outra denominação senão as indicadas no artigo anterior, na conformidade dos cursos que ministrarem.

Parágrafo único: É vedado a outros estabelecimentos de ensino o uso de tais denominações, bem como o de nomes que incluam as expressões normal, pedagógico e de educação.

Tomando-se como parâmetro a vigência dessa lei, precipuamente descrito no § 2º acima destacado, houve uma superlotação no espaço físico devido o contingente de alunos do ginásio e secundário. Fatos que contribuíram para que a formação de professoras primárias, isto é, das normalistas fosse se delineando sob novas perspectivas. Ainda no ano posterior da vigência dessa lei acontece a retirada do nome “Escola Normal” permanecendo “Instituto de Educação” como mostra o quadro a seguir.

Quadro 7 – Dados sobre nomes, leis e locais da Escola Normal Cearense (1923 -1958)

Locais	Nomes	Períodos	Leis
Praça Filgueiras de Melo	Escola Normal de Fortaleza	1923 - 1925	Inaugurada em 23 de dezembro de 1923
Praça Filgueiras de Melo	Escola Normal Pedro II	1925 - 1938	Lei nº 2.260 - de 28 de agosto de 1925
Praça Filgueiras de Melo	Escola Normal Justiniano de Serpa	1938 - 1947	Decreto nº 122 – de 22 de março de 1938
Praça Figueira de Melo	Instituto de Educação Justiniano de Serpa	1947 - 1952	Decreto-Lei nº 2.007 – de 07 de fevereiro de 1947
Praça Filgueiras de Melo	Instituto de Educação do Ceará	1952 - 1958	Decreto nº 1.503– de 07 de janeiro de 1952

Fonte: Guerreiro (2003). Adaptado do trabalho da pesquisadora (2010 e 2012).

Grifo da pesquisadora.

Essas modificações norteadas pela vigência da lei Orgânica do Ensino Normal (BRASIL, 1946) ocasionaram uma situação de superlotação na Escola Normal devido ao aumento da clientela, por conseguinte, diversos problemas para o funcionamento da instituição, tais como: salas com excesso de alunos, barulhos, falta de higiene e perda do poder de decisão dos professores da Escola Normal por estar em menor número etc. Neste momento, a Escola Norma, já se denominava “Instituto de Educação”,

Esses problemas geraram discussões e levou o governo da época, Stênio Gomes da Silva no ano de 1955, a tomar uma decisão que resultou na assinatura de um convênio, em 4 de dezembro de 1954 com o Instituto Nacional de Pedagogia (INEP)¹⁹ denominação na época, atualmente Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Nacionais Anísio Teixeira para a construção de um Centro Educacional em Fortaleza, utilizando recursos financeiros federais. (GUERREIRO, 2001). Esta decisão culminará na transferência da Escola Normal, Jardim da infância e Escola Modelo para o bairro de Fátima, assunto que será explicitado posteriormente e que já estará dentro do recorte temporal desta pesquisa, portanto, em 1958-1960.

¹⁹ Vale ressaltar que o INEP em 1957 teve uma participação ampla na melhoria da educação cearense construindo, fornecendo material didático e equipamentos para vários municípios em área urbana e rural. Foi criado, por lei, no dia 13 de janeiro de 1937, sendo chamado inicialmente de Instituto Nacional de Pedagogia. O ano de 1944 foi importante para o Inep, principalmente devido ao lançamento da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP), que ocorreu no mês de julho. Em 1972; foi transformado em órgão autônomo, passando a denominar-se Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Disponível em <<http://portal.inep.gov.br/institucional-historia>>. Acesso em janeiro de 2014.

2.3 A Tradicional Escola Normal Chega ao Bairro de Fátima

Retomando a questão da superlotação no prédio da Escola Normal agora com a denominação Instituto de Educação Justiniano de Serpa, ainda no endereço da Praça Filgueiras de Melo, a solução apontada para a Escola Normal é que ela seria inserida em um complexo arquitetônico denominado de Centro Educacional construído para esse fim mediante um convênio assinado em 1954, pelo governador cearense Paulo Sarasate²⁰ eleito pelo partido União Democrática Nacional (UDN), tendo como vice-governador Flávio Marcílio e como diretor do INEP Anísio Teixeira (1952-1964), que teve seu trabalho interrompido no Golpe Militar neste último ano.

Para se compreender essa proposta firmada da criação de um Centro Educacional é relevante sinalizar a contribuição de Anísio Teixeira para a educação, vivenciada em sua trajetória de estudo e trabalho dedicado a esse fim, destacando-se: a função de secretário de educação no Rio de Janeiro (1931-1935) e na Bahia (1947-1951) acumulando experiências sobre a gestão e políticas educacionais; como diretor do INEP (1957-1964) sendo afastado no período militar, o que lhe permitiu colocar em prática a sua concepção de educação, como exemplo, menciona-se a construção do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, localizado no bairro da Liberdade em Salvador, conhecido por “Escola Parque”.

Esta obra representou seu ideário de estrutura e funcionamento para a educação. Contudo, não foi uma tarefa fácil e causou muitos debates e empecilhos na época, pois a implantação desses Centros representava uma nova forma de instituição escolar, por conseguinte, mudanças no funcionamento de se pensar as políticas públicas, o trabalho de gerenciar a escola, o desenvolvimento do trabalho pedagógico e as formações de professores e alunos.

Dentre as propostas do autor, para se ter uma educação de qualidade, deveria conter os seguintes elementos: a arquitetura do prédio, porém não no sentido de embelezamento, mas de conforto e condições adequadas para o desenvolvimento do trabalho escolar; a preocupação com a

²⁰ Em relação ao Ensino Normal no Ceará o governador vigente Paulo Sarasate aprovou o Decreto nº 4.410 de 26 de dezembro de 1958 que regulamentava os tipos de estabelecimentos, atendendo à complexidade dos cursos e níveis de aperfeiçoamento exigidos em Lei nacional, portanto, teria um Decreto para reger essa adequação. E no ano seguinte, o governador em exercício Parsival Barroso aprova o Decreto ° 3.662 de 21 de março de 1959, o Regulamento que estabelecia que o Ensino Normal era ramo do Ensino de Segundo grau, tendo como finalidade formar, cultural e profissionalmente o corpo docente das escolas primárias do Ceará. Além dessa função ofertaria os cursos: Primário, Ginásial, Clássico e Científico. (CARVALHO, 1998).

educação primária como momento primordial para o desenvolvimento da criança e uma educação destinada a todos, priorizando os mais pobres que tinham somente a escola como meio de formação.

A construção desse pensamento de Anísio Teixeira sobre a educação está relacionada à sua formação educacional em colégio religioso, viagens internacionais a Europa e Estados Unidos e sua aproximação com John Dewey de quem absorveu as categorias reconstrução e pragmatismo²¹ adequando-as ao seu pensamento. O fragmento abaixo, retirado de seu discurso proferido em 1950²², na inauguração do Centro Educacional Carneiro Ribeiro (Escola Parque) mostra um pouco de sua proposta:

Tracejei, então, o plano dêste Centro que V. Ex.^a ordenou fôsse imediatamente iniciado. A escola primária seria dividida em dois setores, o da instrução, prôpriamente dita, ou seja da antiga escola de letras, e o da educação, propriamente dita, ou seja da escola ativa. No setor instrução, manter-se-ia o trabalho convencional da classe, o ensino de leitura, escrita e aritmética e mais ciências físicas e sociais, e no setor educação – as atividades socializantes, a educação artística, o trabalho manual e as artes industriais e a educação física. (Sic).

Observando a citação percebe-se a preocupação do autor com uma formação holística do educando voltada não só para o aprendizado das letras no sentido de instrução, mas também a presença da dimensão trabalho, leitura, atividades artísticas e o desenvolvimento corporal através da educação física, portanto, uma educação integral. Dando continuidade ao discurso Anísio Teixeira sinaliza também para a questão do espaço físico ao mencionar:

a escola seria construída em pavilhões, num conjunto de edifícios que melhor se ajustassem às suas diversas funções. Para economia tornava-se indispensável que se fixasse um número máximo para a matrícula de cada centro. Pareceu-nos que 4.000 seria êsse número, acima do qual não seria possível a manipulação administrativa. (Sic).

Era nessa concepção de Centro Educacional que teria sido acordado entre o governo cearense e INEP, sendo custeado por recursos federais e seria composto por 15 (quinze) unidades tornando-o um complexo de grande porte: Administração, Escola Secundária, Escola Normal, Escola de Aplicação, Escola de Artes Plásticas, Pavilhões de Exposições, Oficinas, Escola de Música e Dança, Restaurante, Biblioteca, Piscina, Arquibancadas, Palanque, Ginásio e Serviço Médico e Dentário.

²¹ Sobre o assunto, sugere-se a leitura Nunes, Clarice. *Anísio Teixeira*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 152 p. (Coleção Educadores) e no site <<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/dediscurso.htm>> estão disponíveis várias obras do autor.

²² Pesquisa efetivada no site <<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/dediscurso.htm>>. Acesso em 19/09/2013.

Considera-se uma solução muito eficaz, mas em Fortaleza não se concluiu. Fato que cessou o sonho de Anísio Teixeira da realização de um ideal para a melhoria da qualidade da educação cearense. Houve alteração no projeto elaborado pelo INEP no que se refere, sobretudo, a estrutura física e tamanho do terreno. O local²³ em que deveria ter sido construído o Centro Educacional deveria ter sido o que foi acordado entre o INEP e o Estado representado pelo então governador Stênio Gomes da Silva (1955) nas proximidades da Cidade dos Funcionários em uma área de 24 (vinte e quatro) hectares²⁴. (GUERREIRO, 2003).

Posteriormente, esse governador anuncia a escolha pelo local do Bairro de Fátima com apenas 4 (quatro) hectares que foi justificada pelo acesso e facilidade ao Centro da cidade, fato que sanou a possibilidade de construção de um Centro com as proporções do edificado em Salvador. Mas esta opção pelo terreno gerou vários embates registrados em jornais da época que discutiam vários aspectos que inviabilizavam a construção no local determinado, dentre elas, as condições precárias do terreno. A transferência da Escola Normal e do curso primário repercutiu também nos jornais da época fato já citado. Na matéria: “Transferência para o Centro Educacional; os cursos primário e Normal do Instituto de Educação (*Tribuna do Ceará*, 21/02/1958), traz o seguinte teor:

Em reunião realizada anteontem, no palácio da Luz, o exmo. Governador do Estado, dr. Flávio Portela Marcílio, homologou a decisão da Congregação do Instituto de Educação Justiniano de Serpa consoante dos seguintes atos: 1º - transferir, para o Centro Educacional, os cursos primário e Normal do Instituto de Educação; 2º criar, no Instituto de Educação Justiniano de Serpa, o 2º ciclo secundário ou curso colegial, para o que serão abertas imediatamente as matrículas. Essa decisão foi tomada a fim de permitir o aumento das matrículas nos cursos do Instituto de Educação e, conseqüentemente, o funcionamento dos mesmos cursos em ambiente que comporte o funcionamento regular das classes que foram acrescidas.

Em resposta a essa decisão no dia seguinte no mesmo jornal (*Tribuna do Ceará*, 22/02/1958) a congregação do Instituto de Educação se posiciona:

²³ A Reforma de Ensino Normal do Ceará teve um grande articulador, o professor Lauro de Oliveira Lima, também professor da Escola Normal desde 1955 ministrando a cadeira de Pedagogia. Participou como membro da comissão sobre as negociações da escolha do local que sediaría o Centro Educacional Cearense e sobre esse assunto dissertou o seguinte depoimento: “Fui voto vencido na comissão. Predominou a opinião do Dr. Filgueiras Lima, que preferiu o local onde hoje está construído o Centro. Dois proprietários ofereceram 24 hectares ao governo (área mínima exigida pelo INE): um em Mondubim (7 ou 8 Km da Praça do ferreira em linha reta) e outro, próximo à Cidade do Funcionário (Sic) (na linha Messejana, mais ou menos a mesma distância). Preferiram comprar bem caro este „fundo de quintal“”. (LIMA, Um Grito 1961). Citação também destacada no estudo de Guerreiro (2003, p. 96) que acrescenta a informação do preço do terreno ter sido Cr\$ 1.800.000,00.

²⁴ Unidade de medida agrária, equivalente a cem ares ou um hectômetro quadrado. (FERREIA, 1999). Transformando-se em metro: 1 ha = 10.000 metros quadrados.

Já manifestamos o nosso ponto de vista contrário à decisão tomada pela Congregação do Instituto de Educação Justiniano de Serpa quanto a transferência para o prédio do centro Educacional, localizado no bairro de Fátima dos cursos primário e Normal. E, agora, quando o senhor governador do estado deu sua aprovação àquela decisão, ainda é o mesmo o nosso pensamento.

Ainda sobre essa matéria do jornal Tribuna do Ceará, 22/02/1958 é importante ressaltar a oposição no tocante à transferência do curso primário para o novo endereço no bairro de Fátima:

Não agiríamos do mesmo modo com relação ao curso primário do Instituto de Educação, porquanto este por sua natureza, como campo experimental de atividades pedagógicas, deve ter matrícula limitada. A sua ampliação só se justifica se os Grupos Escolares que, estes sim, devem ter instalações suficientes para receberem o maior número possível de alunos de ambos os sexos, competindo ao governo tudo enviar no sentido de fazer convergir para esses estabelecimentos de ensino a confiança e a preferência dos pais de alunos.

[...] Aos reclamos que se levantam de tantos lares, contra a decisão precipitada, tem a sua razão de ser. O Instituto de Educação recebe, desde muito, grande número de crianças já ambientada ao ritmo de sua vida escolar, a maior parte ainda de pequena idade que encontrariam dificuldades para se locomoverem a um bairro distante do centro da cidade.

Continuando a mostrar a repercussão da transferência destacando o curso primário em outra matéria “Inconveniente a transferência do Curso primário do Instituto de Educação: medida errada e contraproducente que irá ferir os direitos da maioria”. (TRIBUNA DO CEARÁ, 21/02/1958). Entrevista do deputado Francisco Vasconcelos de Arruda assinala:

[...] Quanto à transferência do curso normal para o Centro Educacional, considere efetivamente, uma necessidade. No entanto. A transferência do curso primário é, por demais inconveniente, uma vez que quase todas essas crianças residem na zona do Instituto de Educação.

Essa preocupação aqui mencionada no que se refere à transferência das crianças realmente se tornou um grande problema devido à falta de ônibus, precariedade da estrada e a distância que elas enfrentariam até chegarem ao novo endereço. A fala a seguir retrata um momento presenciado já no endereço do bairro de Fátima:

N1 da 2ª. turma vi uma criança passar mal quando eu tive lá na secretaria pra pegar alguma coisa e vi uma criança deitada assim e perguntei o que tinha a criança e disseram que ela tinha passado mal dentro do ônibus, que tinha vomitado e tinha lá um padre sacramentino que estava fazendo uma visita, então ele comentou uma criança dessa vem lá do Mucuripe pra ter aula aqui na Treze de Maio? Porque tinham tirado

as crianças? Exatamente para acompanhar as professorandas nas práticas com as crianças, então as crianças que moravam no Mucuripe e que tinham aulas no Justiniano de Serpa era mais justo e perto, mas foram para a Treze de Maio. Elas tinham que tomar dois ônibus pra irem pra lá, então passavam mal.

No *Jornal O Povo* (30/04/1960), se referindo à questão geográfica do terreno, foi publicada uma carta do professor Américo Barreira na qual chamou atenção para as condições em que se encontrava a instituição:

o edifício do Instituto de Educação Justiniano de Serpa está situado na região mais baixa e úmida do antigo Parque Ubirajara, ao Sul da Avenida Treze de Maio. É uma construção ainda inacabada... Não adianta criticar aqui a péssima localização do prédio, já que o caso, no momento, é irremediável.

Complementado essa ideia é importante trazer a fala da professora Neli, entrevistada por Guerreiro (2003, p. 97) que enfatiza uma postura de dois professores do Instituto de Educação: “[...] eu me lembro que o professor Américo e o professor Lauro disseram que o terreno era muito insalubre, tinha muita água, muito mato. Ainda hoje o pessoal que mora lá se queixa muito de muriçoca”.

Ainda se debruçando sobre o assunto da localização onde foi construído o IEC/EN ressalta-se a fala apresentada pelo diretor do Arquivo Público Intermediário, que traz mais elementos que ajudam a se pensar na reconstrução da imagem desse local onde foi edificado a prédio:

era uma fazenda muito grande e perto dela só tinha aproximadamente umas 10 (dez) casas, creio que seja da família do Stelio. Eu gostava muito era de azeitona roxa grande, carnuda, mas lá também tinha oiti, manga, caju. Eu e meu irmão brincávamos muito e comíamos as frutas, mas tinha que ter cuidado com os vigias que usavam espingardas com tiro de sal grosso. Doía muito, ardia muito era como se pegasse uma mão cheia de sal e jogasse de perto na gente. Um dia meu irmão pegou uma doença, eu tinha entre 17 e 18 anos e meu irmão 14 anos, era uma doença no fígado chamada oneronefrite (não sei bem se o nome é este) por que lá era muito cheio de mato.

Percebe nas falas uma confluência na articulação dos discursos uma vez que retratam um ambiente com árvores, situado em local baixo, úmido e a presença de mato mostra também que era um terreno propício a alguns animais como foi destacado e com parte ainda apresentando sinais da não interferência humana.

Nesta última fala o autor ainda acrescenta dados sobre a segurança do local com uma espingarda que funcionava com bala de sal grosso. Pode-se inferir que não se tinha a intenção de

matar, mas de assustar e afastar a quem se aventurasse entrar no local e pegasse alguma das frutas, por exemplo. Sobre esse assunto a foto e a fala a seguir elucidam dados sobre o ambiente dentro e no entorno da escola.



Foto 16 – Normalistas do curso (1958-1960)

Fonte: arquivo da normalista²⁵.

N2 da 3a. turma - Não tinha calçamento, lá no prédio da escola era bem deserto mesmo, tinha muito mato. Eu não me lembro de árvores com frutas. Sim, tinha muita manga, tinha muita mangueira. [...] lá tinha muitas vacas. Mais essa parte de cobra, essas coisas devia ter porque tinha muito mato, muito mato mesmo e ela era muito distante da pista, não era na frente da Treze de maio, era lá atrás, bem atrás como hoje é. Depois começaram a fazer as casas, casas muito boa, bonitas na época, mas era muito distante a escola a gente ia de ônibus Joaquim Távora, ele fazia o percurso todinho, no começo era até a pista, depois como tinha muitos alunos ele entrava até a escola. (Destaque da pesquisadora)

As condições do terreno não eram satisfatórias, problema que se estendia para o entorno da escola, uma vez que somente no ano de 1958 é que se iniciou o processo de desenvolvimento de construções de residências próximas da Escola ou mais afastadas. O bairro de Fátima teve como marco a edificação do santuário de Nossa Senhora de Fátima²⁶, atual

²⁵ “Esta também é uma foto tirada fora da escola, do lado da escola. Sou eu e uma colega de classe que mora hoje no Morro Branco, ela foi diretora em Morro Branco é bem destacada, ela é de uma família bem destacada. Era uma aluna excelente e uma amiga excelente eu me dava muito bem com ela. Ela era que tinha máquina, na minha época era muito difícil o pessoal ter máquina, nem todo mundo tinha uma máquina fotográfica e ela sempre tirava fotos da gente. Era muito boa”.

²⁶ O Santuário de Fátima passou à categoria de paróquia, mudando a denominação para Igreja de Nossa Senhora de Fátima, em 14 de setembro de 1955, através do Decreto nº 105 pelo arcebispo de Fortaleza D. Antonio de Almeida Lustosa.

paróquia que deu origem ao nome do bairro a partir de 1956. Sobre este assunto Jucá (1993, p. 39) assinala que:

a avenida 13 de Maio encontrava-se aberta em 1950. Embora não seguisse à risca o plano urbanístico da cidade, mesmo assim esperava-se que a nova avenida fosse ocupada por boas residências. Dois anos depois, foi autorizada pela Câmara a ligação das ruas Jaime Benévolo e Barão de Aratanha com a 13 de Maio. A partir de 1956, passou a ser chamado Bairro de Fátima, outrora denominado Redenção, embora se tornasse mais conhecido como 13 de Maio.

O neto do coronel Pergentino Ferreira, que foi o doador do terreno para a construção dessa igreja, portanto, um dos responsáveis pelo povoamento e crescimento do bairro, em entrevista citou que uma das propriedades da família era o sítio “Canadá” localizado vizinho ao sítio “Gameleira” (infelizmente não se localizou nenhuma foto) e, segundo suas informações, local onde foi construído o prédio do IEC/EN, mas que não fazia parte das propriedades da família. Contudo, apresentava características similares: era uma vacaria (prática muito utilizada na época), tinha muitas árvores, terreno baixo e alagadiço como mostra a foto a seguir.



Foto 18 – Parte do Sítio Canadá

Fonte: acervo do neto do Cel. Pergentino Ferreira. Foto tirada em 1954.

Nesta mesma entrevista, ele ressaltou algumas informações sobre a foto que ajuda a visualizar e acompanhar o desenvolvimento do bairro de Fátima, mostrando o início de seu surgimento. A pesquisadora priorizou os seguintes trechos da fala:

A entrada do sítio Canadá era do lado da Igreja de Fátima porque o terreno da igreja foram os meus avós quem doaram e aí foi que surgiu o bairro de Fátima. [...] Já o sítio Gameleira que começava já na Luciano Carneiro que se estendia já em direção ao Centro.[...] A igreja de Fátima está dentro da área do sítio Canadá porque as terras do

sítio começavam no meio do quarteirão antes de chegar na igreja ia pela base aérea e vinha até aqui porque nesta linha aqui era do Parião e do meu bisavó, pai da minha avó, o Parião era cunhado de meu bisavó, então a minha família já estava estabelecida aqui há mais tempo, então ele começou a comprar essas terras.

Mesmo após a construção do prédio ainda era muito precária as condições do bairro que iniciava seu povoamento. Em algumas falas as normalistas se reportaram e descreveram como era o caminho percorrido, apontando lugares, o nome do ônibus, enfim, o que percebiam durante essas viagens de idas e vindas no percurso para a escola:

N1 da 2ª. turma - fomos de ônibus Treze de maio da empresa São Francisco. Uma colega nossa, o namorado dela era sobrinho do dono da empresa e fazíamos uma farra. Naquela época, na Treze de maio, só existia a igreja; a casa dele que era aquela casa bonita do exército do lado de cá e tavam começando as construções bonitas da Treze de maio, mas não tinha quase nada.

N3 da 3ª. turma - eu sempre ia de ônibus, no ônibus Bairro de Fátima. Ele passava na porta, mas a empresa eu não sei qual era. Eu sei que a gente, hoje é na Cidade da Criança nessa época era na rua Visconde do Rio Branco. Eu me lembro mais ou menos qual era a empresa os ônibus eram marrom parece que era empresa São Severino, se não me engano. A igreja de Fátima permanecia fechada na hora das aulas e já tinha calçamento no caminho pra escola. A Escola ficava na Rua Napoleão Laureano, o ônibus parava no portão dessa rua.

Pela leitura dos dois trechos, observa-se a sinalização das falas para o relato do que elas percebiam no trajeto de casa até a escola, ressaltando o limiar das construções bonitas no bairro de Fátima, da Igreja de Fátima, a localização da escola e algumas informações sobre os ônibus de que se utilizavam nesse percurso.

Esse trajeto se tornava ainda mais distante, devido às condições da estrada, na maioria sem calçamento, por conseguinte, ocasionando problemas, por exemplo, no deslocamento das normalistas e de todos os alunos, funcionários, professores, enfim no percurso de suas casas até a Escola, sobretudo quem usava os ônibus e devido ao carro ser um artigo de luxo, a maioria necessitava dos serviços de transportes públicos.

Em relação às normalistas, o problema se estendia para dentro da sala de aula no que se refere à disciplina do horário de entrada em sala de aula. *N2 da 3ª. turma - tinha aluna que morava depois de Messejana que era muito longe na época, então ela vinha à cavalo pra Messejana pra conseguir pegar o ônibus de 5 horas pra ir para a escola.* Outro problema destacado era a escassez de ônibus que circulasse até a escola, ocasionado pelas condições

precárias das estradas. Os ônibus paravam na Avenida Treze de Maio e as normalistas seguiam a pé por uma estrada de areia:

N4 da 3ª turma - então nós íamos e o acesso era difícil porque naquela época era longe e nós não tínhamos transportes até a escola. O transporte só passava até a Treze de maio, o ônibus parece que era Joaquim Távora. Agente pegava ali na rua acho que era Pedro Borges em frente à loteria. Eu morava na Rua Tereza Cristina e saía até lá pra pegar o ônibus e ia cedo porque a primeira aula era 7h.

Porém, com o fato de nesses ônibus os passageiros serem em grande maioria pertencentes ao IEC/EN, posteriormente, alguns ônibus passaram a entrar até próximo da escola. Tempo em que as estradas foram melhorando seus aspectos devido ao desenvolvimento do bairro, fato respaldado na fala da N2 da 3ª turma – o ônibus vinha lotado vinha mais normalistas até que o ônibus passou a entrar, porque passageiro comum era muito difícil.

Em relação ao transporte urbano de Fortaleza, após a extinção dos serviços de bondes em 19 de maio de 1947, a população passou a utilizar os ônibus e camionetas, porém serviços sem qualidade, ocasionando muitos problemas aos usuários. Para compreender melhor o panorama situacional na década de 1950, se traz a contribuição de Jucá (1993, p. 97):

Na primeira metade da década de cinqüenta, as camionetas e ônibus continuavam mal conservados, sem conforto em sua maioria, com bancos rasgados, molas gastas, e só partiam do centro quando completavam a lotação. As medidas fiscalizadoras do Governo continuaram prejudicando os usuários, pois proibira-se o serviço de auto-lotação nas proximidades das paradas de ônibus. Os bairros mais pobres eram servidos por ônibus velhos e camionetas adaptadas ao transporte e, alguns bairros, como Nova Floresta, só dispunham de um ônibus para atender os moradores.

Considera-se relevante ressaltar, ainda, o pensamento do autor em página seguinte (1993, p. 101), para enfatizar a situação dos transportes já no ano de 1960, período em que as normalistas faziam uso do transporte coletivo no deslocamento para a escola:

O déficit de transporte coletivo em Fortaleza decorria da exígua renovação dos ônibus, do crescimento populacional e, conseqüentemente, de um maior número de locais distantes a serem atendidos. [...] em 1960, havia 403 veículos circulando em 87 linhas. A crise dos transportes continuou a agravar-se na cidade com a população calculada em 450.000 pessoas. 43 dos ônibus eram classificados como calhambeques e apenas 69 considerados de primeira classe, os chamados “gostosões”, de carrocerias amplas com capacidade para 35 passageiros. Os de segunda classe, do tipo médio, somavam 291, com acomodação para 32 passageiros. Havia 43 considerados de terceira classe, com motores e carrocerias bastante estragados.

Além da citação de elementos já mencionados nas falas anteriores como: a distância para se chegar à escola, dificuldades com os ônibus, as condições em que se encontrava o terreno onde foi construído a escola, o início das construções das casas em torno da escola. A fala a seguir traz um dado novo quando a normalista faz uma comparação do percurso que elas tinham que fazer até a chegada na sua sala de aula, representando o “moderno” se referindo a “Brasília” (em frente ao 23 BC) e o “antigo” correlacionando ao “Rio de Janeiro” em relação ao “fundo do terreno” por apresentar ainda resquícios do local quando ainda era um sítio, possuía vacaria e tinha árvores frutíferas. Informações já reveladas, mas novamente enfatizada pela aluna:

*N2 da 3a. turma - o ônibus era da Treze de Maio, mas a escola era muito distante muito deserto na época os fundos da escola era uma vacaria, chamava a escola que era nova, de Brasília. Brasília era do outro lado em frente ao 23 BC. Era porque era na época que estavam construindo Brasília era o prédio porque a escola é grande lá ai você vinha, vinha, vinha para o outro lado pra nossa turma que funcionava lá ai a gente dizia vamos pra Brasília. **Brasília era mais moderno e o Rio de Janeiro o lado mais antigo e era de fundo com a vacaria.** (Grifo da pesquisadora).*

Esse assunto será retomado. Retornando ao ano de 1958 e tendo como foco à mudança de nomes da Escola Normal, além dos já mencionados nos outros prédios, quando se chega ao bairro de Fátima, ainda acontecem mais variações, fato que confunde muitas pessoas, pois é a mesma escola, porém com nomes diferentes.

Será mostrado 2 (dois) momentos: i) Uma possível justificção para a mudança de nomes e a outra ii) uma reflexão sobre o efeito da causa de mudar o nome. No primeiro reportando a uma comparação com os nomes de ruas e avenidas que, pela mudança de nome na mesma rua ou avenida, causa confusões é o caso por exemplo da Avenida Duque de Caxias, Heráclito Graça, Júlio Ventura sendo a mesma avenida.

Dessa forma, pode-se apontar que essas mudanças tanto dos nomes da Escola como da avenida podem ser vistas do contexto da historiografia a partir da peculiaridade da perspectiva histórica tradicional de homenagear os “grandes heróis”, chamando atenção para o fato de as homenagens serem direcionadas a pessoas influentes que exercem uma função de destaque na sociedade seja em âmbito político, econômico, cultural ou social. Em relação à Escola Normal se exemplifica o caso da mudança para “Escola Normal Pedro II” em homenagem ao centenário desse imperador.

Essa confusão se instaura também sobre a Escola Normal devido a essas mudanças de nomes e aqui já se pontua o segundo momento que seria a causa dessas mudanças. Outro

exemplo que se torna oportuno e que, ao mesmo tempo contribui para essa reflexão, aconteceu nos momentos de visita às escolas - campos de estágio – quando esta pesquisadora era docente dessa instituição (2004-2010).

As pessoas ficavam surpresas ao saber que o grupo de alunos eram da Escola Normal, mesmo usando a farda com a denominação IEC. Logo surgia o questionamento: ainda existe a Escola Normal? Esta não é outra escola? Considera-se que o fato da retirada do nome da denominação da escola fez com que muitas pessoas não vissem a continuidade da tradição da primeira Escola Normal nos dias atuais.

Esse dado foi comprovado em um trabalho da pesquisadora apresentado nos Encontros Universitários da UFC (2013), intitulado *A visão dos alunos do curso de Pedagogia da UFC sobre a Escola Normal*. que apontou como resultados que a maioria dos alunos entrevistados do curso de Pedagogia da UFC, embora tendo uma proximidade em relação aos prédios da faculdade de educação localizada à rua Marechal Deodoro e o IEC/EN à rua Graciliano Ramos eles pontuaram que desconheciam essa Escola Normal atual e somente sabiam alguns aspectos da Escola Normal até o endereço da Praça Filgueiras de Melo e, nesse endereço, ainda se usou a denominação Escola Normal no nome.

A fala a seguir, da normalista do curso de 1958-1960, ilustra um momento de divergência de informações instauradas pelas mudanças de nomes atribuídos a Escola Normal. N4 da 3ª. turma - *como era a primeira turma que estava indo pra este curso que era lá na Treze de Maio, na época eu sabia que era Centro Educacional do Ceará*. Quando se confronta com o quadro abaixo elaborado a partir de fontes documentais, no período de 1958 a 1960 a denominação permaneceu como “Instituto de Educação Justiniano de Serpa”. Modificado em 1960 com o acréscimo de “Centro Educacional”. No quadro abaixo se traz informações sobre locais, nomes, períodos e leis:

Quadro 8 – Dados sobre nomes, leis e locais da Escola Normal Cearense (1958-)

Locais	Nomes	Períodos	Leis
Bairro de Fátima, Rua Napoleão Laureano, s/n	Instituto de Educação Justiniano de Serpa	1958 – 1960	Não houve
Bairro de Fátima, Rua Napoleão Laureano, s/n	Instituto de Educação Justiniano de Serpa	1960 – 1961	Lei nº 4.743 – de 15 de janeiro de 1960

	– Centro Educacional		
Bairro de Fátima, Rua Napoleão Laureano, s/n	Centro Educacional do Ceará	1961 – 1966	Lei nº 5.427 – de 27 de julho de 1961
Bairro de Fátima, Rua Graciliano Ramos, 52	Instituto de Educação do Ceará	1966 – até hoje	Lei nº 8.559 – de 19 de agosto de 1966

Fonte: Guerreiro (2003). Trabalho da pesquisadora (2010 e 2014). Grifo da pesquisadora.

Destaca-se na foto a seguir, portanto, outra fonte além das que foram apresentadas: a fala da aluna e esse quadro, trazendo a denominação de Centro Educacional já no ano de 1958, continuando a reforçar os desencontros em relação a precisão de dados. Através de pesquisa em outras fontes documental localizadas no IEC/EN, exemplificando o diploma da normalista, algumas atas de reuniões, histórico da normalista, livro de Registro de diplomas, pode-se observar que prevaleceu a denominação de Instituto de Educação Justiniano de Serpa, como especificado no quadro acima.



Foto 19 – Lembrança escolar da normalista tirada na escola
Fonte: arquivo particular da normalista.

Ao escolher esta foto, a finalidade foi mostrar a especificação Centro Educacional, mas logo em seguida, ao observar a imagem, vieram diversas lembranças, inclusive a de que um dia, quando aluna do Grupo Escolar Padre Cícero no município de Juazeiro do Norte onde residi até uns 13 anos, também tive uma foto similar a esta (infelizmente se perdeu durante a mudança). Lembrança que ficou impressa com outras desse tempo em minha memória. Consoante Le Goff (2003, p. 419) “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais

o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele represente como passadas”.

Claro que era criança, com uma farda diferente porém, que tinha o mesmo propósito da foto aqui mostrada, de ser a foto que consolidava um momento de conclusão de uma etapa da educação, no caso o ensino primário. Bosi (2010, p. 53) assinala que a “lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembranças”.

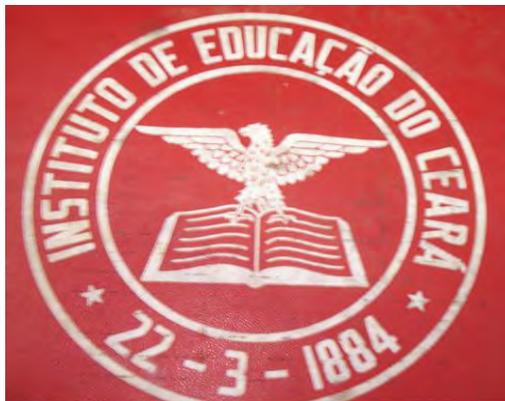
Voltando o olhar para a foto mencionada, ressalta-se Canezin (*apud* Silva, 2001, p. 47) se referindo a vários aspectos das Escolas Normais e das normalistas, apontando no trecho a seguir nuances que possibilitam uma aproximação do cenário montado e captado pela visualização da foto acima apresentada:

Grandes prédios com fachadas imponentes e escadarias respeitáveis. Pátios, salas, bibliotecas com centenas de moças em seus uniformes azul e branco. Cenários e personagens bem conhecidos por esse Brasil afora – as Escolas Normais e as normalistas. Diploma na parede, **álbuns de fotografias com poses já definidas pelo fotógrafo que montava o ambiente: mesa com livros empilhados, o globo terrestre, o mapa do Brasil como fundo. Às vezes até um vaso de flores. Lembranças[...]** (Grifo da autora).

O conjunto de elementos apontados traz a ideia da tradição registrada na história da formação das normalistas tendo sua formação respaldada pela Escola Normal excelência na formação para o ensino primário. Após a apresentação de como a Escola Normal chegou ao bairro de Fátima, enfatizando também alguns aspectos sobre o entorno dessa escola, na seção seguinte será mostrado aspectos sobre o curso normal no prédio do bairro de Fátima.



3 O CURSO NORMAL NO PRÉDIO DO BAIRRO DE FÁTIMA



Não era um prédio imponente como o antigo, era um prédio mais baixo, mais plano, não tinha andares em cima. Era só térreo, tinha muitas árvores, umas mangueiras, mas um prédio bem aconchegante. Eu adorava, ia com alegria para a escola normal.

(NORMALISTA 4 da 3ª. TURMA)

3 O CURSO NORMAL NO PRÉDIO DO BAIRRO DE FÁTIMA

Nesta seção se tem como objetivo conhecer aspectos sobre o funcionamento do curso apresentando os seguintes assuntos: a estrutura física e administrativa, a admissão no curso e o currículo escolar.

3.1 Estrutura Física e Administrativa

Nesta pesquisa não se tem a pretensão de estudar a arquitetura dos prédios²⁷, mas conhecer como era a estrutura verificando as condições em que as normalistas estudavam. No tocante à arquitetura dos prédios que sediaram a Escola Normal, visualizados já nas fotos anteriores, se percebem características de estilos arquitetônicos diversos, mas com alguns elementos incomuns como: a localização central, o estilo europeu, imponência e beleza.

Porém, o prédio onde as normalistas da turma de 1958-1960 se depararam, quando chegaram ao bairro de Fátima, era bem diferente, do prédio anterior na Praça Filgueiras de Melo, por exemplo. Esta diferença era sentida mais intensamente pelas normalistas que já haviam estudado neste prédio da praça Filgueiras de Melo, como ressalta na fala abaixo:

N4 da 3ª. turma – não era um prédio imponente como o antigo, era um prédio mais baixo, mais plano, não tinha andares em cima. Era só térreo, tinha muitas árvores, umas mangueiras, mas um prédio bem aconchegante. Eu adorava, ia com alegria para a escola normal.

Na fala se percebe a satisfação da normalista de estudar na Escola Normal, mesmo confrontando a estrutura física do prédio atual em detrimento do anterior, situação que corrobora mais uma vez em afirmar que a tradição dessa instituição acompanha a história de formação dessas normalistas. É uma tradição construída ao longo de sua história desde o seu funcionamento como pioneira na formação de professores primários e essa ideia prevalecia para as normalistas.

Ao se comparar as fotos abaixo do prédio do IEC/EN no ano de 1958 a 2008 é notório a diferença e estilo arquitetônico deste prédio atual com os prédios anteriores onde

²⁷ Para quem desejar aprofundar conhecimento sobre o assunto sugere-se o trabalho de dissertação de Oliveira (2008).

funcionaram a Escola Normal desde 1884. Por sua vez ao comparar as fotos da edificação no bairro de Fátima desde que iniciou suas atividades em 1958 até os dias atuais se visualizam semelhanças:



Foto 20 - Normalista na entrada do IEC/EN (1958-1960)

Fonte: Arquivo da normalista.



Foto 21 - entrada do IEC/EN (2012)

Rua Graciliano Ramos nº 52.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora
Trabalho da pesquisadora (2010 e 2014)

O mesmo muro e pavilhão de altura baixa em que se mostram os basculantes das janelas das salas de aulas. Nas duas fotos a seguir apresentam a entrada de veículos no estacionamento pela lateral do IEC/EN da rua Napoleão Laureano. Na frente da primeira foto (embora imperceptível) tem um portão de ferro vazado que está afixado ao muro que dá continuidade à parede mostrada na foto ao lado²⁸ que traz também o desenho do emblema com a denominação Instituto de Educação do Ceará e a imagem de uma águia em cima de um livro. Na época do curso as normalistas não souberam informar se já tinham construídos ou em funcionamento algum dos elementos dessas fotos abaixo:

²⁸ É importante frisar que as duas ruas citadas Napoleão Laureano e Graciliano Ramos se encontram formando um “L”.



Foto 21- Lateral da escola rua Napoleão Laureano - estacionamento.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.
Trabalho da pesquisadora (2010 e 2014)



Foto 22- Lateral da escola rua Napoleão Laureano - muro do estacionamento

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora
Trabalho da pesquisadora (2010 e 2014)

Vale ressaltar que cada estilo de prédio, além de sua beleza, revela um lugar destinado a sediar um tipo de proposta de educação que é intencional, articulada a um conjunto de ideias que visam a um determinado tipo de formação, ocupação dos espaços e funções em uma sociedade que retratam uma ideologia, forma de controle e tendência da época.

Foucault (1987, p. 144), por exemplo, analisou os mecanismos de controle envolvendo disciplina e poder de dominação utilizados, também, na escola “[...] geralmente, a de uma arquitetura que seria um operador para a transformação dos indivíduos: agir sobre aquele que abriga, dar domínio sobre seu comportamento, reconduzir até eles os efeitos de poder, oferecê-los a um conhecimento, modificá-los”. E, nesse contexto, o prédio se caracterizava com o rigor do muro alto, somente uma porta na sala de aula mostrando como instrumentos de controle. Em relação ao prédio aqui mostrado nas fotos 20 a 22, embora se apresente como pavilhões e o muro de entrada baixo havia um severo controle de entrada tanto na chegada como saída das alunas e também esse rigor permanecia no controle da entrada e saída na sala de aula. Assunto que será retomado posteriormente.

Retornando a essas fotos, principalmente as duas primeiras (20 e 21) se observam que a estrutura física se alicerça em pavilhões e para quem conhece sabe que é onde foram construídas salas para o funcionamento do trabalho escolar. Estrutura que pode ser justificada pela proposta da época da criação de um Centro Educacional a exemplo do da Bahia, como já mencionado. A proposta de uma instituição nos moldes de um Centro estava articulada às ideias

do Escolanovismo²⁹ e a eclosão das revoluções científicas que ocasionou uma mudança de paradigma nas pesquisas e formas de conhecimento, inovações que também serão trazidas para a prática docente e formação das normalistas em 1958-1960.

No estudo de Kuhn (2001, p. 44) sinaliza que “[...] os paradigmas adquirem seu *status* porque são bem mais sucedidos que seus competidores na resolução de alguns problemas que o grupo de cientistas reconhece como graves”. A ciência moderna se fundamentou na questão do método, iniciado por Descartes (1991) que considerou como pressuposto de seu método – dedutivo a partir da dúvida metódica, que só seria considerado verdadeiro o que pudesse ser intuído com clareza e precisão. Atributos presentes no método científico que pressupõe experimento e comprovação de resultados.

Retornando ao bairro de Fátima para o interior da escola, embora não se tenha localizado a planta da construção do prédio, as fontes documental e oral ajudaram a conhecer como ele estava estruturado no momento em que aconteceu o curso (1958-1960). A mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Ceará (15/03/1958) pelo governador Flávio Marcílio traz os seguintes aspectos:

trata-se de uma obra de grande vulto que, em março de 1957, teve inauguradas as seguintes dependências: SUÍTE Nº 1 – Administração, construção de dois pavimentos, contendo as seguintes peças: Térreo – a Hall, 1 Sala museu, 1 casa de zelador, 2 salas sanitárias. Superior; 1 grande salão, Hall, parte destinada ao público e parte destinada ao expediente administrativo. 1 gabinete do Diretor. 1 Sala de arquivo. 1 W.C e lavatório. 1 Caixa dá água com 54.00m³.

SUÍTE Nº 3 – Liga, com as seguintes peças: 7 salas de aula; 1 sala de professor, 2 salas sanitárias.

SUÍTE Nº 4 – Matemática e Ciências Sociais, com as seguintes divisões: 10 salas de aula, 2 salas de professores, 3 salas sanitárias.

SUÍTE Nº 5 – Ciências naturais, com as seguintes dependências: 3 salas de aula (física, química, história natural); 3 grandes salões de laboratórios (física, química, história), 1 salão nobre, 1 sala de professores; 2 salas sanitárias.

²⁹ Tinha como ideário “aprender fazendo” através da experiência, da observação e o centro era o aluno. Em contraponto a abordagem tradicional que tinha o professor como foco. “O que distingue da escola tradicional a escola nova não é, de fato, a predominância dos trabalhos de base manual e corporal, mas a presença, em todas suas atividades, do fator psicobiológico do interesse, que é a primeira condição de uma atividade espontânea e o estímulo constante ao educando (criança, adolescente ou jovem) a buscar todos os recursos ao seu alcance, “graças à força de atração das necessidades profundamente sentidas”. É certo que, deslocando-se, por esta forma, para a criança e para seus interesses, móveis e transitórios, a fonte de inspiração das atividades escolares, quebra-se a ordem que apresentavam os programas tradicionais do ponto de vista da lógica formal dos adultos, para os pôr de acordo com a “lógica psicológica”, isto é, com a lógica que se baseia na natureza e no funcionamento do espírito infantil”. (AZEVEDO, *et al* 2010, p. 49 e 50).

Pelo escrito dessa mensagem se percebe que embora não fosse um prédio pensado como os anteriores, no sentido deste atual ser plano com pavilhões se observa que havia se pensado muitos recintos que mostram o avanço e espaços para proporcionar uma formação de qualidade. Destacam-se: sala museu, 3 (três) grandes laboratórios. Outros 02 (dois) fatores que chama atenção é a caixa da água e casa do zelador, por fim, chama atenção para exatamente o que pontuaram algumas normalistas a construção de 02 (dois) pavilhões.

Sobre esse assunto as falas das normalistas a seguir apontam elementos que ajudam a pensar no terreno e suas construções já edificadas quando se teve, naquele ano de 1958, o início das aulas:

N1 da 2ª. turma - era um sítio. Não tinha banco a gente sentava nos batentes, não tinha jardim. A gente andando um pouco encontrava um canal assim.

N2 da 2ª. turma - eram 3 ou 4 pavilhões e tinha um canal por fora pelo lado da 13 de maio. Na rua que leva hoje para o aeroporto.

Da primeira fala destaca-se a comparação do local do prédio com um sítio, fato já abordado. A fala seguinte enfatiza o fato da estrutura física ser edificada em pavilhões confirmando este aspecto já destacado e visualizado em imagens. Continuando a leitura, um novo elemento é apontado pelas duas normalistas e se refere à presença de um canal³⁰. Atualmente, ainda existe na Rua Eduardo Girão localizada no lado oposto da atual entrada da escola que fica à Rua Graciliano Ramos nº 52.

Retornando às entrevistas procurou saber se na época em que essas normalistas estudavam já havia sido construído o referido canal, se havia algum planejamento ou mesmo um projeto para esse fim. Sobre o assunto, encontra-se uma indicação na fala da N1 da turma 3, – *era um córrego aberto onde corria água dentro da escola*. Essa informação se tornou insuficiente para esclarecer o assunto. Então se optou em retornar ao IEC/EN para saber quem poderia dá alguma informação que ajudasse a explicitar tal questão.

³⁰ O canal é oriundo da Lagoa de Porangabuçu (nome nativo, não é a lagoa da Parangaba); depois surgiu o bairro Porangabussu nas proximidades da Lagoa. Porém, por força da Lei nº 3.249, de 28/07/1966, o nome do Bairro onde fica a Lagoa ou o inverso (da Lagoa onde fica o Bairro) mudou para Rodolfo Teófilo numa justa homenagem ao Escritor, farmacêutico e higienista Rodolfo Marcos Teófilo, de Naturalidade baiana, mas de corpo e alma cearenses, como ele mesmo dizia. O bairro foi um mero reconhecimento àquele que salvou a dizimação total dos moradores de Fortaleza que foi solapada pela epidemia de varíola em 1905. Eis na imagem o croqui do canal iniciando desde os campos do Ceará, na embocadura do canal que sai a partir do desaguar da referida Lagoa. Conforme Jornal O Povo (28/04/2011 e 10/12/2012).

Algumas pessoas disseram que na escola havia (02) dois funcionários que eram muito antigos por trabalharem a muito tempo e que eles talvez pudessem ajudar com algumas contribuições. Assim, se localizou os (02) dois e se perguntou da possibilidade de eles participarem da pesquisa. A resposta foi positiva então se marcou com eles no período da manhã, opção deles.

F1 – Falou que já trabalhava nesta instituição a mais de 20 (vinte) anos e que era funcionário público. Na época se tinha concurso. Ele disse que morava dentro do terreno da escola em uma casa afastada e tinha mais 2 casas com 3 cômodos para casado e com 2 para solteiro.. Tinha esse córrego dentro da escola mas que não era o canal. Vinha do quartel 32 BC sai daqui pro canal central pra av. Eduardo Girão e é chamado de galeria porque é coberto.

No governo de Juraci Magalhães eles foram indenizados pelo material que usaram na construção da casa pela prefeitura e foi construído o canal. Ao final se perguntou se ele tinha alguma foto da casa ou de algum momento que mostrasse a casa dele. Infelizmente a resposta foi negativa.

F2 – Não lembro de muita coisa, sei que o terreno era muito grande mas não sei quanto mede. Sei que as coisas foram sendo construídas. Não sei nem tenho nenhuma foto antiga. O canal foi na época do Juraci.

Observou-se na mensagem do governador sobre a estrutura do prédio a citação de uma “casa de zelador”, mas não se pode afirmar a relação desta pretensão primeira com a construção das casas na qual residia em uma delas o participante desta pesquisa *F1*. Porém, se pode pensar também na possibilidade de confluência do primeiro projeto e da construção posterior dessas casas.

Com essas informações se infere que, na época do curso, o canal ainda não estava construído. A partir dessa observação se direcionou a pesquisa para fontes relacionadas à Prefeitura de Fortaleza, constatando-se que esse canal foi uma obra construída no governo de Juraci Vieira de Magalhães quando prefeito de Fortaleza em (1990-1993; 1997-2004), pelas datas, se observa que este canal não existia à época.

No tocante a área do terreno em que foi construído o prédio, media 4 (quatro) hectares, portanto, 40.000 mil metros quadrados. As informações anteriores apontam que era um sítio, arborizado, era também uma vacaria e tinha um córrego com água corrente. Para se avançar e trazer mais elementos para a composição do cenário que ajudam a pensar na dimensão física do terreno se pontua alguns dados de uma experiência vivenciada pela pesquisadora nesta instituição.

No ano de 2008 quando docente desta instituição se desenvolveu um projeto intitulado “Refazendo caminhos: Memórias sobre a Escola Normal de Ontem e Hoje (1884-2008)”³¹ em que se visitava com a turma todo o percurso onde a Escola Normal funcionou e, ao chegar ao bairro de Fátima, se percorria toda a área que pertencia à esta instituição desde que chegou ao bairro.

A saída era da própria instituição no bairro de Fátima e se fazia o seguinte caminho com a finalidade de se mapear a área que pertencia a esta instituição: primeiro é importante lembrar e como mostram as 4 (quatro) fotos dessa instituição que há o encontro das duas ruas citadas Graciliano Ramos e Napoleão Laureano. Esta com entrada para o estacionamento e aquela com entrada para os alunos. A partir desta informação o caminho tinha início na Rua Graciliano Ramos e, logo em seguida, se iniciava a Rua Napoleão Laureano onde no meio do quarteirão se localiza um portão lateral do Conselho de Educação do Ceará, espaço que pertencia à Escola Normal. Seguindo até a próxima rua, a Ministro Joaquim Bastos, nº 747, se avistava o portão principal do Conselho. Mais à frente se chegava ao portão da atual escola EEFM Marechal Juarez Távora.³²

É interessante ressaltar que na época do projeto se tinha e ainda permanece dentro do IEC/EN um portão de acesso para EEFM Marechal Juarez Távora lugar onde a pesquisadora localizou uma placa afixada a uma das paredes dentro desta escola se referindo a Escola Modelo. Assunto que será retomado quando se for discutir sobre a prática de ensino das normalistas. A foto a seguir, registra a porta de acesso pelo lado do IEC/EN:

³¹ Cf. estudo da pesquisadora (2010, p. 32). “Esse projeto, desenvolvido no decorrer do ano de 2008, privilegiou além das discussões teóricas em sala de aula, as aulas de campo (em dias diferenciados), iniciando-se com a visita à primeira escola normal em frente à Praça José de Alencar, hoje prédio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN); a segunda parada foi no Colégio Justiniano de Serpa - Praça Figueira de Melo (em frente ao Colégio da Imaculada Conceição); a terceira foi no Museu do Ceará (com o objetivo de conhecer o acervo do museu Dias da Rocha que era do IEC e que foi doado em 2003 para o Museu do Ceará) e, por último, retornou-se à atual Escola Normal – IEC – na Rua Graciliano Ramos, 52 – Bairro de Fátima onde se visitou a Escola Juarez Távora (antes era a Escola de Aplicação da Escola Normal), o Conselho de Educação e o Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, porque, anteriormente esses espaços físicos faziam parte da escola normal. A finalidade dessas visitas era conhecer e identificar elementos para se compreender a trajetória da Escola Normal de Fortaleza”.

³² Atualmente, Escola Profissionalizante Marechal Juarez Távora. Esta escola foi inaugurada em 11 de agosto de 1922, no prédio onde funciona a atual Escola de Ensino Fundamental Visconde do Rio Branco, situada na Av. Aguananbi, s/n. A inauguração foi efetivada no governo de Justiniano de Serpa, na época presidente do Ceará com assistência do professor Lourenço filho diretor geral da Instrução Pública e docente da cadeira de Psicologia e Pedagogia da escola Normal.



Foto 23 – Porta de acesso: IEC e EEFM Marechal Juarez Távora

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Continuando o trajeto e avançando mais um pouco se chegava ao estacionamento e, posteriormente, ao portão de entrada do Centro de Humanidades (CH) da UECE. Virando à esquerda na Avenida Luciano Carneiro ainda continua a área do CH com a entrada principal, em frente ao Quartel do 23 BC. A fala da normalista a seguir contribui com esse assunto: *N4 da 3ª turma – [...]Me lembro dos soldados olhando a gente fazer ginástica. Às vezes a gente andava, andava e quase encostava no muro do quartel.*

Seguindo nessa avenida se tem a visão do terreno do IEC/EN (que sedia a Escola Normal), virando à esquerda na Rua Eduardo Girão continua o terreno da Escola até o final do quarteirão. Virando novamente à esquerda se tem a Rua General Silva Júnior. Porém, o que foi aqui mencionado, além de não pertencer mais à Escola, não contabiliza os 4 hectares, visto que faltam as áreas equivalente a abertura da Av. Luciano Carneiro e Eduardo Girão, que faziam parte do terreno original.

Quando se entrou em todas essas instituições se encontrou dados em comum quando comparadas ao IEC/EN, tais como: parte do piso na cor vermelha, liso, as colunas todas padronizadas na espessura e cor. A foto abaixo aponta algumas dessas características mencionadas no IEC/EN:



Foto 24 – Galeria, pavilhão ou corredor no interior da escola
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora. Foto tirada em 2011.

Observam-se na foto as colunas e também o piso, embora com as sombras das árvores, mais para lado direito aparece a cor vermelha e a ideia de “chão liso”. Quando se terminava o percurso, a turma ficava impressionada com o tamanho da área. Ao retornar para o IEC/EN, ainda se percorria o trajeto visitando as dependências da escola, como laboratório, quadra, biblioteca (na época sala de Multimeios – que não se concorda, pois numa instituição de formação docente deve-se ter uma biblioteca), secretaria, cantina, banheiro, pracinha da normalista³³, e também alguns os espaços que permaneciam invadidos pelo mato e que não eram utilizados caracterizando ainda como resquícios de parte do terreno mostrado pelas normalistas.

Enfim, se fazia uma radiografia da escola a fim de conhecer todo o espaço para se situar nos momentos das discussões durante as aulas sobre a história dessa instituição desde 1884 até os dias atuais. Vale ressaltar que muitos estudantes não conheciam parte dos ambientes da escola, sobretudo, o arquivo e a pracinha ou não sabiam que existiam ou nunca tinham ido nesses lugares. Mesmo não tendo sido criada no ano de 1958-1960, considera-se importante ilustrar mediante as duas fotos a seguir, essa praça localizada no interior da instituição, por ser um marco histórico criado para o encontro das normalistas:

³³ A praça foi inaugurada em 22 de março de 1974, pela professora Eldair Barroso de Oliveira Freitas, diretora da instituição no período de 1967-1887. No centro da praça tem um monumento de uma Águia (Fênix) símbolo da escola e a placa no ano de 2008 estava desgastada, mas foi reformada em 2011. Sobre o texto traz a seguinte indicação: “Instituto de Educação do Ceará - Praça da Normalista; Diretora prof. Eldair Barroso Oliveira Freitas, inaugurada em 22 - 03 - 1974”. Esta data marca o aniversário da escola que na época completava seu 91 anos.



Foto 25 - Placa da Praça da Normalista (2008)
Fonte: Trabalho da pesquisadora (2010 e 2012)

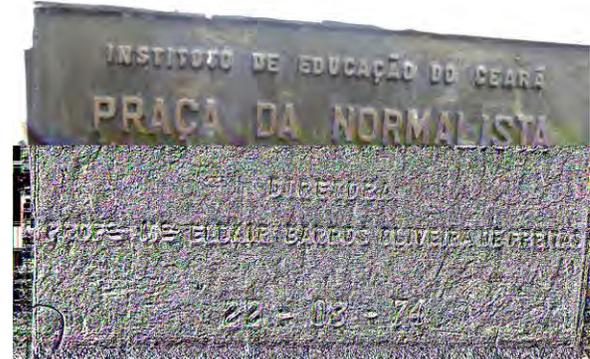


Foto 26 - Placa da Praça da Normalista (2014)
Fonte: Arquivo da pesquisadora. Foto tirada em Fevereiro de 2014.

Comparando as duas placas se tem nítido que houve uma restauração no ano de 2014, visto que a placa anterior já estava muito deteriorada e quase ilegível o letreiro. Em relação à praça de forma geral, comparando os dois anos 2008 e 2014, respectivamente, houve mudança na quantidade e tipos de plantas, na cor da pintura dos bancos (amarelo para verde) e em relação ao piso, no ano anterior estava mais conservado. Como mostram as fotos a seguir:



Foto 27 - Placa Praça da Normalista (2008)
Fonte: Trabalho da pesquisadora (2010 e 2014)



Foto 28 - Placa Praça da Normalista (2014)
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. Foto tirada em Fevereiro de 2014.

Retrocedendo ao período desta pesquisa 1958-1960, sobre o terreno *N2 da 3ª turma* - enfatiza que *o prédio era grande, bonito, eu gostava do prédio lá, bem amplo e muito arborizado*. A fala vem ao encontro do assunto sobre a amplitude do terreno. Articulando-se também as falas seguintes:

N4 da 3ª. turma - *tinha dois pavilhões, tinha bastante salas de aula que eram confortáveis.*

N2 da 2ª. turma - *eram os pavilhões. Agora o nosso como você viu na fotografia tinha uma escada, uma escadaria. Quer dizer quando a gente saía descia as escadas e ia lá pra Brasília onde tinha o nosso prédio e assim em frente tinha outro pavilhão que era do primário, as salas das crianças, inclusive uma mãe de uma colega era professora numa dessas salas.*

Sobre as falas ressaltam-se a construção de pavilhões e novamente a menção à Brasília, já explicado, mas traz um dado novo que é as salas das crianças do primário. Aqui, se abre um parêntese para se pensar sobre a questão da prática de ensino dessas normalistas, assunto que será aprofundado mais adiante. Na foto a seguir se apresenta a escadaria mencionada na fala anterior:



Foto 29 – Normalistas nas escadarias e pavilhão

Fonte: arquivo particular da normalista (1958-1960)

Na foto se observa a precariedade da estrutura física, apontando indícios de situação de reforma e construção. Outra observação é sobre a farda em que se retratam todos os itens já mencionados que compunham a farda da normalista.

A fala da *N3 da 3ª. turma* - corrobora com o aspecto da estrutura física do prédio: *quando cheguei tinha alguma coisa, mas em péssimas condições, era precaríssimo o material que tinha lá. As carteiras, o prédio novo e o mobiliário todo antigo, traziam não sei de onde, acho que de outras escolas.* No caso pode-se pensar que este lado seria o mais antigo “Rio de

Janeiro” o mais distante do lado da Av. Luciano Carneiro, como destacado novamente pela *N1 da 2ª turma - só as salas vazias e muito cal muito cal não tinha grama nem nada. É tanto que o nosso prédio o último de lá que dá pra Luciano Carneiro a gente chamava de Brasília.* Em relação à sala de aula, recinto onde as normalistas passaram o maior tempo durante os 3 (três) anos de curso, ressaltaram:

N1 da 2ª. turma - *não tinha carteira, ficamos andando de sala em sala tentando localizar a sala. A sala de aula era cheia, tinha muitas alunas. A sala tinha duas janelas lá em cima (basculantes), a lousa era na parede com giz.* (Grifo da pesquisadora).

N4 da 3ª. turma - *era uma sala comum, com mesa e quadro negro, era bem simples, ventilador não tinha, tinha janelas, era ventilada porque lá ainda não tinha muitas casas, o bairro de Fátima ainda não era tão povoado e como tinha bastantes árvores agente não sentia calor. Era iluminada, carteiras desde o ginásio, era uma mesinha com uma cadeira e uma prateleirazinha em baixo que você colocava material. Era uma peça só.*

N1 da 3ª. turma - *na sala de aula Era tudo bem novinho. Era bem ventilada, bem ventilada, porta aberta, janela aberta, tinha **2 portas uma para entrada e uma para saída**. As portas eram abertas para o corredor. As paredes tinham a cor cremezinha. E as carteiras eram cor de madeira escura.* (Grifo da pesquisadora)

Na primeira fala a normalista traz contribuições sobre componentes interiores da sala de aula e um fato que se destacou foi a presença de basculantes. Embora não se tenha uma foto da época, mas nas imagens seguintes, referente a uma mesma sala de aula fotografadas em ângulos opostos, mostram que ainda se conservam os basculantes, as duas portas, a cor da parede também continuava a mesma, embora as carteiras fossem de madeira escura tinha um modelo diferente.



Foto 30 - Sala de aula do IEC/EN
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.
 Foto tirada em 2011



Foto 31 - Entrada da Sala de aula do IEC/EN
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.
 Foto tirada em 2011.

Durante as entrevistas se perguntou sobre a quantidade de salas, mas não se obteve informação precisa. Sobre o assunto a *NI da 3ª* turma pontuou: *não me lembro quantas salas de aula tinham. Mas tinha um corredor, o curso primário. A nossa galeria estava pronta e a do primário também. O primário foi também pra lá junto com a gente.*

Desde que a pesquisadora iniciou suas atividades de docente nesta instituição em 2004, funcionavam 2 (três) pavilhões e em seus corredores, galerias com 8 (oito) salas em cada. E na parte baixa funcionava um pavilhão com mais de 10 salas. Onde atualmente as salas foram divididas e funciona o Centro de Referência em Educação e Atendimento especializado do Ceará (CREAECE)³⁴, funcionando em 25 salas com 6x4 metros.

De acordo com as entrevistas em 1958-1960 só existiam 2 (dois) construídos com as 8 (oito) salas em cada. Uma sala mede 8x6 metros que acomodava até 50 (cinquenta) carteiras, sendo todas elas iguais. Sobre as carteiras a *N4 da 3ª. turma* – assinala que *[...] carteiras desde o ginásio era uma mesinha com uma cadeira e uma prateleirazinha em baixo que você colocava material. Era uma peça só.*

A fala a seguir também faz menção à mesma quantidade de pessoas: *N2 da 3ª. turma - paredes limpas, carteiras, tudo novinha, era tudo novo e o quadro negro. No 1º dia de aula já tinha carteira. Eram de 40 a 50 alunas em cada turma.* Lembrou-se dos diários de classe que se localizou durante as visitas ao IEC, se constatou que estavam matriculadas na 3ª turma de 1958-1960 a quantidade de 50 (cinquenta) normalistas. Grifo da pesquisadora.

Outros assuntos e espaços foram mencionados nas entrevistas em relação ao prédio: a limpeza da escola a *NI da 3ª* turma pontuou que *era limpa e que estudava somente mulher. Não tinha porteiro, mas tinha a D. Enedinha que recebia e entregava o caderno de anotação da*

³⁴ O CREAECE viabilizou a unificação dos serviços de atendimentos especializados garantindo a política de inclusão. É composto do: Centro de Apoio Pedagógico para Atendimento as Pessoas com Deficiência Visual - CAP, Centro de Capacitação Profissional da Educação e de Atendimento as Pessoas com Surdez – CAS, Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação – NAAH/S, Núcleo de Atendimento Pedagógico Especializado – NAPE, Núcleo de Produção em Braille – NPB, Sala de Recursos Multifuncionais / Atendimento Educacional Especializado – AEE, e a Formação de Professores/Profissionais nas áreas da Educação Especial. MISSÃO: Gerar, socializar e aplicar o desenvolvimento de suas ações em todo o Estado do Ceará, através do atendimento educacional especializado, da produção de material didático/pedagógico, apoio pedagógico específico e a formação de professores, indissociavelmente articulados, de modo a contribuir para o desenvolvimento das pessoas com deficiência, visando sua autonomia para o aprendizado contínuo e capazes de atuar na construção de uma sociedade mais justa e democrática. Conforme <liliacamposmartins.blogspot.com.br/2010/11/centro-de-referencia-em-educacao-e.html> . Acesso em 29 de janeiro de 2012.

frequência e os diários de classe aos professores. Sobre os banheiros N4 da 3ª turma assinalou que não eram modernos não, mas dava pra usar. Eram limpos. Sobre a merenda e água:

N1 da 2ª. turma - na hora do recreio a gente ficava nos corredores conversando nos grupinhos. A merenda, a gente levava de casa sanduíche, suco. A cantina era aberta mais vendia refrigerante, coca-cola, chocolate.

N1 da 3ª. turma – a gente levava, tinha mercearia perto. Na época não tinha cantina. O lanche que eu levava, geralmente era banana, pão com manteiga, bolacha, coisa assim. Tinha bebedouro pra gente lá.

N3 da 3ª. turma - o lanche agente tinha que levar de casa na lancheira. Quando começou não tinha cantina não, depois é que apareceu.

N4 da 3ª. turma - não tinha lanchonete lá não. Agente levava fruta, sanduíche. Água, lá tinha bebedouro e água era boa.

As falas apontam para a ideia de constante reforma e modificações na estrutura quando as normalistas sinalizam a construção da cantina depois que as aulas foram iniciadas. Outro local ressaltado foi a biblioteca:

N1 da 2ª. turma - funcionava a biblioteca, mas ninguém era incentivado a ir lá de jeito nenhum. Eu chegava à biblioteca e procurava os livros que tinham lá em casa, porque lá tinha um que meu pai tinha comprado pra gente chamado “O tesouro da juventude” e lá na biblioteca tinha um parecido que era “Este mundo maravilhoso” uma coisa assim.

É tudo sobre o tesouro da juventude, tudo o que é mais moderno de coisas e ainda hoje agente tem esse livro na casa da Mazé, é tudo “ph” português arcaico e lá na biblioteca eles tinham esse tipo de livro, mas era o dobro do “Tesouro da juventude”. Faltava muito incentivo.

Era uma sala comprida grande, tinha uma moça que atendia, mas os professores não levava a gente para lá e não passavam pesquisas.

Sobre essa fala destaca-se que havia uma sala destinada ao funcionamento da biblioteca, tinha uma atendente, não se tinha a prática do professor e normalistas trabalhando neste recinto. Sobre este último aspecto pode-se levantar a hipótese de que o prédio ainda estava em constantes reformas, a biblioteca poderia está funcionando nesta sala em lugar provisório e também ainda organizando o acervo de material. Quando se consulta mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Ceará (15/03/1958) pelo governador Flávio Marcílio não se traz nos escritos a construção de uma biblioteca neste momento.

Por outro lado, havia a visita das normalistas como mostra a foto seguinte de um grupo em estudo nesse ambiente onde se leva a crer que era uma biblioteca, fato que também

pode levar a ideia de que os professores trabalhavam com assuntos que necessitaria de pesquisa e até mesmo que este fosse um trabalho que ajudasse na nota. Mas, como somente uma normalista fez menção a biblioteca, não se pode afirmar que nenhum professor não incentivasse ou levasse a turma para pesquisar neste local uma vez que a foto é bem clara no momento do registro de estudo das normalistas,



Foto 32 – Grupo de normalistas na biblioteca

Fonte: Arquivo particular da normalista.

A foto traz nitidamente o registro de um momento de encontro para estudo nesse recinto lá na parede se percebe afixado uma placa, mas não se identificou o escrito. Pesquisando se localizou a seguinte matéria: “Melhoramentos substanciais foram conseguidos para o Instituto de Educação” (Jornal Gazeta de Notícias e, 03/02/1959), portanto, no ano seguinte do início do curso das normalistas já tiveram mudanças referente também à biblioteca:

felizmente, depois de atividades ininterruptas, conseguimos melhoramentos substanciais para o estabelecimento, entre os quais desejamos salientar: a) encaminhamento da liberação do crédito de dezesseis milhões de cruzeiros para a ultimação dos trabalhos do centro Educacional; b) obtenção, através do Centro de Estudos Pedagógicos, **de uma biblioteca especializada para o Ensino Normal**; c) doação, pelo INEP, de abundante material para a **biblioteca da escola**, além de gabinete de Física e Química, História Natural, projetor cinematográfico etc. Grifo das pesquisadora.

Dentre os elementos citados se percebe uma considerável aquisição de material que iria fomentar e melhorar a biblioteca nos anos seguintes e como só se teve acesso a fala de uma aluna, a posição da pesquisadora se pautará nas hipóteses anteriores, mas também no teor da matéria mencionada.

Ainda em relação à estrutura física da escola, na seção que será tratada das aulas e recursos didáticos, surgirão mais elementos para se pensar sobre o espaço físico, sobretudo, nas falas relacionadas às aulas de ginástica. Perguntou-se sobre a secretaria da escola e *NI da 3ª turma* ressaltou *que era uma sala separada da direção e que tinha algumas pessoas trabalhando. Era normal.* Outra fala se reporta à secretaria e à direção da escola:

N2 da 3ª. turma – *depois o diretor saiu e ficou a Dra Suzana Bonfim ela foi diretora lá também. Era uma sala bem grande, muito bem organizada, muito bem assistida, tinha muito funcionário que ficava na secretaria e ficavam perto da diretoria, eram salas separadas.*

Além de enfatizar alguma característica de cunho da estrutura física a normalista destacou nomes que foram atribuídos a diretores. Sobre esse assunto ainda se destacam as falas a seguir:

N1 da 2ª. turma – *a diretora era a D. Eldair Barros de Oliveira e D. Suzana Bonfim Boris e logo depois Dr. Hipólito entrou e logo saiu. Quando a gente se formou o Dr. Hipólito não estava mais lá.*

N2 da 2ª. turma – *sim estava e assinou nossos diplomas.*

O diretor em questão foi João Hippolyto de Azevedo e Sá e Suzana Bonfim que também foi da direção da escola, mas Maria Eldair Barros de Oliveira Freitas, nesse período, não integrou o grupo de diretores, ela era do corpo docente e, mais adiante, no período de 1967-1987 ela assume a direção da instituição. Quanto à assinatura dos diplomas a normalista tem razão, os diplomas foram assinados por ele. (Conforme fotos nº 65 e 66) . Abaixo se traz um quadro ilustrativo com os nomes dos diretores que estiveram a frente da escola nos 3 (três) anos de curso³⁵:

Quadro 9 – Períodos e nomes dos diretores do IEC/EN (1958-1960)

PERÍODO	NOMES DOS DIRETORES
1955 - 1958	José Teixeiras de Freitas
1958 - 1959	José Sobreira de Amorim
1960	Susana Bonfim Borges
1960 - 1962	João Hipolyto de Azevedo e Sá

Fonte: Trabalho da pesquisadora (2010 e 2014)

³⁵ A título de informação nos anos seguintes fizeram parte da direção da escola: Olívia Sampaio Xavier Rodrigues (1962-1966); Maria Eldair Barros de Oliveira Freitas (1967-1987); Ricardina Maria Pinto Ribeiro (1988-1991); Sicione Carneiro Carvalho Ray (1991-1992); José Geovane Gomes (1992-1994); Madalena Maria Oliveira (1995-1998/1999-2001); Maria Iraneide Borges (2002-2004/2005-2008); Eliana Gondim Sampaio (2009-2012); Dianaídes Maria Fernandes Diniz (2012-1013); Maria da Paz Martins de Souza nascimento (2014 -).

O último aspecto mencionado pelas normalistas foi sobre o relacionamento da direção com o corpo discente. Sobre esse assunto a *N4 da 3ª turma* ressaltou que – *o diretor ou diretora não iam nas salas de aulas, mas quando era necessário a gente podia falar com eles na sala deles*. E aqui se faz menção a uma gestão³⁶ com prática mais tradicional em que o diretor se limitava a administrar a escola no que se refere à burocracia ou a outros aspectos, mas de forma compartimental em sua sala e distante das demais dependências da instituição. Havia um lugar demarcado de onde ele falava e que a hierarquia apontava que os discentes deveriam procurar o diretor em sua sala.

Com o avançar da história o conceito de administração vai sendo aprimorado e redimensionado principalmente dentro da escola chegando a concepção de gestão em detrimento de administração devido as novas perspectivas e formas de se direcionar ao relacionamento e maneiras de estar á frente de uma instituição. Essas mudanças se consolidam na década de 1990 se estruturando como uma nova proposta.

Tomando-se o conceito de gestão preconizado na LDB nº 9.394/96 (BRASIL, 1996) no artigo 3º “O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: (I - XI) e no VIII gestão democrática do ensino público, na forma desta lei e da legislação dos sistemas de ensino”. Dessa forma, pode se pensar que gestão implica na construção da cidadania, autonomia, no compartilhamento de ideias e decisões. Postura que se distancia daquela concepção no tempo do curso das normalistas. Sobre a gestão escolar Paro (2002, p.73) assegura que:

Em termos práticos, as atividades de direção restringem-se ao diretor – e ao assistente de diretor, seu coadjuvante no comando da escola. Mas estes acabem se envolvendo em atividades rotineiras que pouco tem a ver com uma verdadeira coordenação do esforço do pessoal escolar com vistas a realização de objetivos pedagógicos.

Esta perspectiva de Paro se distancia da prática de gestão adotada na Escola Normal (1958-1960) que se aproximava do modelo gerencial de empresa e na época ainda não se tinha o que se tem atualmente nas escolas a composição de um núcleo gestor que está a frente da escola

³⁶ Para aprofundamento sobre o assunto ver trabalhos sobre os modelos gerenciais a) Taylorista – Estados Unidos (1900-1970) que se caracterizou pela divisão entre concepção e execução, competitividade, gestão centralizada, hierarquia priorizando a produção em massa; b) Fordista – também com surgimento nos estados Unidos (1918-1970) intensificação da divisão do trabalho, tempo cronometrado, hierarquia, repetição e monotonia e c) Toyotista - Japão (a partir de 1950) trabalho por células e equipes, técnicas participativas e de integração e estruturação horizontal da produção. (PARO, 2002).

composto pelo diretor e coordenadores, mas com a ajuda do Conselho escolar forte aliado na gestão que é composto por docentes, discentes e pais, portanto há uma representação de todos os membros da comunidade escolar. Embora também se perceba na fala da normalista que havia a possibilidade de conversa entre discente e diretor e entende-se como uma conversa de forma pontual para abordar algum assunto específico da direção.

Uma gestão democrática e participativa se constitui na divisão de tarefas e ao mesmo tempo na cumplicidade no desempenho dessas funções através do diálogo entre o núcleo gestor que dividem e ao mesmo tempo somam esforços em busca de um único objetivo a aprendizagem do aluno. Fazendo uma comparação com os três modelos gerenciais apontados: Taylorismo, Fordismo e Toyotismo se percebe uma aproximação de algumas características desta última quando comparada com a gestão nas escolas atuais, pode-se citar: técnicas participativas e de integração e estruturação horizontal da produção. Embora na prática não se constate esta concepção de gestão em todas as escolas públicas.

Paro (2002) também traz para discussão do contexto de administração escolar esse significado de gestão com base democrática em oposição à administração departamental, solitária, hierárquica e vertical no modelo tradicional herança dos modelos gerenciais das empresas.

Retomando novamente o fragmento citado Paro (2002, p. 73) vendo também o outro lado pode-se aproximar o que ele destaca em relação ao trabalho pedagógico e direção, e aqui se reporta à Escola Normal desde o seu funcionamento (1884) destacando como exemplificação a prática do primeiro diretor José de Barcellos que era professor de Pedagogia e acompanhava os estágios, assim, estava mais próximo também dos problemas e discussões do trabalho escolar, dessa forma, pode-se pensar que não necessariamente havia a posição de diretor alheio ao desenvolvimento do trabalho escolar nesta instituição até porque não se tinha a figura do “coordenador pedagógico” hoje também conhecido como “coordenador escolar”, mas também não se quer aqui afastar totalmente a forma de gerir a escola como uma forma de administração de empresa a partir das 3 (três) teorias mencionadas.

E analisando até mesmo a proposta de mudança de denominação deste profissional de “coordenador pedagógico” para “coordenador escolar” tomando como referência as escolas estaduais do Ceará, embora em muitas não se concretizem na prática, mas de alguma forma também se retoma a questão da união da direção e coordenação, antes fragmentada em que

aquele se preocupava com a burocracia e este com o desenvolvimento do trabalho pedagógico da escola, já na segunda denominação se percebe uma ampliação no vocábulo “escolar” em detrimento de “pedagógico” e essa interação dos membros do núcleo gestor nessa nova forma de visão do todo, objetivando uma atuação conjunta do núcleo gestor e comunidade escolar, tendem a buscar soluções para os problemas da instituição a partir da tomada de decisões de forma democrática e participativa.

Outro ponto interessante é que se observa nos nomes dos diretores mencionados que se mantinham a tradição através das escolhas de pessoas ilibadas e conceituadas da sociedade para estarem a frente da escola. Regra também observada no corpo docente, formado por pessoas que se destacavam na sociedade permanecendo assim a tradição de se ter os melhores diretores e professores em cada tempo durante a história dessa instituição.

Tomando-se a cronologia de datas a partir do quadro anterior em 1955 a 1958 assumiu a direção *José Teixeira de Freitas*. Era o esposo de Maria Eldair Barros de Oliveira Freitas, um defensor do ensino normal e fazia apologia aos fundamentos e preceitos de Lourenço Filho personalidade marcante na reforma do ensino normal que se estruturou em 1922. Do *Jornal O Povo* de 23/03/1984, destaca-se o seguinte fragmento:

[...] o professor Teixeira, que substituiu José Valdevino de Carvalho, recorda com saudade, sua experiência como administrador educacional, numa época em que o magistério se constituía uma profissão das mais privilegiadas, e o curso normal era frequentado por alunas de classes média e alta. Testemunha de uma época em que o Instituto de educação do Ceará era tido como modelo para todas as outras escolas.

Analisando o trecho o diretor mencionado José Valdevino de Carvalho foi diretor no período de 1951-1954 (já citado), outro fato importante foi a atribuição do professor Teixeira à profissão docente como privilegiada e a escola ser frequentada por alunas de classe média e alta. Aspectos também já ressaltados ao longo do texto, mas que corrobora com a ideia de que na época do curso 1958-1960 se mantinha a tradição de uma instituição que era a melhor na formação de professores, como mostra ainda na continuidade de seu pensamento: “[...] testemunha de uma época em que o Instituto de Educação do Ceará era tido como modelo para todas as outras escolas”.

Ele também foi vice-presidente do Conselho Estadual de Educação do Ceará e continuou com sua apologia ao ensino normal defendendo um ano de estudos Adicionais ao 3º

ano do curso 3º adicional que foi uma proposta de revitalização desse ensino contra o esvaziamento de alunos.

No Parecer nº 443/72 do secretário de Educação ao Conselho Estadual de Educação traz a indicação conclusiva: “[...] somos pela aprovação do CURSO de ESTUDOS ADICIONAIS ao 3º ano pedagógico do Instituto de Educação do Ceará, nos termos da solicitação do Sr. Secretário de Educação do Estado, exarados na inicial”. (Grifo do autor). Para o diretor do IEC/EN os Estudos Adicionais asseguram uma formação correta para o professor em várias especialidades. Posteriormente esses estudos passaram a ser chamados de 4º ano pedagógico.

Seguindo a cronologia, o professor *José Sobreira de Amorim* assume a direção da instituição em 1958-1959. Já fazia parte do corpo docente do IEC/EN na cadeira de Latim, professor da Faculdade de Filosofia e na Universidade Federal do Ceará nos cursos de Direito e Ciências Econômicas. No jornal O Nordeste de (20/03/1958) se pode apreciar um matéria a ele destinada assinada por José Valdivino seu antecessor na direção da instituição e abaixo se destaca o seguinte fragmento:

[...] Sua biblioteca, onde muitas vezes vara a noite, é uma das mais ricas do estado, e seu acervo, quanto ao Latim, sobrepuja a muitas. Amorim Sobreira é um introvertido. A disciplina, em cujo cadinho se plasmou sua adolescência, talvez o tenha formado assim. O tio ilustre, o Pe. Azarias Sobreira, norteou-o pela vida maravilhosa dos livros, do estudo, do queimar de pestana. Por isso é que o atual diretor da Escola Normal honra a poltrona giratória da diretoria daquele estabelecimento. Prudente, mas justo. Modesto, mas sincero. Delicado, mas firme. Tem bom pulso no manéje do leme, às vezes tão pesado, como agora, com o fluxo montante das novas turmas. Já se faz sentir seu senso administrativo: aumento do número de caixas d’água; abertura de clarabóias para melhor arejamento dos salões de aula; **reforço do espírito disciplinar**, aquisição de moderno material didático, a fim de retirar o ciclo ginásial da rotina. (Grifo da pesquisadora)

Observa-se que além de qualidades referentes à pessoa do diretor Amorim a ideia de melhoria para um melhor funcionamento do curso, na época, foram apontadas. Chama-se atenção para o grifo do texto “reforço do espírito disciplinar” e aqui se retoma a questão da disciplina como forma presente e que se constitui também como tradição dessa casa desde seu funcionamento (1884) em formar o normalista para que seja exemplo na sociedade, principalmente, porque assumirá o trabalho de professora.

Suzana Bonfim Borges foi vice-diretora desde o ano de 1958, portanto, desde a transferência para o bairro de Fátima. Em 1960 assume a direção, mas passa a ser vice-diretora novamente quando neste ano assume o seu 3º e último mandato (1960-1962) o professor João

Hippolyto de Azevedo e Sá. Na dissertação de Guerreiro (2003) que trata da reforma Lauro de Oliveira Lima como objeto de estudo esses nomes estão presentes como atores que discutem a reforma do ensino normal fora e, principalmente, dentro da instituição, quer seja a favor ou contra, porém esse não é assunto desta pesquisa.

Ainda fazendo menção a Suzana Bonfim Borges destaca-se que ela dedicou 43 anos de sua vida às experiências profissionais relacionadas à educação. Desempenhou também a função de professora primária, pré-escolar, ensino médio, supletivo e educação especial. Liderou o movimento de Bandeirantes do Brasil e o Movimento brasileiro de Correspondência; participou da Comunidade das senhoras de Caridade; e fundou a Associação brasileira feminina. (OLINDA, 2001).

No mesmo trabalho de Olinda (2001, p. 54-55) que é um artigo resultado de uma entrevista com a professora Suzana no ano de 1999, vale acentuar o que ela pontuou no item denominado pela autora “Educação, educadores e escola” e ao mesmo tempo observar que ela era uma pessoa decidida e tinha convicção da importância de seu papel como professora:

Eu não posso dizer a você que saí da escola Normal sem entender de nada não [...] eu estava por dentro [...] me esforçava para fazer um bom trabalho para que eles (os alunos) aprendessem e para corresponder à formação que eu tinha tido; [...] quando eu terminei, me senti segura, quando fui para Redenção estava dona da técnica [...] meu noivo me disse: “muito bem, seu pai lhe deu uma boa educação, mas quando casarmos você não vai mais trabalhar fora”. Eu disse: o quê? O quê? Tirei a aliança e entreguei. Palavra de Deus. Eu disse: pegue sua aliança. Tudo bem, gosto de você, mas com essa condição eu não me caso.

Um fato interessante que pode ser pensado a partir dessa fala é a ideia propalada de que as normalistas estariam prontas para casarem depois da conclusão do curso, inclusive é uma questão que faz parte da música “Normalista” de Nelson Gonçalves. Fato que muitas vezes devido ao nascimento dos filhos e as tarefas da casa se tornam um impedimento para que as normalistas assumissem o magistério. Retornar-se-á a essa questão em momento oportuno.

O último diretor, como já mencionado, foi *João Hippolyto de Azevedo e Sá*³⁷ (1960-962). Esteve à frente da instituição também em 1914-1934; 1939-1951, sendo o diretor que mais

³⁷ Redigiu um livro “Memória Histórica da Escola Normal do estado do Ceará relativa ao ano de 1912 “, brochura artesanal, manuscrito, de 21x 27 centímetros, com 89 páginas pautadas e costuradas. Trabalho lido na Congregação em 25 de fevereiro de 1913. As primeiras 56 páginas contêm o seu relato sobre aspectos educacionais e funcionais da escola. Nas páginas seguintes de 57 a 89 traz uma carta ao presidente do estado do Ceará em protesto contra a nomeação de uma professora suplementar para a sua cadeira nesta instituição e 11 (onze) cartas escritas por

ocupou essa função na instituição desde seu funcionamento (1884). Era médico formado em 1904 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, fez estágios de dois anos em hospitais de Paris, Berlin e Viana. Desempenhou essa função no Ceará na Santa Casa de Misericórdia e ocupou as cadeiras de *Physica*, *Chimica* e *História Natural*.

Era conhecido pela determinação, disciplina e a favor da moral e bons costumes. A *NI da 3ª turma* - ressaltou que o *Dr. João Hippolyto era muito, muito exigente*, corroborando com essa questão, Guerreiro (2003, p. 110) enfatiza que “[...] um de seus princípios de vida era a necessidade de sempre se „dar o bom exemplo“, valorizava o perfil de um bom diretor de escola, seguro, coerente, pontual, comprometido com o bom funcionamento do serviço público”. Características que apontam para seu compromisso em estar à frente da formação de professoras primárias da tradicional Escola Normal.

Dentre muitos fatos que podem ser destacados que se relaciona com a questão da tradição dessa instituição e também aos nomes dos diretores mencionados é o evento que faz parte da comemoração do aniversário de 92 anos da escola, destinado a inauguração de salas homenageando pessoas ligadas à vida do estabelecimento e programações artísticas divulgado no *Jornal O Povo* em 25/03/1982:

A inauguração de salas homenageando personagens de renome ligadas à vida do estabelecimento e uma vasta programação artística assinalaram, na manhã de ontem, o transcurso dos 98 anos de fundação do Instituto de Educação do Ceará – IEC. Ex-aluna do tradicional colégio, filha e esposa de professores e jornalista, D. Albanisa Sarasate, diretora presidente do *O Povo* teve seu nome escolhido para denominar a Sala de imprensa, onde estão impressos o jornal “Águia”, órgão oficial do instituto, além de outras publicações e informes de interesse daquela unidade de ensino.

Observa-se no texto que alguns aspectos podem ser relacionados à ideia de tradição da instituição: “[...] o transcurso dos 98 anos de fundação do Instituto de Educação do Ceará – IEC”. E aqui se coloca a atual denominação se referindo desde o funcionamento da Escola Normal, embora seja a mesma, mas se percebe a tradição acumulada no processo histórico mesmo com todas as mudanças que ocorreram na chegada ao prédio do bairro de Fátima,

professores sobre o andamento de suas disciplinas que foram redigidas apedido desse diretor. GUERREIRO, 2003). Outros trabalhos como documentos internos da Escola Normal, foram localizados pela professora Juracy Cavalcante e catalogados em seu trabalho *João Hippolyto de Azevedo e Sá: o espírito da reforma educacional de 1922 no Ceará* (2000).

inclusive com a mudança na denominação do nome de ausência do nome “Escola Normal” para IEC.

Outro fator seria a ênfase atribuída a D. Albaniza como ex-aluna do tradicional colégio, no caso, se referia à Escola Normal. Por último, a menção a um jornal denominado “Águia” que representa o símbolo da instituição representando também a tradição da escola. Símbolo que está representado em vários locais e espaços: parte superior da Fênix Caixeiral (onde sediou essa instituição 1918-1922), no monumento da pracinha da Normalista, localizada no interior da atual instituição, no brasão e bandeira da instituição, na farda atual, no auditório grande construído na gestão de Maria Eldair (com 8 fileiras de 18 cadeiras fixas em cada, totalizando 158 lugares, mas com capacidade para mais 280 cadeiras, e que leva o seu nome como mostram as fotos a seguir:



Foto 33 – Interior do auditório grande
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.
Foto tirada em 2013.



Foto 34 – frente do auditório com entrada para a Av. Luciano Carneiro
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.
Foto tirada em 2013.



Foto 35 – Placa afixada na entrada



Foto 36 – Bandeira da escola

da instituição no bairro de Fátima

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.
Foto tirada em 2014.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora..
Foto tirada em 2014

Ainda no tocante a matéria do jornal O Povo (25/03/1982) destacam-se:

As demais salas inauguradas forma a do Coral, com o nome do professor Antonio Gondim, autor da música do Hino da Normalista e do Hino do IEC, com letra de Filgueiras Lima; a do Centro Cívico, que recebeu o nome da Dra. Olívia Xavier, ex-diretora do instituto, numa homenagem póstuma; a de orientação Educacional denominada Sala Maria de Jesus Andrade, professora há 20 anos implantou esse serviço pedagógico no IEC; e a da Supervisão, que tem o nome da supervisora Suzana Dias Ribeiro, uma das mais antigas professoras do estabelecimento.

Primeiro vale ressaltar que a música Normalista é uma composição de Benedito Lacerda & David Nasser, mas em relação ao hino da instituição é de autoria do professor Antonio Gondim e Filgueiras Lima. Sobre essas salas mencionadas ainda permanecem afixadas nas paredes da escola as placas referente à Maria de Jesus Andrade (Orientação educacional) e Suzana Dias Ribeiro (Supervisão), também se localizou algumas indicações que homenageiam alguns dos diretores do período de 1958-1960: José Teixeira de Freitas (Biblioteca) e João Hippolyto de Azevedo e Sá (área destinada a saúde) como apontam as fotos a seguir:



Foto 37 – Indicação da biblioteca -
Prof. José Teixeira de Freitas
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.
Foto tirada em 2013.



Foto 38 – Indicação da área de saúde –
João Hippolyto de Azevedo e Sá
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.
Trabalho da pesquisadora em 2010.

Continuando a discorrer sobre aspectos referentes ao último diretor da instituição, e para se conhecer um pouco de sua vida ativa na educação, a obra *João Hippolyto de Azevedo e*

Sá: o espírito da reforma educacional de 1922 no Ceará de Cavalcante (2000) traz grande contribuição quando discute sobre o contexto em que o relegaram a um lugar obscuro na história da educação cearense e no decorrer do livro, aponta contribuições desse diretor para a educação cearense. A título de exemplificação na citação a seguir Cavalcante (2000, p. 93) aponta para a sua postura e comportamento diante das normas vigentes da instituição descritas no Regulamento durante a sua 1ª. gestão (1914-1939):

E João Hippolyto continua a criticar o regulamento em relação à falta de rigor na observância da frequência, no julgamento dos alunos por ocasião dos exames escritos e orais, face ao alto índice de aprovação e ao comprometimento dos professores com a oferta de „aulas particulares“ – que são vedadas pelo regulamento – às vésperas dos exames e que inclinam esses mesmos professores a aprovarem as alunas. Critica o regulamento por instituir provas teóricas e orais, tanto para as cadeiras de ciencias quanto de letras, sendo que as primeiras, necessitariam de exames práticos. Sobre o ensino prático, dedica longas considerações. Denuncia que pelo art. 7º do regulamento em vigor na escola Normal, esta deveria ter „gabinetes de Physica e de Sciencias naturaes, laboratório de chimica, aparelhos de projecção, museu pedagógico e quanto material respeito ao aperfeiçoamento da prática de ensino.

O posicionamento e comportamento diante de qualquer assunto estão atrelados a uma postura ideológica que seja política, religiosa, econômica, cultural está imbuída de crenças onde o argumento ou preceito usado no momento é válido e serve como resposta a uma determinada situação. Porém, existem as controvérsias e divergências de opiniões motivo para suscitar grandes embates que se arrastam na disputa pelo poder.

No Regulamento do Ensino Normal Decreto nº 3.662 (CEARÁ, 1959) em relação à administração da Escola Normal, no capítulo 1 os artigos 55º - 57º e seus parágrafos apontam normas sobre essa questão, destacando-se:

Art. 55º – a administração dos estabelecimentos de ensino normal será exercida pela Diretoria, com a colaboração de um Conselho Técnico;

Art. 56º - Os diretores e Vice-diretores dos estabelecimentos oficiais exercerão funções gratificadas.

§ 1º - O Diretor de estabelecimento oficial será escolhido pelo governador do estado, dentre os catedráticos constantes de uma lista triplíce proposta pela Congregação

§ 2º - Os Vice-Diretores serão propostos pelo Diretor.

Art. 57º - A Congregação é o órgão máximo de deliberação da vida administrativa e pedagógica do estabelecimento, respeitadas as atribuições conferidas à Diretoria e ao Conselho Técnico nos termos deste Regulamento.

Observando-se o que foi disposto nesses artigos pontuam-se alguns aspectos: o fato do diretor ser escolhido pelo governador a partir de uma lista triplíce, condição que limitava as decisões desse profissional ao plano educacional do governo vigente; atualmente não se tem mais

o cargo de vice-diretor. Anteriormente já se mencionou que o cargo de diretor surge com o funcionamento dessa instituição, assumindo José de Barcellos. Portanto, desde 1884 esteve presente essa prática de indicação para esse cargo e que ainda é adotada nas prefeituras dos municípios cearense. Atualmente, nas escolas estaduais do estado do Ceará, o diretor é eleito pela comunidade escolar³⁸. Antes participam de uma seleção com provas escrita, entrevista e psicotécnico e os que não são eleitos ficam a espera em um banco de dados para assumir as escolas em que não foi possível a eleição. Os coordenadores participam também da seleção, mas são escolhidos pelos diretores.

No final da década de 1980 se retomam medidas para a melhoria da educação pública de qualidade e se intensificam com a LDB nº 9.394 (BRASIL, 1996) que também é resultado de acordos internacionais visando uma melhoria na educação dos países com maiores problemas. Muitas mudanças foram instauradas por meio de políticas públicas educacionais mediante Programas, Leis, Projetos etc.

Dentre as mudanças conceituais presentes nos discursos educacionais e que vêm ao encontro dessas mudanças na educação cita-se “gestão” em detrimento de “direção” e também a adesão de vocábulos: democracia, qualidade, transparência, participação, porém muitas vezes não se aplicam na prática. Paro trabalha muito desses conceitos articulados à gestão democrática em detrimento da administração escolar (2007 p.7) ressalta que a democratização da gestão escolar,

[...] como objetivo de uma política educacional que mereça esse nome, se dará na medida em que a administração na escola básica, tanto em suas atividades - meio quanto em suas atividades-fim, se fizer de fato como mediadora para a busca de fins democráticos e educativos.

Além do processo de eleição para a escolha do diretor na perspectiva da gestão democrática, o diretor não exerce mais seu papel individual, mas com um núcleo composto por ele, coordenadores e o Conselho Escolar (que é um órgão autônomo), estão à frente do desenvolvimento do trabalho escolar, ressaltando que em muitas escolas infelizmente não acontece a participação do Conselho escolar e em muitas instituições membros da comunidade escolar nem sabem da existência ou até mesmo tem um órgão formado, mas não atuante, enfim com várias possibilidades que impedem o funcionamento desse importante órgão que pode

³⁸ Lei nº 13.513, de 19.07.04 – dispõe sobre o processo de escolha e indicação para o cargo de provimento e comissão, de diretor junto às escolas da rede pública estadual de ensino, e dá outras providências. Lei assinada pelo

contribuir na gestão escolar. Outra medida que se considera um avanço é a exigência da comprovação de conclusão do curso de Especialização em Gestão Escolar.

Como exemplo de resultados de investimentos de políticas públicas na formação dos profissionais da educação e aqui se reporta ao diretor, destaca-se a criação do Projeto Escola de Gestores, uma parceria entre Ministério da Educação (MEC), secretarias municipais e estaduais junto a uma IES para ofertar o curso de Especialização em Gestão Escolar aos profissionais que já estão trabalhando em núcleo gestor da escola ou que estão no banco aguardando a chamada, mas que ainda não têm formação adequada, sendo todos efetivos do magistério nas escolas públicas³⁹.

Outro exemplo de investimento em formação de professores é Plano Nacional de Formação de professores da educação básica (PARFOR)⁴⁰, no Ceará a UECE também traz muita contribuição para a melhoria da qualidade da educação, também com a formação de vários professores.

Atualizando algumas informações coletadas no ano de 2014 sobre o IEC/EN em relação ao terreno, encontram-se edificadas: 1 auditório grande coberto “aberto” (500 pessoas), 1 auditório fechado com ar condicionado para 80 pessoas, 1 laboratório de informática, 1 laboratório de ciências, 1 quadra grande coberta com capacidade para 500 pessoas, 1 sala de multimeios, 1 sala para secretaria, 2 salas para o arquivo, 1 pracinha da Normalista, 1 cantina (mas não vende lanche), 1 sala de professores; banheiros: 4 banheiros e um para tomar banho, sendo feminino e masculino, totalizando 5 unidades; bebedouros: com 4 torneiras, 5 unidades.

Referente IEC/EN no ano de 2013 que se formaram em março 2014 devido a greve, se apontam alguns dados que foram informados pela diretora da escola e observados pela pesquisadora: funcionam 8 salas de aula ainda com o padrão do projeto original medindo 8 x 6 metros quadrados, com 1 ou 2 ventiladores, 1 quadro branco, mas ainda com espaço verde, 1

governador Lúcio Gonçalo de Alcântara.

³⁹ Destaca-se o Projeto Escola de Gestores no Ceará em parceria do MEC, secretarias municipais e estadual com Instituto UFC Virtual ofertando o curso de Especialização em Gestão Escolar na modalidade semipresencial. Em 2008 formou 206 gestores; em 2012, 1.120 gestores e, atualmente, em 2013-2014 desenvolve-se o curso com 600 gestores matriculados em pólos nos municípios cearense. Em todas as versões do curso o coordenador foi o professor José Rogério Santana. Durante segunda versão do curso desempenhou-se a função de tutora, professora adjunta do Projeto vivencial e orientadora do trabalho de Conclusão de Curso (TCC). No atual (2013-2014) trabalho como vice-coordenadora. Desde 2011 também se oferta o curso de Especialização em Coordenação Pedagógica.

⁴⁰ O Parfor, na modalidade presencial é um Programa emergencial instituído para atender o disposto no artigo 11, inciso III do Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009 e implantado em regime de colaboração entre a Capes, os

mesa e cadeira para o professor e aproximadamente 50 carteiras, com tinta creme nas paredes, dois basculantes e duas portas.

É importante assinalar que o mobiliário, que era de madeira, em fevereiro de 2012, foi doado pela SEDUC dentre eles as carteiras (foto nº 30 e nº 31) para o Centro Educacional Menino Jesus de Praga, e as novas carteiras chegaram em novembro de 2012. (Depoimento da diretora em 2014). Somente na sala da direção ainda se encontram alguns móveis de madeira como armário, cadeiras e mesas.

Ainda no ano de 2013 foram matriculados 256 alunos no Curso Normal, se formando 96 alunos. Sobre as questões apontadas para a evasão a diretora assinalou: “o aluno sai do curso para trabalhar e devido à desvalorização do curso”. 26 alunos na turma piloto de Formação Continuada em Educação Infantil na Perspectiva Inclusiva e 72 no Curso de Formação Continuada em Educação Especial na Perspectiva Inclusiva. Ressalta-se que no ano de 2012 e 2013 não foram ofertadas vagas para o 1º ano. O turno da manhã funcionou com 5 aulas de 50 minutos e à noite com 4 aulas de 40 minutos. O turno da tarde deixou de funcionar neste período. Quanto à gestão escolar, funciona com uma diretora e duas coordenadoras que alternam seus horários dividindo as tarefas do trabalho escolar.

A partir dos elementos citados pode ser levantadas algumas questões com o intuito de se refletir sobre a formação nessa instituição e o contexto educacional, dentre as quais se destacam: Será que as políticas públicas educacionais de exigência do curso de nível superior ajudam no desinteresse das pessoas pelo curso? Até que ponto as faculdades de educação e os concursos para professores contribuem para esse quadro atual da Escola Normal atual? Haveria falta de comunicação e entendimento das pessoas e até mesmo dos profissionais da atual escola Normal em explicar a importância da formação inicial do professor antes de curar uma faculdade? Vale ressaltar que durante experiências da pesquisadora alunas que fizeram o curso normal quando ela trabalhava na instituição (2004-2010) e foram alunas também no ensino superior, com certeza, o que apreenderam no curso normal fez diferença para elas no ensino superior. Isso mostra a relevância da formação inicial do professor.

Depois da apresentação de elementos que possibilitaram a constituição de um cenário para se conhecer um pouco da estrutura física e administrativa da instituição, na seção

seguinte se abordará o processo seletivo de ingresso ao curso que era o exame de admissão, também concebido como vestibular tanto pelas candidatas como na legislação.

3.2 O Ingresso no Curso: Exame de Admissão

Vale ressaltar que as fontes documentais destacadas: Lei Orgânica do Ensino Normal (BRASIL, 1946), a Reforma do Ensino Normal Cearense através da Lei nº 4.410 de 26 de dezembro de 1958 (CEARÁ, 1958) e Regulamento: Decreto nº 3.662, de 21 de março de 1959 (CEARÁ, 1959) nortearam diretrizes utilizadas no período do curso 1958-1960. Assim, regeram normas para a seleção das candidatas ao exame de admissão no ano de 1958, marco que inicia a possibilidade do ingresso das candidatas no IEC/EN, por conseguinte, teriam a oportunidade histórica de serem as primeiras normalistas que se formariam professoras primárias no ano de 1960.

No seu Capítulo III “Dos alunos e da admissão aos cursos”, Lei Orgânica do Ensino Normal (BRASIL, 1946), os artigos 18º a 22º sinalizam normas para a admissão em qualquer dos ciclos do Ensino Normal, precipuamente, no artigo 20º que trata dos requisitos que os candidatos devem cumprir para a admissão nesse curso:

Quadro 10 – Critérios para admissão no Curso Normal

a) Qualidade de brasileiro;
b) Sanidade física e mental;
c) Ausência de defeito ou distúrbio funcional que contra-indique o exercício da função docente;
d) Bom comportamento social;
e) Habilitação nos exames de admissão.

Fonte: <http://www.soleis.adv.br/leiorganicaensinonormal.htm>. Elaboração própria.

Analisando o quadro chamam atenção os itens: c) “Ausência de defeito ou distúrbio funcional que contra-indique o exercício da função docente” e, dessa forma, se percebe a rigidez

e o não enquadramento de pessoas com deficiências⁴¹ como aptas a se qualificarem e se tornarem professores; como também o item d) “Bom comportamento social”.

A boa conduta era exigida já na seleção e, ao exercer o trabalho docente, havia uma cobrança ainda maior da sociedade, pois o professor tinha a obrigação de ter uma reputação ilibada (CARVALHO, 1998), pois era responsável pela educação e formação, no caso da Escola Normal das futuras professoras primárias, que deviam aprender os valores necessários para que elas tivessem um bom comportamento na sociedade. Como também o professor deveria servir de “exemplo” e “espelho” refletindo essa boa conduta para as futuras professoras primárias. Assim, o candidato a uma vaga nessa instituição deveria viver de acordo com as regras prescritas contribuindo para a ordem social dessa sociedade.

Sobre a questão da disciplina Foucault (2004, p. 27) aponta que “[...] ela permite ao mesmo tempo a caracterização do indivíduo como indivíduo, e a colocação em ordem de uma multiplicidade dada. Ela é a condição primeira para o controle”. Sobre esse assunto, mas enfatizando aspectos do funcionamento do curso normal (1958-1960) destacam-se as falas a seguir que se reportam ao controle em sala de aula, entrada e saída das alunas e sobre o uso do fardamento:

N2 da 3ª. turma - D. Emedina que tomava conta da turma que recebia as carteiras da gente era quem entregava na hora da saída que a gente entregava pra ninguém fugir né, só podia sair com a carteira que era uma carteira de estudante parecia um livrinho não sabe, era um controle que a supervisora tinha e naquela época chamava de “bedel”. Tomava conta da turma, era assim: recolhia as carteiras, levava pra secretaria, depois quando era na hora da saída ela trazia as carteiras pra gente ir embora.

N3 da 3ª. turma - cada professor fazia sua chamada. Eu sei que o portão fechava, acho que 8 horas e não entrava mais ninguém. Eu estudava pela manhã e terminava as aulas 12 horas.

N1 da 2ª. turma - tinha horário pra fechar o portão. Se chegasse atrasada ficava do lado de fora. Nem entrava, neste dia não. De jeito nenhum. Então na época do Dr. Hippolyto ele não permitia, voltava pra casa imediatamente e nem sequer falavam dele não, ele era muito exigente neste ponto. Às vezes agente chegava realmente atrasada mesmo porque os ônibus eram poucos, vinham lotados. Eu e uma colega morávamos no Mucuripe.

⁴¹ Atualmente já se tem pessoas com deficiências incluídas em várias instituições desempenhando funções na sociedade, inclusive no magistério. É preciso que todas as pessoas sejam tratadas como iguais independentes das diferenças, pois são cidadãs como todas as outras, portanto merecem respeito. Para um aprofundamento são sugestivos os trabalhos de STOBAŪS, Claus Dieter & OSQUERA, José Mouriño (Orgs.) *Educação especial: em direção à educação inclusiva* (2004) e MAGAHÃES, Rita de Cássia Barbosa (Org.) LAGE, Ana Maria Vieira (*Et al*). *Reflexões sobre a diferença: uma introdução à educação especial* (2003).

Retornando a análise dos documentos da legislação brasileira sobre o ingresso no curso normal quando se compara todos aqueles 5 (cinco) critérios do quadro acima dispostos na lei Orgânica do Ensino Normal (BRASIL, 1946) com esses respaldados pelo Regulamento de 1896, descritos abaixo (CARVALHO, 1998, p. 52):

[...] Ficavam alijados do direito de estudar na escola, em qualquer série do curso, os alunos que já tinham matrículas por três vezes e não haviam conseguido promoção por reprovação ou eliminação por indisciplina;

O ingresso na instituição de Ensino era através de Exame de Admissão;

O aluno não podia sofrer de moléstia contagiosa ou repugnante, teria que apresentar vacina contra varíola há menos de cinco anos;

Continuava a exigência no que diz respeito à aparência física;

Os alunos repetentes eram matriculados depois da classificação do Exame de Admissão, dependendo da sobra das vagas, em número de 60 (sessenta). Caso os candidatos obtivessem aprovação e não houvesse vaga, teriam direito a ela, independente de exame no ano subsequente, observando a classificação da época de seu exame;

A Escola não dava nem recebia transferência. (Grifo da pesquisadora)

Pode-se inferir dentre os requisitos acima propostos no quadro 10 a partir da lei Orgânica do Ensino Normal (BRASIL, 1946) os dois destacados já foram descritos desde o ano de 1896 o “Exame de Admissão” e “impossibilidade de acesso de candidato com deficiência”. Condição que mostra uma continuidade na rigidez, por conseguinte um caráter de tradicionalidade pelas exigências na seleção dos candidatos.

Ainda em análise a Lei Orgânica supracitada, no artigo 21º respalda que é delimitado ao candidato ao Exame de Admissão, idade mínima de 13 (treze anos) e prova de estudos primários para o curso de primeiro ciclo. Para o segundo ciclo, são exigidos o certificado de conclusão do primeiro ciclo ou do ginásio e idade mínima de 15 (quinze anos).

Ressalta também que candidatos maiores de 25 (vinte e cinco anos) não poderiam se inscrever em nenhum dos dois ciclos mencionados. Sobre este último quesito, fica claro mais uma vez um condicionamento, também pela idade, como forma de selecionar e ao mesmo tempo de excluir grande parte da sociedade.

A clientela dessa instituição foi freqüentada em sua maioria por alunas que pertenciam às classes alta e média. (SOUZA, s.d). Fato também ressaltado pela *N2 da 3ª turma - tinha muita gente que estudava lá que podia pagar um curso, a maioria das pessoas tinham condições, tinha muita gente rica na escola, tinha demais*. Esta realidade vem a corroborar com a preferência das futuras professoras em se formarem na Escola Normal por ser uma instituição de tradição e excelência perante a sociedade.

Ainda sobre a legislação brasileira, o Exame de Admissão está presente no artigo 36 da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961 (BRASIL, 1961):

O ingresso na primeira série do 1º ciclo dos cursos de ensino médio depende de aprovação em *exame de admissão*, em que fique demonstrada satisfatória educação primária, desde que o educando tenha onze anos completos ou venha a alcançar essa idade no correr do ano letivo. (Grifo da pesquisadora).

Esta lei que normalizava as regras para o ensino normal esteve vigente no período de formação das normalistas da turma de 1958-1960.

Este documento conservou em seu texto o Exame de Admissão e também no Título VII – Capítulo IV, artigos 52 a 61, preservou algumas normas para o Ensino Normal no corpo de seu texto. Fato alterado na LDB seguinte, nº 5.692 de 11 de agosto de 1971 (BRASIL, 1971) devido às mudanças de políticas educacionais que fixou diretrizes para o 1º e 2º graus. O Exame de Admissão é extinto pelo novo propósito de junção dos antigos Primários e Ginásios e o Ensino Normal desaparece do corpo dessa Lei, permanecendo como uma habilitação técnica.

Na LDB vigente, nº 9.394 (BRASIL, 1996), conhecida traz o Ensino Normal para o corpo do texto Lei, embora com proporções menores ao da LDB nº 4.024/61. Registrado somente no artigo 62º:

A formação de docente para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, **na modalidade Normal**. (Grifo da pesquisadora).

Somente a título de informação, por não ser assunto desse trabalho, o texto do artigo mencionado, aliado a outros aspectos no âmbito educacional, sobretudo, a exigência do diploma de nível superior, suscitou várias interpretações sobre o Ensino Normal. O fato é que esse artigo respalda o reconhecimento dessa instituição na certificação de preparação de professores para o magistério nas condições descritas. Quanto ao ingresso nessa instituição na vigência dessa lei acontece através de matrícula ofertada no período estipulado pela SEDUC.

Retornando ao período desta pesquisa (1958-1960) e, tendo como base o que já foi mencionado, o Ensino Normal foi regido sob a Lei Orgânica (BRASIL, 1946) que serviu de

parâmetro para a elaboração de leis estaduais. Nesse contexto, surgiram propostas e mudanças para se pensar a formação de professores para o magistério primário que resultaram em grandes debates em prol e contra o que fora proposto. Ressaltando mais uma vez que no Ceará a Reforma do Ensino Normal foi encabeçada pelo prof. Lauro Oliveira Lima⁴² (desde 1955 professor da cadeira de Pedagogia) que fazia parte do quadro docente da Escola Normal.

Na sua obra “Treinamento do professor primário: uma nova concepção da escola normal” publicado em 1966 faz um relato do que foi proposto para a reformulação do Ensino Normal cearense, os pareceres técnicos expedidos e o que foi transformado em Lei nº 4.410 (CEARÁ, 1958) – Regulamento: Decreto nº 3.662 (CEARÁ, 1959).

Embora não se tenha pretensão de fazer uma análise entre o que foi proposto e o que foi aceito, vale ressaltar que o professor entusiasta e seus adeptos defendiam uma nova formulação de treinamento do professor primário e, já na introdução, deixa bem claro a explicação sobre o termo treinamento que é um processo rigorosamente científico, tendo como base a prática do professor efetivada durante todo o curso (3 anos) diretamente nas escolas e instituições sociais, com a finalidade de qualificar e preparar o professor para a resolução de situações no desenvolvimento do trabalho escolar, como também uma formação para a vida a partir da realidade vivenciada. Consoante Lima (1966, p.15):

[...] quando nos referimos a “treinamento”, ocorre-nos à imaginação tarefas manuais, grosseiras, inferiores. Contudo, o “noviciado” do aspirante aos votos religiosos não é senão um “treinamento”. A função do acadêmico interno no hospital junto aos doentes, é também de simples treinamento. Se a atividade é mecânica – o treinamento é manual. Se a atividade é, sobretudo, intelectual – o treinamento é um processo reflexivo. Treinamento, pois, não é problema de “conteúdo”: é uma questão de método. É a convicção de que o verbalismo dominante e tradicional das escolas desinteressadas não produz a profissionalização indispensável a tôdas (sic) as atividades do mundo moderno.

Mais adiante na página. 36 o fragmento a seguir complementa e explícita não somente a concepção de “treinamento”, mas a pretensão da Reforma em si:

Pretende-se, portanto, na reforma do ensino normal, INTERVER a ordem didática atualmente adotada: em vez de preparar, teoricamente, as normalistas para depois submetê-las a treinamento direto, onde aplicassem os conhecimentos adquiridos, pretende-se que, desde o primeiro momento o aluno seja lançado na problemática profissional, vivendo situações reais, tentando interpretação e solução empírica, para

⁴² Fizeram parte da Comissão também os professores: Suzana Dias Ribeiro, Marilde Saraiva Cavalcanti, Maria José Franco de Aguiar, Wanda Ribeiro Costa, Suzana Bonfim Borges, Laysce Severiano Bonfim e Geraldo Hugo Lira. (SOUZA, sd.)

depois, na classe e na biblioteca, nos seminários e debates, junto ao professor, reelaborar a experiência à luz dos princípios científicos. (Grifo do autor).

Pelo o que foi pensado como proposta por esta comissão pode inferir que eles tinham uma pretensão de fazer uma “revolução” na forma de se trabalhar a formação de professores para o primário partindo da praticidade da experiência retornando à teoria e apontando soluções para os problemas identificados durante a visita nas escolas pelas normalistas. Abordagem que vem ao encontro de uma prática pedagógica baseada nas ideias do escolanovismo. (LIMA, 1966).

A partir da a análise desta proposta pode-se fazer um comparativo em relação à tradição da escola Normal desde o seu funcionamento (1884) como uma escola que estava acima de todas no que se refere à sua missão de formar professores primários, condição que permaneceu ao longo de seu processo histórico e que foi mencionado em alguns aspectos nesta pesquisa, dessa forma, sempre buscava uma qualidade e excelência para a formação, motivo que fazia dela a única Escola que formava normalistas.

A exemplo desde o início o primeiro diretor viajou pela Europa e também no Brasil em busca de melhores métodos e conhecimentos para manter essa tradição. É o que acontecia também no momento desta reforma. Porém, outro fator que tem caráter regulador e controlador é o poder das forças que se interessam pelas instituições que desempenham papéis sociais relevantes como é o caso das escolas que por muitas vezes em nome de privilégios de minorias impedem avanços que tem como propósito uma mudança parcial ou radical de um modelo que já está instaurado há algum tempo.

Nesse contexto a proposta foi aceita somente em parte quando transformada em Lei, desapontando seus defensores que tinham se opunham ao modelo de formação anterior que tinha como fundamentação um currículo e práticas mais teórica, privilegiando as aulas expositivas em detrimento da prática.

Além de a prática de ensino que era somente ao final do curso e não havia uma correlação entre teoria e prática. Esse ponto era basilar na proposta da comissão de reforma que tinham como ponto de partida exatamente o inverso a prática que seria vivenciada nas escolas e demais instituições sociais que possibilitavam o convívio dos normalistas com os problemas educacionais, portanto, a prática estaria presente nos 3 (três anos) do curso.

Devido ao que foi selecionado e entendido pelos legisladores de serem inseridos na lei da reforma do ensino no Ceará as normalistas da turma de 1958-1960 tiveram sua prática de ensino que foi realizada no último ano do curso. Retornar-se-á a esse assunto posteriormente.

Em relação ao Exame de Admissão o que foi proposto na Reforma do Ensino Normal pela comissão era que o ingresso não deveria seguir o rigor de um “vestibular”, mas de uma “pesquisa vocacional”. Deve ser pesquisada é a aptidão da candidata e não os conteúdos memorizados. (LIMA, p. 86, 1966). Na mesma página vale enfatizar a sua concepção sobre Educação que justifica o seu posicionamento sobre o referido Exame:

[...] Educação é, em última análise, influência entre indivíduos. A personalidade do influenciador deve ser, portanto, de alto nível, sobretudo, “simpática” sob pena de deixar dolorosas marcas na formação da criança. A escola é vida. E vida normal. Não é um período de “noviciado” para viver. A alegria e felicidade das crianças depende da personalidade do professor.

Já no que foi transformado em Lei nº 4.410 (CEARÁ, 1958) no Título III “Da vida escolar”, Capítulo I “Do ingresso” traz apenas os artigos 13º e 14º com dois pequenos textos generalizados que são explicitados no Regulamento (CEARÁ, 1959). “Da admissão” no artigo 30º - a vida escolar dos alunos iniciar-se-á pela matrícula que, na 1ª fase, está condicionada à aprovação do candidato em exame vestibular e nos seus 5 (cinco) parágrafos:

Quadro 11 – Parágrafos do artigo 30º

1º - O exame vestibular ao Curso Normal tem por fim verificar a cultura geral e o nível de maturidade do candidato bem como sua aptidão para o magistério.
2º - As provas de cultura geral do exame vestibular serão escritas, de caráter objetivo e versarão sobre (sic) as seguintes disciplinas do curso ginásial: Português, Matemática, Geografia, História do Brasil e Ciências Físicas e Naturais.
3º - A nota mínima de aprovação será 5 (cinco) em cada disciplina.
4º - Os candidatos que já tenham sido aprovados em uma ou mais séries de qualquer curso de 2º ciclo de grau médio, poderão ingressar no curso normal independentemente de exame vestibular.
5º - A aptidão para o magistério será verificada por meio de testes, de entrevistas com o candidato, de inquéritos junto aos professores (sic) dos estabelecimentos onde o candidato haja estudado anteriormente, e de quaisquer outros recursos que venham a ser aconselhados.

Fonte: Lei. Elaboração do quadro ilustrativo da pesquisadora.

Observando no quadro o vestibular foi mantido com provas relativas às áreas de formação básica não contemplando especificidades relacionadas à educação e/ou formação de professores e a ideia de aferição de aptidão vocacional foi mencionada no parágrafo 5. Contudo, no exame de 1958 não se encontrou este requisito nem nos documentos analisados e também nas falas de nenhuma das normalistas.

Analisando e ao mesmo tempo lembrando que o Regulamento supracitado, no artigo posterior 31º, se refere aos documentos exigidos para o Exame: a) Certificado de conclusão de curso 1º ciclo do grau médio; b) Atestado de sanidade física e mental e de condições de saúde que não contra-indiquem o exercício do magistério. Por fim, no artigo 32º especifica que os exames vestibulares serão realizados em escolas públicas e particulares, na mesma data, a ser previamente fixada pela Secretaria de Educação e Saúde, na primeira quinzena de fevereiro. Sobre o local de prova a *NI da 2ª turma* assinalou que fez *as provas do vestibular foi lá no prédio Justiniano de Serpa*.

Em uma das visitas ao IEC/EN se teve a felicidade de localizar o livro de Ata Geral de Exames de Admissão referente ao mês de fevereiro do ano de 1958. Esse documento possibilitou enriquecer esta pesquisa devido ao acesso de dados relevantes da situação de todas as candidatas que participaram desse Exame.

Observando essa fonte, das 211 (duzentas e onze) candidatas responderam provas de caráter oral e/ou escrito sobre as disciplinas: Português (oral e escrita), Aritmética (oral e escrita), História, Geografia e Ciências a nota mínima para aprovação era 50. Abaixo, se mostra um quadro ilustrativo do desempenho das candidatas, enfatizando-se a média geral com a finalidade de apontar o desempenho das candidatas, como também o índice de reprovação.

Tabela 1 – Exame de admissão (1958)

Total de candidatas: 211				
Disciplinas	Maior nota	Total de alunas	Menor nota	Total de alunas
Português/ escrita	100	03	50	45
Português/oral	100	01	40	03
Aritmética/escrita	100	06	50	38
Aritmética/oral	100	08	50	31
História	90	02	50	17
Geografia	100	15	50	26

Ciências	1,0	05	50	51
Maior média Geral	94	(01 aluna)		
Menor média geral	52	(01 aluna)		
Total de alunas reprovadas		(04 alunas)		

Motivo: faltaram todas ou alguma das provas.

Fonte: Livro de Ata Geral de Exames de Admissão.
 Quadro ilustrativo: elaboração própria.

No quadro se percebe que havia uma prioridade para as disciplinas Português e Matemática (Aritmética) sendo valorizadas pela avaliação escrita e oral, trazendo assim um caráter mais rigoroso priorizando-as em detrimento das outras disciplinas. Prática ainda hoje usada, principalmente, nas avaliações conhecidas em grande escala como a Provinha Brasil e nível de ensino fundamental (a prova é aplicada no quanto e nono anos) e o Sistema permanente de avaliação da educação básica do Ceará (SPAECE) em nível médio em que os alunos respondem um prova contendo questões de Português e matemática.

No tocante ao ensino médio atual, por exemplo, percebe uma avaliação mais voltada para a complexidade que é o caso do Exame nacional do ensino médio (ENEM) procurando uma articulação entre conceitos de áreas diferentes, portanto, se aproximando mais de uma cumplicidade e complexidade na análise das questões, neste sentido, pode se observar uma proposta de articulação entre as disciplinas e não evidenciando somente português e matemática.

Considera-se que esta condição também aponta para indícios de que também estão acontecendo mudanças na política educacional procurando se adequar a uma realidade de um mundo que exige das pessoas mais habilidades, praticidade e também o entendimentos de uma visão mais ampla para poder se posicionar e tomar decisões em tempo hábil, confluindo para esta perspectiva se tem também mudanças em relação ao currículo, assunto posteriormente retomado neste trabalho.

Dando continuidade a análise do que foi disposto no quadro 12, quanto ao índice de reprovação foi muito baixo e o resultado das candidatas, em sua maioria foi bom visto que atingiram um pouco mais que a média (50), porém com desempenho de algumas candidatas com nota máxima (100), exceto na disciplina de História que teve a maior nota (90).

Esses dados apontam para um esforço da candidata em conseguir uma vaga nessa instituição. E mais uma vez chama atenção para a importância que era dada em se tornar uma

normalista nessa instituição. As falas a seguir confirmam os relatos das normalistas entrevistadas de que essas provas eram muito difíceis e que havia até um cursinho preparatório particular:

N1 da 2ª. turma - para o curso Normal ainda tinha o cursinho, eu terminei o ginásio e fiquei 3 ou 4 meses antes do vestibular estudando com a D. Enedina perto do colégio Imaculada Conceição que era somente de preparação para o vestibular do Curso Normal.

Analisando esta fala percebe-se que o Exame de Admissão como ingresso para o Curso Normal foi mencionado como um vestibular, menção também encontrada no texto da Lei nº 4.410 (CEARÁ, 1958). O uso deste termo está relacionado ao caráter de rigidez das provas e da dificuldade de ingresso e, nesse sentido, a candidata deveria estudar com afinco para conquistar a aprovação. Fato justificado na fala acima da normalista ao ressaltar o funcionamento de um cursinho que preparava somente para esse fim. Continuando a descrever a sua fala, enfatiza mais uma vez o termo vestibular e também outros elementos relevantes sobre o Exame:

N1 da 2ª. turma - as provas do vestibular foi lá no prédio Justiniano de Serpa. Eu me lembro bem da redação de português, o professor era o Otavio Farias e o tema foi - O sertanejo. As provas escrita e oral nessa época fosse para o curso normal fosse para a faculdade tinha esse nome vestibular. Foi bom que eu tirei 8. Na faculdade também tinha provas escrita e oral de 5 matérias Química, Física, Matemática, Língua Portuguesa, História e Geografia.

Na fala seguinte, ainda corroborando com a ideia de rigidez e dificuldade de se ter aprovação no Exame de Admissão, a normalista acrescenta um dado novo mostrando que havia uma prática de ensino de escrever redação ainda no ginásio que servia como preparação para essa prova de ingresso no Curso Normal:

N1 da 3ª. turma - a gente no ginásio fazia redação e dissertação todo dia. Chegava na sala e já era fulano de tal, presente, ficava de pé e depois tinha no cavalete o que você ia escrever. Ai a professora passava as gravuras e botava o que ela queria, isso na dissertação e quando era redação ela só dava o título. Ai no dia do vestibular ficava todo mundo nervoso na hora da redação, ai eu tirei só 50, tirei 50 em tudo. Foi igual a um vestibular, tinha nota e não podia tirar menos que 50. Era 50. Eu fui uma que tirei em todas 50 até na redação. Também a prova de redação era muito difícil. Era uma Gota d'água. Menina era uma coisa tão difícil que ficou todo mundo nervoso.

No tocante a análise das duas últimas falas, dentre os elementos citados, se menciona o fato das normalistas se lembrarem bem da prova de redação e até do tema, como também se recordarem de suas notas 80 e 50 respectivamente. Sobre esse assunto, retornando às anotações

do diário e a outros momentos de suas falas se registrou que a primeira normalista apreciava muito as leituras das obras dos clássicos da literatura brasileira e, por sorte, o tema coincidiu com uma dessas obras que ela leu, no caso, *O Sertanejo*. Já a outra, não gostou de seu tema. Essas situações, de certa forma, podem justificar as notas que cada uma tirou em sua redação.

Reportou-se ao Livro de Ata Geral de Exames de Admissão e se localizou que realmente as normalistas tiveram as notas 80 e 50 respectivamente em suas redações, como mencionaram em suas falas. Esse acontecimento converge para se pensar na ideia de que a memória pode reter vários acontecimentos importantes da vida, quando priorizados por quem vivencia de forma individual e/ou coletiva, podendo ser resgatados no presente e também servir como base para se reconstruir o futuro. Le Goff (2003, p. 469) salienta que a “[...] a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje”.

Na fala seguinte a normalista destaca um fato novo em relação às outras falas, quando se referiu ao ingresso na Escola Normal por “transferência”, como apontado abaixo:

N2 da 3ª. turma - meu exame de admissão eu fiz na escola Justiniano de Serpa, não passei aí fui fazer num ginásio particular, aí de lá no 1º ano eu fui para a Escola no meio do ano. Era muito difícil a Escola Normal teve uma época que era o pessoal de classe alta que estudava, quem precisava não conseguia ir para a Escola né. Mas teve um senhor muito bom que era, que era muito amigo da gente e fez um requerimento, o irmão dele na época era Secretário de Educação, ele fez o requerimento para o Secretário de Educação e na hora foi aprovado o requerimento e a minha transferência foi feita imediatamente.

Percebe-se na fala da normalista o seu desejo em estudar na Escola Normal mesmo já cursando o Ensino Normal em outra instituição. Mais uma confirmação da relevância de se estudar nesta instituição. Em relação a conseguir a transferência como ela mostra em sua fala, foi porque alguém influente na época solicitou a transferência ao diretor, no caso um parente familiar que tinha um cargo importante no âmbito educacional, fato que ajudou na transferência em tempo imediato.

Essa situação vem exemplificar que mesmo existindo critérios de seleção, ou outras normas para servirem como padrão de igualdade, não impede que pessoas sejam beneficiadas. O caso citado serve como um indício de que ao longo do funcionamento dessa instituição possa ter havido outros casos semelhantes.

Em relação à legislação, no tocante a questão da transferência, comparando o último requisito citado por Carvalho (1998, p. 52) se referindo ao Regulamento de 1896 “a Escola não dava nem recebia transferência” observam-se avanços quando se comparam com o descrito nas Leis mais atuais: i) Orgânica do Ensino Normal (BRASIL, 1946), quando estipula no artigo 24º - é permitida a transferência de um para outro estabelecimento de ensino normal, em cursos do mesmo ciclo e no Parágrafo único - a regulamentação poderá dispor sobre os exames de seleção, entre candidatos à transferência, quando seu número exceda ao de vagas. ii) Na lei nº 4.410 (CEARÁ, 1958), no Capítulo III “Da matrícula e transferência” há uma ampliação no texto em relação a questão da transferência em que são disponibilizadas diretrizes nos artigos 42º a 47º.

Por fim, em relação às falas das normalistas ressalta-se o desejo e satisfação delas após a aprovação nesse Exame de Admissão, concretizando o ideal de ser uma normalista e poder receber o diploma de professora pela tradicional Escola Normal. Como enfatizado no trecho a seguir:

N1 da 3a. turma: mais o importante é que passei porque eu não queria sair de lá, estudei sempre no Justiniano de Serpa. Meu pai ensinava no Maria Goreth, colégio de freira, né, aí tinha a irmã Rocha e ele me perguntou se eu queria estudar lá e eu disse que não, queria ir para a escola Normal.

Ainda nessa mesma perspectiva, na fala seguinte a normalista mesmo com toda dificuldade enfrentada no período das provas do Exame de Admissão, mostrou sua insistência e determinação, para conseguir como resultado a sua aprovação e estudar na Escola Normal:

*N3 da 3a. turma - Eu só senti dificuldade porque no primeiro dia na primeira prova que foi Português, eu tinha estudado bastante eu sou apaixonada pela nossa Língua aí quando eu sai da **Escola Normal** tropecei no primeiro degrau lá de cima e sai rolando lá debaixo quebrei esse braço aí não estudei pra outras provas, fiz assim sentindo dores horríveis no braço, porque nem ao médico eu fui, acredita! Um pessoal botou um negocio aqui não sei como chamava implast parece. Não sei não como era. E eu fui fazer essas provas morrendo de dor, mas graças a Deus deu certo, eu passei. (Grifo da pesquisadora).*

Quando a normalista menciona na terceira linha de sua fala “Escola Normal”, ela se refere ao prédio Justiniano de Serpa, local onde prestou o referido exame e finaliza com seu contentamento pela aprovação. A seguir se trará o último item dessa seção que abordará considerações sobre o currículo escolar.

3.3 O Currículo Escolar

O ponto de partida para análise será também a Lei nº 8.530 (BRASIL, 1946), Lei nº 4.410 (CEARÁ, 1958) e Regulamento – Decreto Decreto nº 3.662 (CEARÁ, 1959), pelo mesmo motivo de servir de normatização e estruturação também para o currículo escolar da turma de 1958-1960.

Com objetivo de tornar mais fácil a visualização, abaixo se mostrará um quadro ilustrativo a partir de 3 (três) fontes distintas como eram disponibilizadas as disciplinas no currículo. Na sequência do quadro se utilizou o critério dedutivo partindo-se da Lei Orgânica do Ensino Normal (BRASIL, 1946), Regulamento (CEARÁ, 1959) e, por último, o histórico das normalistas, buscando a compreensão e análise dos dados:

Quadro 12 – Comparação entre as disciplinas a partir das fontes consultadas

Disciplinas na Lei nº 8.530 (BRASIL, 1946)	Disciplinas no Regulamento Decreto nº 3.662 (CEARÁ, 1959)	Disciplinas nos histórico escolar das normalistas da 3ª turma⁴³
1º ANO DE CURSO		
1) Português 2) Matemática 3) Física e Química 4) Anatomia e Fisiologia Humana 5) Música e Canto 6) Desenho e Artes aplicadas 7) Educação Física, Recreação e Jogos.	As disciplinas estão disponibilizadas de forma generalizada. Sem distribuição nos 3 anos de curso. Serão descritas abaixo.	1) Português 2) Matemática 3) Religião 4) Física e Química 7) Anatomia 8) Música 9) Desenho
2º ANO DE CURSO		
1) Biologia Educacional 2) Sociologia Educacional 3) Higiene e Educação Sanitária 4) Metodologia do Ensino Primário 5) Desenho e Artes Aplicadas 6) Música e Canto 7) Educação Física, Recreação e Jogos.	As disciplinas estão disponibilizadas de forma generalizada. Sem distribuição nos 3 anos de curso. Serão descritas abaixo	1) Educação Física 2) Higiene 3) Biologia 4) Desenho 5) Antropogeografia 6) História da Educação 7) Música 8) Metodologia 9) Pedagogia 10) Português 11) Psicologia 12) Religião
3º ANO DE CURSO		
1) Psicologia Educacional 2) Sociologia Educacional 3) História e Filosofia da Educação 4) Higiene e Puericultura	As disciplinas estão disponibilizadas de forma generalizada. Sem distribuição nos 3 anos de	1) Educação Física 2) Prática de Ensino 3) Psicologia 4) Filosofia

⁴³ Além dessa fonte se localizou os diários dos anos de 1959 e 1960 e como faltou o primeiro ano, se teve a opção de colocar nesse quadro ilustrativo somente o histórico das alunas. Posteriormente se utilizarão os diários para a pesquisa dos nomes dos professores e, sobretudo, dos conteúdos registrados, assim como outras informações relevantes que contribuam para elucidar melhor os assuntos abordados.

5) Metodologia do Ensino Primário 6) Desenho e Artes Aplicadas 7) Música e Canto 8) Prática do Ensino 9) Educação Física, Recreação e Jogos.	curso. Serão descritas abaixo	5) Sociologia 6) Metodologia 7) Música 8) Desenho 9) Administração 10) Religião 11) Puericultura
--	----------------------------------	--

Fonte: Lei nº 8.530 (BRASIL, 1946), Regulamento Decreto nº 3.662 (CEARÁ, 1959) e histórico escolar das normalistas da 3ª turma. Quadro: elaboração própria.

De acordo com o Regulamento Decreto nº 3.662 (CEARÁ, 1959) as disciplinas estão apresentadas em um só bloco: Português; Matemática; Física e Química; Anatomia e Fisiologia Humana, Biologia Educacional, Higiene e Puericultura; Psicologia Educacional; Filosofia da Educação; Sociologia Educacional; História da Educação; Antropogeografia do Nordeste; Pedagogia Geral; Metodologia do Ensino Primário; Prática de Ensino; Administração Escolar; Desenho e Artes Aplicadas; Canto e Música; Educação Física, Recreação e Jogos. Com a descrição dessas disciplinas se completa o quadro, podendo ser efetivada a análise.

Em relação às duas primeiras fontes referentes à Legislação Federal (BRASIL, 1946) e Estadual (CEARÁ, 1959), respectivamente, observa que na matriz curricular do Curso Normal Cearense houve o acréscimo das seguintes disciplinas: *Antropogeografia do Nordeste*; *Pedagogia Geral* e *Administração Escolar*.

No tocante às disciplinas disponibilizadas na última fonte: o histórico escolar da normalista⁴⁴ em comparação com as descritas no Regulamento ambas expostas no quadro anterior, o currículo trabalhado na escola teve o acréscimo das disciplinas de *Religião*, mas a ausência das *Artes Aplicadas*. Posteriormente retornarei a esse assunto.

Analisando as 3 (três) matrizes curriculares referentes ao ensino normal mostradas no quadro nº 11 com o currículo usado desde o funcionamento (1884) que teve as disciplinas denominadas de Cadeiras citada nos estudos de Silva (2001, p. 64) abaixo especificadas,

⁴⁴ Conseguiu-se localizar as 50 pastas das normalistas da 3ª. turma que era feita de papelão na cor amarelo claro. Na capa tinha os seguintes campos título “Ginásio do Instituto de Educação Justiniano de Serpa” Fortaleza – Ceará seguido campos a serem preenchidos: Nome... e nº..., Filiação: pai... e mãe..., natural de..., Nascimento: local... e data..., Residência..., Matriculada no ano letivo de ... , série... do curso..., transferido do... em... , transferido para o ... em.... Dentro da pasta tinham as cópias dos seguintes documentos: 3 fichas referentes aos 3 anos de curso normal contendo as matérias e notas (espécie de boletim), o certificado e histórico do curso ginásial e registro de nascimento.

percebe-se a predominância de um currículo com disciplinas básicas⁴⁵, mas não diretamente relacionada à prática para o magistério.

Ainda seguindo a mesma referência da autora em sua pesquisa também se constata que, no início do funcionamento dessa instituição que havia a indicação de livros para algumas disciplinas que acompanhavam as informações relacionadas ao início das aulas no curso momento em que também eram também publicadas as cadeiras ofertadas, como apresentado abaixo, respectivamente: funcionamento das aulas e livros adotados:

Escola Normal – de ordem do Illm. Sr. Inspector Geral da Instrucção Pública da Província Dr. Rufino Antunes de Alencar, faço público que as aulas da escola Normal começam a funcionar no dia 14 do corrente pela maneira seguinte:

- 1ª. cadeira – Portuguez (2ª, 4ª. e 6ª de 8 às 9 horas da manhã)
- 2ª. cadeira – Mathematicas (3ª. 5ª. e sábados de 8 às 9 horas da manhã)
- 3ª. cadeira – Geographia e História (2ª, 4ª. e 6ª de 9 às 10 horas da manhã)
- 4ª. cadeira – Sciencias Naturaes (3ª. 5ª. e sábados de 9 às 10 horas da manhã)
- 5ª. cadeira – Pedagogia e Methodologia (2ª, 4ª. e 6ª das 10 horas da manhã em diante)

Continuando com a disponibilização dos livros adotados:

Portuguez – gramática de Bento de Oliveira selectos dos quatro autores
 Mathematicas – Jardim, Arithmetca
 – Legendre, Geometria
 – Ayres Gama, Desenho Linear
 Geographia e História – Lacerda, Geographia
 – Macedo, História
 Sciencias Naturaes – não foi adoptado compendio algum
 Pedagogia – Pontos

Em relação à questão de indicação do livro didático, observa-se a escassez de livros publicados e até mesmo se registra a ausência em relação a Ciências Naturais e Pedagogia que se encarregava dos conteúdos de educação e da prática de ensino ou tirocínio⁴⁶. Vale ressaltar que essas informações destacadas se referem ao ano de 1884, fato que contribui para justificar a indicação de apenas esses livros citados.

⁴⁵ A Escola Normal seria anexa ao Liceu e os professores seriam os mesmos nas seguintes cadeiras: Português (análise dos clássicos e crítica literária); Geografia (elemento de História universal, História do Brasil e Corografia do Ceará); Filosofia, Moral e Religião; Matemáticas elementares; Metodologia e Desenho Linear. Para as cadeiras de Preceitos de Higiene e Física, seria organizado um concurso para selecionar os Lentes. (ARAÚJO, 2010 e 2012).

⁴⁶ “A prova de tirocínio, consiste na preparação prático-pedagógica feita sob a vigilância do professor”. (CARVALHO, 1998, p. 25). “Do lat. *tirociniu*. Primeiro ensino; aprendizado. Prática, exercício, atividade. Prática em determinada profissão; experiência”. (FERRERIA, 1999, p. 1965).

Quanto às Ciências Naturais (que não se indicou nenhum livro) e a Pedagogia que informou (Pontos), algumas hipóteses podem ser cogitadas: a ideia de que não haviam livros publicados na época sobre essas disciplinas e, caso tivesse, poderiam ter sido julgados como um material inapropriado para ser trabalhado na época nessa instituição.

Por outro ângulo, pode-se analisar essa situação levando em conta a excelência do quadro de professores dessa instituição. Nesse caso, estariam aptos a elaborarem um planejamento que desse conta de trabalhar os conteúdos adequados nas disciplinas em questão, além da estrutura física disponibilizada pela Escola, possibilitando que o professor trabalhasse também com as aulas práticas de cunho intuitivo que aconteciam em um Gabinete de Ciências Físicas e Naturais. Este ficava sob a direção de um Preparador e Conservador nomeado pelo presidente do estado, com cargo efetivo, adquirindo vitaliciedade depois de dez anos. (CARVALHO, 1998).

O último fator destacado se refere à 5ª. cadeira – Pedagogia e Methodologia , por hora enfatiza-se para poucas cadeiras que trabalhavam com os conteúdos destinados à educação englobando Pedagogia, Metodologia e Prática de Ensino, se conclui que era pouco tempo destinado aos conhecimentos específicos sobre educação, formação e ensino em sentido específico, pois todas as cadeiras tinham sua contribuição na formação dos professores.

Esta composição curricular ocasionou uma lacuna e também deficiência na trajetória da formação de professores primários no Brasil por ser mais fundamentado das disciplinas teóricas e fundamentos.

E aqui se retoma a discussão já iniciada em relação a questão da prática e teoria que foi o centro que alicerçou a proposta da Reforma do Ensino Normal Cearense que viu na prática, vivenciada na realidade escolar e em outras instituições, a base de toda a formação do professor primário. O que não prevaleceu na lei, que acabou não trazendo muitos elementos que mudassem a forma vigente antes da reforma tornando o currículo ainda estanque com o distanciamento da teoria e prática.

Em oposição a esta concepção a prática vislumbrada pelos entusiastas da reforma como á aludido seria uma questão de método, assim se tornaria realmente um reviravolta porque seria o ponto de partida. O IEC/EN nesta perspectiva seria um modelo onde as normalistas iriam detectar os problemas nas escolas, estes seriam discutidos à luz das teorias de todas as disciplinas e depois os resultados retornariam para a SEDUC a fim de buscar soluções para os problemas

identificados por elas. Assim, Lima (1966, p. 31) destaca que o “[...] currículo passa a ser os “problemas” que provavelmente, uma professora terá que enfrentar em sua atividade magisterial. Não estudará “psicologia”. Usará a psicologia para resolver estes problemas.” (Grifo do autor).

Nessa perspectiva o autor já assinala para a concepção de um currículo interdisciplinar onde todas as disciplinas trabalhariam com o mesmo tema⁴⁷. Já tinha uma visão de dinamicidade para dá movimento ao currículo que antes tinha uma condição estanque e de continuidade de forma linear, ou seja, iniciava uma disciplina e ali mesmo tudo também era esquecido, da mesma forma se iniciava outra e sucessivamente. Então era uma proposta curricular fragmentada.

Em contraponto a esta visão a dimensão do trabalho interdisciplinar pensada pela comissão da Reforma do ensino normal tendo a frente o professor Lauro de Oliveira Lima, consoante Japiassu (1976, p.74) “caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de interação real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa”. Ainda neste assunto, é notória a contribuição da precursora das pesquisas sobre interdisciplinaridade no Brasil, Fazenda (1994, p. 69), que destaca a metodologia interdisciplinar

em seu exercício requer como pressuposto uma atitude especial ante o conhecimento, que se evidencia no reconhecimento das competências, incompetências, possibilidades e limites da própria disciplina e de seus agentes, no conhecimento e na valorização suficientes das demais disciplinas e dos que a sustentam.

Ainda sobre o pensamento da autora (2012)⁴⁸, consideramos relevante enfatizar o trecho a seguir como forma de complementar a citação anterior:

na interdisciplinaridade é importante ser breve, curto e saber quando parar. Se não for assim, eu estaria aqui monopolizando esta aula. Temos que dar voz a cada um, no momento adequado. E a interdisciplinaridade supõe um olhar atento, ela não desconsidera a disciplina. Há necessidade de um projeto prévio, com etapas definidas, discutidas e reinventadas a cada dia, nunca ignorando o conhecimento prévio dos alunos.

⁴⁷ Como já ressaltado esse método não foi contemplado na transformação da Lei Orgânica do Ceará.

⁴⁸ Entrevista. Disponível em: <<http://www.direcionalescolas.com.br/entrevistas/ivani-fazenda>> acesso em 01 de dezembro de 2012. Sobre os trabalhos da autora, ressaltamos a coordenação do Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade (GEPI), fundado em 1968 na PUC-SP que conta com a participação de vários profissionais, tais como: pedagogos, psicólogos, médicos, advogados engenheiros, arquitetos. Pelos integrantes percebemos o interesse de vários profissionais em estudar e buscar compreender como os saberes estudados em ciências distintas podem ser integrados.

A interdisciplinaridade é hoje uma questão bastante discutida na reformulação dos currículos, pois as políticas educacionais internacional, nacional e local apontam para uma educação voltada para a articulação dos conhecimentos e o currículo se modifica a partir de necessidades relacionadas a uma dada realidade, porém como ele é um instrumento que traz uma visão construída a partir dos preceitos que abrangem as teorias e dessa forma o currículo é intencional e é elaborado e organizado com um fim elucidado a partir da teoria que o alicerça.

Dentre as teorias do currículo na qual se inclui, ressaltam-se: (SILVA, 2004; GOODSON, 1998; PEDRA, 1997 e SACRISTÁN, 2000) que defendem o currículo tomando como base as seguintes características: é historicamente situado em um contexto onde há disputas políticas, econômica, social e que ao ser organizado recebe todas essas influências que são refletidas nas escolas. Consoante Sacristán (2000, p. 17):

Os currículos são a expressão do equilíbrio de interesses e forças que gravitam sobre o sistema educativo num dado momento, enquanto que através deles se realizam os fins da educação no ensino escolarizado. Por isso, querer reduzir os problemas relevantes do ensino à problemática técnica de instrumentar o currículo supõe uma redução que desconsidera os conflitos de interesses que estão presentes no mesmo. O currículo, em seu conteúdo e nas formas através das quais se nos apresenta e se apresenta aos professores e aos alunos, é uma opção historicamente configurada, que se sedimentou dentro de uma determinada trama cultural, política, social e escolar; está carregado, portanto de valores e pressupostos que é preciso decifrar.

O currículo é um instrumento de poder e na época do curso (1958-1960) prevaleceu a perspectiva de uma visão apenas de seleção de disciplinas que se configura como programa do curso, a grade ou matriz curricular se tornando apenas um dos aspectos do currículo. Em relação a esses termos currículo e programam do curso a informação seguinte ajuda a pensar sobre essa questão.

O limar dos estudos sobre o currículo é atribuído a Bobbitt (1918) e Dewey (1902), propalando concepções norte-americanas e influenciando outras formas de se conceber o currículo, devido ao seu funcionamento descentralizado do sistema escolar; ideia que se distingue de programas (mais relacionado aos franceses) (PEDRA, 1997).

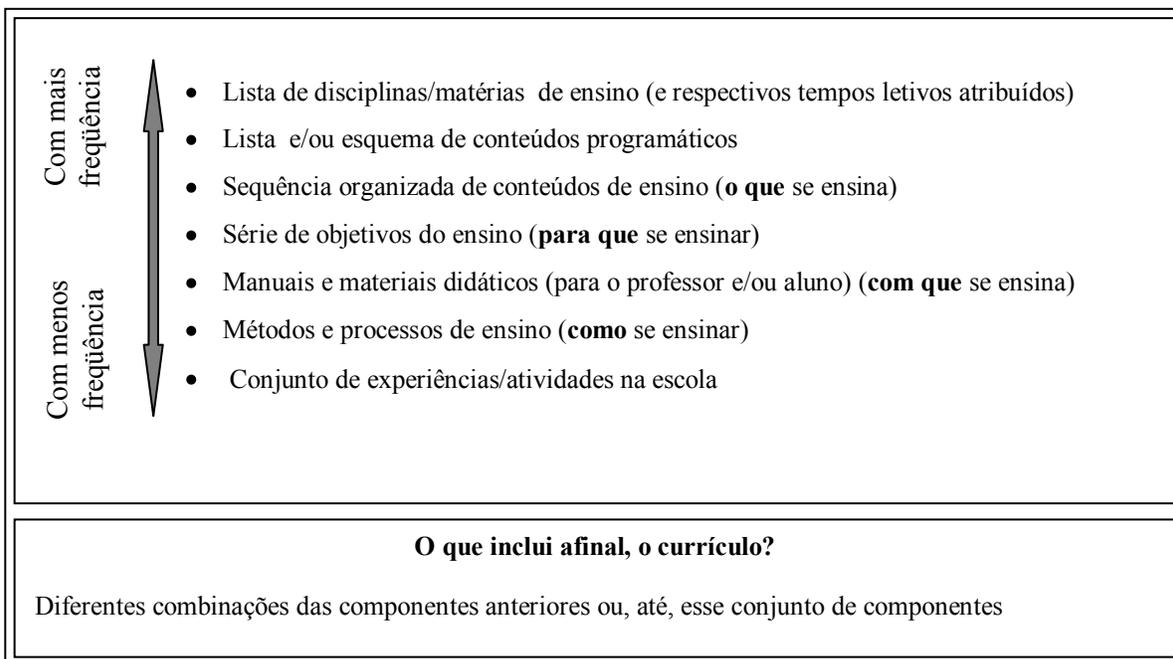
Um fato já abordado, mas que se torna importante ser ressaltado nesse momento por trazer aspectos importantes, é sobre o funcionamento da Escola Normal por ser a primeira instituição criada para a formação de professoras primárias, não ter ainda no Brasil uma experiência mais estruturada visto que antes se tinham aulas isoladas e métodos experimentais e ainda não havia uma instituição criada especificamente para formar professor.

No tocante à escola Normal cearense houve na época (1878-1884) período de criação seguido de funcionamento uma preocupação de antes se conhecer as práticas, métodos e saberes necessários para se qualificar a formação do professor, então a providência adotada foi designar o professor José de Barcellos Lente da cadeira de Pedagogia da Escola Normal e também que desempenhou o cargo de diretor, para a Europa com o objetivo de estudar e aprender os métodos e procedimentos de ensino primário para adequá-los à Província cearense.

Também estive de viagem a Bahia em 1886, para os mesmos fins só que nesta ocasião aprendendo sobre o funcionamento da Escola Normal desta Província. (CARVALHO, 1998 e SILVA, 2001). Os conhecimentos adquiridos nessas viagens ajudaram ou senão foi o alicerce para a elaboração do currículo inicial dessa instituição e com tendência a ser usado como um programa de curso.

A pesquisa que se realizou nas fontes já mencionadas, aponta para o entendimento de que desde o seu funcionamento (1884) até antes da Reforma do Ensino Normal Cearense (CEARÁ, 1958), embora tenha havido mudanças em todo o processo educacional no Brasil frente a política, economia, social e cultural, por exemplo, ainda se tinha uma proposta sedimentada mais para a ideia de programa que para a de currículo. No quadro seguinte, Ribeiro citado por Bianchi (2001, p. 37), ressalta algumas concepções de como o currículo foi entendido:

Quadro 13 – Concepções de representação de currículo



Fonte: Bianchi (2001, p. 37). Grifo do autor.

A partir das concepções apontadas no quadro em comparação com o que já se destacou sobre o currículo da Escola Normal, desde o seu funcionamento (1884), se percebe a presença de algumas delas, destacando-se as que o autor denominou como as mais citadas: “Lista de disciplinas/matérias (e respectivos tempos letivos atribuídos), Lista e/ou esquema de conteúdos programáticos e Sequência organizadas de conteúdo de ensino (o que se ensina)”.

Até porque os estudos sobre o currículo afluíram no Brasil apenas na década de 1950, com a obra de Roberto Moreira *Introdução ao estudo de currículo da escola primária*. Embora ainda se inicie de forma tímida, se tornando mais freqüente as discussões e estudos no final da década de 1970. (PEDRA, 1997). Condição que propicia a pensar que como não havia conhecimentos, debate e discussões sobre a questão do currículo no Brasil pode-se deduzir também que de certa forma podem ter influenciado no resultado da Reforma do Ensino Normal no Ceará atribuindo, por exemplo, que pode ter havido falta de apoio do lado dos que eram favoráveis a proposta na íntegra como foi estruturada.

Somente nas décadas seguintes, sobretudo, na de 1990 é que se intensificam os estudos e pesquisas que irão colocar o assunto currículo nos debates educacionais como sendo uma prioridade para se lograr uma educação de qualidade e também acompanhar as teorias e avanços no saber interligado e complexo, que dita regras para o mundo globalizado e informatizado em que se vive. Portanto um mundo que exige a interlocução da prática e da teoria.

A palavra complexidade, em seu sentido etimológico do latim *complexus* - significa “o que está ligado, o que está tecido”, porém entre o que está ligado e o que está tecido, embora estejam compondo uma totalidade, existem as especificidades que não devem ser descartadas e sim possam ser incluídas na compreensão da totalidade. Sobre a complexidade, Morin (2002, p. 566) enfatiza que “[...] se quisermos um conhecimento pertinente, precisamos reunir, contextualizar, globalizar nossas informações e nossos saberes buscar, portanto, um conhecimento complexo”.

A globalização pode ser compreendida como processo de internacionalização das economias capitalistas que exige uma nova forma de participar desse mundo interagindo com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), conhecimento científico, competências, habilidades e senso crítico para também analisar as questões que regem o planeta no sentido de mundo incomum a toda humanidade, incluindo a sustentabilidade e garantia de vida de todas as espécies que o habitam.

Por outro prisma considera e ao mesmo tempo observa que esse fenômeno traz contradição e desigualdades que englobam culturas, pessoas, economias, comportamentos e atitudes que demarcam lugares como centros mais desenvolvidos em alguns setores como: aviação, construção cível e, por exemplo, nesse contexto as mudanças relacionadas aos seres humanos de cunho social e cultural em muitas vezes não avançam na mesma proporção que são privilegiados por este fenômeno. Para Ianni (1999, p. 95) “as relações, os processos e as estruturas fazem com que tudo se movimente em direções conhecidas e desconhecidas, conexas e contraditórias”.

Nessa perspectiva a produção de conhecimentos e necessidades humanas, desenvolve-se o mundo transformando-o, portanto, seria necessária uma proposta de educação que integrasse todos os indivíduos aos saberes que perpassam e interagem no mundo globalizado, fazendo com que todos tivessem acesso a esses conhecimentos e, pudessem participar desse mundo de forma integrada. Nessa perspectiva, (UNESCO, 1998, p. 89) a educação deve:

transmitir, de fato, de forma maciça e eficaz, cada vez mais saberes e saber-fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva, pois são as bases das competências do futuro. Simultaneamente, compete-lhe encontrar e assinalar as referências que impeçam as pessoas de ficar submergidas nas ondas das informações, mais ou menos efêmeras, que invadem os espaços públicos e privados e as levem a orientar-se para os projetos de desenvolvimento individuais e coletivos. À educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele.

Assim, nessa proposta de educação para o século XXI, fundamentada na visão de mundo futuro que se consistiu na apresentação de saberes necessários para essa educação⁴⁹(UNESCO, 1998) apresentam-se os 4 pilares para a educação: Aprender a conhecer, Aprender a ser, Aprender a fazer e Aprender a viver juntos, conforme figura abaixo:

⁴⁹Sobre essa proposta indica-se a leitura da obra: MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 1999.

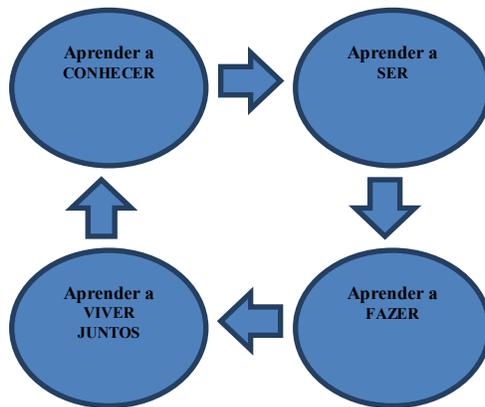


Figura 1 – Gráfico dos 4 Pilares da Educação do Século XXI

Fonte: Um tesouro a descobrir Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. Elaboração própria.

Todas essas dimensões de aprendizagens estão integradas, mas nem sempre estiveram juntas e trabalhadas na Escola devido a diversas concepções de tendências pedagógicas⁵⁰ que ainda norteiam o processo de ensino-aprendizagem ao longo da história educacional brasileira, pois cada uma delas especifica um conjunto de ideais envolvendo as dimensões: política, científica, social, econômica, cultural e educacional, contextualizados a partir da realidade vivenciada (e aqui se refere ao tempo histórico) para serem trabalhados na educação formal.

Retrocedendo ao período da pesquisa 1958-1960 e tomando por base o quadro 11, se percebe que mesmo com a Reforma do Ensino Normal (CEARÁ, 1958) o currículo continuou privilegiando as disciplinas de cunho teórico, mas com distanciamento da prática, portanto, continuou como base a formação humanista em detrimento das disciplinas pedagógicas. Sobre o assunto Lima (1966, p.19)

[...] O que se tem, atualmente, como “curso de formação de professores primários” é tão ineficiente e distante da realidade profissional, que se supôs não ser possível, humanamente, piorar a situação. É a coragem do impasse. As “técnicas” (?) didáticas, atualmente, em uso nas escolas primárias tem duas características salientes: a) ou são obsoletas, embora guardando certo cunho de autenticidade das coisas que se fazem baseados no “senso comum (!), característica que desaparece progressivamente em nome de novidades pedagógicas”; b) ou são mixórdia incongruente de “técnicas conflitantes”, verdadeira “colcha de retalhos” cujo significado científico e cujo embasamento teórico são, inteiramente desconhecidos do professorado. Haja vista a incapacidade nacional do magistério alfabetizar as crianças.

⁵⁰Sobre esse assunto indica-se as leituras: SAVIANI, Dermeval. *Historia das idéias pedagógicas no Brasil*. São Paulo: Autores Associados, 2007; LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico social dos conteúdos*. São Paulo: Loyola, 1992.

Sobre este posicionamento é oportuno trazer mais uma vez um dado da pesquisa de Cruz (2011, p. 75) quando entrevistou uma professora formada no Curso Normal e na Faculdade de Pedagogia na década de 1960 em São Paulo, pois sua fala se reporta a deficiência do Curso Normal no domínio de alfabetizar as crianças. Como se trata de uma pessoa do Curso Normal em outro estado, se comprova que este problema atinge dimensões amplas e se caracteriza também como uma deficiência na organização curricular como enfatizado a seguir:

eu cheguei chorando em casa depois de seis meses dando aula. Eu era uma das melhores alunas do Normal. Tinha tirado 10 em didática, 10 em metodologias, 10 em prática ... e não conseguia dar aula!!! Só 12 alunos de uma classe de 23 estavam conseguindo aprender a ler. Eu não me conformava de ter estudado tanto, de ter feito um curso excelente e não conseguir alfabetizar.

Retomando o final da citação de Lima (1966, p. 19) “[...] haja vista a incapacidade nacional do magistério alfabetizar as crianças” além dessa deficiência de se estender para o Brasil nessa modalidade de ensino o problema ainda se tornou maior, pois quando se pensa na formação de professores em nível superior essa dificuldade também perdurou mostrando a fragilidade de todo o processo de formação para o magistério no Brasil. Dessa forma, considera-se elucidativo e enriquecedor trazer à tona os depoimentos de duas alunas que cursaram o Ensino Normal e a Faculdade de Pedagogia, na década de 1950 e 1960 respectivamente, em São Paulo, que também foram fontes de análises da pesquisa de Cruz (p. 2011, p. 74-75).

Eu não sabia o que eu ia fazer da minha vida porque, naquela época, quem passasse em primeiro lugar na Escola Normal ganhava a “cadeira prêmio”. Eu ganhei a “cadeira prêmio” e fiquei afastada, comissionada, para fazer o Curso de Pedagogia na USP. Terminando o curso, eu tinha que assumir a “cadeira prêmio”, e eu não sabia o que fazer com as criancinhas. Eu entrei em pranto e desespero... É verdade!

Terminei a Escola Normal e, imediatamente, eu ingressei no Curso de Pedagogia da USP. Meses depois, eu recebi um prêmio pelo meu desempenho durante todo o Normal. Chamava-se “cadeira prêmio” que o governo do Estado concedia aos melhores alunos da Escola Normal. [...] Fui, então, escolher o meu lugar no sistema público e fiquei assustada porque me deram uma 2ª. série de alunos repetentes, que não sabiam ler. Ninguém me ensinou a alfabetizar... Eu não sei. Eu não posso dizer que não tive aula sobre alfabetizar. Mas eu era boa aluna, aprendia o que me ensinavam e, quando comecei a trabalhar, eu não sabia alfabetizar.

As falas anunciam problemas ocasionados entre o distanciamento da prática e da teoria, enfatizando-se mais o problema da ausência da prática que teve uma continuação mesmo

quando foram criadas as primeiras faculdades para a formação de professores. Em momento oportuno se trará a discussão Dio IEC/EN ter uma formação mais prática com maior carga horária para a prática de ensino em detrimento da faculdade que terá uma formação mais teórica, embora nos últimos anos tenha aumentado a carga horária referente à prática de ensino.

Somente em caráter informativo a primeira faculdade surge em São Paulo, de Filosofia, Ciências e Letras (Decreto nº 6.283 de 25 de janeiro de 1934). Posteriormente, mas na mesma década é criado o curso de Pedagogia⁵¹ e de didática e o grau de licenciado seria conferido apenas a quem cursasse os dois. (CRUZ, 2011). Assunto que não será aprofundado nesse trabalho, mas que merece ser assinalado porque mostra que a criação das primeiras faculdades brasileiras não sanou o problema já vivenciado no curso normal.

Em relação ao ensino normal e nível superior, atualmente se percebem muitas mudanças no sentido de melhoria na formação do professor baseada na articulação do binômio teoria e prática, como também o aumento da carga horária dos estágios e mais oportunidades do professor em formação poder ter contato com experiências nas modalidades que poderão a vir trabalhar: Educação Infantil, Ensino Fundamental I e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Considera-se relevante atualizar algumas informações referente ao currículo utilizado no curso normal no ano de 2014. O currículo do curso normal integrado está distribuído em 4 (quatro) anos, estruturado da seguinte forma:

Base Nacional Comum: Língua Portuguesa - 560h/a; Educação Física -160h/a; Matemática – 480 h/a; Física – 120h/a; Química – 120h/a; Biologia – 120h/a; História – 120h/a; Geografia – 120h/a; Filosofia – 40h/a; Sociologia – 40h/a. *Parte Diversificada:* Arte – 40h/a; Língua Estrangeira (Inglês) – 120 h/a; Língua Estrangeira (Espanhol) – 80 h/a; Literatura para Educação Infantil (80 h/a; Ensino da Língua Portuguesa – 80h/a; Ensino da Matemática – 80h/a; Ensino da História (80 h/a); Ensino da Geografia – 80 h/a; Ensino das Ciências Naturais – 80 h/a.

Gestão Pedagógica: Didática Geral – 80 h/a; Fundamentos de Estrutura e Organização da educação Básica – 40 h/a; Fundamentos de Filosofia e História da educação Infantil e Ensino Fundamental – 40h/a; Fundamentos de Sociologia e Antropologia da Educação - 40 h/a; Fundamentos do Desenvolvimento Infantil – 80 h/a; Fundamentos da Educação Especial – 40 h/a; Fundamentos de Psicologia da Educação – 80 h/a; Brinquedos e Brincadeiras

⁵¹ “O curso de Pedagogia teve por finalidade primeira formar bacharéis e licenciados, de acordo com o modelo já mencionado 3+ 1: três anos de bacharelado e um ao de licenciatura, sendo esta realizado no curso de Didática”. (CRUZ, 2011, p.36).

na Educação Infantil e no Ensino Fundamental – 40 h/a; Ensino da Educação Especial – 80 h/a; Psicomotricidade.

Prática de Ensino e Estágio Supervisionado – 800 h/a. Ressalta-se que devido a diferença de tempo de aula menor no turno noturno de 50 para 40 minutos, a carga total do curso totaliza: diurno – 4.000 e noturno – 3.200.

Em relação às disciplinas apresentadas se percebe um avanço na distribuição das cargas horárias, principalmente, no tocante à prática de ensino que se considera de extrema relevância para a formação do profissional, sobretudo, do professor que é o formador de todos os profissionais, que em cada função específica ocupará um papel na sociedade, portanto, estarão também conduzindo teorias e práticas que influenciarão na vida cotidiana da sociedade.

Vale citar que no IEC/EN funcionam também dois cursos de formação continuada que fazem parte da Escola Normal, onde atualmente funciona o CREACE. Os dois referidos cursos têm carga horária de 800 h/a distribuídas em um ano.

O primeiro que iniciou suas atividades foi o Curso de *Formação em Educação Especial na Perspectiva de Inclusão*, com a seguinte matriz curricular: Fundamentos de Educação Especial e de Inclusão – 40 h/a; Fundamentos Psicopedagógicos – 40 h/a; Fundamentos Didáticos Especiais e Organização do Trabalho Pedagógico – 80 h/a; Desenvolvimento Infantil e Noções de Genética – 120 h/a; Pesquisa Educacional – 40 h/a; O Lúdico e Arte na Educação Inclusiva – 80h/a; Psicomotricidade – 40 h/a; Fundamentos Teóricos-Metodológicos da Deficiência Intelectual no Cotidiano Escolar – 40 h/a; Fundamentos Teóricos-Metodológicos da Deficiência Auditiva no Cotidiano Escolar e Noções de Libras – 40 h/a; Fundamentos Teóricos- Metodológicos da Deficiência Psicomotora/Deficiência Múltipla – 40 h/a; Fundamentos Teóricos- Metodológicos da Deficiência Visual/Cegueira e Noções de Braille no Cotidiano Escolar - 40 h/a; Prática de Ensino Supervisionado e a Formação Ética e Política do profissional da educação Especial numa Perspectiva Inclusiva.

Em 2012 a partir do projeto⁵² “Cursos de Formação para o Magistério e Gestão Escolar” que compreendiam a educação infantil, série iniciais do ensino fundamental e EJA em que esta pesquisadora foi coordenadora, juntamente com uma equipe em que duas das

⁵² “Cursos de Formação para o Magistério e Gestão Escolar”. Descrição: Projeto que objetiva a implantação de Cursos de Formação Continuada com duração de 1 ano e carga horária de 1.000 h/a para o magistério nas áreas de Educação Infantil, Séries Iniciais do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos - EJA. Na área de Gestão Escolar: Curso de Coordenação Pedagógica. (2008).

participantes, uma foi diretora em 2012/2013 e a outra é atual diretora, elaboraram a matriz curricular do segundo curso de formação continuada.

Somente em 2014 puderam ofertar um dos cursos e optaram pelo curso na área de educação infantil, reformularam a matriz curricular do projeto original e, atualmente, se tem a primeira turma piloto do *Curso de Formação Continuada em Educação Infantil na Perspectiva de Inclusão*, funcionando com 26 alunos e com a seguinte estrutura curricular: Fundamentos da Educação Infantil e Inclusão – 40 h/a; Pressupostos Biopsicossociais da educação – 80 h/a; Conhecimentos Didáticos Pedagógicos da educação Infantil – 120 h/a; Abordagem Psicossocial Linguísticas do processo de Alfabetização – 80 h/a; Conhecimento Lógico Matemático na educação Infantil Natureza e Sociedade – 40 h/a; Tecnologias Assistivas – 40 h/a; Psicomotricidade e Lúdico – 80 h/a; Arte e Musicalidade – 80 h/a e Estágio Supervisionado: Prática Pedagógica e Iniciação a Pesquisa – 160 h/a.

Uma questão que merece atenção é o fato de que desde a elaboração do projeto original a pesquisadora (organizadora do projeto) e ter feito apologia a importância da pesquisa na formação dos professores incluindo-a na matriz curricular para que o interesse por este campo fosse despertado por ter a pesquisa muito a acrescentar na formação de um docente crítico e reflexivo, a partir das experiências trazidas da prática e repensadas com a teoria.

Em relação aos dois cursos de formação continuada mencionados, nas áreas de educação especial e educação infantil considera-se uma boa formação com carga horária bem expressiva, o dobro de muitos cursos de especialização, mas percebe-se 3 (três) entraves: a falta de divulgação e a presença de professores temporários, não no sentido do conhecimento, mas no tocante à inconstância trazendo sempre a ideia de “recomeço” a cada troca de profissional e, por fim, o fato de ser totalmente presencial e diário dificultando e ao mesmo tempo privilegiando poucas pessoas que dispõem de tempo nesse mundo em que o tempo parece diminuir a cada dia com tantas atividades que se envolve cotidianamente.

E aqui me refiro exatamente ao tempo vivido no mundo, que não é representado pela dimensão espacial, mas o tempo histórico vivenciado por cada um em seu dia. (HEIDEGGER, 2004). Caso fosse a distância, por exemplo, esse aspecto seria bem amenizado uma vez que permitiria o aluno a usar a autonomia de estudo de acordo com seu tempo.

Na próxima sessão serão abordados os aspectos didáticos e pedagógicos do curso destacando-se: as aulas e recursos didáticos, a prática de ensino das normalistas e a avaliação da aprendizagem



4 ASPECTOS DIDÁTICOS E PEDAGÓGICOS DO CURSO



Normalistas no IEC/EN (1958-1960) A



Normalista no IEC/EN (1958-1960) B

[...] Então eu tinha um entusiasmo muito grande, eu achava uma maravilha ir para aula, todas as disciplinas me agradavam demais, me enfeitiçava não sabe.

(NORMALISTA 3 da 3ª. TURMA)

4 ASPECTOS DIDÁTICOS E PEDAGÓGICOS DO CURSO

Nesta seção se mostrará considerações e discussões que possam continuar ajudando a pensar como aconteceu a formação das primeiras normalistas no prédio do bairro de Fátima no ano de 1958-1960. Serão trazidos aspectos concernentes as aulas e o uso dos recursos didáticos, prática de ensino das normalistas e será finalizada com a avaliação da aprendizagem.

4.1 As aulas e os Recursos Didáticos

Para a elaboração do calendário escolar do ensino na modalidade Normal e para se desenvolverem todas as atividades do trabalho escolar a Lei da Orgânica do Ensino Normal (BRASIL, 1946) indicava a seguinte normatização em seu Capítulo II “Do ano escolar”:

Art. 17º. O ano escolar dividir-se-á em dois períodos letivos e em dois períodos de férias, a saber:

a) períodos letivos, de 15 de março a 15 de junho, e de 1 de julho a 15 de dezembro;

b) períodos de férias de 16 de dezembro a 14 de março e de 16 a 30 de junho.

§ 1º Haverá, trabalhos escolares diariamente, exceto aos domingos e dias festivos.

§ 2º Poderão realizar-se exames no decurso das férias.

Observando-se o que dispõe esses artigos em relação ao que hoje se tem como indicação para a organização das atividades do ano letivo, não se percebe mudanças discrepantes, apenas alguma diferenciação no que concerne às datas e a duração de dois períodos, no caso, semestres para a forma anual.

Tomando-se como base o Regulamento (CEARÁ, 1959) houve um detalhamento referente ao mesmo capítulo daquela lei e foram reservados os artigos nº 33º-37º incluindo seus parágrafos para estabelecerem a normalização do período letivo, dentre os quais ressaltam-se:

Art. 33º - o ano letivo será de 200 dias úteis, divididos em dois períodos de 100 dias, independentes entre si, com férias intercaladas.

Art. 34º - terão caráter solene a abertura e o encerramento do ano letivo.

Art. 35º - § 2º - o tempo reservado às aulas serão de 50 minutos com o intervalo de 10 entre uma e outra, salvo se a conveniência de determinada atividade aconselhar outro tipo de distribuição.

Art. 36º - Parágrafo único - os estabelecimentos particulares adotarão o Calendário Escolar organizado pelo Instituto de Educação, com as modificações exigidas pelas condições peculiares a cada um. (Grifo da pesquisadora).

Art. 37º - A Diretoria do Instituto de educação, ouvido o Conselho Técnico, fixará anualmente: b) o número de alunos das diferentes turmas, o qual, em nenhuma hipótese, será superior a 40. (Grifo da pesquisadora).

Dentre o que foi enfatizado se chama atenção para os parágrafos 36º e 37º. No tocante ao primeiro se destaca o fato da Escola continuar sendo um modelo no sentido de ser um parâmetro para as demais instituições que tivesse o ensino normal e mais uma vez a esta condição se atribui também o fator tradição na formação de professores para as séries iniciais, no caso, primário.

No artigo seguinte 37º, ao se deparar com a quantidade de alunos estipulado em até 40 se comparou com a fonte, diário de classe, com a quantidade de normalistas matriculadas no ano de 1959, pois como já ressaltado, não se localizou o diário do 1º ano, portanto, nos livros do 2º e 3º anos *da 3ª turma* que foi a única turma em que se conseguiu localizar esse material, verificou-se que haviam 50 normalistas matriculadas.

A questão de sala de aula lotada ainda é um desafio enfrentado pelo núcleo gestor das escolas públicas, pois quando a situação é ter mais alunos como o exemplo aludido, não se constata dificuldades ou quase nenhuma em colocar esta turma em funcionamento mesmo com excesso de alunos, é um quadro recorrente ainda nas escolas. Por outro lado, quando se tem menos que a quantidade exigida para o funcionamento mesmo faltando poucos alunos ainda assim se constata como uma situação de difícil possibilidade de funcionamento desta turma.

Esta situação foi vivenciada por algumas vezes pela pesquisadora quando docente do IEC/EN (2004-2010) quando a medida tomada foi juntar duas turmas mesmo ficando com uma quantidade elevada de alunos na turma.

Após essas considerações preliminares, se retorna ao prédio do IEC/EM no bairro de Fátima, para continuar analisando fontes e dados objetivando conhecer como aconteceu o curso dessas normalistas, e aqui privilegiando o processo ensino-aprendizagem, a partir das práticas e recursos didáticos utilizados.

Ao longo do texto se mostrou que o curso (1958-1960) iniciou seu funcionamento de forma precária com dificuldades de estrutura física e da mobília. A fala a seguir reafirma novamente a situação vivenciada por todos os envolvidos: *NI da 3ª turma - no primeiro dia de*

aula estava tudo começando (primeiras turmas nesse prédio), tudo ainda era muito pequeno, biblioteca, tudo, tudo. Quando nós chegamos lá no primeiro dia de aula nem todas as carteiras tinham. Além dessa situação, vivenciava-se também o momento da Reforma do Ensino Normal (CEARÁ, 1959) já apresentado.

Vale acentuar que desde o seu funcionamento (1844) até chegar ao prédio do bairro de Fátima em 1958, já completava 74 (setenta e quatro) anos de existência, embora todas as mudanças ocorridas desde o primeiro ano de funcionamento, já trazia em 1958 um conjunto de práticas incorporadas da sua história, construída com ideias pedagógicas que incidiam na formação desses normalistas.

Sempre estive acima de seu tempo na sua missão em trabalhar com a formação de professores, pois era a instituição por excelência como se ressaltou tinha em seu quadro de diretores e docentes as pessoas mais capazes e reconhecidas na sociedade que respaldavam a continuidade da tradição da escola Normal.

Relembrando que no momento do curso 1958-1960 havia um contexto de mudança de tendências pedagógica influenciado pelas ideias da Escola Nova, avanço das ciências e que implicavam também nas variações de posturas, didáticas, métodos, concepções, planejamento, avaliação, enfim possibilidades dos professores trabalharem com uma perspectiva mais tradicional ou mais atual para o momento resultando em aulas planejadas de formas variadas e prática docente diversificadas. Sobre essa questão, as falas a seguir apontam indícios para se pensar essa conjuntura com inclinação para uma ou outra dessas concepções:

N1 e N2 da 2ª. turma - *O prof. Lauro de Oliveira Lima (deram uma risada) ele era revolucionário, era da Psicologia, a outra perguntou? (A2). Não, era da educação mesmo, não sei o que educacional não era da Psicologia. (A2). Ele era danado por reforma de ensino. Inclusive ele chegou a ter um colégio com o nome dele. Acho que a disciplina dele era Pedagogia. Ele era um grande revolucionário. Ele não morreu não. As filhas deles seguiram a área da educação.* (Grifo da pesquisadora)

N2 da 3ª. turma - *As aulas eram excelentes o professor Lauro de Oliveira foi nosso professor também, muito bom professor ele dava Metodologia. Ele estava lançando coisa moderna, eu não tinha livro, ele mandava que a gente fosse ao quadro da aula, que desenhasse em folha de papel de embrulho, ele era bem prático, ele queria que a gente falasse o que você sentia, era muito bom. Ele era ótimo, ele ensinava pedagogia e estava jogando aquela pedagogia moderna dentro da escola e brigava com os outros professores e com a diretoria porque queria que ele desse um tipo de aula e ele dava à maneira dele.* (Grifos da pesquisadora)

Analisando os depoimentos se percebe uma dúvida em relação à disciplina do professor Lauro. Como já enfatizado, se localizou os diários de 1959 que era um só livro para todas as disciplinas, em 1960 já eram diários separados por disciplinas da 3ª. turma (ressaltando que eram 4 turmas). A partir dessas fontes, a disciplina por ele ministrada era *Pedagogia* no 2º ano, portanto, em 1959.

Quanto ao fato de ele está ou não vivo no período da entrevista, se confirmou que realmente ele era vivo, mas infelizmente a educação perdeu um dos maiores entusiastas em prol da educação de qualidade, no dia 20 de janeiro de 2013⁵³. Sobre a escola mencionada na fala, ela se refere ao Colégio Oliveira Lima, administrado atualmente pelo diretor Lauro Henrique Santos de Oliveira Lima (filho) com uma proposta pedagógica fundamentada no método psicogenético, trabalhando com crianças desde o momento em que anda até o 9º ano. Está situada à rua Barbosa de Freitas, 705 no bairro Meireles.

As normalistas relataram bem que havia mudança nos procedimentos de ensino dele que era um “revolucionário”. Em análise ao que estava escrito sobre esta disciplina no diário (1959), se pode identificar alguns conteúdos e atividades, dentre eles: “Pesquisa sobre os gostos e aptidões”. “Pesquisa do valor das disciplinas pedagógicas”. “Educação Moderna: métodos e objetivos (1º cap. Desenvolvimento e conhecimento educacional)”. “Pode a educação ser diferenciada?”. “Escola e vida”. Quanto às atividades: cartaz “Que é o curso normal”? Museu Escolar- concurso de escolha do emblema, “álbum de pedagogia”, “pesquisa”. “Funcionamento de clube – cartaz. Outro destaque no depoimento é a situação de resistência que o professor se deparava com os colegas e também com a administração da escola, na época José Sobreira de Amorim.

Nessa perspectiva, Também foram citadas as aulas de *Psicologia*, apresentando *alguns elementos* em relação às estratégias, como o círculo e a dinâmica presentes nas aulas que se diferenciavam da perspectiva tradicional:

N4 da 3ª. turma – eu gostava muito de Psicologia que era o prof. Austregésilo, eu sempre gostei de Psicologia, era uma aula assim, dinâmica as vezes ele queria hipnotizar agente, eu não (risada), era muito engraçado. A aula era só conversa, não tinha aula de campo não, acho que aula de campo era do Lauro de Oliveira, a aula

⁵³ O Colégio Oliveira Lima, consternado, informa o falecimento de nosso Mestre Prof. Lauro de Oliveira Lima aos 91 anos em 29 de janeiro de 2013 às 22h30, no Rio de Janeiro. Lauro faleceu de astenia cardiovascular (enfraquecimento dos batimentos) e será cremado nesta quinta-feira (31). Disponível em <http://www.piaget.com.br/>. Acesso em 11 de janeiro de 2014.

dele era muito dinâmica, ele fazia círculo e deixava a gente falar. Aula fora da escola eu não me lembro. A gente apresentava trabalhos. (Grifo da pesquisadora).

Na análise do diário da referida disciplina ministrada em 1959, realmente o prof. foi Francisco Austregésilo e sobre os conteúdos, destacam-se: “Psicologia conceitos”. “Desenvolvimento do recém nascido”. “fatores que influenciam no desenvolvimento mental”. “Concepções sobre a infância”. “A criança e o adulto”. “Escola de Binet”. Atividades: exercícios, revisão. Quanto ao exercício de hipnose relatado pela normalista, mostra que o professor trazia para a sala de aula as informações sobre as concepções teóricas que se baseavam no método científico experimental, como se pode exemplificar com o estudo sobre a escola de Binet. Citando a concepção de Alfredo Binet, Zazzo (2010, p.12): “a antiga pedagogia deve nos apresentar os problemas a serem estudados; a nova pedagogia, os procedimentos de estudo.”. Dando continuidade, ele enfatiza:

os problemas? Lendo *Ideias modernas sobre as crianças*, vemos que Binet realizava, simultaneamente, uma sondagem sobre os alunos preguiçosos, uma pesquisa sobre a melhor maneira de instruir os surdos-mudos e uma experiência de educação moral em uma classe de crianças anormais. Quanto a esse último aspecto, constatamos que Binet professa que não há, propriamente, uma pedagogia especial. A pedagogia é a mesma para todos, diz ele. Ela consiste em ir do fácil ao difícil, evidentemente levando em conta as capacidades da criança, o que exige do professor conhecer cada um de seus alunos.

Ainda sobre as aulas de Psicologia, em consonância com o livro diário de 1960, dentre os conteúdos ressaltam-se: “Evolução da psicologia”. “Métodos empregados”. “Fatores psicológicos e psíquicos”. “Métodos experimentais”. “Psicoterapia infantil”. “Psicologia infantil”. “Etapas da vida infantil”, “Teorias quanto à natureza da criança”. “Oposição psicológica entre o adulto e a criança”. Concernente às atividades: debate, apresentação de cartaz.

Na disciplina de *Português*, citada por uma normalista, também se teve a oportunidade de se fazer a análise a partir dessa fonte diário de classe, ou melhor, do livro de 1959. Não foi possível a identificação do nome e apenas do sobrenome: RTMaia e com esta informação não se pode afirmar de que não era uma professora ou também que não tenha havido uma substituição pela profa. Noélia, como apontou a normalista no depoimento abaixo. Referente aos conteúdos, enfatizam-se: “Estilo; qualidades e defeitos”. “A formação do estilo: a leitura”. “Sintaxe e estilística”. Atividades: exercício prático de Redação, cartazes, crítica aos trabalhos. Na fala a seguir a normalista assinala sobre as aulas dessa disciplina:

N2 da 3ª. turma - *tinha a professora de Português Dra. Noélia Aderaldo também muito boa. Ela pedia uma autobiografia de cada aluna. Ah! Saia muita coisa bonita. Muita gente escrevia, muita gente escrevia muito bem, aluna naquela época parece que era assim dotado. Tinha uma amiga nossa, Lúcia Ramos, que era a líder, tudo o que ela fazia era bem feito e bonito.*

De acordo com o depoimento a normalista destacou o fato delas escreverem bem, elogiando a produção dos textos no que se refere aos critérios de “bem feito” e “bonito”. Quando retornei a fala dessa normalista localizou-se que ela se referia tanto à caligrafia como às histórias descritas pelas colegas e, neste caso, ela estava também se referindo à atividade que a professora solicitou da autobiografia das normalistas da turma.

Considera-se que essa estratégia de trabalho ajudava no bom relacionamento das normalistas e também delas com a professora, uma vez que esta atividade revelava vivências e peculiaridades de cada uma e durante a leitura ficavam sabendo de histórias de vidas das colegas.

Analisa-se como uma atividade importante e que contribui para que ocorra o processo ensino – aprendizagem e a socialização desta atividade promove sim a interação da turma com a professora. Sobre o relacionamento das normalistas em sala de aula a N2 da 3ª. turma - *relata que era um pessoal tão amigo. Era tão amiga a turma da escola tanto o professor como a gente era bem integrado mesmo, professor e aluno.* Aspecto também destacado no depoimento seguinte:

N3 da 3ª. turma - *era um clima ótimo. Existia o que na época chamavam de “panelinha” né, as turminhas com 5, 6 quando agente ia falar dizia “aquela da panelinha da fulana”. Me lembro da ... (citou vários nomes de amigas). Eram várias turmas 3 ou 4 turmas.* (Grifo da pesquisadora).

Pelas falas fica explícito que o clima em sala de aula era muito bom, embora se tenha mencionado a prática de formação de pequenos grupos, denominados de “panelinhas”. Fazendo uma comparação com os anos 2004-2010 em que estive trabalhando nessa instituição, realmente não havia problemas com alunas nas salas em que se trabalhou e também não se tomou conhecimento de muitos problemas sobre o assunto na escola.

Dois fatores contribuem para que prevaleça essa harmonia: idade das alunas entre 18-60 e o fato de ser um curso profissionalizante, portanto, a maioria já tinha em mente ingressar no mercado de trabalho que, por sua vez, é exigente e devido a maioria ter mais idade se

configurava em um fator que pode ser compreendido a partir de umas das falas das quais elas se expressavam “não posso perder mais tempo e preciso terminar para trabalhar”.

Correlacionando o contexto já mencionado no início do funcionamento (1884) da Escola Normal, que antes as normalistas eram bem jovens, originárias de uma classe rica e a única opção profissional era o magistério, atualmente, se teve mudança no corpo discente relacionado a idade, posição social e aqui se inclui a posição cultural e, por último, várias opções de profissões para o mercado de trabalho, por exemplo, se presenciou alunas abandonando o curso para seguir a profissão de técnico de enfermagem, por ter muita oferta de cursos e também pela oferta de empregos no mercado de trabalho da saúde. Ainda a partir desta visão de optar por outra profissão se ressaltam os velhos problemas em tempos atuais que já foram citados: reconhecimento social, falta de segurança e salários baixos.

O relacionamento professor e aluno é um grande desafio na educação brasileira, enfatizando neste momento, as salas de aulas de crianças da educação Infantil, do ensino fundamental I de escolas públicas, sobretudo, de áreas mais periféricas, pois este problema está diretamente ligado a fatores de cunho social, cultural, econômico e político. Embora se tenham criadas várias medidas para que melhore este problema nas escolas, tais como: criação de projetos, formação continuada dos profissionais, melhoria da estrutura física das escolas, sistemas de avaliação do professor, aluno e instituição, Bolsa Família etc. Ainda assim é um problema recorrente nas escolas que afetam o relacionamento do professor x aluno e alunos x alunos que surgem de diversas formas e intensidades desde agressões verbais até o extremo que é a agressão física.

Muitos trabalhos são publicados na literatura acadêmica envolvendo temas que trazem à tona o problema de relacionamento entre membros da comunidade escolar. Exemplificando uma experiência que contribui para refletir sobre esta questão, destacam-se os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) resultados dos cursos de Especialização em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica do Instituto UFC Virtual.⁵⁴

Em 2012 e 2013 se orientou alguns trabalhos e um aspecto que se torna importante é o fato dos orientandos terem sido diretores e coordenadores de escolas públicas de municípios cearense, no período do curso. Em alguns desses trabalhos tiveram como tema a parceria família e escola como uma solução eficaz para a melhoria da convivência de todos na escola, logo,

⁵⁴ Cursos pertencentes ao Projeto Escola de Gestores, já mencionados cf. nota 39.

diminuição da violência, indisciplina, maior aproveitamento na aprendizagem do aluno com maior frequência e menor evasão.

Retornando à análise das falas das normalistas concernentes às aulas e recursos didáticos, as aulas de *higiene* foram mencionadas com perspectiva diferente em relação à postura e práticas docente apresentadas adotando uma abordagem mais tradicional, como mostram as falas a seguir:

N4 da 3ª turma - *ah! De Higiene o professor era muito rígido, depois que ele entrava na sala de aula quem tivesse fora não entrava mais. Ele achava que ia atrapalhar a aula. Ele era um bom professor, eu gostava das aulas dele, eu sempre gostei dessa área de saúde.*

N1 – 3ª turma - *quando ele entrava na galeria (corredor) ele já queria todo mundo na classe e quem não estava dentro da classe, na hora que avistasse ele entrasse e se você viesse junto com ele no corredor, você não entrava. Usava o quadro, palavras e reclamava de tudo. Era só a lousa e tinha livro também em algumas matérias. A disciplina de Higiene eu não gostava e gostava de Pedagogia, era bom.*

Analisando os dois depoimentos alguns aspectos indicam confluências de ideias sobre as aulas da disciplina de Higiene. No primeiro a normalista aponta a rigidez do professor em relação à entrada na sala de aula, fato também lembrado na fala seguinte e que também ressalta alguns recursos didáticos que o professor utilizava quadro e palavras, no caso, aula expositiva. Outro fator se refere ao estado de humor do professor “reclamava de tudo”. Mas a normalista N4 também faz elogios ressaltando que era um bom professor e que gostava das aulas.

Tomando-se como parâmetro segundo depoimento a normalista finaliza apontando sua preferência pela aula de Pedagogia (prof. Lauro) que tinha uma metodologia diferente em relação à disciplina de Higiene. Nessas duas falas pode-se inferir sobre as tendências pedagógicas que a partir das teorias sinaliza para a didática, prática docente, metodologias e avaliação considera-se que é importante conhecer todas e colocar em prática os pontos mais essenciais que contribuem para uma construção diária da prática docente.

A partir da análise do livro (diário de classe desta disciplina) no ano de 1959, não se identificou a assinatura do professor e referente aos conteúdos enfatiza-se: “Agentes biológicos: micróbios, bactérias”. “Mecanismos gerais em infecção”. “Mecanismo de imunidade”. “Imunidade adquirida”. “Profilaxia”. Não se encontrou atividades ou exercícios registrados, mas constavam: revisão e também *debate*.

Esse último procedimento *debate* aponta para uma visão que se distancia da pedagogia tradicional, logo se pode inferir que mesmo se considerando o que foi assinalado pelas normalistas em seus depoimentos, o professor ao usar a estratégia de “debate” estava possibilitando dinamicidade e a participação ativa das normalistas, dessa forma, introduzindo aspectos dessa nova forma de se pensar a formação das normalistas a partir da pedagogia nova. Esta estratégia de debate vem a corroborar com o que se destacou a pouco sobre as tendências pedagógicas.

Vale ressaltar outro exemplo enfocando as aulas de higiene, embora também se refira as aulas de puericultura, pois menciona dados novos que ajudam na análise:

N2 da 3ª. turma - o professor Carlos Alberto era de Higiene e Puericultura. Era a noção de higiene, como lidar com crianças também, mostrar pra criança a higiene necessária né, é tanto que na época ele levou até uma ambulância pra tirar a radiografia das crianças. Ele era diretor na época daquele hospital de Messejana que cuidava dos tuberculosos. Toda vez ele dava aula pra saúde e higiene geral, ele mostrava que a professora devia saber trabalhar com higiene da criança, mas eu não estou lembrada porque o nome puericultura.

O primeiro dado é o nome do professor que foi identificado a partir dessa fala. Pesquisando, se localizou que o diretor do Hospital de Messejana na época era o renomado Dr. Carlos Alberto Studart Gomes⁵⁵ e pela grande contribuição prestada à saúde cearense nesse hospital este recebeu o seu nome Hospital Dr. Carlos Alberto Studart Gomes.

Além da estratégia do debate usada em aulas tendo como fonte o diário, um segundo elemento mencionado na fala da normalista neste último depoimento que também contribui para não se pensar em uma postura somente tradicional, é o fato desse professor ter levado uma

⁵⁵ Em 1944, assumiu a direção do Sanatório de Messejana o fisiologista Dr. Carlos Alberto Studart Gomes, cargo que ocupou até 1983, quando se aposentou do serviço público. Foram 39 anos de uma competente e profícua administração que, quando de sua conclusão, havia conduzido o pequeno sanatório do IPEC à situação de um modelo hospital do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS), com 200 leitos destinados ao diagnóstico e tratamento das doenças torácicas. Remonta a 1968 a desativação de duas das suas unidades de fisiologia (o aparecimento dos tuberculostáticos deslocara o tratamento da tuberculose dos sanatórios para os dispensários) para convertê-las em unidades de internação de pacientes cardíacos. Por haver intuído Dr. Carlos Studart, diante do cenário da crescente importância epidemiológica das doenças cardiovasculares no mundo e no Brasil, que o estado do Ceará já estava a necessitar de um hospital especializado no atendimento destas enfermidades. Dois anos após (em 1970) estava estruturado o serviço de cardiologia do Hospital de Messejana. E, em agosto do mesmo ano, este hospital foi palco da realização de uma cirurgia cardiovascular com circulação extra-corpórea, a primeira do gênero no Norte e Nordeste do país. Conforme Sociedade Brasileira de História da Medicina. Disponível em: <<http://www.sbhbm.org.br/index.asp?p=noticias&codigo=105>>. Acesso em: 9 de jan. 2014.

ambulância para a escola, fato este, que pode ser pensado como avanço quando se coloca em evidência sua formação técnica em Medicina.

A profissão de professor foi por muito tempo ocupada por profissionais técnicos que ministravam disciplinas com conteúdos afins. Exemplificando esse contexto se destaca a área das ciências exatas a partir das disciplinas Matemática, Física e Química Retrocedendo, eram as mesmas disciplinas, principalmente, Matemática em que os engenheiros eram professores de Matemática. Esse contexto também foi consequência exatamente pela de falta de professores formados nas áreas ocasionado pelo tardio processo de criação de instituições para formação de professores. (BRASIL, 1961 - LDB nº 4.024/61 – art. 118).

Considera-se que tal situação contribuiu e muito para uma prática pedagógica tradicional em sala de aula, exatamente pela falta de formação didática e pedagógica desses profissionais. Embora não tivessem a formação adequada, isto é, licenciatura que mantém em sua matriz curricular as disciplinas pedagógicas: Estrutura Educacional, Didática e Prática de Ensino, estiveram à frente da educação exercendo o magistério. Sem a formação pedagógica eram mais propícios a priorizarem o *ensino* no sentido de repassar o conteúdo, sem didática, acabavam também priorizando as aulas expositivas sem intervenção dos discentes.

Contudo, não significa que todo licenciado por ter a formação pedagógica, também não se insira nesse contexto. Consoante Libâneo (2000, p. 29) “a caracterização de pedagogo *stricto sensu* é necessária para distingui-lo do profissional docente, já que todos os professores poderiam considerar-se, como já mencionado, pedagogo *lato sensu*”.

Ainda se reportando ao depoimento da N2 da 3ª. turma *Toda vez ele dava aula pra saúde e higiene geral, ele mostrava que a professora devia saber trabalhar com higiene da criança, mas eu não estou lembrada porque o nome puericultura*, ela finaliza sua fala dizendo não saber o porquê do nome puericultura e também informou que era o mesmo professor da disciplina de Higiene. Em consonância com o dicionário da Língua Portuguesa, Ferreira (1999, p. 1665) esse vocábulo significa: “conjunto de técnicas empregadas para assegurar o perfeito desenvolvimento físico e mental de criança desde o período de gestação até a idade de quatro ou cinco anos”. Continuando a análise das aulas de *puericultura* duas normalistas da 2ª. turma e uma da 3ª. destacaram:

N1 e N2 da 2ª turma - era ensinando como tratar as crianças na idade pré-escolar: dá banho, cuidar. Era tudo oral não tinha prática nenhuma. Era só lousa e às vezes a gente apresentava alguns cartazes com cartolina, principalmente, nas aulas do Lauro ele fazia questão que a gente apresentasse.

N4 da 3ª turma - era para aprender a cuidar dos recém-nascidos. Antes as mulheres terminavam o curso normal e já casavam, casavam novas. E você sabe que das minhas amigas eu não sei se alguma desse meu grupinho menor continuou a trabalhar depois que casou. Era uma profissão feminina, professora, só estudava mulher, não tinha homens. Era uma profissão feminina mesmo.

Observando as duas falas pode-se inferir que na primeira se enfatiza que o objetivo da disciplina puericultura era cuidar da criança e acrescenta que as aulas tinham um cunho teórico e mais uma vez o professor Lauro é mencionado como sinônimo de aulas que se distanciavam da abordagem tradicional. Fato que vem mais uma vez justificar sua postura como aquele que gostaria de revolucionar a formação de professores.

No segundo, há a confirmação do objetivo da disciplina faz uma observação logo que imediata em sua fala entre a conclusão do curso e o casamento, apontando a profissão como uma especificidade feminina e também de que não tinha ciência se algumas das colegas continuaram trabalhando após o casamento.

Nas falas a seguir outras normalistas apontam aspectos que se relacionam ao mesmo assunto e ressaltam a relação entre a conclusão do curso e casamento como se fosse quase que uma consequência de acontecimentos, enfatizando que as normalistas eram noivas e se casavam também novas.

N3 da 3ª turma - tinha uma turma que a finalidade mesmo era terminar pra casar. Eu como tinha prometido ao meu pai de só me casar quando me formar em Direito. Meu marido teve que me esperar da 5ª série ginásial até eu terminar o 5º ano de Direito. Nós namoramos 10 anos. Ai quando agente estava terminando o curso normal, muitas falavam em casar e eu ficava pensando eu ainda vou fazer a faculdade.

N4 da 3ª turma - como te falei esse meu grupinho é desde o primário eu entrei no curso normal com 15 anos. Todas eram muito novinhas, mas já tinham namorados firmes e terminavam e se casavam logo ,mas eu não. Queria estudar, estudar. Não queria me casar nova. Temos uma amizade muito boa e bonita, nunca perdemos o contato. Todo ano eu venho aqui e sempre me encontro com elas. Agente ia se reunir agora em julho, mas como aconteceu o falecimento de meu irmão tive que antecipar.

Sobre a possível relação casamento, preparação da mulher para cuidar dos filhos e a conclusão do curso normal, no ano de 1949 o cantor Néelson Gonçalves grava a música

Normalista⁵⁶ de composição de Benedito Lacerda & David Nasser (conforme anexo B), enfatizando na última estrofe:

Mas, a normalista linda
 Não pode casar ainda
 Só depois que se formar...
 Eu estou apaixonado
 O pai da moça é zangado
 E o remédio e esperar

Canção que retrata a ideia da normalista como uma moça bela, casta, com muitas virtudes e que após de se formar estava pronta para se tornar a mulher mãe e dona do lar. Um fato inusitado mencionado por uma normalista contribui para a discussão, então é oportuno mencionar:

NI da 3ª. turma – meu noivo trabalhava numa concessionária e o meu professor foi lá comprar um carro e quando ele falou o nome dele para meu noivo ele se lembrou que eu tinha um professor com este nome e perguntou se ele ensinava na escola normal. Ai o meu noivo disse que eu (noiva dele) estudava com ele e que estava de casamento marcado (porque ele ia fazer uma argüição e seu estava com medo) então o professor disse que ela tinha que estudar mais ainda, já que queria se casar. Quando meu noivo conversou comigo fiquei com muito medo dele descobri quem eu era e no dia da prova escondi a aliança, mas graças a Deus deu tudo certo. Só casei um ano depois que me formei. No outro mês, o que me formei, é que fui me preparar para casar e meu noivo também. Tinha uma aluna que ia terminar em dezembro e logo depois se casaram, daí no comecinho do outro ano já estavam casados.

Visão hoje bem distante da realidade de uma professora primária que pode ser pensada também a partir do estudo de Kulesza (2005, p. 5) quando assinala no final de seu trabalho: A sedução da professora:

A professora como sujeito de sua representação irá se manifestar exatamente através do meio que a simboliza: a escrita. Cristalizadas nos seus discursos, sejam eles pedagógicos, literários ou científicos, ora públicos, ora privados, as auto-imagens da professora se inserem num quadro interpretativo da realidade brasileira, contribuindo para compor a sua história, desde que problematizemos a separação entre ficção e realidade tentada pela ordem republicana.

⁵⁶ Romântica e ao mesmo tempo vibrante e alegre, "Normalista" foi inspirada num caso real de proibição de casamento, segundo conta David Nasser, no livro *Parceiro da Glória*: "A história se passou com a filha do coronel Félix Henrique Valois, interventor no Acre. Ela estava apaixonada por um tenente e a normalista lutava por seu amor.". Mas no final tudo deu certo, pois além de inspirar um belo samba, a moça se casou, com o consentimento do pai. "Normalista" tem letra de Nasser e música de Benedito Lacerda, o mesmo que em 1938 compôs o clássico "Professora". Disponível em: <<http://cifrantiga3.blogspot.com.br/2006/05/normalista.html>>. Acesso em: 09 jan. 2014.

Outro fator importante é a denominação de “tias” usada por alunos e mães para as professoras das primeiras séries (educação infantil e ensino fundamental I) que pode se inserir neste cenário. De um lado uma professora meiga, delicada e que sabe cuidar da criança e do outro lado uma professora que tem uma profissão e precisa de formação continuada e reconhecimento enquanto profissional que se distancie daquela visão.

Entre estas duas possibilidades ainda hoje se encontram alunos e pais, sobretudo, mães chamando professoras de “tias” e nesta troca se encobre a identidade de professora se externando os sentimentos de ajuda, cuidado que geralmente as tias (laço familiar) têm com seus sobrinhos. Situação que acontece tanto em escolas públicas como particulares.

Abre-se aqui um parêntese para dizer que durante as visitas da pesquisadora deste trabalho às escolas campos de estágio (2004-2010) em que se trabalhou no IEC/EN se presenciou esta situação por muitas vezes, principalmente, nas escolas particulares e aqui já se menciona um dado que se considera relevante para a reflexão que seria o fato da escola ser paga ocasionando assim de um lado a professora que precisa do emprego e do outro os pais que “estavam pagando este salário” e até mesmo alunos que de certa forma ameaçam os professores com formas verbais “vou dizer aos meus pais” ou “vou dizer ao diretor” falas que podiam ter como evidência e em última instância a perda do emprego.

Esta prática de troca de nomes ajuda a mascarar e impede o reconhecimento da profissão de professora diante da sociedade, embora se tenha nos cursos de formação de professores para essas séries, o objetivo não só de cuidar, mas educar a criança. (FREIRE, 2003; NOVAES, 1992; ARROYO, 2000).

Retornando a fonte diário a disciplina *Puericultura* foi ministrada em 1960 (3ª. turma) sendo a primeira observação que o professor não era Carlos Alberto como assinalou a N2 da 3ª. turma. Quem assinou as aulas foi a professora *Maria de Lourdes V. Pinto*.

Referente aos conteúdos: “Puericultura: definição e divisão”. “História e conceitos”. “Divisão etária da infância”. “Características da primeira infância”. “Desenvolvimento dos órgãos dos sentidos”. “Desenvolvimento da formação”. “Aspecto anatômico do recém-nascido”. “Aspectos fisiológicos”. “Higiene da alimentação do bebê”. No tocante às atividades: não se registrou nenhuma atividade prática, nem de outra natureza.

Retomando as análises das aulas, 02 (duas) normalistas mencionaram as aulas de *desenho*:

N2 da 3ª. turma - muito boa também, era o professor Marcos um grande pintor aqui de Fortaleza. Ele fazia só coisas simples pra você passar pra criança era menino, jardim era coisa mesmo que você podia aplicar em sala de aula pra criança.

N3 da 3ª. turma - com a D. Jaborandi tanto tinha desenhos geométricos como ela pedia pra gente criar desenhos. Me lembro de um dia que ela pedia que a gente fizesse desenhos com os números de 1 a 9 e o zero, criasse, criasse desenhos aproveitando os números. E eu me lembro bem que do 2 eu aproveitei e fiz um pato (risada) e deu certo.

Dentre as duas falas se destaca em primeiro lugar a divergência do nome do professor. Em análise às aulas no diário de classe, se localizou a disciplina *Desenho* nos anos 1959 e 1960. Em relação ao primeiro ano o nome encontrado foi *Ray de Mattos Dourado* ou *Rayde Mattos Dourado*, pois devido à proximidade em que as letras estão escritas não dá para se ter precisão, na continuidade aparece uma assinatura ilegível. Nome diferente aos apresentados pelas normalistas. No ano de 1960 o professor responsável foi *Francisco Pereira Matos*, também outro nome diferente ao que as duas normalistas mencionaram. Portanto, continuará sem identificação.

Dando continuidade à análise as falas apontam para os conteúdos abordados e deixam claro que havia uma preocupação do professor que as normalistas aprendessem a arte da imagem com os desenhos. Fato que ajudaria as normalistas quando fossem trabalhar os conteúdos com as alunas. Pesquisando novamente nos diários de 1950, alguns conteúdos foram registrados: “Desenho espontâneo”. “Desenho da memória” “Desenho esquemático”. “Desenho pedagógico”. Atividades: somente a atividade cópia foi registrada. No ano seguinte: quase nada de conteúdo foi registrado, exceto no mês de maio nos dias 9 e 23 “Maria Zilda Maciel Pinto”. E nas atividades: cópia.

Infere-se que o conteúdo voltado para o desenho de imagens e recursos para trabalhar com a criança era um fator primordial levando em conta que não havia o uso de recursos tecnológicos, aspecto assinalado nos depoimentos a seguir:

N1 da 2ª. turma: naquela época não havia material didático. Hoje você abre um jornal desses aí, vê uma propaganda de uma escola e fica abismada com a quantidade de material didático que eles apresentam para as crianças, tablet, por exemplo.

N2 da 2ª. turma - o meu neto tem 5 anos e sabe de tudo de tablet aquela mãozinha dele que passa, sabe mas não é pouco é muito. Com a evolução dos eletrônicos, da máquina de calcular aí a coisa muda de figura completamente.

A utilização dos recursos tecnológicos na sala de aula tem realmente mudado a forma de se estudar e de se obter informações nos dias atuais. É tão importante este fato que a LDB nº 9.394/96 (BRASIL, 1996) e Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2014-2024)⁵⁷ tem como um de seus objetivos que a criança aprenda com as tecnologias nas escolas.

Esta mudança precisa acontecer dentro das escolas, pois as crianças são frutos desta história movida pelo uso das tecnologias, por outro ângulo a utilização desses recursos podem causar danos na educação destas crianças. Por isso a escola tem um papel fundamental de orientar e trazer esta prática de uso destes recursos para a sala de aula e juntamente com os professores ajudar na educação das crianças frente à utilização desses recursos. Sobre o assunto Kenski (2007, p. 21) assevera que:

a evolução tecnológica não se restringe apenas aos novos usos de determinados equipamentos e produtos. Ela altera comportamentos. A ampliação e banalização do uso de determinada tecnologia impõe-se à cultura existente e transformam não apenas o comportamento individual, mas o de todo o grupo social.

Chama atenção para o fato de a mídia impressa ser importante na educação das crianças se aliando aos outros recursos tecnológicos, porém sabendo que para se apropriar dos conteúdos relacionados a qualquer mídia pressupões o estudo e as práticas da leitura e escrita.

Ainda sobre o uso das tecnologias como impulsionadoras da mudança de comportamento das crianças aqui se ressalta o papel importante da parceria escola e família, já mencionadas como duas instituições que fortalecem e melhoram a qualidade da educação. É importante pontuar a questão da formação do professor para a utilização dessas tecnologias em sala de aula e aqui o núcleo gestor desempenha um lugar primordial no incentivo à formação de seu quadro docente.

Trazendo um exemplo, resultado de políticas públicas de formação para esta área, se destaca o curso de Especialização em Mídias na Educação, que além da matriz curricular ser voltada para as discussões que circundam esse tema na atualidade, no TCC o cursista, que era um profissional da escola pública na educação básica e na maioria o professor que estava à frente do Laboratório de Informática da Escola (LIE), devia apresentar uma experiência usada em sala de

⁵⁷ Devido ao tempo de votação foi modificada sua vigência de (2011-2020) para (2014-2024) sendo sancionado em junho de 2014 com a Lei 13.005. O PNE define as bases da política educacional brasileira para os próximos 10 anos.

aula com no mínimo duas mídias. Teve-se a oportunidade de trabalhar como orientadora e se tornar co-autora de alguns desses trabalhos.⁵⁸

Retornando para a análise das entrevistas, em relação às aulas de *música* as falas a seguir apontam:

N3 da 3ª turma - tinha aula de música, mas eu não estou lembrada quem era a professora. Não tinha instrumento de jeito nenhum. Tinha um pouco de teoria sabe e quando ela dava a teoria depois ela às vezes fazia uns exercícios assim pra gente é solfejar a escala do-re-mi. Canto mesmo não tinha não. Era só pra gente conhecer aquelas figuras, as notas musicais.

N2 da 3ª turma – a gente cantava, fazia as notas, tinha que aprender as notas e aprender a cantar. Não tinha instrumento nenhum, pra você ver como era difícil lá no Justiniano de Serpa tinha, mas o piano não veio para a escola. Nós não tínhamos instrumentos nenhum era em sala mesmo.

Nos dois depoimentos as normalistas enfatizaram também a inexistência de recursos didáticos apontando que esse fato era uma das dificuldades no funcionamento do curso, nesse prédio no bairro de Fátima, menciona também que o piano ficou no prédio anterior e aqui se reporta à Praça Filgueiras de Melo.

Em uma das visitas da pesquisadora em busca de fontes para esta pesquisa no ano de 2012, ao prédio do atual colégio Justiniano de Serpa, se localizou ainda o piano na sala dos professores e, segundo informações, ainda funcionava, mas não se obteve informações sobre quando foi comprado e porque não foi transferido para o prédio do bairro de Fátima ou mesmo se ainda era o piano que a normalista se referiu em sua fala. Na foto a seguir se pode apreciar a exuberância e conservação do instrumento de fabricação alemã da marca *Essenfelder*⁵⁹, como mostram as fotos abaixo:

⁵⁸ Alguns dos trabalhos serão socializados no livro *Mídias na educação: experiências pedagógicas de professores na educação básica* de autoria Helena de Lima Marinho Rodrigues Araújo, Antonia Ieda de Souza Prado; e Milena Marcinha Alves Braz *et al*, aguardando publicação. E outro somente autoria de Helena de Lima Marinho Rodrigues Araújo intitulado “Socializando resultados de pesquisas usando mídias na educação” aguardando a publicação.

⁵⁹ A fábrica de pianos Essenfelder foi fundada em 1890, pelo alemão Florian Essenfelder, que havia sido técnico da Bechstein, considerado um dos melhores pianos do mundo, em Berlim. Antes de chegar em Curitiba, Essenfelder se estabeleceu em Buenos Aires, mas as madeiras disponíveis no país para a fabricação de pianos não o agradaram e ele veio para o Sul do Brasil e se estabeleceu em Curitiba. Até 1940 a fábrica foi administrada pelo Sr. Florian, logo depois, os filhos assumiram, na década de 1960, Esther Essenfelder (que morreu em 2009), filha de Florian e neta de Florian, assume a fábrica depois da morte do pai. O comando junto com os sócios durou até o seu fechamento, em 1996. Cf. <<http://casalevydepianos.com.br/piano-usado-essenfelder/>>. Acesso em 21 de fevereiro de 2014.



Foto 39 – Sala dos Professores

Fonte. Colégio Estadual Justiniano de Serpa.
Foto tirada em 25 de janeiro de 2012.
Arquivo pessoal da pesquisadora.



Foto 40 – Piano Fotografado de Frente

Fonte. Colégio Estadual Justiniano de Serpa.
Foto tirada em 25 de janeiro de 2012.
Arquivo pessoal da pesquisadora.

Na foto da esquerda se percebe imponência no estilo do prédio e do mobiliário com as altas portas trabalhadas em madeira, o piso também em madeira com uma decoração na alternância das duas cores. É o mesmo material que também foi usado no piso da Escola Normal do primeiro endereço na Praça Marquez de Herval, atual José de Alencar.

Outra impressão a partir da mesma imagem é a disposição dos móveis que mostram uma desorganização, fato justificado porque no dia da visita se estava no mês de julho, época de férias. Na foto seguinte se teve como objetivo ressaltar a conservação do instrumento e ao mesmo tempo registrar a marca.

Em relação às aulas de *música*, tomando-se como análise a fonte diários de classe no ano de 1959, a professora era *M. L. Gondim* e referente aos conteúdos e atividades nada consta. No ano seguinte, se encontra nitidamente o nome da professora *Maria de Lourdes H. Gondim* o que faz acreditar que seja a mesma professora. Quanto aos conteúdos e atividades como no ano anterior, nada foi registrado. Um fato interessante é que na maioria dos dias no lugar dos conteúdos está registrado é o nome da professora. Outra disciplina mencionada pelas normalistas foi a de *Educação Física*:

N3 da 3ª. turma - Quem era a professora, meu Deus eu não estou lembrada não. Mas agente fazia ao ar livre, terreno areia, depois foi que fizeram um piso. Tinha uma turma que jogava vôlei, mas eu não gostava era um timezinho, mas eu não jogava ia pra essas aulas de movimento.

Analisando a fala se percebem alusões à estrutura do terreno como a mangueira, o terreno de areia que ilustram um quadro de inacabamento, contudo observam melhorias quando ressalta a construção do piso. Quanto às atividades desenvolvidas nessas aulas, ela aponta o time de vôlei, mas que prefere as aulas de movimento e aqui se deduz que seria a ginástica propriamente dita quando ela enfatiza “aulas de movimento”.

Analisando os diários de classe se encontrou a disciplina de *Educação Física* somente no último ano do curso (1960), ministrada pela profa. *Maria Eldair Barros Sobreira de Freitas*⁶⁰ que se tornará uma figura de grande representação, posteriormente. Sobre os conteúdos as atividades: “Jogo de fixação”, “Teoria dos jogos”. Marcha do companheiro e Mariana (para o ensino de aritmética) “Corrida (morto vivo), Trincheira (sensorial)”. “Corra „seu urso”, lado a lado de 9 1ª 11 anos”. “Brincadeiras cantadas”. “Orquestra”. Sobre esse assunto, *a aluna 2 da 3ª turma* assinala: a professora organizou uma orquestra sinfônica.

Sobre esta afirmação da normalista se retornou às falas, mas não se teve nenhum indício de como era esta orquestra que foi mencionada tanto pela normalista e escrita no diário pela professora. Então, surgiu um questionamento: mas com quais instrumentos se formaria uma orquestra se de acordo com as entrevistadas, não tinha nenhum na escola na época? A resposta apontada foi que seria alguns fabricados pela turma e também pelas músicas (cantigas) que cantavam, mas sem exemplificar. Ainda sobre essas aulas de Educação Física, os depoimentos seguintes assinalam:

N2 da 3ª turma - a gente ia pra quadra, as quadras eram debaixo das mangueiras e jogava futebol a turma todinha nos intervalos. O pessoal do 23 BC os soldados ficavam tudo nas árvores olhando a gente chamava “os pés dos soldados” que era tanto dos soldados olhando a gente jogar.

N4 da 3ª turma - me lembro (risada) agente virava a cabeça pra um lado pra outro. Me lembro dos soldados olhando agente fazer ginástica. Às vezes agente andava, andava e quase encostava no muro do quartel. Era porque não era uma coisa simples porque a escola era nova, depois melhorou bastante.

Nessas falas também são mencionados que a quadra era debaixo de uma mangueira, o jogo de futebol e a ginástica; também sobre o tamanho do terreno quando mencionam a proximidade com o muro do quartel 23 BC, dando a ideia de amplitude do terreno que media 4 hectares de acordo com informações já apresentadas. Outro fator interessante destacado nas falas

⁶⁰ Como já ressaltado, posteriormente, assumiu a direção da escola de 1967-1987.

se refere ao momento em que os soldados se “arriscam” em cima das árvores para apreciarem as normalistas.

Dois fatos inusitados também ocorreram entorno da instituição: o primeiro no bairro de Fátima foi noticiado no *jornal O Povo* nos dias 08 e 10 do mês de junho de 1959 sobre os “Rabos de Burro” que eram rapazes bem jovens com menos de 17 anos que seguiam as alunas da instituição, lembrando que no Instituto não tinham somente normalistas. Segundo esta fonte: “foram identificados ontem, por suas próprias vítimas, os quatro “rabos de burro”, que há dias no bairro de Fátima, num automóvel “Perfect”, vinham perseguindo algumas meninas, alunas do centro Educacional”.

O outro foi relatado por uma das normalistas entrevistada pontuando que alguns rapazes ficavam na Praça Marquez de Herval no horário da entrada e saída das normalistas, esperando que o vento ajudasse a levantar a saia da farda que usavam na época.

Retornando para o período do curso (1958-1960), em entrevista, uma das normalistas citou uma excursão ao município de Sobral organizada pelo professor José Américo, mas não soube dizer qual ministrava e atribuiu esta aula ao último ano de curso, portanto, 1960. Abaixo foto e depoimento:



Foto 41 – Professor Américo Barreira e normalistas em excursão
Fonte: Arquivo particular da normalista.

N2 da 3ª turma - era o que era, meu Deus, o professor Américo? Não lembro. Eu sei que era um trabalho de campo sobre encanação, irrigação de água que na época estavam o açude de Araras em Sobral. Ele trabalhava no DNOCS ele era muito articulador, dava muito valor a gente e ele arranhou transporte e nós fomos pra Sobral nos hospedamos na casa de uma aluna, ela acolheu a todos os alunos eram vinte e tantos alunos no final de semana. Foi ótimo e depois fizemos um trabalho e apresentamos foi arquivado foi um trabalho muito bonito. Era começo tava havendo

irrigação era no início que até parou isso tudinho né, porque é tudo teve começo aqui em Fortaleza né e parava tudo muito bonito o trabalho o Araras era a coisa mais linda do mundo muito bonito o serviço lá em Araras. Tinha acampamento dos engenheiro, dos trabalhadores era muito bem organizado. Foi um trabalho muito bonito.

Em relação à disciplina que o professor *José Américo* ministrava era Sociologia (não se localizou o diário de classe). Pesquisando sobre essa excursão se localizou que no ano de 1956 se teve início a construção da usina Araras de propriedade da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF), contou com a participação do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS)⁶¹ para a sua construção da barragem e começou a funcionar em 1967.⁶² Analisando outras fontes se localizou também um acontecimento similar que foi também uma excursão desse professor com a turma para outro local e no ano de 1959. No *jornal O povo* de 04/09/1959:

O professor Américo Barreira, titular da cadeira de Sociologia do Instituto de Educação Justiniano de Serpa, promoveu uma excursão anteontem, para as futuras professoras que se diplomam este ano, ao Vale do Acarape e município de redenção, iniciativa inédita entre nós, e teve o objetivo de dar às futuras mestras uma visão prática da economia da região, bem como dar um contato com a população rural. As excursionistas visitaram pela manhã a indústria de aguardente e álcool da família Borges em Acarape, recebendo informações sobre o funcionamento daquele tipo de indústria.

Na continuação da matéria se pontua a metodologia que guiou os passos e objetivo da excursão, assim, importante se conhecer por enriquecer o assunto tratado nesta seção:

⁶¹ Para uma discussão mais aprofundada indica-se OLIVEIRA, Francisco de. *Elegia para uma Re(li)gião*: Sudene, Nordeste, Planejamento e conflito de classes, 1981. “Dentre os órgãos regionais, o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas - DNOCS, se constitui na mais antiga instituição federal com atuação no Nordeste. Criado sob o nome de Inspetoria de Obras Contra as Secas - IOCS através do Decreto nº 7.619 de 21 de outubro de 1909 editado pelo então Presidente Nilo Peçanha, foi o primeiro órgão a estudar a problemática do semi-árido. O DNOCS recebeu ainda em 1919 (Decreto 13.687), o nome de Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas - IFOCS antes de assumir sua denominação atual, que lhe foi conferida em 1945 (Decreto-Lei 8.846, de 28/12/1945), vindo a ser transformado em autarquia federal, através da Lei nº 4229, de 01/06/1963”. Disponível em: <<http://www.dnocs.gov.br>>. Acesso em: 22 fev. 2013.

⁶² “O aproveitamento hidrelétrico Araras encontra-se localizado na cidade de Varjota/CE, distante 60 km da cidade de Sobral/CE. A Usina Araras, cuja barragem foi construída pelo DNOCS - Departamento Nacional de Obras Contra as Secas é suprida pelo açude público denominado Paulo Sarasate, que por sua vez é suprido pelo rio Acaraú de regime não perene. São partes constituintes do aproveitamento uma barragem de terra e enrocamento com comprimento total da crista de 2.600m, tendo volume útil da ordem de 982 x 106 m³ e área máxima normal da ordem de 96,25 km², com altura máxima de 38m, e queda líquida de 27,00m. Existe um vertedouro de superfície com descarga livre e um descarregador de fundo com capacidade total de descarga da ordem de 1.500 m³/s, possuindo esta usina uma característica múltipla de geração de energia e irrigação agrícola da região”. Disponível em: <<http://www.chesf.gov.br>>. Acesso em: 22 fev. 2014.

Visitaram o açude Acarape do Meio, do qual conheceram a história e características técnicas de construção, bem como a estação de tratamento d'água e as condições em que é feito o abastecimento da cidade [...]. Em seguida assistiram à solenidade no Grupo Escolar Padre Saraiva Leão, onde falaram o professor Américo Barreira, dizendo o significado da excursão; o prefeito José Alberto, que pediu ao secretário de Educação, Sr. Figueiredo Correia, que estava presente, maior atenção para o ensino no município; e por fim o próprio titular da Pasta de educação, que disse da situação de sua Secretaria e prometeu para o fim do ano as reformas no grupo Escolar do município. Finalizando, as excursionistas, o professor Américo Barreira e o jornalista Nelson Bessa realizaram visita à usina de açúcar Acarape, onde tiveram oportunidade de conhecer realmente o funcionamento da moderna fábrica.

Dessas excursões se destaca o objetivo de oportunizar a prática e experiências diretamente *in loco*. Pretensão que corrobora com a ideia de mudança na prática de ensino, métodos e recursos, como já foi assinalado em outras disciplinas nesse trabalho. Prática e estratégias que também contribuem para tornar o currículo com alguma indicação de integração a partir da interlocução entre teoria e prática.

Não se quer afirmar que havia uma interdisciplinaridade em todas as disciplinas, mas que havia ações oriundas de práticas de docentes que assinalavam este caminho, dessa forma, trazendo a questão da reforma do ensino Normal (CEARÁ, 1959) e as mudanças, embates travados no IEC/EN se percebe que por tudo o que foi apresentado sobre o assunto apontam que houve mudanças significativas na prática docente dos professores, situação que contribui para se pensar na continuidade Escola Normal ser a tradição e excelência na formação de professores.

Ainda com base no depoimento da aluna e nas matérias do jornal mencionados, na época do curso em 1958-1960 havia diretrizes na legislação para o desenvolvimento de ações que contribuísse para o desenvolvimento do Nordeste, condição também atrelada ao momento de administração do governo federal da época – Juscelino Kubitschek (1955-1960) como seu Plano de governo fundamentado em 31 metas tendo como objetivo desenvolver o Brasil economicamente, sobretudo, no setor industrial.

Essas excursões lideradas pelo professor da disciplina de Sociologia que traz vários conteúdos correlacionados ao desenvolvimento do Ceará, podem ser articulados à disciplina de Antropogeografia do Nordeste, mesmo que não tenha havido a participação dos dois professores.

No Regulamento do Ensino Normal (CEARÁ, 1959) nos artigos 2º - § 1º já faz menção de que os estudos pedagógicos sejam ajustados sempre às condições ecológicas do Polígono das Sêcas; no artigo 26º: - “na terceira fase do Ciclo do Curso Normal será realizado, em caráter obrigatório, um seminário de “Economia do Nordeste”, com a colaboração das instituições públicas e privadas que operam no setor do desenvolvimento econômico da região.

Outra atividade desenvolvida no IEC/EN nessa perspectiva foi a disseminação de produtos e indústrias cearense, assunto no *jornal O Povo* de 10/03/1960 que traz uma matéria sobre a “Exposição de produtos regionais em Fortaleza⁶³”:

Será na próxima sexta-feira, 11 do corrente, a inauguração da exposição de produtos regionais do Nordeste, especialmente do nosso Estado, assunto de que recentemente se ocupou O Povo (edição de 27 de outubro último), quando tivemos o ensejo de estampar palpitante entrevista que nos concedeu a Dra. Olívia Sampaio Xavier Rodrigues, catedrática da cadeira de Antropogeografia do Nordeste, do Instituto de Educação do Ceará e sob cujos auspícios vai ser realizado o certame de cunho cultural. A exposição em apreço se processará durante três dias, isto é, -11,12 e 13 do corrente mês – e terá por escopo principal mostrar ao público algo que já produzimos no campo da indústria, da agricultura e dos demais ramos da atividade humana.

Analisando os depoimentos das normalistas se encontrou a fala a seguir sendo da mesma normalista que destacou a excursão para o município de Sobral. Na fala seguinte ela destacou o acontecimento de uma feira de material regional:

*N2 da 3ª. turma - o professor Murilo Sobreira marido da Neli, ele foi diretor do instituto o diretor de lá (Justiniano) era o mesmo daqui na época. Ele fez uma feira de material regional. Ele era diretor da escola e pediu que todos os professores se reuniram e fizeram essa feira. Esta feira mexeu com a escola, você tinha que levar tipo de madeira que nós temos aqui, tipo de feijão, arroz, de farinha, a rapadura foi uma senhora feira. Só que na época não tinha como arquivar aquilo né. Mais era tão bonita a feira todo mundo trabalhando. No dia da feira todo mundo vendendo o seu produto, vendendo “aspas” pra mostrar o que era que agente tinha: feijão de corda, o algodão, a madeira nós tínhamos o cedro, tinha o pinho, todo mundo se encarregou, cada turma se encarrega de alguns produtos. **O objetivo da feira era mostrar o que agente tinha no nosso Ceará.** Teve muitas amostras de produtos da nossa terra. Foi muito bonita a feira era uma turma muito boa, os professores eram muito bons.*

No tocante ao depoimento, a primeira observação é sobre o nome do diretor mencionado pela normalista que é José Sobreira de Amorim (1958-1959). Como já se ressaltou em 1960 ocuparam a cadeira da direção da escola *Suzana Bonfim Borges e João Hippolyto de Azevedo e Sá*, respectivamente.

A normalista não soube dizer qual foi o ano do evento, e sobre essa situação duas hipóteses podem ser levantadas: pelo dado informado sobre o nome do diretor este evento por ela

⁶³ Dentre as fábricas que fizeram inscrição: Fábrica de Alumínio Ironte e a de Artefactos de Alumínio; Fabrica de Coca Cola; Guaraná Inca; Fábrica de Louças São José; Fábrica de cigarros Araken; Curtume Cearense; Fábrica de Sombrinhas e Guarda Chuvas; Indústria de Cera Santa Elisa; Cerâmica Industrial de Fortaleza; Albino Farias Indústria e Comércio S/A (óleos vegetais); Usina São Judas Tadeu; Fábrica São Jorge de Artefatos de Couro; Brazil Oitica. Cf. *Jornal O Povo* (10 nov. 1960).

citado não poderia ter acontecido no momento daquele enfatizado na matéria anterior no referido jornal no ano de 1960. Por outro lado, pode se cogitar a ideia de que a normalista poderia ter se confundido com o nome do diretor que poderia já ser João Hippolyto e assim, este evento pode sim ter ocorrido como parte daquele evento conforme matéria do *jornal O Povo* de 10/03/1960, antes mencionada.

As disciplinas a seguir não foram citadas pelas normalistas, mas a partir da análise dos diários se apontarão o nome do professor (quando identificado), alguns conteúdos e atividades com o objetivo de se perceber aspectos das aulas. Será iniciado pelo ano de 1959, em seguida a mesma disciplina no ano de 1960 (caso tenha), lembrando que os diários de classe são referentes à 3a. turma.

Antropogeografia do Nordeste teve como professora Olívia S. Rodrigues, não se identificou o penúltimo sobrenome, mas a partir da matéria do jornal acima destacado se obteve o nome completo da professora *Olívia Sampaio Xavier Rodrigues*.

Alguns conteúdos: “Região nordestina: aspectos fisiográficos e antropogeográficos, especificando as sub-regiões cearenses – problema educativo”. “Grupos humanos primitivos habitantes – Tupis, Tapuias”. “Raça ameríndia”. “Lagoa Santa”. “População nordestina: o branco, o índio e o negro”. “Aculturação”. Atividades: Aula prática. Dando continuidade a pesquisa nessa fonte, o diário da disciplina do ano de 1960, está registrado também a assinatura Y Perdigão e também alguns conteúdos: “Zona rural: aspectos econômicos, sanitário e educacional”. “Zona açucareira: agricultura escravocrata”. “Recursos econômicos: o algodão”. “A carnaúba: aplicação de cera”. “Problemas da seca”. “Consequências da seca”. Refere às atividades: não há registro. No ano seguinte não teve a disciplina.

História da Educação, disciplina assinada pela professora *Nely de Aguiar*, traz os seguintes conteúdos, por exemplo: “Valor da história no curso normal e as suas relações com as demais matérias”. “visão panorâmica do programa”. “traços gerais da Educação nas diversas etapas do tempo”. “Educação do homem primitivo”. “Civilização hindu”. “O caráter religioso-filosófico da educação”. “Grécia: origem da civilização ocidental: idade homérica, Esparta e Atenas”. “Características dominantes da educação romana”. “Pedagogia moderna: Rousseau, Pestalozzi e Froebel”. “Educação contemporânea”. Atividades: Apresentação dos trabalhos avaliados pelas alunas e Revisão. No ano de 1960 não teve esta disciplina.

Sobre a disciplina de *Metodologia* ela se dividiu em *Metodologia do Ensino Primário*, *Metodologia do jardim da infância* e *Metodologia Especial* com professores e tempo diferentes. Iniciando no ano de 1959 se localizou disciplina de *Metodologia do Ensino Primário* tendo como professora regente *Maria Noemi Costa Aderaldo* como responsável.

Foram localizados os seguintes conteúdos: “Técnicas do ensino, principais informadores da arte pedagógica e a formação profissional do mestre”. A escola – o prédio escolar; requisitos higiênicos, pedagógicos e estéticos dos prédios escolares”. “Aspecto material da classe: condições de iluminação, arejamento da sala de aula e ornamentação”. “Aspecto psicopedagógico da classe: organização, acuidade visual e auditiva dos escolares”. “O campo de recreio; os brinquedos e jogos infantis, socialização da criança. Teoria de Claparède e Gross”. “Mobiliário escolar: exame antropométrico”. “Material didático e técnica de sua aplicação”. “Ética pedagógica: a consciência profissional do mestre”. “A matrícula: a ficha individual e organização da sala”. “Currículo, programas e classes”. “Disciplina: instruções escolares e atividades extra classe”. “Articulação da escola no lar e na sociedade, instituições escolares”. Quanto às atividades: preparação para uma pesquisa na escola primária, Comentários sobre a pesquisa realizada na escola primária, recapitulação da matéria dada e aula prática.

Continuando a mostrar aspectos sobre as aulas de *Metodologia*, no ano de 1959 se localizou a disciplina de *Metodologia Especial* assinada pela profa. *Albanisa Chagas*, ressaltando-se alguns conteúdos: “Sociograma”. “Conceito, importância e compreensão da matemática e a nova pedagogia”. “Psicologia da aritmética”. “Jogos e aparelhos”. “Fases do desenvolvimento infantil, vocabulário infantil”. “Princípio de metodologia da linguagem: métodos do ensino da linguagem, a linguagem pré-primária”. “O ensino primário no Ceará”. Atividades: divisão das equipes e revisão.

Em 1960 se encontrou a disciplina *Metodologia* (ora somente com essa grafia ora acrescentando o vocábulo geral) se reportando a mesma professora *Maria Noemi Costa Aderaldo*, enfatiza-se alguns conteúdos: “Métodos pedagógicos”. “processo, formas e modos didáticos”. “A lição – unidade de aprendizagem”. “Plano de aula”. “Unidades didáticas”. “Rendimento Escolar”. Atividades: somente se registrou revisão. Analisando os dois conteúdos de 1959 e este se percebe a semelhança entre eles o que faz cogitar a ideia de que sejam referentes a mesma disciplina, embora sendo grafadas como: *Metodologia Especial*, *Metodologia geral* e *Metodologia*.

Também neste ano de 1960, no terceiro ano do curso das normalistas, se encontrou o diário concernente à disciplina de *Metodologia do Jardim da Infância* com assinatura da professora. *Cybele Pompeu Brasil*. Assinam-se alguns conteúdos: “Conceito de jardim de infância”. “Necessidade do jardim de infância”. “Objetivos do jardim de infância”. “Instalações do jardim de infância”. “Verificação da aprendizagem”. “organização de turmas”. “Roteiro para observação do jardim”. “Dramatização – histórias”. “A importância da educação”. Atividades: aula prática, roteiro para observação do jardim.

Localizou-se também no ano de 1959 informações sobre as aulas de *Religião* ministradas pelo *Padre Tito*. Alguns conteúdos registrados, tais como: “Primeiro mandamento”. “Pecados contra o 1º mandamento”. “Pecados por excesso”. Em relação às atividades, nada consta registrado.

Sobra a análise da disciplina de Religião tendo como fonte o diário de classe, vale ressaltar o registro de (três) fatos: i) o registro de retiro espiritual das normalistas nos dias 21 ou 22 do mês, não tendo aula e ii) As normalistas saíram para deixar o padre no aeroporto ou a turma não compareceu a aula em face do embarque do Pe. Antonio Sampaio, por último, iii) O registro sobre a Semana Santa.

Em relação ao primeiro a prática do retiro espiritual enaltecendo a força da Igreja e do ensino religioso⁶⁴ na instituição que também compartilha com o segundo mostrando a importância e respeito que as normalistas e a instituição atribuíam ao padre-professor.

No tocante ao terceiro ponto “Semana Santa”, em 1959, não se encontrou registro no diário do professor, mas a “Paixão de Cristo” ou “Sexta Santa” de acordo com o calendário do ano aconteceu no dia 27 de março. No ano de 1960, se localizou nos diários os registros nos dias 11 a 16 de abril, portanto, 6 (seis) dias, no caso uma “Semana Santa” literalmente. Diferente do calendário escolar atual em que o feriado se restringe somente a sexta-feira da “Paixão de Cristo”.

Esta condição atual em relação à anterior mostra o distanciamento entre a Igreja católica, priorizando uma escola pública laica, inclusiva que respeite todas as religiões e culturas. Fato que não é adotado em todas as instituições escolares, mas pode-se exemplificar que no IEC/EN) no período em que se trabalhou como docente (2004-2010) se presenciou situações que sinalizam para esta questão. Mesmo no trabalho pedagógico desenvolvido na escola não se

⁶⁴ Para aprofundamento sugere a leitura SAVIANI, Dermeval. *História das idéias pedagógicas no Brasil*, 2007.

privilegiar religiões e tanto que nas datas comemorativas, principalmente, na formatura se tinha um culto ecumênico e não uma missa em ação de graça, por outro lado ainda se tem, por exemplo, na secretaria imagens de Nossa Senhora e também a prática de se arrumar a lapinha ao final do ano em comemoração ao Natal.

Situação que pode ser cogitada como conseqüência da forte influência da formação brasileira a partir dos padres da Igreja católica desde a colonização e mesmo com as mudanças já pontuadas enaltece o caráter de renovação de uma tradição quando se evidenciam os elementos que fortificam uma simbologia ou rito (BALANDIER, 1997).

Na disciplina de *Biologia Educacional*, referente ao ano de 1959, foram registrados conteúdos no livro (diário de classe): “Biologia Educacional”; “Fontes bibliográfica como estudar e aprender”; “Origem da vida”; “Caracteres do ser vivo”; “Evolucionismo”; “Considerações sobre o educar”; “Fases da gestação humana”; “Pré-natal”. Ressalta-se que outros conteúdos não foram possíveis identificar e também havia espaços sem preenchimento.

As 3 (três) disciplinas a seguir fazem parte da matriz curricular do ano de 1960; *Filosofia, Administração e Prática de Ensino*. Na sequência se apresentarão a identificação do professor (caso seja possível), alguns conteúdos e atividades de cada uma.

Nas aulas de *Filosofia* se localizou como professor regente José Denizard Macêdo de Alcântara. Alguns conteúdos: “Origem da filosofia”. “Objeto da filosofia”. “naturalismo pedagógico”. “idealismo pedagógico”. “Pragmatismo pedagógico”. “Espiritualismo pedagógico”. “Individualismo pedagógico”. “Socialismo pedagógico”. “Estadismo pedagógico”. “Totalitarismo pedagógico”. “Culturalismo pedagógico”. “Humanismo pedagógico”. “Relações da Filosofia e educação”. “Importância pedagógica e a filosofia”. “Classificação e os fins da educação”. “Conceito de educando, problema da educação dos adultos”. No tocante às atividades, nada foi registrado.

Nas aulas de *Administração* localizou-se como professora regente Nely Sobreira de Oliveira, porém em todo o diário no local destinado aos conteúdos se registrou foi a assinatura da professora. Sobre as aulas de *Prática de Ensino* serão abordadas na seção posterior.

Sobre o corpo docente na Lei Orgânica de Ensino Normal (CEARÁ-1959) são direcionados 03 (três) artigos do Título V “Da administração e organização do ensino normal” – Capítulo II:

Art. 59º - para ingresso no magistério, dos cursos normais, exigir-se-á, além de outras condições baixadas em regulamento próprio, diploma de licenciado por Faculdade de Filosofia;

Parágrafo único: Em casos excepcionais, desde que fique comprovada a inexistência de licenciados, poderá a Secretaria de educação e Saúde abrir, junto aos estabelecimentos oficiais, exames para habilitação de candidatos ao magistério normal.

Art. 60º - O magistério das escola de Aplicação dos estabelecimentos do Ensino Normal será formado, mediante concurso especial, privativo do professorado público primário do estado, dando-se preferência aos professores especializados pelo Instituto Nacional de estudos Pedagógicos e pelos **Institutos de Educação**. (Grifo da pesquisadora).

Art. 61º - Poderá o professor de estabelecimento oficial, na regência de qualquer cadeira, solicitar à Secretaria de Educação e saúde, mediante audiência do seu Departamento, técnicos auxiliares para colaborarem nos seus trabalhos e atividades.

Do que foi mencionado nos artigos assinala-se: artigo nº 59 - diploma pela Faculdade de Filosofia e sobre esse assunto já se indicou alguns aspectos sobre a criação das faculdades no Brasil e que a faculdade de Filosofia antecedeu a criação da faculdade de Educação. No artigo seguinte, o privilégio do Instituto de Educação na formação de professores para as escolas Anexas onde os normalistas exerceriam sua prática de ensino.

Quanto ao último, se percebe um reconhecimento em relação à profissão professor de poder solicitar técnicos para ajudarem nas atividades. Prática que não mais existe atualmente para os professores do IEC/EN, mas de certa forma essa prática pode ser percebida no ensino superior mediante programas de bolsistas.

O reconhecimento da profissão professor nos dias de hoje é algo ainda muito distante ao se comparar a importância de seu papel social na construção da sociedade, embora se tenha avanços no sentido de melhorias como já enfatizado. Quando se exerce a profissão são inúmeras as situações enfrentadas em que se observa tanto apoio e reconhecimento, principalmente de alunos quando se escuta, por exemplo: “quando crescer quero ser igual a você”, “aprendi muito com você”, “você me incentivou a seguir em frente”, enfim vários elogios.

Por outro lado, “estou louco para terminar esse curso, não agüento esse professor”, “não quero ouvir nem aprender nada, quero é meu ,papel””, e aqui o aluno se refere somente ao certificado, enfim, diversas indicações que apontam para a instabilidade e vulnerabilidade em que se encontra a profissão de professor que muitas vezes é entendida como sinônimo de baixo salário, e uma profissão sofrida.

Em se tratando da pesquisadora, a melhor lembrança que se guarda como fator positivo de reconhecimento é o fato de alunas, dentre elas do IEC/EN, que telefonam no dia do professor, compartilham que foram aprovadas em concurso para o magistério, ou que está cursando uma licenciatura ou que já está em curso de pós-graduação.

O fato negativo que mais causou estranhamento não veio de um aluno. Há uns 03 (três) anos estava em uma festa quando uma colega me apresentou para seu ex-marido e mencionou que era a professora Helena (a pesquisadora desse trabalho), então ele levantou a mão e ao cumprimentar falou: “meus pêsames”. Fiquei sem ação e ele logo saiu. Isso vem à tona sempre que o assunto é profissão docente.

No seu estudo Arroyo (2000, p. 240) discute a questão do Ofício de mestre e busca mostrar ao longo da história a identidade do professor trazendo imagens e autoimagens sobre o assunto. Na descrição abaixo se percebe o teor crítico com que ele propõe e discute as questões relacionadas ao tema:

As políticas de formação e de currículo e, sobretudo, a imagem de professor (a) em que se justificam perderem essa referência ao passado, à memória, à história, como se ser professor(a) fosse um cata-vento que gira a mercê da última vontade política e da última demanda tecnológica. Cada nova ideologia nova moda econômica ou política, pedagógica e acadêmica, cada novo governante, gestor ou tecnocrata até de agências de financiamento se julgam no direito de nos dizer o que não somos e o que devemos ser, de definir nosso perfil, de redefinir nosso papel social, nossos saberes e competências, redefinir o currículo e a instituição que nos formarão através de um simples decreto.

Na página seguinte (ARROYO, 2000, p. 241) ele complementa que usa a expressão “ „Ofício de mestre“ para chamar atenção para essa longa história para procurar nossa identidade longe para nos ver como uma construção social, histórica, cultural que finca raízes fundas no passado”.

Quanto à qualidade do trabalho do corpo docente dessa instituição, no período da pesquisa (1958-1960), se pontua que deu continuidade a ideia de excelência, mantendo a tradição da instituição desde o seu funcionamento (1884) e que os professores eram reconhecidos pelas normalistas e sociedade. A fala a seguir da normalista se junta às que já foram citadas nesta pesquisa enaltecendo o trabalho destes profissionais:

N3 da 3ª. turma -. *Professores maravilhosos a de Português então a D. Raimundinha Severo era ótima. Tinha o professor Américo Barreira de Sociologia e o Dr. Carlos Alberto era de Higiene muito rigoroso. Tinha a esposa do Dr. Amorim Sobreira era professora de ai meu Deus e agora eu não estou lembrada. Tinha de Antropogeografia era uma senhora bem forte, morena parece que era Olivia o nome dela.*

Já em relação aos recursos didáticos se traz o depoimento abaixo:

N1 da 2ª. turma - Escreviam muito no quadro, era uma lousa verde se não me engano com giz, eles escreviam muito e até mandavam que agente copiasse, passavam muito trabalho dever de casa ou redação pra falar de um tema ou então um questionário pra responder, certo variava muito de professor pra professor.

Por fim, se traz o artigo 19º do Regulamento supra citado (CEARÁ, 1959) que se refere aos planos de ensino: “[...] serão executados por meios de aulas, pesquisas, estágios, seminários, debates e outros programas de atividades”. Sobre o assunto, concorda-se com Libâneo (1994, p. 178), ao acentuar que “[...] a aula é toda situação didática na qual se põem objetivos, conhecimentos, problemas, desafios, com fins instrutivos e formativos, que incitam as crianças e jovens a aprender”.

A partir das fontes pesquisadas, considera-se que mesmo com os desafios enfrentados pelas normalistas devido às condições da estrutura física do prédio, entorno, transporte até chegar a escola se conclui que a presença da tradição da escola na formação de professoras prevaleceu e foram apresentados sob vários aspectos: corpo docente, administrativo e também no processo de ensino e aprendizagem.

No assunto seguinte será abordada a prática de ensino das normalistas buscando compreender como aconteceu o planejamento e todo o processo destacando os elementos mais importantes que aconteceram com as normalistas da 1ª. turma formadas no IEC/EN em 1958-1960 no prédio do bairro de Fátima.

4.2 Prática de Ensino das Normalistas

Analisando-se as Leis: Orgânica do Ensino Normal (BRASIL, 1946) e Regulamento (CEARÁ, 1959) que normatizaram também a prática de ensino das primeiras turmas no período de 1958-1960, na referida lei traz a seguinte indicação em relação aos programas de ensino, (Capítulo IV), no artigo 33º, letra d) “a prática de ensino será, feita em exercícios de observação e de participação real no trabalho docente, de tal modo que nela se integrem os conhecimentos teóricos e técnicos de todo o curso”.

Já nesse Regulamento, no Capítulo II “Do período letivo”, artigo 35º enfatizam diretrizes para a organização do horário no que concerne às aulas teóricas, às atividades práticas e às extra-curriculares e sobre a prática de ensino destaca-se no parágrafo 3º: “na planificação dos trabalhos escolares da 3ª. fase *dar-se-á especial relevo a prática de ensino*, reservando-se tempo necessário à sua utilização nas escolas de aplicação e aos estágios das demais Unidades de Trabalho”. (Grifo da pesquisadora).

Observa-se a partir da leitura desses documentos que houve uma preocupação por parte dos legisladores em que a formação para o magistério ocorresse com momento de prática de ensino. Fato que não é uma novidade, pois antes mesmo da criação da Escola Normal já havia essa preocupação com a formação dos professores primários e tentativas de criação de políticas para melhoria da educação primária. Sobre esse assunto, Castelo (1970, p. 194), no seu estudo sobre a História do Ensino no Ceará, se reportando a Lei nº 1.138, de 5 de dezembro de 1864, destaca:

a referida Lei n. 1138 continha dispositivo (art. 6º) segundo o qual “uma das escolas primárias da Capital ficaria elevada a escola de 2º grau, onde ensinassem, além das matérias consignadas no art. 13, § 2º do Reg. de 2 de janeiro de 1855, **a prática do ensino primário ou de pedagogia. Seriam os aspirantes ao magistério público obrigados a praticar nessa escola pelo menos seis meses**”. (Grifo da pesquisadora).

Observa-se também que essa prática de ensino deveria ser realizada em um recinto específico. Complementando essa ideia de criação de um *locus* para a prática de ensino que todo candidato ao magistério devia cumprir, Castelo (1970, p.194) se reportando ao ano de 1865 reforça essa questão:

não era bem uma Escola Normal e sim uma Escola Modelo ou de Aplicação. Afinal, `um grande passo dado para o progresso e melhoramento`. O Padre, depois Monsenhor Hipólito Gomes Brasil, Diretor da Instrução Pública, escrevia em seu relatório, de 1865: Acho, portanto, que a Escola Modelo criada para nela se fazerem o tirocínio e obterem os conhecimentos práticos de regerem uma escola de aspirante ao magistério primário, é o que mais se coaduna com as circunstâncias da Província.

Como enfatizado, não era a Escola Normal, mas uma escola Modelo ou de Aplicação, sendo que esta última denominação também permaneceu no parágrafo 3º do artigo 35º no Regulamento (CEARÁ, 1959) já mencionado, que seria um recinto por excelência, para os professores em formação desenvolverem a prática de ensino ou tirocínio.

Após a criação da Escola Normal cearense, tendo seu funcionamento iniciado em 1884, com a finalidade de formar professores primários, ela seria anexa ao Liceu e teria duas escolas anexas uma masculina e outra feminina para o aprendizado da prática de ensino, preceito no artigo 23º do Regulamento de 1885, resguardando que “haverá uma escola primária superior para cada sexo, anexa à Escola Normal onde se habilitem os normalistas na prática dos métodos de ensino”.

Em Regulamento posterior, em 1896, consoante Carvalho (1998, p. 271) o artigo 8º “sob a denominação da escola de Aplicação haverá no mesmo edifício da Escola Normal ou na sua vizinhança uma Escola primária Modelo para nela se exercitarem as normalistas na prática do ensino”. Entre a expedição dos dois Regulamentos citados, vale mencionar que no ano de 1889, um fragmento que traz aspectos importantes sobre a prática de ensino dos normalistas (ARAÚJO, 2014, p. 55 *apud* OLINDA 2005, p. 87-88), enfatizando que:

OS alunos do 2º e 3º ano serão obrigados a exercitar-se na prática do ensino sob a direção da professora da escola anexa a quem dará as devidas instruções o Diretor da Escola Normal. Uma vez por semana haverá um exercício didático na escola anexa feito por um aluno do 3º ano. Com uma semana de antecedência o Diretor designará o assunto do exercício didático e o normalista que deve fazê-lo no dia marcado, perante a classe preferida, com assistência do Diretor da Escola e dos normalistas do 3º ano, o aluno designado dirigirá a classe e dará a lição por espaço de meia hora. Terminada esta e retirada a classe, serão os normalistas convidados a dar seu parecer oral sobre o modo por que foi dada a lição e suas observações críticas serão complementadas ou retificadas pelo Diretor.

Analisando se observa elementos relevantes para se pensar como essa prática era desenvolvida e trabalhada pelos normalistas, tais como: a presença e acompanhamento do diretor nesse processo; a devolutiva da aula do aluno ao diretor depois da exposição de sua lição; a periodicidade semanal da prática no 3º ano e também o fato de que a prática era efetivada em um local específico, no caso, a escola anexa, sendo uma para cada sexo, como já assinalado.

Sobre os dois primeiros elementos, enfatiza-se a condição do diretor ser o mesmo da cadeira de Pedagogia, na época o professor José de Barcelos. Situação que se considera relevante, pois permitia que ele acompanhasse, além dos conteúdos trabalhados na cadeira que ministrava, incluindo o processo da prática de ensino, também como diretor, estava participando da formação de forma simultânea. Já no tocante ao tempo de prática ser semanalmente, considera-se uma medida importante porque se criava uma situação de continuidade.

Como ponto positivo de vivência docente da cadeira de Prática de Ensino e diretor aponta-se que enquanto diretor, poderia se apropriar de suas experiências; enquanto docente, facilitar a mediação de problemas que estivesse na esfera da direção escolar. Por exemplo, pode-se mencionar o último elemento destacado, que se refere à preocupação que ele tinha de que funcionasse uma escola anexa trabalhando junto com a Escola Normal que pudesse dá suporte à prática de ensino, onde o normalista pudesse aprimorar seus conhecimentos. Nesse caso, se acentua as vivências que ele, enquanto professor de prática de ensino, contribuiu para sua decisão, enquanto diretor.

Ilustrando um desses momentos aponta fragmento da correspondência oficial entre José de Barcelos e o Presidente da Província Enéas de Araújo Torreão se referindo ao assunto envolvendo as escolas anexas na Reforma de 1889 (ARAÚJO 2014, p. 54-55 *apud* SILVA, 2001, p. 102-103):

José de Barcelos ao ser solicitado pelo Presidente a dar parecer sobre o pedido de equiparação salarial de professores da Escola Normal aos do Liceu, especialmente os professores das escolas anexas, destaca a importância dessa escola como o local onde “se forma o professor”, onde esse aprende a importância de se fazer a relação teoria e prática.

Seguindo a referência anterior, apresenta-se um fragmento da resposta de José de Barcellos ao presidente da Província:

[...] A pedagogia que se occupa deste assumpto, permaneceria com mero ensino abstracto, sem resultados práticos, se não fosse a professora nas escolas annexas, onde a normalista aprende de visar o valor e importância do estudo theorico, praticando a methodologia. É nellas que se forma o professor; é pelo acesso diário da escola annexa que se desenvolve a aptidão do normalista para o magistério, servindo-lhe de vasto campo de observação psychologica. [sic].

Ao analisar os textos se percebe que José de Barcelos era a favor da equiparação dos salários dos professores das escolas anexas usando como argumento o papel relevante que as professoras e as escolas anexas representavam como recinto primordial para a prática de ensino, momento importante para que os normalistas aprendessem a relacionar teoria e prática. Um fato interessante é quando ele se reporta à cadeira de Pedagogia como ‘mero ensino abstracto’. Valorizando a prática de ensino.

Evidenciando a história do currículo e seus avanços na atualidade, em detrimento do currículo da época (1958-1960), se constatam poucos momentos práticos ou quase nenhum, além

do distanciamento entre os conhecimentos das cadeiras (disciplinas) do curso, como já enfatizado. Comparando essas situações com a prática dos estágios e sua relação com as disciplinas curriculares na atualidade, no curso normal nota-se um grande avanço, tanto no curso normal como nas licenciaturas que ampliaram a carga horária dos estágios e também a possibilidade de articulação destes com as disciplinas, condição que privilegia uma convergência entre teoria e prática.

Dentre as discussões sobre o estágio na contemporaneidade, aponta o desafio de se pensar que toda disciplina é prática e teórica, portanto, perpassando a ideia de interdisciplinaridade como enfatizado por Garrido e Lima publicado em periódico (2005/2006, p. 20):

O estágio, então, deixa de ser considerado apenas como um dos componentes e mesmo um apêndice do currículo, passando a integrar o corpo de conhecimentos do curso de formação de professores. Poderá permear todas as suas disciplinas, além do seu espaço específico de análise e síntese ao final do curso. Cabe-lhe desenvolver atividades que possibilitem o conhecimento, a análise, a reflexão do trabalho docente, das ações docentes, nas instituições, de modo a compreendê-las em sua historicidade, identificar seus resultados, os impasses que apresenta, as dificuldades. Dessa análise crítica, à luz dos saberes disciplinares, é possível apontar as transformações necessárias no trabalho docente, nas instituições.

Algumas dessas ideias já estiveram presentes na proposta elaborada pela comissão organizada para a Reforma de Ensino Normal já no final da década de 1960 quando propunha que os estágios funcionariam como mola impulsadora do curso normal, uma vez que o normalista iria para a escola campo e retornaria com os problemas que seriam discutidos com os professores a partir de cada área de ensino e depois seriam encaminhados para a Secretaria de Educação e Saúde para se pensar nas soluções. Como já ressaltado, essa metodologia teve aprovação somente em parte (LIMA, 1966).

Essa discussão também reforça a ideia de que as teorias, embora sejam gestadas em problemas práticos, nem sempre retornam como soluções e se constituem práticas com a mesma sintonia. Para se pensar essa questão se aponta alguns aspectos, tais como: burocracia, ideologias divergentes, resquícios de incidências política, econômica, cultural e social que disputam e buscam alianças seja em nível local, nacional ou internacional que afetam direta ou indiretamente o funcionamento das esferas de uma sociedade, dentre elas, a educação brasileira.

Retornando à discussão de ser um local específico para a prática de ensino dos normalistas desde o funcionamento da Escola Normal (1884), no Regulamento de 1918 trouxe

um dado novo apresentando outra possibilidade atestando que a escola de Aplicação foi substituída, tendo os normalistas que realizarem suas práticas de ensino nos grupos escolares da capital, mas posteriormente, art. 74 e na reforma de 1922 a escola de Aplicação é resgatada como o lugar para os normalistas exercitarem a prática de ensino (OLINDA, 2005).

Quanto à prática das normalistas da turma 1958-1960 será que elas fizeram sua prática nesta Escola de Aplicação visto que ao chegar ao bairro de Fátima chegaram também o primário e esta escola específica? Por outro lado, se questiona em relação a já se ter construído no momento de formação dessas normalistas o local desta escola, uma vez que o prédio e o entrono do IEC/EN apresentavam precariedade de estruturação.

Sobre o período de estágios dessas normalistas pouco elas falaram a respeito durante as entrevistas, como também nem todas mencionaram em suas falas. Uma delas apresentou as seguintes informações:

N1 da 2ª. turma - *a prática de ensino como na ocasião da prova era só isso. Se dava um assunto, se desenvolvia o plano. Não, a gente não dava aula para as crianças. [...] Não entramos na sala de aula de jeito nenhum. Tá pensando na frente do professor a gente ia entrar na sala cheia de criancinhas e que íamos perturbar naquele pessoal.*

Nesta primeira parte da fala alguns elementos são apontados e contribuem para a reflexão: ela enfatiza que não houve prática e que nem entrou em sala de aula e que a avaliação do seu estágio se deu de forma teórica em que a partir de um assunto se elaborava um plano. A seguir se mostra outra parte da fala que também se reporta ao planejamento e plano de aula:

N1 da 2ª. turma - *não houve planejamento, foi tudo falta de planejamento. Naquela época não havia didáticas assim, por exemplo: tantas professoras da manhã vão pra sala de aula observar ver como faz a prática. [...] O plano de aula era desenvolvido na sala mesmo pra todo mundo. O plano era desenvolvido na sala de aula mesmo, a gente não ia dá aula para as crianças. A professora escolhia o assunto e você desenvolvia como apresentaria na sala de aula para as crianças.*

Na segunda parte ela frisa que não houve planejamento da professora de sua sala para organizar um cronograma com datas para o dia em sala de aula com as crianças e reforça a fala de que não foi para a sala de aula e que a atividade foi plano que foi elaborado a partir do assunto escolhido pela professora regente do IEC/EN e a professora em formação fazia a parte de como seria apresentado para as crianças.

E aqui não ficou claro quem elaborou o plano e como foi estruturado, com quais estratégias, atividades, avaliação foi finalizado, para se tentar obter alguns indicativos sobre essas questões seria a fonte diário de classe, mas como já ressaltado somente se localizou os diários de 1959 e 1960 da 3ª. turma, sendo esta normalista da 2ª. turma. Porém, não se impede de se fazer comparações, aproximações e distanciamentos desta fala com as outras normalistas. Sobre o ato de planejar Turra *et al* (1995, p. 20) pontua que:

O professor, ao planejar o trabalho, deve estar familiarizado com o que pode pôr em prática, de maneira que possa selecionar o que é melhor, adaptando tudo isto às necessidades e interesses de seus alunos. Na maioria das situações, o professor dependerá de seus próprios recursos para elaborar seus planos de trabalho. Por isso, deverá estar bem informado dos requisitos técnicos para que possa planejar, independentemente, sem dificuldades. Ainda temos a considerar que as condições de trabalho diferem de escola para escola, tendo sempre que adaptar seus projetos às circunstâncias e exigências do meio. Considerando que o ensino é o guia das situações de aprendizagem e que ajuda os estudantes a alcançarem os resultados desejados, a ação de planejá-lo é predominantemente importante para incrementar a eficiência da ação a ser desencadeada no âmbito escolar

O planejamento é uma criação específica do ser humano, portanto, presente em muitos momentos de nossa vida. Porém, nem sempre todos planejam e essa elaboração mental quando organizada e escrita se torna um plano que direcionará os objetivos a serem logrados. Em relação à formação do professor deve ser uma prática constante e adequada a cada realidade da turma, por conseguinte, sempre reelaborados.

A *N1 da 2ª turma* também não apontou inícios de que já se havia ou não construído a escola Modelo, mencionou apenas salas de aulas de criancinhas e aqui já se tem a comprovação de que realmente as crianças estudavam na época no IEC/EN, no caso seriam do primário. Retornando às falas se localizou que a outra normalista, no caso *N2 da 2ª. turma*, se expressou também sobre o assunto e abaixo se destaca essa fala para até mesmo identificar se há aproximação ou distanciamento do que foi colocado acima pela *N1* que é da mesma turma.

N2 da 2ª. turma - Lembro ter feito isso uma vez entrado na sala de aula e lembro que a professora ficou altamente incomodada com a presença da gente. Ela não sabia nem falar com as crianças porque ela não tinha sido nem avisada e preparada para a visita da gente. Então eu entrei lá com 3 ou 4 e ela tentando falar com as crianças que estavam distraídas com a presença da gente.

Há aproximação nas falas quando esta normalista também destaca embora não explicito sobre a questão do planejamento e no caso a falta deste. Distanciam-se quando esta destaca que entrou m sala de aula para observação com outras colegas que também são da mesma turma que a *N1*. A este fato pode se atribuir que ela tenha faltado no dia e até vem ao encontro da falta de planejamento mencionada o fato da professora não tivesse avisado anteriormente e que a ida para a sala neste dia fosse, por exemplo, uma atividade decidida de imediato. Também com nesta não se tem elementos para saber se já havia a escola Modelo construída na época do curso (1958-1960).

As duas normalistas a seguir, dentre as 6 (seis) entrevistadas, são da 3^a. turma condição que possibilita além da aproximação e distanciamento se observar os fatores que podem indicar diferenças entre a prática de ensino em turma diferente até porque devido a não se ter localizado o diário da 2^a. turma não se tem como saber se os professores forma os mesmos e também em relação aos conteúdos trabalhados. Sobre a sua prática de ensino a *N2 da 3^a. turma* pontuou alguns elementos abaixo apresentados:

N2 da 3^a. turma - *eu fui dá aula na escola mesmo. Fui pra sala de aula mesmo. Na sala de aula foi bom era supervisionada pela professora também não estou lembrada o nome dela que ela era professora de Metodologia especial.*

Nesta primeira parte ela enfatizou que foi *dá aula na escola mesmo* e acrescenta o nome da professora de Metodologia Especial como a professora supervisionadora. Com esta afirmação ela se aproxima do que a *N2 da 2^a. turma* destacou, porém aquela não mencionou que deu aula e que somente entrou e até que ela e suas colegas atrapalharam a professora regente.

Como se localizou o diário da 3^a turma (1959-1960) e até mesmo já pontuou nomes e conteúdos de disciplinas a partir desta fonte se pode verificar que a responsável pela disciplina era a professora *Suzana Dias Costa Ribeiro*, mas não se localizou nenhum registro de que também ministrou a disciplina de Metodologia especial e a professora de Metodologia Especial como já citado era *Albanisa Chagas*.

Vale lembrar que devido a não se ter localizado todos os diários das duas turmas não se pode afirmar de que a professora de Prática de ensino possa ter trabalhado com Metodologia em outra turma, por exemplo, dando razão à lembrança da normalista na hora da fala e até mesmo em relação aos demais professores. Continuando a fala da *N2 da 3^a. turma* acentuou que:

N2 da 3ª. turma - *Como era muita gente, não tinha muito campo pra gente ir, agente passava uns quinze dias mais ou menos observando. Não só observei como dei aula também um pouquinho a professora dizia agora você fala sobre isso, ai você falava, por exemplo, sobre história. Fiquei com as crianças do 2º ano.*

Neste segundo momento ela mostra que observou e deu aula e pelo que apresentou foi dividindo com a professora regente como também que ficou com a turma do 2º ano. A denominação da turma também corrobora para ratificar a presença das crianças do primário no tempo e que se formaram no IEC/EN. Há uma aproximação das duas últimas falas, mas que nesta houve um indicativo de aula apresentada com a professora regente, fato que não foi mencionado na fala anterior e, dessa forma, pode se constatar um distanciamento da prática do professor e até do planejamento da disciplina, caminho que aponta para se pensar que poderia ser outro professor de estágio no momento.

A última normalista falou sobre a sua prática apenas algumas poucas palavras que abaixo descreve:

N4 da 3ª. turma - *acho que era D. Nely que dava essa cadeira. Acho que a gente visitou umas salas de aulas de crianças lá na escola, mas dá aula mesmo, eu não dei não*

Em relação a esta última fala também há uma controvérsia quando se compara com as duas normalistas da 2ª. turma em que uma disse ter entrado em sala de aula e outra não. E aqui é que aquela desta mesma turma *N2 da 3ª. turma* ter até dado aula e esta *N4* de não ter dado aula, embora se lembre de ter visitado umas salas. Constata-se também um distanciamento entre as duas últimas normalistas quando se reportam para a professora da cadeira de Prática de ensino e aqui ela pontuou o nome de Neli. Adotou-se a mesma estratégia de retorno ao diário e se obteve que a professora mencionada – Nely Aguiar foi professora da cadeira de História da Educação. Mas se traz para este contexto a mesma observação anterior de não se ter localizado todos os diários, condição que permite outras possibilidades.

No diário da disciplina de Prática de Ensino da 3ª turma foram registrados os seguintes conteúdos: “I Unidade. Conceito de aprendizagem, tipos e leis da aprendizagem”, “O professor e seus atributos. Conhecimento do aluno”. “II Unidade: Seleção de alunos e de professores para a 1ª. série”. “Teste A,B,C – finalidades, aplicação, interpretação”. “Aplicação do teste do losango”. “Fundamentos do método global de contos”. “Aprendizagem da leitura e da escrita pelo método global”. “Fases do método”. “Prática no primário – observação”. Vale

ressaltar que em vários espaços destinados aos conteúdos constava somente a assinatura da professora.

Pelos conteúdos registrados se observa que realmente houve uma proposta de planejamento para que as normalistas exercessem sua prática de ensino apontada na Unidade II, mas que não foi confirmada pelas entrevistadas, por outro lado, quando se toma o depoimento N2 da 3ª. turma - *não só observei como dei aula também, um pouquinho a professora dizia: agora você fala sobre isso, ai você falava, por exemplo, sobre história. Fiquei com as crianças do 2º ano*, aliado ao que foi escrito no diário também não se pode afirmar que não houve nenhum planejamento para a prática de ensino.

Quanto à Escola Modelo nada foi acrescentado nessas falas, assim não se pode aludir nada sobre o assunto a partir dessas fontes. Mas, a partir das entrevistas de todas as 06 (seis) normalistas desta pesquisa, quando se reportaram a estrutura física do prédio e que nele havia construído, apontaram que na época de 1958, ao se dar início às aulas só haviam construído dois pavilhões, por esse prisma se leva a pensar que realmente ainda não se tinha construído o prédio para a Escola Modelo ou de Aplicação e que as salas que elas mencionaram neste momento de prática pode sim se referir a algumas salas e um dos dois pavilhões.

Outra fonte que leva a pensar nessa mesma direção é a mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Ceará (15/03/1958) pelo governador Flávio Marcílio já mencionada que mostra a composição da estrutura do prédio do IEC/EN “trata-se de uma obra de grande vulto que, em março de 1957, teve inauguradas as seguintes dependências: SUÍTE Nº 1 – Administração, construção de dois pavimentos”. Assim, percebe-se que não existia ainda na época essa escola específica para a prática das normalistas.

Sobre o assunto um acontecimento enfatizado no trabalho de Oliveira (2008, p.136-137), referente a Escola Modelo no prédio que antecedeu à transferência para o bairro de Fátima, merece destaque:

A Mensagem de 1926 ainda menciona a necessidade de construir prédio para a Escola Modelo próximo à Escola Normal. Até então, a Modelo permanecia no prédio da primeira sede da Normal, a uma distância considerável da Praça Filgueira de Melo. Finalmente, dois anos depois, a 11 de abril de 1928, é inaugurado o prédio da Escola Modelo, desta vez anexa ao prédio da Escola Normal. O *jornal O Nordeste* publica reportagem sobre o evento. “Terminadas as obras no pavilhão anexo à Escola Normal Pedro II, mandado construir para nelle funcionar a Escola Modelo, mudou-se, hontem, para o mesmo, e referida Escola, dando-se, às 9 horas, perante o director da Instrucção e outras pessoas gradadas, a primeira aula no novo prédio. O pavilhão foi construído segundo um plano intelligente, apresentando salões de aula vastos e com a cubagem de ar sufficiente.” (O NORDESTE, 1928, p. 5).

A Escola Modelo funcionou no 1º prédio na Praça Marquez de Herval, portanto, distante da Escola Normal sediada no prédio da Praça Filgueiras de Melo sendo construída posteriormente no ano de 1928. Na mesma pesquisa a autora (2008, p. 137) sinaliza para a extinção do prédio:

O prédio foi demolido possivelmente na década de 70, para dar lugar aos atuais anexos do Colégio Justiniano de Serpa. Segundo a Mensagem Governamental de 1928, temos o que mais próximo se pôde encontrar de uma descrição: “[...] Este pavilhão, cuja construção obedeceu aos preceitos das modernas engenharia sanitária e hygiene escolar, foi solenemente inaugurado a 11 de abril último.

A autora expõe a hipótese de demolição do prédio na década de 1970, de acordo com a determinação da Lei nº 4.743 de 15 de março de 1960 marca a criação do Colégio Estadual Justiniano de Serpa. Acontecimento que também não inviabiliza a ideia de que o prédio da escola Modelo tenha sido conservado, porém sem a sua função anterior de local para a prática de ensino.

Novamente em evidência o prédio do bairro de Fátima IEC/EN onde as normalistas entrevistadas se formaram se traz para este momento, como já assinalado, o fato de quando a pesquisadora visitava os lugares que faziam parte da Escola Normal tendo como ponto de partida e chegada o IEC/EN junto com a turma através do projeto já destacado “Refazendo caminhos: “Memórias sobre a Escola Normal de Ontem e Hoje (1884-2008)” conforme nota 30, de se ter ainda nesta instituição um portão que dá acesso a atual Escola profissionalizante Marechal Juarez Távora em que se localizou uma placa afixada nesta instituição na época EEFM Marechal Juarez Távora referente à Escola Modelo e até se tirou uma foto, mas como era uma disquete na época não teve como abrir o arquivo depois de repassado da máquina fotográfica.

Em outro momento quando se retornou, infelizmente não havia mais a placa e não se teve mais informações para onde possa ter sido levada. Creio que com a mudança da denominação da escola para “Escola Profissionalizante” se tenha retirado esse documento histórico.

Assim, se constata que muito provavelmente a Escola Modelo tenha funcionado neste local, porém não se encontrou fontes que explicitasse datas ou quaisquer documentos, pois segundo informações de pessoas que trabalhavam na escola disse que muitos documentos teriam sido destruídos pelos cupins.

Por fim, retomando a Lei Orgânica do Ensino Normal (BRASIL, 1946), continua a estabelecer normas para a prática de ensino em um recinto próprio, no art. 47º estipula que todo estabelecimento, ao ofertar o ensino normal, manterá uma escola anexa para a *prática de ensino*. (Grifo da pesquisadora). Nos parágrafos desse art. foram delimitados os seguintes preceitos:

§ 1º Cada curso normal regional deverá manter, pelo menos, duas escolas primárias isoladas.

§ 2º Cada escola normal manterá um grupo escolar.

§ 3º Cada instituto de educação manterá um grupo escolar e um jardim de infância. (Grifo da pesquisadora).

Observando o destaque, mais uma fonte que corrobora com a questão da prática de ensino das normalistas deveria ser realizada em uma escola específica. Sendo esta Lei que serviu de fundamento para Reforma do Ensino Normal no Ceará (CEARÁ, 1959), portanto, mais um indício de que a Escola Modelo pode ter sido construída e ter funcionado no local apontado anteriormente.

Um fator relevante para ser enfatizado em relação à prática de ensino abrangendo às Escolas Normais e às faculdades de Pedagogia é a questão da necessidade do contexto pela qual foram criadas, as primeiras foram criadas para formar o professor para assumir seu lugar em sala de aula e nesta condição muitas pessoas atribuem à formação desta instituição enfatizando mais a prática no sentido de que havia mais preparação dos normalistas para serem professores.

Por outro lado, as faculdades de Pedagogia tendo como base o modelo humanista herdado também da faculdade de Filosofia tendiam a priorizar um currículo com disciplinas mais direcionadas aos fundamentos das ciências. Embora tenha havido mudanças de cunho curricular e ampliação da carga horária dos estágios ainda se encontram pessoas com esse pensamento de correlacionar Escola Normal à prática e experiência e Faculdade de Pedagogia ao domínio das teorias. (CRUZ, 2011).

Exemplificando um desses momentos, quando a pesquisadora visitou algumas escolas ouviu do núcleo gestor e de professores que alguns estagiários de cursos de Pedagogia não sabiam dominar a sala de aula e que os alunos da Escola Normal “tiravam de letra”. Como também presenciei estagiários de cursos de Pedagogia relatando que não sabiam que eram tão diferentes as teorias da faculdade com a realidade da escola e que não sabiam trabalhar com essas crianças. Não significa dizer que tal experiência não ocorresse com os alunos do IEC/EN.

Discurso presente também em pessoas que foram normalistas e concluíram também o curso de Pedagogia e sobre este assunto se aponta a contribuição de Cruz (2011, p. 71) sobre as análises das entrevistas de seu estudo:

para a grande maioria dos entrevistados, a formação para se tornar professor foi obtida por meio do Curso Normal. O curso de Pedagogia, apesar de se colocar, também, como agência de formação docente para o ginásial, além do Curso Normal, parece não ter explorado suficientemente a prática desse ofício, segundo os entrevistados. Entretanto, a Pedagogia, principalmente para aqueles que cursaram nas décadas de 40 e 50, favoreceu uma sólida formação teórica, condição necessária, na visão dos entrevistados, para o processo de pensar, refletir, pesquisar e construir conhecimentos sobre a educação.

Partindo da posição da autora em relação a um momento conclusivo referente às falas de seus entrevistados fica evidente a aproximação do Curso Normal e Curso de Pedagogia no sentido do currículo deste curso superior seguir também um viés humanista, privilegiando as disciplinas teóricas. Por outro prisma, se tem um afastamento em relação à prática de ensino quando o Curso Normal é apontado como tendo essa finalidade de formar o professor para a sala de aula e o curso de Pedagogia privilegiou mais as discussões teóricas.

Um dado se torna imprescindível de ser mencionado neste instante que é as novas possibilidades de atuação do pedagogo, não só se restringindo à sala de aula, mas podendo exercer a função de gestor, coordenador escolar e também de trabalhar em outras instituições desempenhando funções como um técnico em Educação.

Trazendo ainda o estudo de Cruz (2011, p.72), sua entrevistada assinalou que: “na minha época, a Escola Normal era muito forte. Aprendia-se sobre educação e sobre ser professor. Tão logo concluí o curso, ingressei no seu corpo docente como professora de Português, sabendo o que tinha que fazer”. Sobre seu curso de Pedagogia, consoante Cruz (2011, p. 72) a mesma entrevistada ressaltou que:

o Curso de Pedagogia era desmembrado em dois (pedagogia e Didática). Pedagogia formava o bacharel e Didática formava o professor. Tanto no bacharelado quanto na licenciatura, eu observava características da escola Normal. As disciplinas eram praticamente as mesmas, mas muito mais teóricas e menos práticas. Era um curso que tinha profundidade. Lembro-me de um módulo do curso de história da filosofia, que foi tão bom e consistente quanto o que fiz posteriormente na graduação de Filosofia.

A década de 1930 se consolida como um marco relevante para área educacional brasileira, assinalam-se as discussões em torno de planejamentos para a criação de universidades

que foram impulsionadas pela Reforma Francisco Campos.⁶⁵ Em 1939 se tem o primeiro Decreto-Lei 1.190, de 4 de abril que respalda a criação do curso de Pedagogia na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (CRUZ, 2011). Fato que vem a colaborar com a ideia da proposta de um curso com disciplinas privilegiando o humanismo como enfatizado também no depoimento acima.

Vale ressaltar que a parte pedagógica dos cursos de formação de professores era desenvolvida nas escolas Normais e Institutos de Educação, prática ainda vigente no IEC e que se vivenciou. Exemplificando, recebi estagiários do curso de Pedagogia da UFC que ministraram mini-cursos. Um dos entrevistados na pesquisa de Cruz (2011, p.33) que concluiu o curso de História e Geografia na faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, ressaltou ao final de seu depoimento uma informação que corrobora e enaltece a discussão: “[...] a parte pedagógica era trabalhada nas Escola Normais e nos Institutos de Educação, de criação muito recente também nessa época, mas que já davam uma formação bem mais avançada ao professor.” Considera-se que ele se refere à prática e não as instituições.

Atualmente o IEC/EN também desempenha a mesma função como uma escola campo primordial para a prática de ensino e estágio de muitos alunos de licenciaturas, destacando, o do curso de Pedagogia. Esta procura se deve ao fato de ser também uma instituição de formação de professores. Fato já mencionado inclusive quando a pesquisadora estava concluindo seu curso de Pedagogia pela UECE.

No ano de 1935, (Decreto nº 1.459 de 22 de janeiro) surge um fato novo assinalado no trabalho de Olinda (2005, p. 208-209) que vem proporcionar ainda mais a relevância da prática de ensino estabelecendo que uma das notas do exame final fosse a de uma aula prática:

Os relatos indicam que nesse período a prática de ensino foi um pouco mais estimulada e as relações do curso normal com a Escola de Aplicação se estreitaram. A própria legislação em vigor obrigava que uma das notas de exame final para os concludentes do curso normal fosse dada a partir de uma aula prática.

⁶⁵ Cf. Cruz (2011, p. 30) “A instituição do Curso de Pedagogia no final da década de 30 decorreu de um longo processo de tentativas dos legisladores em definir as bases de formação do professor, em especial, para atuar no ensino secundário. Francisco Campos, ao assumir o Ministério da Educação e saúde Pública, em 18 de novembro de 1930, destacou a necessidade de formação específica para os professores desse nível de ensino. No ano de 1931, ao empreender a reforma do ensino secundário, surgiu a criação de faculdade de educação, Ciência e Letras”. Na página 32 acrescenta “[...] O nome adotado para as instituições criadas destinadas à formação de professores para o ensino secundário foi o de faculdade de **Filosofia**, Ciências e Letras”. (Grifo da autora).

Considera-se uma estratégia importante, porque de certa forma obrigava os normalistas a ter mais interesse nos momentos da prática de ensino. Sobre esse aspecto quando se ministrou a disciplina de Estágio Supervisionado nos anos de 2004-2010⁶⁶ no IEC/EN a nota de estágio do último ano de curso sempre teve peso no sentido de valor diferenciado até porque no mês de outubro os alunos iam para a regência e a nota final do Estágio era somada como das notas para todas as disciplinas do 4º ano, enaltecendo uma valoração para os momentos de estágios.

Durante visitas às escolas se comprovou ótimos desempenhos dos normalistas nesses momentos de estágios, destacando-se o período da regência. Nesse sentido, pode-se cogitar a ideia de que esta situação poderia ser consequência daquela medida relacionada à nota, as experiências apontaram que em alguns casos essa hipótese se tornava válidas.

Vale assinalar que durante a regência no período de 2004-2010, além das visitas desta pesquisadora, os outros professores do 4º ano visitavam também os alunos e faziam a sua avaliação que era uma nota a mais a ser atribuída na disciplina de Estágio.

Outra nota adotada pelo curso, para esta disciplina era uma atividade final em que o aluno deveria redigir um Trabalho de Conclusão de Estágio (TCE) orientado pela professora de Estágio relatando suas experiências. Trabalho que tinha um cunho mais empírico, mas que era fundamentado nas normas acadêmicas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Era uma forma de incentivar o professor em formação a se interessar pela pesquisa. A nota final da disciplina de Estágio era considerada como uma nota parcial para todas as outras disciplinas componentes do currículo do curso.

Uma prática que se utilizou como forma avaliativa, quando docente no último ano de curso (4º ano) nessa disciplina no período que trabalhou como docente, foi a apresentação dos alunos sobre as Memórias no Período de Regência, última etapa da disciplina de Estágio que aconteciam durante todo o mês de outubro em que se utilizavam da observação, participação, ajudando e também ministrando aulas, mas com a supervisão da professora de Estágio e a do professor regente da sala. Embora se tenha constatado que alguns tenham ficado em sala de aula sozinhos em certos momentos, porque já tinham essa prática e faziam um acordo com a direção e o professor regente, portanto, não era obrigatório uma vez que se tratava de um estágio.

⁶⁶ Sobre o assunto se indica o trabalho da pesquisadora: Escola Normal cearense em foco: perspectiva histórica e da prática docente no Estágio Supervisionado, 2014.

Considera-se que o professor da turma é o responsável por sua sala de aula, por conseguinte, tinha o dever de permanecer em sala, contudo, em alguns momentos dos estágios também aconteceram casos em que o professor regente usava a presença dos estagiários para saírem das salas, aproveitando o momento para fazer resolver qualquer outro assunto nas dependências da escola.

No mês de novembro, quando os alunos do 4º ano retornavam da regência, havia uma preparação para esse evento. No período de regência eles estavam nas escolas-campos, e suas práticas de ensino não são mais em uma escola específica, como já ressaltado, uma escola Anexa, Modelo ou de Aplicação próximo ou junto à instituição e sim em qualquer escola pública, particular ou Organização Não Governamental (ONG).

Vale esclarecer que no período de 2004-2010 desde o 1º ano de curso o professor em formação vai para a escola-campo, sendo estágios, divididos em observação, participação e regência (contudo, essa divisão não constitui linearidade em razão das experiências individuais de cada um) com carga horária de 800 h/a, que são distribuídas da seguinte forma: no primeiro e segundo anos, cargas horárias iguais a 120h/a em cada ano; no terceiro, 160 h/a; por fim, 400 h/a no quarto ano. (ARAÚJO, 2012).

Outros dois fatos interessante sobre o curso nessa delimitação temporal acima é que 1) a partir do 2º ano o aluno poderia optar em seguir o curso a partir de 3 (três) habilitação: Educação Infantil, Ensino Fundamental e EJA, mas o certificado dava direito a trabalhar em quaisquer uma delas. Desde o ano de 2010 somente é ofertado o curso normal integrado sem as habilitações específicas. 2) O funcionamento do curso normal “Subsequente” (2006-2008) para alunos que já tinham concluído o ensino médio, mas que desejasse ingressar no magistério. Este curso tinha a duração de 2 (dois) anos.

As fotos e depoimentos abaixo registram alguns desses momentos 2004-2010 de estágio no período de regência. Escolheram-se duas situações bem distintas para ilustração, objetivando mostrar a importância dos momentos de estágio e na primeira foto apresenta a aluna do IEC/EN e a regente em uma comemoração ao dia da criança na quadra de uma escola publica municipal em Fortaleza.



Foto 42 – Professora em Formação no Período de Regência A

Fonte. Arquivo da professora em formação.

Foto tirada em 2006.

Na imagem se frisa o fato da aluna está de farda e sempre foi uma recomendação da pesquisadora, professora desta aluna na época, de que as alunas fossem para os estágios ou com a farda original ou que mandassem confeccionar uma blusa que especificasse a instituição delas, uma vez que nas escolas como bem já foi destacado recebiam várias alunas de faculdades de Pedagogia também. Algumas alunas não usavam a farda e isso a pesquisadora presenciou durante visitas às escolas.

Um elemento relevante para ser adicionado à esta questão e se refletir sobre a escolha pelo não uso da farda pode ser atribuído à significação da instituição para partes da sociedade e no contexto da foto se reporta ao ano de 2006. E por todas as mudanças ocasionadas no ensino normal e o surgimento das faculdades e exigência do diploma em nível superior influenciam em como as pessoas percebem essa instituição, como também a escolha de não se querer usar a farda e ser identificada como aluna da instituição. Situação bem distinta em que usar a farda de normalista era motivo de orgulho, pois representava reconhecimento e status, atribuição também das normalistas que se formaram em 1958-1960 explicitada nas suas falas.

Trazendo outra fonte a fala de uma aluna para ilustrar alguns pontos destacados sobre o período de regência. O depoimento a seguir foi apresentado no trabalho da pesquisadora (ARAUJO, 2014, p.115):

a prática difere um pouco da teoria que aprendemos em virtude da falta de recursos pedagógicos que atendam melhor a necessidade do aluno, de acordo com sua faixa etária. Cada turma é uma realidade diferente da outra, necessitando de cuidados especiais. Apesar disso, me sinto apta a exercer minhas funções como professora do Jardim I até a 4ª. série, pois aprendi muito com as pesquisas bibliográficas, com meus

professores e com a professora da sala de aula que estagiei. A regência foi uma experiência nova na minha vida e a melhor de todas, pois é gratificante conviver com as crianças e fazer parte da vida escolar delas, ensinando-lhes a compreender o mundo das letras, algo tão complexo para elas e, mais do que isso, ser responsável pela formação dos nossos futuros cidadãos. Dessa forma, a regência foi mais um degrau que subi, na escalada do saber, rumo à concretização do Curso de Ensino Médio Normal, em busca de novos horizontes para a minha vida profissional. (Escola de estágio – particular).

Nesta fala observa-se que os momentos da regência foram gratificantes e que contribuiu para a formação proporcionando conhecimentos e segurança para que a professora em formação pudesse se sentir apta para assumir uma sala de aula desde a Educação infantil até o ensino Fundamental I. O que chama atenção é o fato de ela se autoavaliar e avaliar a realidade contextual percebendo a disparidade da aprendizagem das crianças, ressaltando que “se deve ter cuidados especiais”. Essa consciência é fundamental para a formação do professor e para a melhoria da educação, corroborando com essa fala destaca-se Freire (p. 2003, p.28)

[...] A responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes. Sua experiência docente, se bem recebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente. Formação que se funda na análise crítica de sua prática.

A citação condiz com o destacado pela aluna, principalmente quando expõe ao final do texto: “[...] a regência foi mais um degrau que subi na escalada do saber, rumo à concretização do Curso de Ensino Médio Normal, em busca de novos horizontes para a minha vida profissional”. Com esse posicionamento ela registra a importância de continuar investindo em sua vida profissional.

Na segunda foto as professoras em formação do IEC/EN estão ministrando aulas em Língua Brasileira dos Sinais (Libras) para alunos surdos, o diferencial é que elas também pertencem a esse grupo, fato que torna mais relevante a apreciação das fontes a seguir:



Foto 43 – Professora em formação no período de regência B

Fonte: Arquivo da professora em formação.
Foto tirada em 2006.

O depoimento abaixo foi apresentado no trabalho da pesquisadora (ARAÚJO, 2014, p.112) está articulada à experiência de uma professora em formação com deficiência auditiva, mas assim como a anterior, não equivale à mesma pessoa do depoimento abaixo:

no término do estágio da regência em sala de aula, passei por muitas experiências positivas e outras negativas, mas também aprendi muita coisa que vou levar na bagagem como futura professora. Uma das coisas que ficou comigo foi que devemos ter carinho, compreensão e, acima de tudo, amor com as crianças, principalmente, com aquelas que, por algum motivo, têm uma deficiência, assim como eu fui quando era criança (surda). (Escola de estágio – particular).

Analisando esta fala observam-se as marcas impressas no período de regência que a professora em formação destaca, se reportando aos momentos de estágios na regência que lhes proporcionou vivenciar a lição de que é necessário o carinho, amor e compreensão com as crianças e, sobretudo, por ela também poder refletir e comparar esse momento quando ela era criança e pelas entrelinhas, pode se pensar que ela não recebeu esses sentimentos quando criança em sua escola.

Percebeu-se quando se visitou professores em formação do IEC/EN, alunos da pesquisadora na época, com essa deficiência que o fato de eles terem a mesma deficiência, por conseguinte, dominarem a “língua dos sinais” e compartilharem das mesmas dificuldades, as crianças prestavam mais atenção a eles do que mesmo ao professor regente que não tinha a deficiência. Fato também perceptível na foto.

A inclusão de professores em formação surdos no curso normal é também uma grande contribuição que o IEC/EN presta aos deficientes auditivos que desejam ingressar no magistério. Além da formação inicial – curso normal, oferece um curso de formação continuada que iniciou em 1992 com a denominação de Curso de Formação Continuada em Educação Especial, atualmente, ainda é ofertado, mas com uma alteração para Curso de Formação em Educação Especial na Perspectiva de Inclusão com a mesma carga horária de 800h/a.

Na instituição também funcionam serviços de apoio para as pessoas com deficiências como o Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação e Talentos (NAAH/S) iniciando suas atividades no ano de 2006 e, desde fevereiro de 2010, entrou em funcionamento o CREACE que ampliou os serviços no qual o NAAH/S passou a fazer parte. Esses são alguns dos resultados de políticas públicas educacionais, Programas em parcerias com as secretarias de educação estadual e municipal que visam à melhoria da situação dos deficientes, abrindo possibilidades. Em nível local, a prefeitura de Fortaleza anunciou a criação da primeira escola bilíngüe para surdo, ainda em fase de discussão, mas com previsão para iniciar suas atividades neste ano.⁶⁷

Atualmente, depois da oferta do curso de letras-libras e ofertas de ingresso no ensino superior de alunos com outras deficiências, mostram alguns investimentos na melhoria da formação dos professores com deficiência e que muito podem contribuir para a formação de outras crianças que estão no mesmo grupo. Contudo, é preciso se ter investimentos constantes e ampliação de novas propostas e possibilidades não só para os deficientes como para a educação do campo, enfim, uma educação pública de qualidade para que todos possam usufruir e desempenhar um papel na sociedade em que vive.

Durante o período em que se trabalhou na instituição sempre nas salas em que se ministrou aulas tiveram alunos surdos em torno de 2 (dois) ou 3 três), a maior quantidade foi 5 (cinco) na mesma sala. Vale ressaltar que em todas as aulas tinha um intérprete para o acompanhamento.

⁶⁷ A Prefeitura de Fortaleza, por meio da Secretaria Municipal de Educação (SME), implantará a primeira escola municipal bilíngüe para surdos na Capital. A Escola Municipal de Educação Bilíngüe Francisco Suderlan Bastos Mota ofertará ensino em tempo integral para, aproximadamente, 200 alunos nas etapas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. Ainda em processo de discussão e implantação. A unidade funcionará em tempo integral a partir de março deste ano Rosana Romão em Fortaleza / 13/01/2014 - 17:00. Disponível em: <http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/fortaleza/fortaleza-implantara-escola-bilingue-para-surdos/>. Acesso em 29 jan. 2014.

Considera-se um grande apoio, mas como não dominava a Língua Libras e o intérprete sabia a linguagem, porém não tinha o domínio dos conteúdos para transformá-los e retornar para meu aluno (professor em formação), tornava-se uma situação de certa forma desconfortável, embora houvesse uma comunicação entre mim e o intérprete. Destaca a importância de formações e nível superior que permite aos intérpretes da língua também conhecerem os saberes e conteúdos que fundamentam a educação e formação de professores.

Retornando para o momento em que os professores em formação, no mês de novembro, apresentavam as Memórias da regência era motivo de grande satisfação, pois os professores em formação confeccionavam cartazes, posteriormente, se passou para a utilização de um *banner* baseado nos ditames de normas acadêmicas, porém confeccionados por eles.

Levavam também os materiais que utilizaram durante a regência, atividades, jogos que eram mostrados na hora de suas apresentações. Convidava-se a comunidade escolar: professores, núcleo gestor, funcionários, pais e alunos para visitarem e apreciarem esses trabalhos que eram afixados nas paredes do auditório e os autores ficavam aguardando a avaliação da pesquisadora (professora na época) e também as apreciações das visitas desses convidados, momento em que eles explicavam o trabalho. O evento tinha a duração de 4 (quatro) horas e era realizado no turno das aulas. Como incentivo se expedia um certificado de apresentação de trabalho.



Foto 44 – Pesquisadora e Professora em Formação em Momento de Apresentação da Memórias da Regência

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Foto tirada no Auditório do IEC em 2008.

Na imagem se observa que a professora em formação está de farda e que atrás mostra parte de seu trabalho que era afixado, mas não deu para a imagem captar os recursos didáticos que ela utilizou no período.

A prática de ensino, momento dos estágios, em muitas vezes se consolidam como o fator que ajuda a decidir se o profissional quer ou não seguir a carreira. Vivenciou-se essa situação no IEC/EN quando alunos retornavam dos primeiros estágios do curso ficavam com dúvidas em relação a continuar na formação para o magistério e quando retornavam do período da regência que incluía participação, observação e regência do aluno compreendendo o mês todo de outubro, já tinha a certeza se iria seguir o não a profissão docente.

Consideram-se os momentos de estágios imprescindíveis para a formação do professor, como ressalta Lima (2001, p.16) “o estágio não é a hora da prática! É a hora de começar a pensar na condição de professor na perspectiva de eterno aprendiz. É hora de começar a vislumbrar a formação contínua como elemento de realimentação dessa reflexão”. É o momento de se consolidar as teorias e metodologias na prática da ação docente, portanto, um exercício permanente.

No próximo assunto se trará questões sobre como eram as avaliações no período de formação das normalistas durante o curso.

4.3 Avaliação da Aprendizagem

A questão da avaliação na contemporaneidade se constitui em uma das ferramentas de acompanhamento imprescindíveis no processo educativo, porém devido à sua complexidade se torna um desafio. Consoante Libâneo (1994, p. 195):

a avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela, os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos, a fim de constatar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho par as correções necessárias.

Concorda-se com a perspectiva do autor que aponta para uma concepção de avaliação processual, priorizando a aprendizagem do aluno. Por outro lado, outros teóricos pensaram a avaliação de forma distinta, como classificatória e, dessa forma, o que prevalece é a nota. As

teorias são influenciadas por um conjunto de ideologias que compreendem os setores econômico, político, cultural e também representam a filosofia da instituição direcionando uma prática avaliativa.

Analisando elementos da história da Escola Normal desde o seu funcionamento em 1884 até 1958, percebe-se uma “linearidade” do trabalho escolar fundamentado na tradição, disciplina, a presença de provas escritas e orais como um modelo para a formação de professoras primárias (CARVALHO 1998). Mas será que continuou essa prática avaliativa no IEC/EM em 1958-1960? Pelo o que já se apresentou referente às aulas, práticas docentes, didática, atividades se percebeu que professores trabalhavam com perspectivas mais distantes da pedagogia tradicional que tem como uma de suas características da avaliação a classificação. Dessa forma, será que houve também mudanças na forma dos professores avaliar? No tocante à legislação que normaliza a avaliação no período, que procedimentos e diretrizes apontou?

Em relação à legislação brasileira Lei Orgânica do Ensino Normal (BRASIL, 1946), no artigo 16º - os trabalhos escolares constarão de lições, exercícios e exames. Parágrafo único. Integrarão a vida escolar trabalhos complementares. Relacionando ao que já enfatizado na seção anterior, observa-se que em muitas disciplinas foram realizadas atividades que contribuíam para a nota final das normalistas. Avançando no estudo dessa lei se depara com o Capítulo VII “Da habilitação dos alunos” compreendendo os artigos: 30º – 33º, 35º e 84º e seus parágrafos específicos que assinalam regras para se trabalhar a avaliação no curso normal. Consoante sua relevância ilustra-se abaixo:

Quadro 14 – Diretrizes para avaliação a partir da Lei Orgânica do Ensino Normal (BRASIL, 1946).

ARTIGOS	PARÁGRAFOS
<i>Art. 30º</i> - A habilitação dos alunos, para a promoção à série imediata, ou conclusão de curso, dependerá, em cada disciplina, de uma nota anual de exercícios, da nota obtida em prova parcial e das notas do exame final.	<i>Parágrafo único.</i> As notas serão expressas em escala de zero a cem.
<i>Art. 31º</i> - A partir de abril e excetuados os meses em que se realizarem provas escritas, será dada, em cada disciplina, e a cada aluno, pelo respectivo professor, uma nota resultante da avaliação de seu aproveitamento. A média aritmética dessas notas mensais será a nota anual de exercícios.	Não tem.
<i>Art. 32º</i> - Haverá, na primeira quinzena de junho, para todas as disciplinas, prova parcial, escrita, ou prática, que versará sobre toda a matéria ensinada até uma semana antes de sua realização; e ao fim do ano letivo, exames finais que constarão de prova escrita e de	<i>Parágrafo único.</i> As provas escritas dos exames finais serão realizadas na segunda quinzena de novembro, e as provas orais e práticas no mês de dezembro.

prova oral, ou de prova escrita e de prova prática.	
<i>Art. 33º</i> - Será habilitado nos trabalhos do ano, o aluno que obtiver nota final cinquenta, pelo menos, em cada disciplina.	<p>§ 1º - A nota final resultará da media aritmética da nota anual de exercícios da obtida na prova parcial e das obtidas nas duas provas do exame final.</p> <p>§ 2º - Será facultada segunda chamada para qualquer das provas, nas condições que o regulamento admitir.</p>
<i>Art. 35º</i> Não poderão prestar exames finais, na primeira época ou na segunda, os alunos que houverem faltado a vinte e cinco por cento das aulas e exercícios, ou dos trabalhos complementares, quando de caráter obrigatório.	Não tem.
<i>Art. 84º</i> . Aos alunos que não tiverem obtido habilitação em uma ou duas disciplinas, será assegurado o direito de realizarem exames finais em segunda época, os quais se farão na primeira quinzena de março.	<i>Parágrafo único.</i> Nessa hipótese, o cômputo de habilitação se fará pela mesma forma indicada no art. 33º, substituindo-se, apenas, os resultados das provas de primeira época pelas de segunda.

Fonte: Lei Orgânica do Ensino Normal (BRASIL, 1946). Elaboração própria.

Observando o quadro alguns elementos podem ser pontuados: a nota como um somatório das atividades; a escala utilizada de zero a cem, como já dito, tendo a média 50. No último artigo se traz a denominação de “segunda época” que seria um processo de recuperação. Sobre este último aspecto as falas das normalistas a seguir trazem algumas contribuições sobre este processo:

N3 da 3ª. turma - lá era recuperação mesmo.

N2 da 3ª. turma - eu fiz recuperação. Eu fiquei em Física e Química que era chamada de “2ª época”, era a recuperação. Fazia prova oral e escrita. Só no estágio é que você podia dá uma aula e como era em equipe porque tinha pouca sala de aula, a gente observava as aulas depois dava aula e fazia um trabalho e apresentava a professora na nossa sala

Em relação à primeira fala se percebe nas entrelinhas a presença da rigidez e seriedade de como o processo de recuperação era conduzido. No seguinte, a normalista aborda a questão do tipo de avaliação sendo oral e escrita. Já nas duas falas posteriores atestam não ter recuperação e também reprovação

N1 da 2ª. turma - em relação a recuperação, não me lembro disso não. Não havia aluna reprovada não.

Normalista 4 da 3ª. turma - não eu nunca fiquei e também nenhuma de minhas amigas de meu grupinho.

No Regulamento (CEARÁ, 1959) os artigos 48º - 50º trazem normas sobre a questão da aprovação, reprovação, recuperação, dependência ou repetição. Dentre eles, vale ressaltar:

Art. 49º - A aprovação final dependerá de: a) provas exames; b) Emissão de conceitos por parte dos professores; c) Análise dos resultados das pesquisas e seminários; d) Frequência aos atos escolares, instituições e estágios.

Parágrafo 1º - Como resultado deste processo, o professor julgará o trabalho escolar dentro do seguinte critério:

- a) “Insuficiente”;
- b) “Suficiente”;
- c) “Bom”;
- d) “Ótimo”;
- e) “Excelente”.

Analisando o artigo mostra também que a nota final será um somatório de todas as atividades, mas aponta um dado novo que é a utilização de conceitos em detrimento das notas atribuídas na escala de zero a cem. Retornando à fonte, diário de classe, os professores usavam notas, mas na escala de zero a dez. A fala a seguir da *NI da 2ª turma* aponta que - *os professores corrigiam certo ou errado e colocava a nota. A média me parece que era 7 (sete)*. Comparando as duas fontes o fator média não confere e como já visto era 50.

Sobre esse assunto se localizou na instituição o cartão abaixo que traz indicação para a classificação representada em 3 (três) conceitos referente a 3 escalas: 90 – 100: aprovado com distinção; 70 – 89: aprovado plenamente e 50 – 69: aprovado simplesmente.

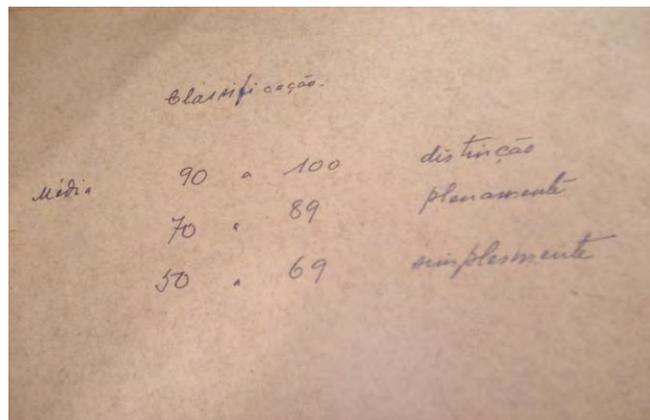


Foto 45 – Cartão com indicação para classificação

Fonte. IEC. Arquivo pessoal da pesquisadora.

Quando se pesquisou no livro de registro de diplomas se observou que nas atas de certificação todas vêm com esses conceitos de acordo com a média final do curso, portanto não eram utilizados pelos professores. A foto a seguir traz esses conceitos já no ano de 1921.

Escola Normal		
Resultado dos exames das alunas do 3.º ano, no dia 4 do corrente.		
MUSICA		
(EXAME PRÁTICA)		
Aprovadas plenamente		
Antonia Sampaio	gráo 8 1/2	
Emilia Vieira	• 8 1/2	
Amelia de Castro	• 8 2/5	
Augusta Laranjeira	• 8 1/5	
Emilia d'Oliveira	• 6 1/5	
Aprovadas simplesmente		
Ernestina Brigido	gráo 5 1/2	
Maria d'Oliveira Lima	• 5 1/2	
Joanna Cavalcante	• 5 1/5	
Fausta Pereira	• 4 1/4	
Julia Mendonça	• 4 1/4	
Maria d'Oliveira Costa	• 4 3/8	
Joanna Rocha	• 4 1/8	
Joanna Maia	• 4	
Rosa de Farias	• 4	
Julia Saratva	• 3 1/4	
Maria da Silva Freire	• 3 1/4	
Reprovada 1.		
Maiores premios		
N. 52 - 15, Loteria da Capital Fede-		

Foto 46– Resultados das alunas do 3º ano - Escola Normal
Fonte: Jornal Tribuna (1921)

Observa-se nesta foto e em relação à foto 45 evidenciando-se os conceitos Plenamente que naquela foto traz 70 a 89 forma aprovadas 5 (cinco) normalistas e no com o conceito Simplesmente – 50 a 69, foram aprovadas 11 (onze) alunas, portanto, mais que o dobro em relação ao outro conceito. Outro dado foi somente que se teve uma pessoa reprovada.

A partir de pesquisa na fonte diária também se pode trazer aspectos sobre a avaliação. No tocante às provas, era oral ou argüição e escrita tendo provas parcial e final. Porém, se observou que muitos professores usavam a avaliação de outros instrumentos como pesquisa, seminário, trabalha em grupo etc., trabalhos que valiam pontos e ajudavam no resultado da nota final. Postura que se distancia da visão de avaliação tradicional. Em relação às provas as normalistas destacaram que eram:

N3 da 3ª turma - Provas escritas naquele regime bem antigo. As alunas que os professores achavam que sabiam muito eles colocavam elas bem na frente pra ninguém pesquisar por elas. Tinha prova oral.

N4 da 3ª turma - Era sempre provas escritas pra responder não tinha nada de marcar não. Era perguntas pra você redigir.

Como essas provas eram direcionadas para a redação, significa pelo menos pensar que havia a liberdade para se refletir e discorrer sobre os questionamentos. Dessa forma, a avaliação pode ser pensada a partir de Fernandes (2004, p. 98) que:

avaliar é um processo no qual realizar provas, testes, atribuir notas ou conceitos são apenas uma parte do processo. Portanto, avaliar as questões relativas a formação dos alunos é fundamental para que não percamos de vista a função social da escola, para que nossos alunos se tornem cidadãos conscientes, responsáveis.

Complementando a importância do papel avaliativo no crescimento do aluno quando se utiliza a avaliação como um processo formador da aprendizagem, Luckesi (2003, p. 184) traz grande contribuição:

a avaliação da aprendizagem necessita, para cumprir o seu verdadeiro significado, assumir a função de subsidiar a construção da aprendizagem bem-sucedida. A condição necessária para que isso aconteça é de que a avaliação deixe de ser utilizada como um recurso de autoridade, que decide sobre os destinos do educando, e assumo o papel de auxiliar o crescimento.

Em relação a avaliação das normalistas entrevistadas não se constatou nenhum caso de abuso ou punição a partir da avaliação atribuída por nenhum professor. No tocante a análise das notas nos diários de classe no quadro abaixo se apresentam a “maior” e “menor” médias ao longo dos dois anos (1959-1960) devido a não ter se localizado os diários do 1º finais de curso das disciplinas e a quantidade de normalistas que tiveram essas médias.

O objetivo é informar e se ter uma ideia de como era o desempenho das normalistas nas disciplinas. Não se caracteriza um estudo estatístico rigoroso de somar as notas se obtendo uma média final anual e fazer uma análise pontual, até porque não se localizou todos os diários e mesmo as fontes encontradas não permitem tal estudo, visto que muitos campos dos diários, como já se ressaltou, não foram preenchidas e também pelo caráter de ilegibilidade. No ano de 1959 se obteve as seguintes informações:

Quadro 15 – Informativo sobre Médias por Disciplina no Ano de 1959

Disciplinas	Média maior/total de normalistas	Média menor/total de normalistas
Antropogeografia	100 – 3 normalistas	40 - 3 normalistas
Desenho	90 – 1 normalista	50 – 1 normalista
Higiene	80 – 1 normalista	20 – 1 normalista
História da Educação	100 – 20 normalistas	20 – 8 normalistas
Metodologia	100 – 2 normalistas	30 – 7 normalistas
Música	100 – 20 normalistas	20 – 2 normalistas

Pedagogia ⁶⁸	100 – 31 normalistas	50 – 1 normalista
Português	100 – 5 normalistas	50 – 1 normalista
Psicologia	100 – 43 normalistas	50 – 1 normalista
Religião ⁶⁹	nada registrado	nada registrado

Fonte: Diários de classe. Quadro: elaboração própria.

No quadro a seguir se mostram os dados referentes ao último ano de curso, em 1960:

Quadro 16 – Informativo sobre Médias por Disciplina no Ano de 1960

DISCIPLINAS	MÉDIA MAIOR/TOTAL DE NORMALISTA	MÉDIA MENOR/TOTAL DE NORMALISTA
Música	100 – 32 normalistas	50 - 6 normalistas
Metodologia	80 – 3 normalistas	45 – 3 normalistas
Educação Física	100 – 6 normalista	40 – 1 normalista
Puericultura	100 – 24 normalistas	60 – 1 normalista
Desenho	100 – 2 normalistas	65 – 1 normalista
Administração	nenhum registro	nenhum registro
Metodologia do jardim da Infância	nenhum registro	nenhum registro
Recreação/Canto	nenhum registro	nenhum registro
Psicologia	nenhum registro	nenhum registro
Prática de Ensino	nenhum registro	nenhum registro
Filosofia	nenhum registro	nenhum registro

Fonte: Diários de classe. Quadro: elaboração própria.

A partir dos dados mencionados se percebe que as médias maiores se sobrepõem às menores em sua maioria e também há maior número de normalistas que obtiveram as médias maiores. Em três casos ocorre uma igualdade tendo como referência o ano de 1959: Antropogeografia – a maior média 100 e menor 40 foram localizadas 3 (três) normalistas em cada média; Desenho – a maior média 90 e menor 50 foi localizada uma normalista em cada

⁶⁸ Sobre essa disciplina duas informações constam no diário: a única com presença de médias com valor fracionário, portanto, sem “arredondamento” e uma observação “descontar 2 pontos na média por falta dada até no máximo de 8 pontos”.

⁶⁹ Não foram registrados nenhuma nota e frequência. Na Lei Orgânica do Ensino Normal (BRASIL, 1946) encontra-se a seguinte indicação no artigo art. 15º - o ensino religioso poderá ser contemplado como disciplina dos cursos de

média; Higiene – a maior média 80 e menor 50 foi localizado uma normalista em cada média. Somente em uma disciplina a média menor ultrapassa o número de normalistas da média maior: duas médias 100 e 7 (sete) médias 30.

No ano seguinte, em 1960, somente em um caso o número de normalistas se equiparam, sendo 3(três) alcançaram a média 80 e 3 com a média 45. Observa-se que as notas aqui apresentadas representam um resultado positivo das normalistas. Pelas entrevistas e também notas se percebe que as normalistas se interessavam em terminar o curso e se formarem pela tradicional Escola Normal.

Com objetivo de se obter mais informações se pesquisou nos históricos das normalistas da 3ª. turma visto que essa fonte permitia uma apreciação da situação de toda a turma. Então, a seguir são indicados dados sobre os médios gerais das normalistas durante o curso, no caso foram somadas as 3 (três) médias gerais dos 3 (três) anos de curso de cada normalista e distribuídas no quadro abaixo em ordem crescente:

Tabela 2 – Indicação das Médias Finais Durante os Anos de 1950 e 1960

INTERVALO DE MÉDIAS	QUANTIDADE DE MÉDIAS
60 a 65	Três
66 a 70	13
71 a 75	22
76 a 80	Oito
81 a 85	Um
Total	47

Fonte: IEC/EN. Tabela: elaboração própria

Observa-se um resultado que confirma o interesse de as normalistas desejarem se formar pela tradicional Escola Normal. Outro fator importante relacionado à aprendizagem e também da avaliação é a frequência. Vale ressaltar a fala da normalista sobre o professor Carlos Alberto da disciplina de Higiene (embora já citado), mas contribui para exemplificar uma postura frente a este assunto: *N4 da 3ª. Turma – ah! de Higiene o professor era muito rígido, depois que ele entrava na sala de aula quem tivesse fora não entrava mais. Ele achava que ia atrapalhar a*

primeiro e segundo ciclos do ensino normal, não podendo constituir, porém, objeto de obrigação de mestres ou professores, nem de frequência compulsória por parte dos alunos.

aula. Não significa deduzir que outros professores não tivessem seus acordos com a turma em relação à frequência, ou ainda, sobre a trilogia frequência-aprendizagem-avaliação.

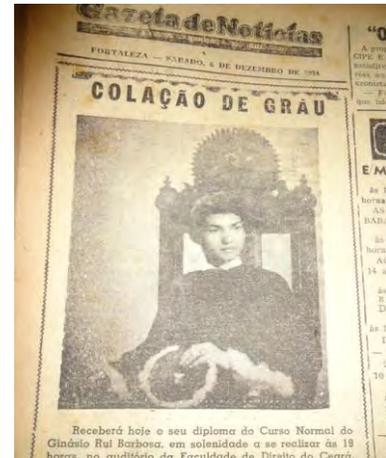
Em consonância com os diários pesquisados em todas as disciplinas em análise generalizada não se observou muitas faltas assinaladas nessas fontes. Enquanto docente se concorda com o professor Carlos no sentido de que qualquer coisa que aconteça e possa desconcentrar ou mesmo desviar a atenção da turma prejudica o andamento da aula, uns em maiores outros em menores proporções. Porém não se concorda com uma postura de autoritarismo e sim que prevaleça o diálogo sempre.

Por fim, se percebeu que a avaliação embora tivesse instrumentais tradicionais como prova escrita e oral também privilegiou outras atividades que ajudavam na atribuição de notas. Dessa forma, se conclui que o processo avaliativo na época foi resultado dos momentos de reforma e mudanças vivenciados, em que oscilava a tradição histórica da instituição desde 1884 e as mudanças ocorridas quando esta instituição chega ao bairro de Fátima.

Na próxima seção irá se discutir a Escola Normal e tradição, abordando os seguintes assuntos: estudar na Escola Normal e a seu significado para as normalistas; as festas do dia 7 de setembro e formatura; as normalistas e o exercício no magistério; os encontros das normalistas permanecem após a conclusão do curso e o reencontro das normalistas no prédio do IEC.



Normalistas no desfile de 7 de setembro - O povo 1958



Gazeta de Notícias (1958)

5 TRADIÇÃO E ESCOLA NORMAL



Normalista da 3a. turma (1958-1960)



Pesquisadora e turma IEC/EN (2006)

As irmãs da minha avó foram formadas na Escola Normal porque antigamente fazia, eu acho que depois do ginásio, acho que 3 anos só, e já se formava professora. As irmãs da minha avó só não a minha avó, lá eram 5 mulheres. Porque a minha avó desde pequena foi criada por um tio e foi morar no Amazonas, mas toda moça fazia a Escola Normal, era tradição.

(NORMALISTA 4 da 3ª. TURMA)

5 TRADIÇÃO E ESCOLA NORMAL

A Escola Normal se consagrou como uma instituição de tradição na formação de professores primários, sobretudo, de professoras pela sua excelência nessa função. No decorrer de sua história também alguns rituais se tornaram uma tradição como o desfile do dia 07 de setembro e a cerimônia de formatura das normalistas⁷⁰.

Sobre as datas comemorativas no período de 1958-1960 as normalistas entrevistadas pouco se recordaram e as que se lembraram falaram pouco. Fato que pode ter coincido com a mudança de prédio da Escola Normal para o bairro de Fátima mudança recente ocasionando uma nova adaptação de toda a comunidade escolar tanto referente à distância como à estrutura física do prédio que ainda estava em construção. Situação já enfatizada neste trabalho. Sobre o assunto a fala a seguir da normalista vem ao encontro desta situação:

NI da 2ª turma: Não, não tinha essas coisas de festas na escola. Era muito distante não tinha como chegar por causa do transporte era um horror aquele transporte. Quando terminava a aula terminava pra todo mundo. Você já imaginou 90 professores saindo naquele horário mais as crianças pequenas. Carro naquela época era coisa rara não era todo pai que tinha. Só tinha uma amiga que tinha carro e ela só ia quando estava menstruada se acabando de dor.

Percebe-se a dificuldade que a comunidade escolar encontrava em chegar e voltar da escola pela falta de transporte coletivo e escassez de carros particulares na época. Fala que intensifica um assunto já abordado. A seguir se apresentará a data comemorativa 7 de setembro que se caracterizou como uma tradição em comemoração ao dia da Independência mostrando o amor e respeito a pátria. Durante as solenidades em comemoração a esta data desde o Brasil Império (1822-1889) acontecia um momento destinado ao desfile dos militares e, posteriormente, se juntará a esse momento festivo os desfiles das melhores e tradicionais instituições escolares públicas, como o Liceu do Ceará, a Escola Normal e também instituições escolares particulares, como o Colégio 7 de Setembro.

⁷⁰ Embora se considere de extrema importância o aniversário da escola no dia 22 de março não será assunto desta seção por não ter sido mencionado por nenhuma normalista entrevistada, somente se mostrará elementos para se pensar como eram os festejos do dia 7 de setembro e a festa de formatura como uma tradição dessa instituição, comemorações que estiveram divulgadas em jornais e também porque foram mencionadas pelas normalistas entrevistadas.

5.1 O Dia 7 de Setembro

No tocante a “Independência do Brasil” se tem registrado na historiografia o dia 7 de setembro de 1822, como o dia em que D. Pedro I às margens do rio Ipiranga em São Paulo, anunciou o grito de “Independência ou morte”. Mas, alguns autores, dentre eles, (KRAAY, 2010) em seu artigo intitulado “A invenção do sete de setembro (1822-1831)” em que discute esse fato defende que nesse ano de 1822 a independência não teria sido reconhecida como uma data significativa e como um grande acontecimento para o Império e que isso aconteceria somente no ano posterior⁷¹.

Realmente no Decreto de 21 de dezembro de 1822 não traz o dia 7 de setembro (abaixo em destaque) como uma data comemorativa relevante nem como “Grande Gala” ou “Pequena Gala”, como se pode observar no quadro a seguir:

Quadro 18 – Datas comemorativas designadas no Decreto de 21 de dezembro de 1822

TABELLA DOS DIAS DE GALA		
MESES	GRANDE GALA	PEQUENA GALA
Janeiro	1º - Cumprimento de bons annos a Suas Magestades Imperiaes. 22. - Natalicio de Sua Magestade e Imperatriz.	6- Dia de Reis.
Fevereiro	26 - Dia em que Sua Magestade Imperial Proclamou no Rio de Janeiro o Systema Constitucional.	Não tem
Março	13 - Primeira oitava da Paschoa.	7 - Chegada de Sua Magestade Imperial a esta Côrte. 11 - Nascimento de Sua Alteza Imperial a Senhora Infanta D. Januaria. 30- Domingo de Paschoa.
Abril	4 - Natalicio de Sua Alteza Imperial a Senhora Princeza D. Maria da Gloria. 25- Natalicio de Sua Magestade a Rainha de Portugal, e Algarves, Augusta Mãide Sua Magestade Imperial.	Não tem.

⁷¹ Cf. Kraay, 2010, p. 53: “Neste artigo, trago novas fontes para essa discussão e argumento que, na realidade, o 7 de setembro foi reconhecido como o dia da independência do Brasil em 1823 e que sua celebração ganhou relevância rapidamente, pelo menos no Rio de Janeiro, apesar de o 12 de outubro ter permanecido o “dia de festa nacional” mais importante na maior parte da década”.

Maio	13 - Natalicio de Sua Magestade El Rei de Portugal e Algarves, Augusto Pai de Sua Magestade Imperial.	29 - Procissão de Corpo de Deos.
Junho	5 - Procissão de Corpo de Deus na Capella Imperial.	6 - Coração de Jesus, Festa dos Commendadores na Capella Imperial.
Julho	Não tem	Não tem
Agosto	Agosto – não tem	15 - Assumpção de Nossa Senhora.
Setembro	Não tem	14 - Exaltação de Santa Cruz, e Festa dos Cavalleiros de Christo na Capella Imperial. 19 - S. Januario.
Outubro	12 - Natalicio de Sua Magestade Imperial, e Sua Acclamação. 19 - Nome do mesmo Augusto Senhor.	Não tem
Novembro	15 - Nome de Sua Magestade a Imperatriz.	5 - Chegada de Sua Magestade Imperial ao Brazil.
Dezembro	1º - Anniversario da Sagração e Coroação de Sua Magestade Imperial, e Festa dos Cavalleiros da Ordem Imperial do Cruzeiro. 8 - Conceição de Nossa Senhora. 26 - Primeira oitava do Natal.	25 - Dia de Natal. 31 - S. Silvestre.

Fonte: <http://www2.camara.leg.br>. Quadro: elaboração da pesquisadora.

Analisando os dados do quadro, nas datas e festas previstas no mês de setembro, percebe-se que todas elas estão relacionadas às comemorações de cunho religioso, mostrando também a tradição da Igreja católica no Brasil, fato terá grande influência nas instituições escolares, sobretudo, nas que seguem essa religião. Comprova-se a ausência do dia 7 de setembro no ano de 1822, portanto, não a reconhecendo como data comemorativa relevante para o país.

Em 3 de maio de 1823, durante a abertura da Assembléia Constituinte D. Pedro faz alusão à Independência do Brasil, fato que proporciona notoriedade a esse acontecimento, pois é a primeira vez que faz uma declaração completa sobre o assunto. (KRAAY, 2010). Corroborando com esse momento, vale destacar o que esse autor ressaltou na p.54:

[...] No início de setembro, a assembléia decidiu que o dia fosse considerado, temporariamente, feriado nacional, por ser o aniversário da independência brasileira, e enviou uma grande delegação para parabenizar Pedro. Para a surpresa de Condry Raguet, embaixador dos Estados Unidos no Brasil, **o 7 de setembro de 1823 ‘foi celebrado com toda pompa militar, civil e religiosa apropriada a uma festa tão importante’**. Ele especulou que a cerimônia se devesse à política cada vez mais acirrada relativa à assembléia e se questionou se andara equivocado ao ver a aclamação (12 de outubro) como „o verdadeiro dia da declaração da independência”. (Grifo da pesquisadora).

No trecho acima se pode inferir que havia uma discordância no que se refere às datas do dia 7 de setembro e 12 de outubro como sendo uma delas mais significativa que a outra, antes prevalecendo a segunda. Outra questão mencionada é a presença da trilogia “militar, civil e religiosa” como elementos que caracterizavam essa festa como importante e o fato de se tornar “importante” devia também a estes segmentos que participavam com pessoas que tinham destaque na sociedade. As festas cívicas eram comemoradas com saudações da artilharia dos navios de guerra, parada militar, um cortejo no Paço da cidade e iluminação noturna. (KRAAY, 2010).

O 7 de setembro se tornou um marco no processo da História do Brasil em comemoração a Independência configurando-se como um dia “feriado” nacional para que a comunidade civil pudesse acompanhar os festejos que são marcados pelo patriotismo, a presença dos desfiles dos militares que representam as forças armadas brasileira em defesa da Pátria, portanto, tornando-a uma data especial comemorada por uma solenidade na maioria das vezes cheia de pompa.

Posteriormente, nessa festividade participarão algumas instituições escolares centenárias. Assim, com o passar dos anos se intensifica a comemoração do dia 7 de setembro no Brasil, como um ritual festejado, se tornando uma tradição em todo Brasil até os dias atuais. Na foto e fragmento da matéria do jornal abaixo designados, mostram o registro dessa festa na cidade de Fortaleza, já com a participação da escola Liceu do Ceará.



Foto 47 – A data da Independência e a sua comemoração em Fortaleza

Fonte: Jornal Tribuna (9/9/1921)

É importante mencionar partes da matéria deste Jornal - Tribuna (9/9/1921) que registrou o momento desta festividade em Fortaleza:

A data que assinalou, antehontem, a decorrência do 99 aniversário da emancipação política nacional foi nesta capital, como em todo o território da pátria, comemorada de maneira solene e brilhante. As festas levadas a efeito, em Fortaleza, em comemoração ao grande dia estiveram imponentes e significativas e pozeram em movimento toda a cidade, cuja população, vibrando de entusiasmo, appareceu sorridente e festiva, estampando, no rosto alegre, o solenne e doce reflexo de um pareitismo glorioso e perfeito. (Sic)

Continuando a matéria, foi assinalado o percurso do desfile que marcou a festividade do dia 7 de setembro nessa época:

Depois, houve o desfile solenne de todas as forças pelas cidades, indo cada batalhão puxado pela banda de música respectiva e por uma banda de corneteiros. A formação das tropas em marcha foi a seguinte; em primeiro lugar, isto é, á frente, a Escola de Aprendizes Marinheiros e, depois, na ordem, o collegio militar, em segundo lugar, o 23º de Caçadores, em terceiro, o Regimento Militar do estado, em quarto, o Tiro de guerra n. 38, em quinto, e, finalmente, **o Lyceu do Ceará**, em sexto. O desfile foi feito pela rua Senador Pompeu, boulevard Duque de Caxias, rua Barão do Rio Branco, Travessa 24 de Janeiro, Praça do ferreira, rua Floriano Peixoto, rua das Flôres e Praça da Sé, onde se desmembraram os batalhões, tomando, então, cada um, o rumo de seu quartel. (Sic). **(Grifo da pesquisadora).**

Observa que o desfile tinha como percurso o Centro da cidade de Fortaleza, ruas e avenidas (*boulevard*) respaldando a importância do Centro como um lugar privilegiado onde aconteciam as festas e momentos relevantes da história cearense.

No ano de 1935 aconteceu um fato importante em Fortaleza que vale ser enfatizado, por acentuar a importância do dia 7 de setembro, influenciando a mudança de nome de uma instituição escolar particular de tradição com grande contribuição para a educação cearense. Outro fato relevante é que conceitos como disciplina e patriotismo dessa instituição também faziam parte do cotidiano de escolas publicas, destacando aqui a Escola Normal, como também, fatores que aconteceram na vida do diretor fundador e familiares dessa tradicional instituição particular com a história da também tradicional Escola Normal.

No dia 7 de setembro de 1935, o Dr. Edilson Brasil Soárez⁷², fundou o Instituto Erasmo Braga, embrião do futuro Ginásio 7 de setembro, atual Colégio 7 de setembro⁷³. Aspecto apresentado na foto seguinte:

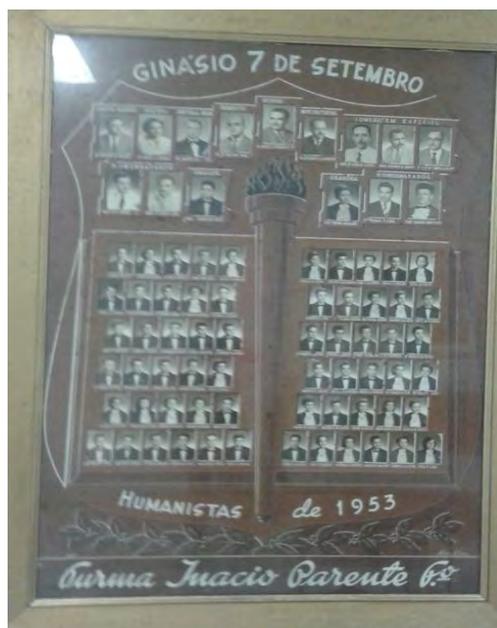


Foto 48 - Ginásio 7 de Setembro
Fonte: Colégio 7 de Setembro – Centro.

Na foto está expresso “Humanistas de 1953” designação que ressalta a filosofia da escola. Embora esta instituição estivesse já organizada havia uma insatisfação em relação ao nome como mostra Soárez (1985, p.16):

⁷² Origem humilde, evangélico, nascido em Acopiara município do Ceará foi professor, diretor e bacharel em Direito. Membro da maçonaria, presidente do Rotary Club Internacional, Fundador do Conselho Estadual de Pais e Mestres (CEPAME), Presidente Benemérito do Conselho das bandeirantes do Ceará, Presidente de Honra do Diretório Estadual do Ceará da Sociedade Bíblica do Brasil, Sócio Benemérito da Escola de pais. Homenagens: Medalha do pacificador – Duque de Caxias – (Ministério do Exército), Medalha de bons serviços prestados do escotismo, Medalha de Honra ao Mérito conferida pela Associação dos Centros Cívicos, medalha José Plácido de Castro conferida pelo Ministério da Educação e Cultura – MEC, Medalha Justiniano de Serpa – Governo do estado do Ceará, Medalha do educador – Sindicato dos Estabelecimentos Particulares do Ceará e Avenida Edilson Brasil Soárez no bairro Edson Queiroz. (SOÁREZ, 1985).

⁷³ Ginásio 7 de setembro de 1937-1938 funcionando à rua Joaquim Távora nº 1617, posteriormente à rua Floriano Peixoto, 875 no Palacete Albert Studart. Em 1939 a instituição foi aprovada pelo MEC, transferida, em 1946, para a Avenida do Imperador, 1330 – Palacete Inácio Parente; em 1971 o Dr. Edilson comprou esse prédio, onde funciona até hoje como a sede Centro trabalhando desde a educação infantil até o ensino médio. Além da sede Edilson Brasil Soárez - EBS, inaugurada em 1993 funcionando à rua Henriqueta Galeno 1011 no bairro Aldeota; Faculdade 7 de Setembro - FA7 - que funciona à Avenida Almirante Maximiliano da Fonseca, 1395 - Eng. Luciano Cavalcante com cursos de graduação, pós-graduação (Especialização) e Extensão. (SÓAREZ, 1985).

O Instituto Erasmo Braga – merecida homenagem a um grande educador – ia de vento em popa, mas não gostava do nome. Melhor seja mudá-lo para uma data nacional, ficando em grande dúvida: 7 de setembro ou 15 de novembro? **Acabou optando por 7 de setembro, a data maior da sua, da nossa Pátria. E foi assim que o Instituto Erasmo Braga se tornou em Ginásio 7 de setembro. (Grifo da pesquisadora)**

A primeira observação que se reporta a partir do fragmento é sobre o educador Erasmo Braga que teve como uma de suas contribuições a produção de livros para as 4^a. séries do primário conhecida por “série Braga”⁷⁴. Percebe na justificativa pela escolha do nome da instituição “7 de setembro” uma expressão de patriotismo e, pesquisando sobre a vida e o trabalho no contexto educacional do Dr. Edilson, alguns elementos vêm ao encontro e podem ter influenciado nesta opção.

Revisitando o trabalho de Soárez (1985, p.26)) algumas passagens contribuem para se pensar a escolha do nome 7 de setembro, por exemplo, ao se reportar ao Dr. Edilson assinala: “[...] um belo exemplo de homem dedicado ao trabalho, à família e à **Pátria**”. Na seguinte página, em uma conversa entre o Dr. Edilson e sua esposa Nila: “é, meu amor, graças a Deus nossos “meninos” deram certo na vida. Vão ser homens de bem, úteis à **Pátria** e continuam amigos como eram em crianças”. (Grifos da pesquisadora).

Percebe que o sentimento e respeito pela Pátria faziam parte da vida do educador, como também esses valores foram trabalhados nesta instituição servindo como legado de vida para os alunos, preceito ainda vigente nessa escola. Sobre esta questão se ressalta outro fragmento interessante no trabalho de Soárez (1985, p. 32) quando um ex-aluno do Dr. Edilson foi entrevistado:

Fui seu aluno no Curso de Admissão e no Ginásio, onde me inspirei em seu papel de professor, para no futuro escrever meus próprios livros didáticos. Foi o trabalho do “Velho Mestre” que frutificou. Sempre pleno de **civismo e patriotismo, criava no**

⁷⁴ Erasmo de Carvalho Braga nasceu em 23/04/1877 na cidade de Rio Claro/SP. Filho de um ministro presbiteriano, Rev. João Ribeiro de Carvalho Braga (1853-1934) de origem Portuguesa e de D. Alexandrina Teixeira da Silva Braga. [...] Por volta de 1909, começou a produzir a obra que lhe trouxe mais popularidade do que qualquer outra, um conjunto de livros de leitura para as quartas séries da escola primária que ficou conhecida como série Braga. A série Braga foi publicada por quarenta anos e alcançou mais de cem edições sendo adotada em muitos estados do Brasil. Em 1930, a série foi traduzida para o japonês a fim de auxiliar a orientação de imigrantes. A educação sempre ocupou um lugar de destaque na vida, pensamentos e ações de Erasmo Braga. Participam da comissão que deu sugestões ao governo Brasileiro sobre a reforma educacional (1930). Participou através da Comissão Brasileira de Cooperação (CBC) da criação da Sociedade para Evangelização dos Índios mais tarde conhecida como missão Evangélica Caiuá. <<http://www.erasmobraga.com.br/a-escola/biografia-erasmo-braga>>. Acesso em julho de 2014.

jovem um compromisso de responsabilidade com o futuro, não só o dele próprio, mas com o futuro da Pátria. O homem não nasceu só para si, mas para a Pátria.
(Grifo da pesquisadora)

Em outro momento na mesma obra na página 32, se reportando à fala de outro ex-aluno, “[...] depois de cantar o Hino Nacional o que fazíamos diariamente, a não ser às sextas-feiras, quando catávamos o Hino da Bandeira.” Se constata um ritual de respeito à Pátria, então, pode-se dizer que era uma característica enaltecida em sua instituição como um elemento propulsor para a formação de seus alunos. Complementando e ratificando essa ideia Soárez (1985, p. 47) assinala que na entrada do colégio havia um quadro bem grande, para que todos o vissem: “ „Este não é um Colégio p. p., isto é, pagou, passou. Este Colégio prepara o jovem para a vida“ ”.

Se referindo ao Dr. Edilson: “[...] realmente, o que na verdade e antes de tudo foi Edilson Brasil Soárez resume-se numa palavra – **patriota. Patriota coerente com o sentido profundo e esclarecido da palavra**”. (Grifo da pesquisadora). Ainda hoje o Colégio 7 de Setembro trabalha com a formação intelectual e para vida com o conceito de que “o caráter conta” e adota 6 (seis) pilares: responsabilidade, sinceridade, senso de justiça, respeito, cidadania e zelo.

É importante também trazer um pequeno trecho da entrevista que Lauro de Oliveira Lima concedeu a Soárez (1895, p. 48) sobre o Dr. Edilson e o Colégio 7 de Setembro, por ter trabalhado como professor nessa instituição, e por ser um grande educador de prestígio para a educação brasileira, como também para o Ceará. Além de sua vasta contribuição, destaca-se a função de exímio professor da cadeira de Pedagogia desempenhada na Escola Normal inclusive no período pesquisado 1958-1960 e também de diretor exercida no Colégio Agapito dos Santos (que foi diretor da Escola Normal em 1893).

O 7 de Setembro, mais que uma escola, era uma entidade cultural. Na realidade, em Fortaleza havia dois Colégios que se preocupavam com o desenvolvimento integral dos alunos: o 7 de Setembro e o Lourenço Filho. O interessante é que seus Diretores o Edilson e o Filgueiras Lima, eram diferentes: aquele disciplinador, e este um poeta.

Quanto ao caráter disciplinador do Dr. Edilson já foram ressaltados alguns aspectos e sobre o poeta, Filgueiras Lima, sem dúvidas trouxe grandes avanços para a educação brasileira, destacando as contribuições para a formação de professoras primárias, pertenceu também ao

quadro docente da Escola Normal no prédio do atual Colégio Justiniano de Serpa, lecionando a cadeira de Técnica de Ensino.

Segundo entrevista de uma aluna concedida a Olinda (2005, p. 209) e Araujo (2010, p. 51): “[...] aquilo ali era uma vida de conhecimento. Ele transmitia ma-ra-vi-lho-as-men-te. Ele era um grande educador, de muita docilidade, de conquistar muito a classe”. Fatos que enaltecem a tradição e prestígio da Escola Normal e ao mesmo tempo apontam para características de um poeta, como por exemplo, “de muita docilidade”.

Retornando às reflexões sobre o Colégio 7 de setembro articuladas à comemoração deste dia, além desses fragmentos que corroboram com a perspectiva do fundador desta instituição de ser realmente um patriota, vale ressaltar que Soárez (1985) registrou em seu trabalho nas páginas 52-54 uma breve seção destinada ao sentido do patriotismo e disciplina mostrando como era comemorado o dia 7 de setembro que além de participar dos desfiles⁷⁵ esse momento era também comemorado: na Rádio Ceará Club, pontualmente às 13 horas com os alunos que se destacaram e o Dr. Edilson. Era uma data importante, pois também se comemorava o aniversário da instituição. Havia também uma festa solene no teatro José de Alencar.

Pode-se articular alguns fatos importantes sobre a instituição 7 de Setembro com a história da Escola Normal, por exemplo, no tocante a vida do Dr. Edilson é que ele iniciou sua vida profissional como professor de curso de preparação para o exame de admissão para o Liceu e Escola Normal e também que sua mãe, além de 10 filhos, foi professora formada pela Escola Normal, fato que enaltece na época a história da mulher no magistério primário como possibilidade de mercado de trabalho e profissão.

A prática usada no atual Colégio 7 de Setembro desde o limiar de seu funcionamento como o ritual de cantar os hinos, e o caráter disciplinador também estiveram presentes na Escola Normal. Sobre este assunto, lembra-se quando docente dessa instituição (2004-2010), que se cantava os hinos da Independência, da Bandeira, do Ceará e do IEC/EN (conforme Anexo C), além da participação nos desfiles do dia 7 de setembro.

Sobre o ano de 1958, data que marca a chegada da Escola Normal ao bairro de Fátima e o início da formação das primeiras professoras primárias nesse prédio, se localizou o jornal O Povo de 8/9/1958 que registrou o desfile e solenidade do dia 07 de setembro, momento em que

⁷⁵ O Dr. Edilson sempre desfilando com a escola com seu terno branco de linho, embora fosse convidado para está no palanque das autoridades. Depois do desfile subia ao palanque para os cumprimentos e apreciação do desfile. (SOÁREZ, 1985).

várias escolas particulares e públicas participaram, entre elas, o Instituto de Educação Justiniano de Serpa, vale lembrar que mesmo no prédio do IEC/EN ainda se usava a denominação “Justiniano de Serpa” (1958-1960).



Foto 49 – Parada da Independência em Fortaleza (1958) A

Fonte: Jornal O povo (8/09/1958)



Foto 50 – Parada da Independência em Fortaleza (1958) B

Fonte: Jornal O povo (8/09/1958)

No referido jornal se destacou o trecho a seguir por apontar aspectos que caracterizaram o desfile no referido ano:

Revestiu-se de excepcional brilhantismo a parada cívico-militar, ontem realizada em Fortaleza, comemorativa do 136º aniversário da independência política do Brasil, promovida pela 10a. Região Militar. Com a participação de quase 9.000 pessoas. Entre militares e estudantes. O governador Flávio Marcílio e Senhora, o general Inimá Siqueira e senhora e oficiais superiores. A Escola de Aprendizes Marinheiros, que abriu o desfile militar, a seguir a escola Preparatória de Fortaleza, a banda de música da E.A.M, o Corpo de Bombeiros e Sapadores de Fortaleza que participou da parada envergando o seu uniforme de gala e exibindo ao povo as suas modernas e possantes viaturas, o grupo de ex-combatentes, que formou sob o comando do major Paulo da Rocha Lima.

A matéria fez menção aos membros do palanque e aos grupos de militares, ressaltando que no dia 8 de setembro de 1958 se esteve comemorando o 136º aniversário da independência do Brasil, portanto, matematicamente se partiu do ano de 1822. Dessa forma, mesmo com as discussões já mencionadas no Brasil Império sobre a importância deste dia 07 ou do dia 12 de outubro – “Natalício de Sua Magestade Imperial e Sua Acclamação no Brasil

Império”, como sendo esta data mais importante que aquela, se percebe que no decorrer dos tempos prevaleceu o registro da data 7 de setembro de 1822 como mostrado nessa matéria, embora como já assinalado não tenha havido destaque nesse ano como uma festa relevante no Decreto de 21 de dezembro de 1822 quer fosse caracterizada como uma festa de “Grande” ou “Pequena Gala”. (Conforme quadro 18).

Ainda tomando como fonte a matéria do jornal O povo (8/09/1958), um fato de extrema relevância para esta pesquisa foi a participação das escolas particulares e estaduais⁷⁶ nesse desfile:

Desfile garboso da mocidade – outros sugestivos flagrantemente colhidos durante a parada de Sete de Setembro, mostrando-nos os alunos dos diversos estabelecimentos de ensino que desfilaram garbosamente suscitando aplausos da grande massa popular que se postava ao longo das ruas e avenidas por onde seguiu o cortejo cívico.

Dentre as instituições escolares que desfilaram se destacam o Colégio 7 de setembro



Foto 51 – Colégio 7 de Setembro

Fonte: Jornal O povo (8/09/1958)

⁷⁶ Além das escolas destacadas nas fotos, no mesmo Jornal em fragmento da matéria cujo título: “Os estudantes na parada” traz os nomes de outras instituições que participaram do desfile: Escola Industrial com sua banda de música e os alunos da escola profissional Salesiana Dom Bosco, Instituto Carneiro de Mendonça, Colégio Estadual do Ceará, Escoteiros do Mar e Ginásio Municipal Feminino.

E como escola pública o Instituto de Educação Justiniano de Serpa representando a tradição na formação de professoras primárias:



Foto - 52 Normalistas do Instituto de Educação Justiniano de Serpa
Fonte: Jornal O povo (8/09/1958)

Embora as imagens retiradas do jornal apresentem aspectos ilegíveis, mesmo assim, se constata na foto das normalistas o modelo da farda de saia, blusa e a “gravatinha borboleta” no colarinho das blusas brancas que foram descritas pelas normalistas entrevistadas nesta pesquisa e também pelas fotos anteriores. Localizou-se esta fonte jornal depois das entrevistas com as normalistas e retornando às falas das entrevistadas, elas quase não fizeram menção ao dia 07 de setembro. Mas, a fala da *NI da 2ª turma* vai ao encontro desse desfile do dia 7 de setembro de 1958, como se apresenta abaixo:

NI da 2ª turma: Teve um 7 de setembro que a nossa turma um grupo daquela professora de educação física, como é mesmo o nome dela? Chegou a formar um grupo até pra desfilar no dia 7 de setembro? Eu me lembro que eu fui, agora só quem queria, não sabe era só um grupo de professoras.

Eu me lembro dessa passagem. Foi um desfile na rua mesmo. O nosso grupo de professoras se juntou ao do Justiniano de Serpa, foi só um grupo, não. Eu fui porque estava acostumada a desfilar no Ginásio Municipal. Ah! Foi logo no 1º ano, acho que foi. Me parece que foi. Que nosso bloco foi agregado ao grupo que ia desfilar. Nós fomos da Treze de maio pra lá. (Grifo da pesquisadora)

Analisando a fala da normalista uma situação de dúvida se instaura, pois em consonância com o Jornal supracitado seria o Instituto de Educação Justiniano de Serpa que

estaria desfilando, mas em confronto com o descrito acima, a normalista menciona que apenas um grupo de normalistas liderados pela professora de Educação física foi se juntar ao “Justiniano de Serpa” trecho que se destacou na fala. Assim, como a Escola Normal já havia sido transferida para o prédio do bairro de Fátima, as alunas que estão desfilando poderiam ser do ginásio daquele prédio da Praça Filgueiras de Melo em frente ao Colégio da Imaculada Conceição e não das normalistas, embora algumas tenham desfilado nesse momento de acordo com a fala acima.

Por outro lado, na matéria do jornal fica claro a descrição de “alunas do Instituto de Educação Justiniano de Serpa – denominação da Escola Normal no prédio do bairro de Fátima (como já mencionado nesse trabalho). Outro ponto importante é sobre a farda, embora a foto esteja embaçada não se percebe a lista branca na parte inferior da saia, usada pelas alunas do ginásio. Perspectiva que continua a deixar dúvidas. Mas, corroborando com a ideia de que poderia ser as alunas do ginásio do prédio da Praça Filgueiras de Melo, a fala seguinte ajudam nessa percepção:

N4 da 3ª turma: geralmente a Escola Normal desfilava nas ruas ne. Mas depois nesse prédio fazíamos um movimentozinho interno e a gente desfilava lá por dentro pelas galerias cantando, tinha uns hinos lá que eu nem me lembro mais, parece que um era da marinha. E me lembro certa vez foram uns dois ou três, como é que se chama o pessoal da marinha? Parece que eram aspirantes que foram ensinar a gente a desfilar.
(Grifo da pesquisadora).

De acordo com a fala da normalista se observa que antes da transferência para o prédio do bairro de Fátima a Escola Normal, que funcionava no endereço da Praça Filgueiras de Melo, desfilava na rua como foi ressaltado no fragmento. Pode-se cogitar a ideia de que essa normalista pode ter estudado no ginásio nesse prédio. Mas, como normalista no ano de 1958 já no prédio novo do bairro de Fátima ela lembrou que elas desfilavam dentro do próprio prédio e que cantavam hinos, embora tivesse dúvida de qual era. Esta situação também pode ter sido ocasionada pela mudança de prédio no mesmo ano do desfile e não tivesse dado tempo para organizá-lo e então somente algumas normalistas participaram.

Pode-se inferir que durante o curso (1958-1960) os desfiles das normalistas eram mais restritos às mediações e entorno da escola, mas que no primeiro ano algumas participaram do desfile que foi manchete no referido jornal até porque eram 190 normalistas.

Com o intuito de informar e ao mesmo tempo de enfatizar o reconhecimento da participação do IEC/EN nos desfiles de 7 de setembro, se pontua, dentre os anos em que a

pesquisadora trabalhou nessa instituição (2004-2010), os desfiles aconteciam na Avenida Beira Mar, permanecendo até hoje. Sempre participou dos desfiles acompanhando a escola no ano de 2005, um desses desfiles ficou registrado na matéria do jornal Diário do Nordeste do dia 8 de setembro. Nesse desfile cívico-militar⁷⁷, o IEC/EN foi destacado dentre as escolas participantes tendo uma foto publicada e também menção ao seu desfile:



Foto 53 - Desfile do IEC/EN -“Ceará de Alencar e Iracema”

Fonte – Jornal Diário do Nordeste 8/9/2005.

Arquivo pessoal da pesquisadora.

O Instituto de Educação do Ceará homenageou o “Ceará de Alencar e Iracema. Um universo de arte e cultura” e destacou a importância da inclusão nas salas de aula.

[...] A platéia, curiosa, atenta e espremida entre tantos presentes, aplaudiu quando Luciola, A Viuvinha, A pata da gazela, entre outros personagens do escritor José de Alencar, surgiram no desfile. Os alunos do Instituto de Educação do Ceará também desfilaram como padres e figuras do maracatu.

⁷⁷ “As comemorações dos 183 anos de emancipação do Brasil começaram cedo em Fortaleza. Na Avenida Beira-Mar, predominaram as cores verde e amarelo, durante todo o dia. Após o hasteamento da bandeira nacional, pela manhã, dezenas de pessoas, entre profissionais e amadores, participaram do Passeio Ciclístico da independência. À tarde, a parada cívico-militar reuniu 120 mil pessoas, conforme a 10ª. região. Show por céu e terra encantaram o público, destacando a habilidade, beleza e história do povo brasileiro. A abertura do desfile ficou a cargo do Colégio Estadual Liceu do Ceará que trouxe para a avenida 200 integrantes, entre alunos e professores recebidos com aplausos pelas pessoas concentradas nas calçadas”. (Jornal Diário do Nordeste – 8/9/2005). Além do Liceu, Instituto de educação do Ceará participou o Colégio 7 de setembro.

Lembra-se muito bem deste desfile, principalmente da professora em formação que representou Iracema que na época era da turma do 2º ano em que se ministrava aula na disciplina de Estágio Supervisionado, dos preparativos, sobretudo, da dedicação do professor de Literatura na organização e preparação deste evento. Com certeza o reconhecimento nessa matéria, mostrou que a escola tinha prestígio junto à sociedade e que seu desfile chamou atenção, fato que contribuiu para ser registrado nessa matéria. Porém, com grande pesar também ressalta que desde o ano de 2010 a instituição não faz mais parte dos desfiles. Já o Colégio 7 de Setembro continua participando dessa festividade.

Com o intuito de ressaltar a influência dos ritos e a simbologia que essa data marca ao longo das vidas dos alunos, novamente se abre um espaço para se registrar que nesse momento, enquanto se elabora e digita esse trabalho se recorda também da infância quando se desfilava no grupo escolar Padre Cícero do município de Juazeiro do Norte, nitidamente vem a imagem resgatada da memória da época do primário quando se desfilou no pelotão de alunas com a farda de educação física: saia pregueada no tecido fustão branco, colan azul marinho, tênis congá azul marinho e meias brancas.

Era uma alegria só e entusiasmo em desfilar pois, era “chefe desse pelotão”, portanto, tinha uma faixa colocada dos ombros para a cintura (similar a usada pelos presidentes da república) nas cores amarela e verde, diferenciando-se das demais alunas. Histórias e memórias imbuídas de sentimentos que transmitem uma sensação de saudosismo, mostrando que as histórias individuais se articulam com outras, formando as memórias coletivas, que por sua vez estão arraigadas a um contexto histórico onde permeia a História. (HOBSBAWM, 1995).

Dando continuidade nas abordagens de elementos que possam contribuir com uma reflexão sobre as datas comemorativas que se tornaram tradição na Escola Normal se apresentará a Festa de formatura, momento de coroação de conclusão do curso, festejo que celebra o orgulho das normalistas em serem diplomadas “Professoras da Escola Normal”.

5. 2 A Festa de Formatura

Antes uma breve reflexão sobre a criação das primeiras universidades em que este ritual de formatura esteve presente. Desde a Grécia Antiga considerada o berço da civilização e do conhecimento ocidental a questão entre a distinção do “saber” aquele que é intelectual, no caso o

filósofo – amigo da sabedoria – era reconhecido na *polis* grega como superior em detrimento daquele que era artesão que sabia “fazer e criar” com suas próprias mãos.

Vale destacar que no século. IV a.C, em 387 Platão fundou e foi reitor da Academia, considerada a primeira universidade na época com o programa de Matemática e Geometria. Posteriormente, Aristóteles cria a sua universidade em 335 a.C. conhecida como Peripatética (porque ele dava as aulas em um corredor peripatos do Liceu, o programa era direcionado aos estudos das ciências naturais. (MONDIM, 1981). Fatos que contribuíram para as concepções de ciências e criação de instituições superiores futuras.

A partir desse contexto essa cultura da intelectualidade, aquele que pensa e tem conhecimento foi perpassando e, de certa forma, se repercutindo no desenvolvimento da História: Idade Média ou Medieval, Moderna e Contemporânea como uma situação de superioridade em relação àquele que “faz com as próprias mãos”, fato que influenciará a história da educação brasileira.

No tocante à formação superior tem seu início no Brasil Império com alguns cursos isolados de Medicina, Engenharia e Direito, mas a instituição consolidada como universidade somente surgirá em 1920 pelo Decreto nº 14.343 de 7 de setembro (BRASIL, 1920) pelo presidente Epitácio Pessoa - Universidade Federal do Rio de Janeiro – que também tem início com vários problemas de legislação e funcionamento que, de certa maneira, serão normatizados na Reforma universitária Francisco Campos, mediante Decreto-lei nº 19.851/31 que se tornou o Estatuto das Universidades Brasileiras. Por conseguinte, os níveis de educação serão reestruturados nas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB: 4.04/61, 5.692/71 e atual 9.394/96.

O ter conhecimento, saber intelectual a partir de uma formação superior era uma situação vantajosa de muita importância. No Brasil Colonial os filhos de famílias abastadas que se formavam bacharéis em Direito, Engenharia ou Medicina em universidades européias⁷⁸, sobretudo em Coimbra, retornavam e ocupavam os mais altos cargos com melhores salários, impulsionaram também a criação de uma nova classe de intelectuais, que teriam como se impor na sociedade brasileira mediante o “título de doutor”, que tinha um alto valor na época. Holanda, 1995, p. 157

⁷⁸ A universidade de Bolonha é considerada a mais antiga do mundo. *Alma Mater Studiorum A.D. 1088 Università di Bologna*. “A instituição que hoje chamamos a Universidade começou a tomar forma em Bolonha no final do século XI, quando mestres da gramática, retórica e lógica começou a dedicar-se à lei. No século XIX, uma comissão de historiadores, liderada por Giosuè Carducci, atribuiu o nascimento da Universidade para o ano de 1088”. <<http://www.masterstudies.com.br/universidades/Italia/Alma-Mater-Studiorum-University-of-Bologna/>>. Acesso em 31 de julho de 2014.

assinala que [...] em quase todas as épocas da história portuguesa uma carta de bacharel valeu quase tanto como uma carta de recomendação nas pretensões a altos cargos públicos”.

Dessa forma, se consolidava a importância de se tornar um bacharel pelas vantagens que poderia se conquistar. O novo *status* adquirido proporcionava inclusão e reconhecimento na sociedade, para a família e também do prestígio do bacharel perante a sua família. Nessa perspectiva circunda um ideário simbólico que é criado nas relações da sociedade que geralmente é passado de geração para geração como é o caso de rituais que traduzem encantamento e sentimentos que são vivenciados por cada indivíduo. Berger e Luckmann (1995, p.52) aponta que:

O universo simbólico é evidentemente construído por meio de objetivações sociais. No entanto sua capacidade de atribuição de significações excede de muito o domínio da vida social, de modo que o indivíduo pode “localizar-se” nele, mesmo em suas mais solitárias experiências.

Exemplo dessa simbologia cita-se o ritual de formatura que celebra o fim da busca pelo tão sonhado “título” e respaldará o reconhecimento na sociedade. Perspectiva que não era diferente na conquista do diploma de professora da Escola Normal, pois representava o reconhecimento, adquirindo destaque pelo *status* na sociedade e a ascensão profissional, em uma profissão digna e respeitada para a mulher, que vivia nos preceitos dos bons costumes e moral da época.

Como já ressaltado no período de 1958-1960 se formaram 190 professoras para lecionarem no primário. Eram 4 (quatro) turmas e de acordo com as falas das entrevistadas, eram 50 normalistas por sala. Teve-se acesso somente aos diários da 3^a. turma (já informado) e comprovou-se a quantidade mencionada. Assim, levando em conta que fossem 50 em cada sala se percebe o alto índice de aproveitamento das normalistas, mesmo porque pode-se cogitar a ideia de que algumas das normalistas podem ter ficado para formatura no ano seguinte.

Os resultados corroboram com a importância e credibilidade que as normalistas atribuíram em estudar nessa tradicional instituição. No quadro seguinte se traz os dados das formaturas que aconteceram nesse período, em destaque o ano de 1960 e, que a título de comparação, ocupa um lugar intermediário:

Quadro 19 - Período e quantidade de diplomadas (1958-1960)⁷⁹

1958	121
1959	197
1960	190
TOTAL	508

Fonte: adaptado do trabalho de monografia da pesquisadora (2010)

A festa de formatura da Escola Normal, pelo seu prestígio e tradição na formação de professoras, era um motivo de orgulho para a normalista e familiares. Observa-se esse fato na divulgação do acontecimento da formatura em jornais, desde o limiar do funcionamento dessa instituição. A título de exemplificação se mostram as fotos abaixo que consagraram um desses momentos importantes para a normalista e sua família:



Foto 54 – Formatura em 1959

Fonte: Tribuna do Ceará (1959)



Foto 55 - Formatura em 1960: normalista da 3ª. turma.

Fonte: Arquivo particular da normalista.

É importante escrever abaixo a matéria que consta no referido jornal pelo teor e importância dada ao momento da formatura:

Acaba de concluir com brilhantismo o curso de professora no Instituto de Educação Justiniano de Serpa, a Srta. Maria Helena Girão de Holanda que se destacou entre dezenas de colegas, pelo senso aplicado que sempre deu aos estudos e o modo correto e educado como sempre se comportou naquele estabelecimento de ensino oficial. A nova professora é filha do Sr. José Pereira de Holanda funcionário aposentado da Recebedoria do estado e de Dona Lourdes Girão de Holanda. Por motivo de término de seu concurso, os pais de Maria Helena ofereceram lauto jantar aos amigos e admiradores em comemoração ao acontecimento.

Ao analisar as imagens se depara com uma feição de concentração e postura das normalistas sentadas na cadeira específica com o brasão do Brasil acima da cabeça, vestida de beca com o destaque da sigla do IEC, mas como já destacado no período de 1958-1960 a denominação era “Instituto Justiniano de Serpa”. Com a mão esquerda seguram o capelo, mas devido ao estado da foto do jornal não se tem a precisão de está usando o anel de formatura. Já a normalista da foto usa seu anel.

Como símbolos e atestados dessa conquista esta jóia e o diploma são usados para mostrar a sociedade o grau de titulação e reconhecimento dentre os demais que não tiveram acesso a esse conhecimento. Sobre o anel de formatura, prática ainda muito freqüente nos dias atuais, se percebe nas imagens seguintes algumas peculiaridades na área de formação de professores, pois ao longo da trajetória da educação brasileira outras instituições posteriores se dedicaram na formação de professores: Institutos Superiores de Educação e de faculdades de Educação. Com essas novas perspectivas também surgiram algumas mudanças nos símbolos e cores das pedras dos anéis de formatura, como se apresenta a seguir:



Foto 56 - Símbolos e cores usados nos anéis de formatura para professores

Fonte: <http://heartjoia.com/wp-content/uploads/2010/07/aneis-formatura>

⁷⁹ Vale ressaltar que 1884-2008 foram formados 29.764 (ARAÚJO, 2010) Anexo B. Atualizando se tem: 2009=84; 2010= 83; 2011=68; 2012= 86 e 2013=63. Dados da secretaria fornecidos em 2014.

A primeira especificidade, como se percebe, é a cor verde da pedra do anel com o brasão (usado na cadeira das fotos anteriores), o livro e uma pena como sendo os símbolos que ornamentam e caracterizam o anel de formatura das normalistas. Comparando-o com o curso Normal Superior se mantém os símbolos, mas a pedra prevalece a do curso de Pedagogia, isto é, a safira azul.

O que se observa em comum em todos os cursos é o livro, embora nesse último não inclua o desenho da pena e no lugar do brasão traz a flor de lis. Atualmente em relação ao último curso há uma divisão de pensamento no tocante ao uso da flor de lis e da coruja. Um exemplo são as placas de formatura do curso de graduação em Pedagogia que ora usam a coruja, outra a flor de lis, como mostram as fotos a seguir:



Foto 57 – Placa de formatura em Pedagogia A
Fonte: UECE/2006
 Arquivo pessoal da pesquisadora



Foto 58 – Placa de formatura em Pedagogia B
Fonte: UECE/2011
 Arquivo pessoal da pesquisadora

Na primeira placa a opção foi pelo formato da própria placa se aproximar do formato da flor de lótus, contudo logo na parte superior central ao lado do logotipo da UECE se tem o desenho desta flor que simboliza poder, soberania, honra e lealdade⁸⁰. Outra observação é que a

⁸⁰ Flor-de-lis é a representação de um lírio utilizado antigamente nos brasões e escudos da realeza francesa, associada em especial ao rei Luis VIII, quem a utilizou primeiramente em um sinete. Disponível em <<http://www.significados.com.br/flor-de-lis/>>. Acesso em 2014.

turma foi designada de “Humana docência” e aqui também se traz a contribuição de Arroyo (2000, p, 81):

Todo profissional do ensino-aprendizagem de qualquer conteúdo esteve sempre e está a serviço de um ideal de ser humano. Faz parte de nosso ofício. Ignorar esse traço é tentar abafar uma consciência histórica que nos persegue. Engano inútil em que ainda alguns mestres tentam isolar em conteúdos neutros. “Eu sou professor de minha matéria, nada tenho a ver com o pleno desenvolvimento humano dos alunos, com a classe, com a raça, com o gênero, com a ordem social”. Engano inútil. Por traz da ênfase na matéria há valores, crenças.

Concorda-se com o autor, pois a educação um processo continuou e não tem como desvincular-se da realidade marcada pelo tempo e espaço em que convivem a escola, o professor e alunos. Na foto do lado direito a turma homenageia Rubem Alves e o símbolo a imagem de uma coruja do lado esquerdo na placa. Esta ave está relacionada à sabedoria, por ser a soberana da noite. “Para muitos povos a coruja simboliza mistério, inteligência, sabedoria, reflexão e conhecimento. Ela tem a capacidade de enxergar através da escuridão, conseguindo ver o que os outros não vêem. Na mitologia grega, Athena, a deusa da sabedoria, tinha a coruja como símbolo”⁸¹.

Quando se procurou as placas para as fotos a maioria tinha a simbologia da coruja e quase não se localizou a flor de lis, talvez o fato da influência ocidental da Filosofia grega “amigo da sabedoria” que é representada pela ave sábia tenha contribuído para que a maioria dos formandos preferisse a coruja.

E a partir deste contexto pode se cogitar a ideia de um afastamento da posição que correlaciona Pedagogia à “professora de crianças” questão que se respalda também no campo de atuação atual do pedagogo de não se restringir a sala de aula e até mesmo à instituição escolar uma vez que se tem oportunidades do trabalho do pedagogo em outras instituições diversas.

Retomando a questão do anel de formatura é importante frisar que a cor da pedra do anel é a mesma da faixa usada na cintura por cima da beca. A fala da normalista entrevistada dessa pesquisa contribui com o assunto quando ressalta: *ganhei um anel de meu pai com pedra cor verde. Mas eu não sei porque a pedra era verde. O anel de Pedagogia é azul. (N4 da 3ª turma).*

Ainda abordando a questão de mudança nos símbolos do anel de formatura pesquisando no trabalho de dissertação de Alves (2009) “Mães da pátria: educadoras na terra da

⁸¹ Disponível em < <http://www.significados.com.br/coruja/> >. Acesso em 2014.

luz - o ensino primário no Ceará na década de 1920” é interessante frisar o que a autora assinalou na p. 23 sobre a formatura das normalistas na década de 1920 que a pedra do anel era uma turmalina verde e os símbolos gravados representavam o conhecimento:

Os símbolos que estão gravados no anel representavam a sabedoria e o conhecimento que precisavam estar presentes na atividade letiva. A **insígnia** servia como destaque para a particularidade da formação docente. O **globo** como sinônimo da universalidade do saber possibilitada pela erudição alcançada por meio da leitura e da escrita. **(Grifo da pesquisadora)**

Visualiza-se em relação as normalistas uma distinção entre esses símbolos (insígnia e o globo) com os da foto 56 (brasão e livro). Fato que leva a pensar que os símbolos podem mudar, mas as cores das pedras continuam a mesma. Um fato interessante que se presenciou no IEC/EN quando docente (2004-2010) foram os questionamentos de alguns professores em formação exatamente sobre a cor da pedra do anel e da faixa do Curso Normal diferente do curso de Pedagogia.

Em algumas situações estes professores em formação se recusavam a usar a cor verde por ser a cor usada pela área de Saúde atualmente. Alguns diziam que as pessoas perguntavam se era formatura de algum dos cursos nesta área. Portanto, às vezes se tinha esses constrangimentos, mas sempre prevaleceu a formatura com o anel e a faixa na cor verde, mantendo a tradição. Em conversa com algumas colegas de profissão mais antiga do IEC/EN elas diziam que era uma tradição e que sempre a cor foi verde, porém não tinham uma explicação sobre a origem. Na foto seguinte se aponta um momento da formatura no IEC/EN e por ser uma imagem colorida é notória a percepção da cor verde:



Foto 59 - A pesquisadora e professores em formação na formatura no IEC/EN

Fonte: arquivo particular da pesquisadora.
Foto tirada no IEC/EN em 2006.

Neste ano a pesquisadora foi homenageada pela turma e pode participar mais uma vez de todos os sentimentos, o ritual da cerimônia com a bênção dos anéis, entrega simbólica dos diplomas, a confraternização dos amigos, saudades... choros e risos que estampavam o rosto de cada um, expressões que mostravam a conquista e todo o esforço e que naquele momento se concretiza uma etapa concluída marcando uma realidade que antes era distanciada pelo sonho da conquista.

Ao se reviver os rituais se reportam para eles com os momentos que fazem de todo o ritual uma coisa única que se repete e o caracteriza como tradição. E assim, também a pesquisadora revivia com sua turma e ao mesmo tempo compartilhava desta história que também era sua história.

Considera-se como registro mais importante dessa cerimônia o juramento e a entrega simbólica do diploma. No tocante a esse assunto, retornando à década de 1920, no estudo de Alves (2009, p. 20 e 21) se percebe a influência que essa cerimônia continua exercendo e tornando esse momento mágico e único por quem vivencia:

À noite, então, realizou, no majestoso edifício da Escola Normal, à praça Filgueira de Mello, a cerimônia de distribuição dos diplomas e da entrega do anel simbólico das professorandas de 1925.

Às 19 horas já se achavam presentes, no salão das festas, caprichosamente ornamentado de flores naturais em profusão, o dr. Jonas Miranda, representante do chefe do Estado, o secretário do interior, o director da Instrução Pública, a congregação, o corpo discente, famílias, imprensa, comissões de estabelecimentos de ensino, etc.

Antes da distribuição dos diplomas, fez-se a apposição do retrato de D. Pedro II, que o governo do Estado offereceu à Escola, em commemoração do dia. Nessa cerimônia, orou eloquentemente o dr. Jonas Miranda.

Ao referido acto seguiu-se a distribuição solemne dos diplomas, a que presidiu o sr. secretario do interior.

[...] Perante a mesa, cada uma dellas, recebendo o diploma, prestou o compromisso de bem cumprir os deveres de seu cargo, e receber o anel de professora, das mãos do director da Escola Normal.

Como paranympo, falou, em seguida, o dr. Antonio Theophilo G. de Oliveira, cathedratico de Historia. Sua oração, longa de perto de uma hora deesenvolvimento, é uma vasta peça com ensinamentos e indicações ás novas professoras, lastreados numa excursão pelos exemplos da historia pátria, inclusive as páginas eloqüente da vida de Pedro II.

Avançando mais no tempo, em 1960, se registrou a partir das entrevistas das normalistas algumas falas direcionadas a cerimônia de formatura. Lembrando que era a formação das primeiras turmas de professoras primárias no novo prédio do bairro de Fátima. Será que a cerimônia da festa de formatura foi prejudicada de alguma forma pelos problemas de reforma da estrutura física do prédio? Por outro lado, será que por serem as primeiras turmas e mesmo com os problemas enfrentados, houve tempo para cerimônia planejada? Afinal, quais foram as impressões das normalistas sobre a sua formatura?

N3 da 3ª turma - eu tenho a impressão que não teve foto a nossa formatura, eu não me lembro. Eu não estou lembrada. Nós recebemos o diploma na faculdade de Direito, foi muito bonita a nossa festa.

Foi 5 horas da tarde, muita gente: os pais, padrinhos, convidados a faculdade de Direito foi um palco de beleza no dia da nossa formatura. E a festa nossa foi no clube dos Diários também muito bonita, tudo decorado, todo mundo muito bem vestidos padrinhos, pais, alunas. Foto não tem. Não tenho nada da minha formatura.

Percebe-se na fala da normalista que houve realmente uma cerimônia para a entrega dos diplomas e também uma festa no clube. No momento dessa fala ela se lembrava com saudosismo este momento procurando se lembrar de detalhes para que fossem registrados. Os aspectos que ela pontuou ajudam a responder os questionamentos acima, o acontecimento da cerimônia e da festa, também a impressão que ela guarda desses momentos que forma bons. Lembrando-se com saudades.

Contribuindo para o registro da cerimônia e festa de formatura uma normalista localizou o seu convite de formatura e gentilmente cedeu para pesquisa, tornando-se outra fonte importante e abaixo se registram algumas das páginas:

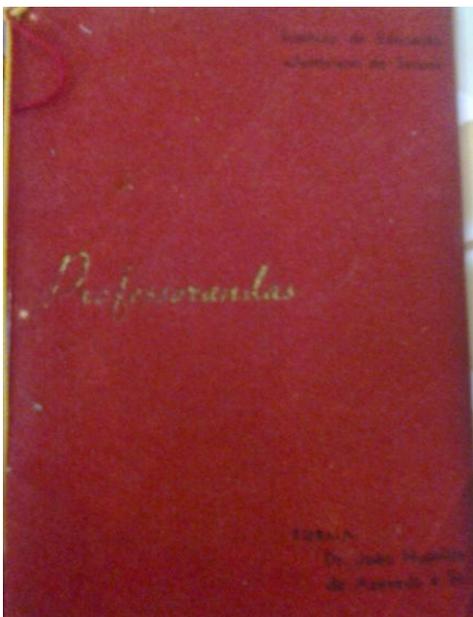


Foto 60 - Capa do convite de formatura das normalistas - 1960

Fonte – arquivo particular da normalista

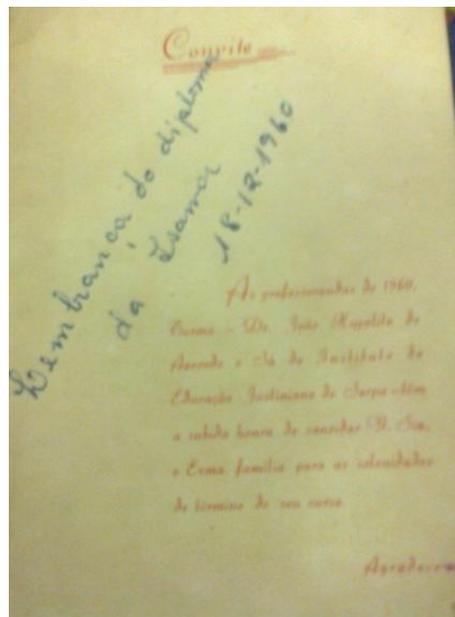


Foto 61 - Convite de formatura das normalistas - 1960

Fonte – arquivo particular da normalista

Na capa escrito na margem superior “Instituto de Educação Justiniano de Serpa”, na margem inferior: “turma Dr. João Hippolyto de Azevedo e Sá” (personagem muito importante na história dessa instituição diretor nos anos: 1914-1934; 1939-1951 e 1960-1962) e no centro o título em letras douradas: “Professorandas”.

Na página seguinte: intitulada “Convite” - “As professorandas de 1960, turma Dr. João Hippolyto de Azevedo e Sá do Instituto de Educação Justiniano de Serpa tem a sabida honra de convidar V. Sa. e Exma. família para as solenidades do término de seu curso”.

O Patrono foi o magnífico reitor Antonio Martins Filho⁸², Paraninfo Dr. José Denizard Macêdo de Alcantara (professor da cadeira de Filosofia) e homenagem especial a Noemi da Costa Soreano Aderaldo (professora da cadeira de Metodologia) e Suzana Bonfim Borges (diretora no ano de 1960). Quanto ao programa foi assim escrito:

⁸² Em 1947 ficou documentado como ano que marcaria a luta de Martins Filho pela criação da Universidade Federal do Ceará. Em 1949 escreveu a obra: Uma universidade para o Ceará e no dia 16 de dezembro de 1954, o presidente Café Filho assinou a lei criando a universidade que foi instalada em 25 de junho de 1955, tendo como primeiro reitor – Martins Filho- que ficará conhecido como o “reitor dos reitores”. Dirigiu a universidade por 12 anos e, ao final de seu mandato, permaneceu ligado a esta universidade até a sua morte, em 2002. http://www.ceara.pro.br/acl/revistas/revistas/2004/ACL_2004_037_Antonio_Martins_Filho_Pai_e_Mestre_Jose_Murilo_de_Carvalho_Martins.pdf.

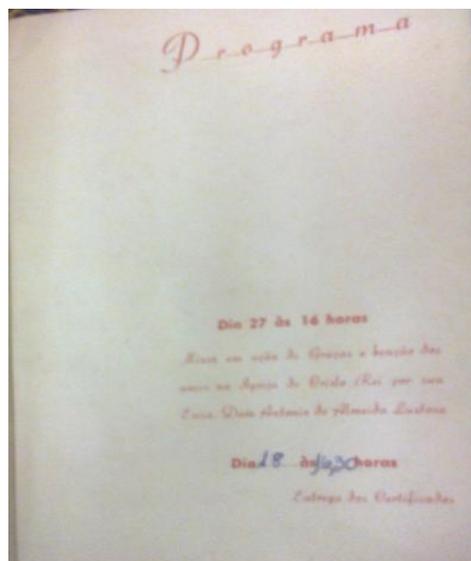


Foto 62 - Convite de formatura das normalistas
1960 – Programa
Fonte – arquivo particular da normalista

No dia 27 às 16 horas - missa em Ação de Graças e bênçãos dos anéis na Igreja do Cristo Rei por Dom Antonio de Almeida Lustosa⁸³. No dia 28 às 16:30 entrega dos certificados. Só que não era certificados e sim diplomas, conforme fotos e informações a seguir desse documento.

A última foto selecionada faz alusão ao juramento, momento solene em que se faz um pacto do profissional com sua profissão, pressupondo a ética e a competência técnica para exercer a profissão na sociedade.

⁸³ “2º Arcebispo de Fortaleza. Dois marcos delimitam a ação pastoral de Dom Antônio de Almeida Lustosa na Arquidiocese de Fortaleza. Marco inicial: 05 de novembro de 1941. Marco final: 29 de maio de 1963. Às 19 horas do dia 05 de novembro de 1941, presentes os Srs. Bispos de Sobral e Limoeiro do Norte e representantes da Arquidiocese de Belém do Pará e da Diocese de Crato, na Igreja Pequeno Grande – Catedral Provisória – tomava posse “sob as bênçãos de Deus e carinho do Povo”. <<http://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/arquidiocese/historia/bispos-antiores/4o-bispo-dom-antonio-de-almeida-lustosa/>>.

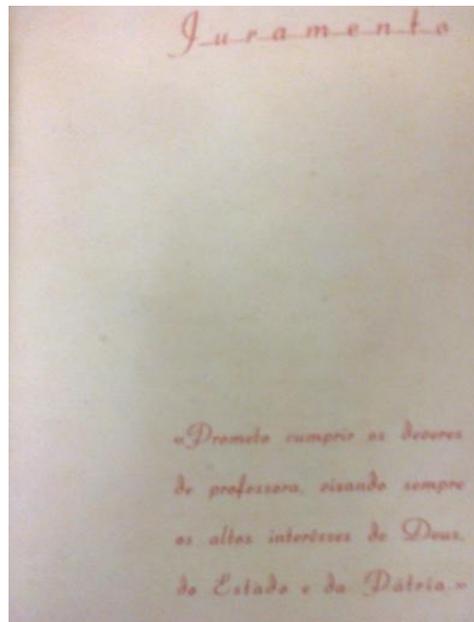


Foto 63 - Convite de formatura das normalistas
1960 – Juramento
Fonte – arquivo particular da normalista

Nesta página do convite está escrito: “Prometo cumprir os deveres de professora visando sempre os altos interesses de Deus, do Estado e da Pátria”. Coroando toda a cerimônia a seguir se mostra a foto do diploma que respalda o direito em exercer a profissão de professora primária formada pela Escola Normal.

Em uma das páginas do referido convite a normalista (*NI da 3ª turma*) escreveu o pequeno texto “As madrinhas e tias Maria e Nelinha, grata recordação do **dia feliz de meu diploma**. Com muitos beijos. 18/12/1960”. (Grifo da pesquisadora). Percebe-se o teor de contentamento da normalista pela conquista.



Foto 64 - Frente do diploma de formatura - 1960

Fonte – arquivo particular da normalista

Neste documento está escrito:

Instituto de Educação Justiniano de Serpa – o diretor do Instituto de Educação Justiniano de Serpa, atendendo a que (nome da normalista), nascida no Ceará, a dezoito de julho de mil novecentos e quarenta concluiu o Curso Normal do mesmo Instituto, sendo aprovada plenamente grau setenta e dois, por parte da Congregação, e em nome desta, confere-lhe o presente DIPLOMA DE PROFESSORA que lhe dá o direito de exercer o magistério, segundo as leis em vigor.

Instituto de Educação Justiniano de Serpa, em 18 de setembro de 1960. A DIPLOMADA (nome da normalista), O DIRETOR – Dr. João Hippolyto de Azevedo e Sá. b

**Foto 65 - Verso do diploma de formatura - 1960**

Fonte – arquivo particular da normalista.

Nesta parte desse documento estão os seguintes dados: número do Diploma, aprovações obtidas pela diplomada em todos os anos e a média geral, nome do responsável pela secretaria, número de registro no livro e folha a data e os carimbos que ajudam no respaldo desse documento.

Retornando para as impressões das normalistas sobre a festa de formatura, uma pontuou o lado triste de não poder ter participado desse momento, porém na hora da entrevista também demonstrou que a conjuntura da época realmente não lhe permitia está presente:

N4 da 3ª turma – eu não fui porque tinha morrido um tio de meu noivo, que é esse meu marido, há anos esse pessoal antigo demais, arcaico e a minha mãe não me deixou eu ir não. Ave Maria o irmão da D. Ana morreu e você não vai pra festa coisa nenhuma não. Principalmente porque você não vai só, seu noivo não vai. Então eu não fui.

Enquanto ela falava se percebia certa expressão de tristeza, ao mesmo tempo um semblante de conformismo, pois devia ter sido daquela forma mesmo, naquela época havia um

controle muito grande da família com as filhas que deviam ser preservadas e sair somente acompanhada e, como foi ressaltado, embora fosse a sua festa de formatura o noivo não podia ir por um motivo justo, então ela tinha obrigação de não ir também.

Ainda sobre as marcas e impressões das normalistas sobre a formatura, outro aspecto mencionado vem ao encontro desse momento de formatura e final de conclusão do curso, que foi um retiro no município de Maranguape:

N3 da 3ª turma - Nós passamos uma semana de retiro lá e ele dizia olha vocês vão fazer um retiro e jamais vocês vão esquecer este retiro porque vai ser um retiro muito bem feito, um retiro bem pensado um retiro que vocês irão se retirar mesmo. Realmente foi um bom retiro. Fica lá em Maranguape nós passamos uma semana lá era pregação do padre Tito, do padre Francisco Pinto lá de Maranguape menina era tanto padre pregando era pregação de manhã, de tarde e de noite e tinha a parte de lazer a gente podia passear, sair, tomar banho e o padre Tito ficava o que é que vocês querem lá de Fortaleza. Iam buscar o que agente precisava ai tinha a turma que fumava ai ele trazia o cigarro, o que quisesse ele levava.

A normalista acrescenta como desfecho a satisfação de ter participado deste evento com as seguintes palavras:

N3 da 3ª turma - Foi uma semana de retiro maravilhosa mesmo, eu não esqueci nunca. Era vinculado à escola para o pessoal que estava terminando o curso, quem fosse católica ia. (Grifo da pesquisadora).

Pelos aspectos ressaltados neste espaço destinado à reflexão sobre as datas comemorativas abordadas: 7 de Setembro e Formatura observa-se que mesmo com as reformas da estrutura física do prédio e os transtornos para se chegar a escola, essas duas datas foram mantidas como tradição como também o fato de que as normalistas das primeiras turmas participaram desses momentos. Outro assunto que converge para o tema tradição abrange a questão do relacionamento entre a turma que por se tornarem freqüentes, permanecendo uma prática até os dias atuais se caracterizaram também como uma tradição para essa turma e será apresentado a seguir.

5.3 Os Encontros das Normalistas se Tornam uma Tradição após a Conclusão do Curso

Segundo as falas das normalistas entrevistadas que pertencem as turmas 2ª. e 3ª. se reúnem um grupinho de cada turma em datas diferentes que participam em média 7 (sete)

normalistas nas comemorações que acontecem pelo menos uma vez por ano para atualização das histórias e acontecimentos das vidas de cada uma.

Para desenvolver essa seção se destacará primordialmente dois destes momentos de encontros: i) Em 2010 que foi um ano de encontro diferenciado por comemorarem “50 anos de formatura” e sobre este assunto já se mencionou alguns dados e ii) Em 2014, no mês de julho, por ter sido homenageada pelo grupo de normalistas sujeitos desta pesquisa em retribuição ao encontro que a pesquisadora proporcionou neste mesmo mês e ano, ocasião e que tiveram a oportunidade de retornar ao prédio do bairro de Fátima após 54 anos de conclusão do curso. Assunto que será abordado na última seção desta pesquisa.

São realmente dois marcos importantes para este trabalho, tanto para a pesquisadora como para as normalistas. O primeiro possibilitou o encontro da pesquisadora com elas que se tornariam sujeitos da pesquisa, no outro a importância de se ter sido convidada a fazer parte do grupo em reconhecimento a este trabalho e o relacionamento que se construiu ao longo da pesquisa.

No ano de 2010 foi publicado no Jornal O Povo (21/10/2010) um convite já mencionado na Introdução desse trabalho, convidando as normalistas que concluíram o curso no ano de 1960 para a comemoração dos 50 anos de formatura.

Como já destacado, considera-se um dos achados mais relevante dessa pesquisa, pois a partir das informações deste convite é que se pode entrar em contato com as normalistas e poder trazer suas histórias para enriquecer e contar como elas experienciaram a sua formação de professoras primárias. Realmente foi um “presente” para a pesquisadora que pode trazer as histórias dessas normalistas para esse trabalho enriquecendo-o com as falas que puderam dar “vida” a esta pesquisa. Sobre a organização do convite a responsável que foi uma das normalistas entrevistadas destacou:

Em 2010 nós conseguimos nos reunir ai eu fiz aquela publicação do convite e apareceram algumas, umas já não moram mais aqui, outras já faleceram. Mas no dia passamos uma lista e conseguimos alguns contatos. Fui eu que redigi o convite. A aluna Tereza tinha uma filha que o marido trabalha no jornal então levou para publicar.

Novamente, mas importante trazer o teor escrito no convite: “Convidam-se a todas as concludentes do ano de 1960 do curso Normal do instituto Educacional Justiniano de Serpa (Bairro de Fátima), a comparecerem no dia 27 de outubro de 2010” para dois momentos de celebração, no

primeiro: “às 19h a missa de Ação de Graças, na Igreja São Vicente (Av. Desembargador Moreira, 2211)”. A seguir uma foto registrando essa primeira comemoração:



Foto: 66- Missa em Ação de Graças em comemoração aos 50 anos de formatura das normalistas (1958-1960)

Fonte – arquivo particular da normalista.

Estiveram presentes na Igreja São Vicente no dia 27 de outubro de 2010, às 19 horas, 14 (quatorze) normalistas que eram da 2ª. e 3ª. turmas, sendo a maioria desta última. O segundo momento aconteceu, de acordo com o convite, “após a celebração eucarística, as formandas reunir-se-ão no Restaurante Serigado (Av. Barão de Studart, 825)”. A foto a seguir mostra o momento de descontração das normalistas no referido restaurante.



Foto: 67 – Confraternização em 2010 da turma de normalistas (1958-1960)

Fonte – arquivo particular da normalista.

Na imagem se percebe que participaram também os maridos, no momento um estava de pé e parecia discursar. A disposição das mesas e cadeiras propiciava oportunidades de se verem e também de conversarem formando um grupo, que aproveitaram esse encontro e a presença de todos para a interação.

Na foto anterior não se encontra a presença de nenhum objeto de comunicação como celular, *tablet*, por exemplo, que geralmente ocupam partes das mesas mesmo quando a ocasião é motivada pela descontração e oportunidade de conversas entre amigos.

Em relação ao segundo encontro, no ano de 2014, no dia 18 de junho uma das normalistas entrevistadas da pesquisa e que organiza os encontros da turma veio de São Paulo (estado em que reside) como sempre faz em quase todos os anos de vir pelo menos uma vez.

Como já se ressaltou no mês de julho o encontro seria organizado pela pesquisadora lá no prédio do IEC/EN, assunto posterior, então ela e as outras resolveram organizar um encontro após este em retribuição e também reconhecimento do trabalho da pesquisadora.

Recebeu-se um telefonema desta normalista que era a líder na organização dos encontros me informando que elas haviam organizado um jantar que seria no restaurante “La France” (Rua Silvia Jatahy, 982 – Meireles), mas devido a uma reforma no restaurante, resolveu-se que seria novamente mais um encontro no restaurante Serigado.

Nesse encontro, iniciado às 19h, havia uma comemoração especial que muito comoveu a pesquisadora ter sido também em sua homenagem. Estiveram presentes 4 (quatro) normalistas, uma ex.aluna do primário de uma das normalistas a que escreveu a carta em 2006 (conforme anexo A) e que na ocasião também se pode conhecê-la. Retomará o assunto. Uma colega de uma das normalistas, também professora e a pesquisadora. Exceto uma, todas foram acompanhadas de seus maridos, portanto, na mesa tinham 13 (treze) pessoas. Para maior comodidade e disposição para que fluíssem as conversas e lembranças, 3 (três) mesas foram unidas e todos se sentaram em torno de uma só mesa.

Um fato importante que consagrou esse momento foi que as normalistas resolveram batizar o grupo “As meninas da Escola Normal de 1958”, por serem as professoras pioneiras formadas no ano de 1960 no prédio da escola Normal do bairro de Fátima e falaram que a partir daquele momento eu faria parte deste grupo, aquele momento se caracterizava como um convite formal para que fosse integrada a este grupo. Foi realmente um dos instantes mais emocionantes.

Devido à ausência de algumas normalistas que não puderam ir por motivo de doença ou por conta do trabalho, foi marcado novo encontro com elas na casa de uma das normalistas para um “café” que aconteceu no dia 21 de julho de 2014, momento em que a pesquisadora também foi convidada, mas de não pode participar.

Esses encontros que permaneceram após o curso na verdade são um prolongamento do bom relacionamento que elas já vivenciavam e muitas delas, desde o ginásio, como também ao clima e relacionamento que continuou durante a formação de professoras no IEC/EM que elas apresentaram através de suas falas enaltecendo a amizade dos grupinhos, mas também um equilíbrio e estabilidade entre os professores e ela e também entre elas.



Foto 68 - Grupo de normalistas da 2ª. turma - Comemoração em restaurante
Fonte – Arquivo particular da normalista.



Foto 69 - Grupo de normalistas da 3ª. turma - IEC/EN (1958-1960)
Fonte – Arquivo particular da normalista.

Pelas imagens se percebe 2 (dois) momentos de encontro das normalistas dos dois grupinhos das turmas 2ª. e 3ª. turmas em ambiente distintos mas, representando o clima de amizade entre elas quer fosse no IEC/EN ou fora em comemoração como mostra a foto da esquerda. Pelo o que foi mencionado pelas normalistas nos encontros participavam do em torno de 7 (sete) normalistas é o que foi registrado nesta primeira foto. A fala a seguir traz contribuições sobre o assunto em questão:

N1 da 2ª turma - éramos amigas é tanto que formamos o grupo das 10 e ainda hoje nós duas somos amigas de verdade. Não é só amiga de dizer que conhece a colega. Somos amigas em todas as ocasiões. Somos 10, mas uma está em Curitiba, outra no Maranhão e uma está afastada não participa das nossas reuniões (doença), nunca mais agente viu. Agora no momento somos 7.

Trazendo outra perspectiva e percepção de uma normalista da 3ª turma no momento de sua entrevista destaca a amizade que já era consolidada antes mesmo de ingressar no IEC/EN:

N4 da 3ª turma - olha era muito gostoso um tempo maravilhoso porque eu já vinha com amigas do ginásio todas elas ... (aqui citou alguns nomes) que já eram do ginásio então agente já tinha um grupo formado.

Continuando sua fala ela traz alguns momentos vivenciados pelo grupinho dela em referência ao período em que ela e outras iam para o prédio do IEC/EN no bairro de Fátima:

N4 da 3ª turma - Então nós não sentimos diferença nenhuma foi uma passagem que não houve diferença porque nós já tínhamos várias amigas na turma e era muito bom porque agente descia lá na Treze de Maio vinha andando, brincando, chutando as coisas, as vezes chovia, tinha lama, as vezes tinha vacas passando no meio e as vezes tinha motorista quando tinha muitas alunas o motorista entrava e ia deixar agente na porta da escola mais isso cedinho, depois ele não entrava não.

A fala se constitui de momentos prazerosos vivenciados pela normalista entrevistada e suas amigas descrevendo a ida à escola, indicações que apontam para uma amizade de base sólida que resiste ao tempo.

Pelo que se mostrou em toda esta seção se percebe que mesmo com as dificuldades enfrentadas pelas normalistas e toda comunidade escolar, o IEC/EN continuou seu trabalho de formação de professoras primárias prevalecendo a sua tradição e mantendo as comemorações do dia 7 de setembro e a celebração do término de curso com a missa em Ação em Graças e a Formatura.

Para as normalistas, como uma delas assinalou: *N3 da 3ª turma, foram 3 anos de muita coisa boa naquela escola, apesar das dificuldades que tinha muita dificuldades que era distante, não tinha muito material.* Portanto, se conclui novamente que prevaleceu a tradição desta instituição.

Na seção seguinte será abordado o destino que as normalistas seguiram após a conclusão do curso, ingresso no mercado de trabalho e suas experiências como professora, alguns aspectos que possam ser correlacionados ao matrimônio e a conclusão do curso, finalizando com as percepções das normalistas sobre o que significou estudar na Escola Normal.



6 OS DESTINOS DAS NORMALISTAS APÓS A CONCLUSÃO DO CURSO



Grupo de normalistas da 2ª turma (1958-1960)

Como te falei esse meu grupinho é desde o primário eu entrei no curso normal com 15 anos. Todas eram muito novinhas, mas já tinham namorados firmes e terminavam e se casavam logo, mas eu não. Queria estudar, estudar. Não queria me casar nova.

(NORMALISTA 4 - 3ª. TURMA)

6 OS DESTINOS DAS NORMALISTAS APÓS A CONCLUSÃO DO CURSO

Nesta seção serão apresentados aspectos sobre a inserção das mulheres no mercado de trabalho no magistério primário articulando as experiências que as professoras normalistas entrevistadas sinalizaram, no total de 6 (seis) participantes, porém pela riqueza e experiência no magistério de uma normalista, que não pôde participar desta pesquisa por ter falecido um ano antes, se apontarão algumas experiências relatadas pelo seu marido, que fez questão de ser entrevistado para divulgar e falar do tempo de curso de sua esposa.

Mostrará também alguns indícios para fazer interlocução com outra possibilidade da mulher, após a conclusão do curso, que não seguia a profissão no magistério e ia ao encontro do outro “ma” que seria matrimônio. E nessa perspectiva se aproxima da canção de Nelson Gonçalves “Normalista”, supracitada (Anexo B). Serão abordados aspectos atuais sobre as histórias de vidas dessas normalistas e o que significou para elas estudarem na Escola Normal.

6.1 O Ingresso da Mulher no Cenário do Trabalho e a Profissão de Professora Primária

Retornando à seção 2 deste trabalho: “Uma proposta histórica para a formação de professores primários” já se mencionou algumas falas das entrevistadas que corroboram a questão da inserção das mulheres no mercado de trabalho, através da profissão de professoras primárias. A seguir, fragmentos dessas falas:

N1 da 2ª. turma – [...] você termina o curso de professora tá com o diploma na mão e tem uma profissão, se vocês terminam o Científico ou o Clássico não têm nada, apenas terminou o curso, mas professora naquele tempo era uma coisa muito respeitável.

N 2 da 3ª. turma - na minha época o ideal era ser professora e eu queria demais ser professora, muito ser professora.

N4 da 3ª. turma - eu resolvi fazer o curso normal porque naquela época toda moça fazia o curso normal um curso de preparação e a gente não tinha opção, a gente fazia o curso normal pra em seguida já ir trabalhar.

Nessas falas se percebe a falta de oportunidades para a mulher que não queria se dedicar ao trabalho doméstico e buscava uma profissão e inserção no mercado de trabalho. Mas em 1956-1961, período que compreende o tempo do curso dessas normalistas (1958-1960) no

governo do presidente Juscelino Kubitschek, o Brasil que era praticamente fundamentado em uma economia agrária, muda de cenário e o país passa por muitas mudanças devido as proposta desse governo. Mas, será que neste contexto se abrirá possibilidades para a entrada de mulheres no mercado de trabalho? Qual setor? Onde? Como? Como a educação e formação foram estruturadas nesta nova proposta?

Um nome presente nesse governo era “desenvolvimento”, seu *slogan* era “50 anos em 5” conhecido por seu Plano de Metas: Energia, Transportes, Alimentação, Indústria de base e Educação. Abaixo, na imagem de cunho ilustrativo que, pela dimensão da noticia, ocupou a lauda completa do referido jornal da época:



Foto 70 – Plano Governamental de Juscelino Kubitschek

Fonte – Jornal *Correio do Ceará* (1958).

Foto tirada no dia 18 de junho de 2013.

Era uma proposta fundamentada no desenvolvimento do país tendo como prioridade a sua industrialização. Seu plano ou programa de governo foi desenvolvido em 31 (trinta e uma) metas e teve como mola impulsionadora o desenvolvimento econômico e industrial que seriam subjacentes a todas as melhorias nos demais setores da sociedade.

Medida que permitiu também a entrada de capital estrangeiro, a construção de Brasília e aqui se abre um parêntese para lembrar que algumas normalistas faziam uma comparação em relação ao terreno e construção do prédio da Escola Normal na época do curso e

do lado que elas estudavam como Brasília que também era o mais distante e o outro lado seria o Rio de Janeiro.

Após assinar a Lei nº 2.874 e contando com a criação do projeto inovador do renomado arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer⁸⁴, deu-se início às obras em 1956. Compreendeu um período de 4 (quatro) anos para a conclusão, marcando o ano de 1960, mais precisamente no dia 21 de abril, quando ocorreu a inauguração de Brasília pelo presidente em exercício, consolidando a transferência da capital brasileira do Rio de Janeiro para essa nova cidade.

Outro fator foi a construção da Universidade de Brasília, que teve à frente como um dos integrantes de todo o processo, Anísio Teixeira e as ideias escolanovistas. A ideia inicial é que seria um ensino público, gratuito e laico, mas devido ao Golpe Militar (1964) houve mudanças nesses planos e impedimentos para que essas ideias fossem colocadas em prática.

E a educação dentro desta proposta que lugar ocupa, visto que o ponto de partida é o desenvolvimento a partir da industrialização? E como será a oferta de trabalho para as mulheres que se formarão para o magistério? O desenvolvimento vislumbrado tinha como base a industrialização, mas devido a que, também nas indústrias, haver a necessidade de mão de obra qualificada, era preciso que alguma instituição fosse eleita para fazer essa formação, qual seria? Claro que seria a escola.

Assim, a educação foi trazida para esse projeto de desenvolvimento sendo trabalhada em duas vertentes: como possibilidade para uma mão de obra especializada em nível técnico que ocuparia os cargos nas indústrias e outra através de uma formação em nível superior para a classe elitizada que ocuparia os cargos, por exemplo, de engenheiros nas suas demais especialidades: mecânica, elétrica, civil, dentre outras. Sobre o assunto Batista, Clark e Padilha (*apud* OLIVEIRA, 1955, p.41) relatam:

O Plano Nacional de Desenvolvimento, que posteriormente veio a ser conhecido como Plano de Metas não contemplava inicialmente a educação. Por insistência de Clóvis Salgado (que viria a ser seu Ministro), o tema foi incluso no plano de governo e conseqüentemente na agenda política do país. Esse fato decorre também da necessidade de se utilizar a educação como instrumento de manutenção do poder da burguesia a partir da formação de elites dirigentes e como meio de capacitação das forças de trabalho para viabilizar o projeto de industrialização do país.

⁸⁴ Oscar Ribeiro de Almeida Niemeyer Soares Filho nasce em 15/12/1907 e falece em 05/12/2012. Além desse projeto, criou vários outros totalizando 600, espalhados tanto no Brasil como no exterior, deixando sua marca registrada nas formas sinuosas diferentes que fugiam da linearidade.

Contexto que privilegia a tendência tecnicista priorizando a instrução e ensino como preparação para este novo mercado brasileiro. A primeira e segunda LDB nº 4.024 (BRASIL, 1961) e nº 5.692/71 (BRASIL, 1971), trazem diretrizes para que a escola se ocupe da formação desses novos profissionais que o mercado no momento necessitava como cursos comercial, industrial, agrícola e também normal, pois precisaria de professores para formar os demais profissionais.

A exemplo se aponta o curso de 2º grau (atual ensino médio) desta pesquisadora com habilitação profissional Técnico em contabilidade em 1982, portanto, já com a normalização dessa segunda LDB, a partir do histórico escolar dividido em:

1) “Educação geral” *disciplinas obrigatórias*: Ling. Portuguesa e Lit. do Brasil, História, Geografia, Matemática Física Química Biologia; *parte diversificada*: Inglês, Organização Social Política do Brasil (OSPB) e Sociologia.; Art. 7º da Lei nº 5.692 (BRASIL, 1971) as disciplinas: Moral e Cívica, Educação Artística, Programa de Saúde, Educação religiosa e Educação Física. 2) “Formação Especial” *disciplinas profissionalizante*: **Métodos de datilografia, Economia de mercado, Direito e Legislação, Organização e Técnicas Comerciais, Contabilidade e Custos, Estatística e Processamento de Dados**; *parte diversificada* Métodos Comerciais e Financeiros, Inglês. (Grifo da pesquisadora).

As disciplinas destacadas eram usadas para um fim estritamente instrucional e muitas vezes não aconteciam durante o curso. Nesta visão de tecnicismo, o foco era o trabalho mecânico como que separado de um indivíduo que pensa e que pudesse questionar o mercado de trabalho, as condições, direitos, salários, estrutura física das fábricas etc.

Vale ressaltar que, neste processo de industrialização, as mulheres foram inseridas com diferenças salariais, jornadas de trabalho longas, enfim todo um contexto que trouxe a necessidade de organização de movimentos em prol de sindicatos e lutas por melhoria de trabalho e condições para desempenhar suas funções e aqui se trava uma discussão bastante estendida envolvendo capitalistas e proletariados o que não é objetivo desta pesquisa.

Essa conscientização não só das mulheres, mas dos operários das fábricas designados também de “proletariados” que não deixa de ser uma influência da mudança de perspectiva da educação e aqui se pontua a ruptura, pelo menos em nível teórico com mais incisão que é a passagem das abordagens educacionais liberais, em que a última citada é o tecnicismo para as teorias Progressistas iniciando com a Libertadora, tendo Paulo Freire como marco teórico no

Brasil (LIBÂNEO, 1992). E aqui se retoma a questão da importância do currículo, por ser um instrumento dinâmico e intencional e com finalidades específicas. Bianchi (2001, p. 46).

[...] O desenvolvimento curricular é um processo historicamente situado, o que implica sempre que mesmo as novidades mais radicais sejam, até certo ponto, produtos da evolução do que já existe no momento em que são introduzidas. Assim, as mudanças curriculares a um nível de ensino, a um curso, a uma disciplina ou área específica de estudo, são, naturalmente, condicionadas pelo estado de coisas que se verifica no seu respectivo contexto.

Nesse contexto, a outra possibilidade de ingresso das mulheres no mercado de trabalho seria pelo magistério e como já apontado, precisaria de uma instituição – Escola e um profissional capacitado – professor para instruir e formar esses novos profissionais que ocupariam as instituições, indústrias que ajudavam a alavancar o desenvolvimento prioridade na época. Campus (2007, 148 *apud* LAFER 2002, p.14) traz uma contribuição importante para esse momento, destacando elementos sobre a meta direcionada à educação:

a meta atinente a esse setor, a trigésima, teria se baseado na idéia de que surgiria um ponto de estrangulamento em relação a pessoal técnico, como decorrência do desenvolvimento produtivo engendrado pelo Plano de Metas. Segundo o autor, o intuito da meta da educação era [...] **umentar as oportunidades de instrução nos níveis primário, secundário e superior.** (Grifo da pesquisadora)

Essa oferta destacada irá possibilitar o ingresso de professores no mercado, com medidas de criação de grupos escolares, por exemplo, havia poucas escolas públicas assim como faculdades se tornando um emprego muito difícil até porque em nível de concurso a disciplina (antes cadeira) era vitalícia, podendo o professor repassar para outro. Então, as escolas particulares que antes já existiam como os colégios de padres e freiras, por exemplo, terão presença predominante.

E é nestas escolas que as normalistas entrevistadas que tiveram experiência no magistério irão exercer suas profissões. Tema do assunto seguinte.

6.2 As Escolhas Das Normalistas Entrevistadas nesta Pesquisa

Dos sujeitos participantes desta pesquisa, que eram normalistas, foram entrevistadas 6 (seis) sendo 2 (duas) da 2ª turma e 4 (quatro) da 3ª turma e como já ressaltado em caráter extraordinário se apontará experiências de uma normalista que foram relatadas por seu esposo em entrevista. São as escolhas destas entrevistadas que serão apresentadas nesse momento e, seguindo a ordem descrita, a N1 da 2ª turma optou pelo magistério:

N1 da 2ª. turma – Por isso a mamãe dizia pode fazer qualquer curso, mas depois de professora. Nessa altura as faculdades começaram a aparecer, existia a faculdade de medicina, a Filosofia nos Maristas é tanto que as minhas irmãs quando se formaram como professoras foram logo para a faculdade Marista faziam Letras e Geografia e História (naquele tempo era uma só) e a outra fez Letras. Então seguiram faculdade depois, mas teve sempre aquele pedido da mamãe na frente. É tanto que quando fizemos faculdade todas trabalhávamos como professora. Minhas irmãs trabalharam com crianças, eu já fui trabalhar com pessoas adultas porque a minha escola era isolada e a noite e essa escola era melhor para adultos nessa época.

Fica claro, na fala da normalista, uma tradição das mulheres seguirem o magistério tanto por elas como pelas irmãs ampliando a formação no ensino superior. E aqui vale ressaltar mais uma vez que ser professora significava ser uma pessoa “direita” e aqui se reporta aos conceitos de normas e costumes que também vão ao encontro de uma profissão para “uma moça de família”. Pois, as instituições família e escola tinham como um de seus fundamentos a moral, disciplina que ajudavam a mulher se comportar bem e adequadamente de acordo com a sociedade. Já ao exercer outra profissão, para muitas pessoas esta mulher não era bem vista, tomando como parâmetro este contexto aqui pensado.

Retomando a fala, a normalista aponta que trabalhou com adultos após o término do curso Normal e essa condição está em voga atualmente para os professores em formação que terminam o curso normal respaldado no artigo 62⁸⁵ da LDB nº 9.394/96 (BRASIL, 1996) onde está indicando que as escolas Normais são as responsáveis pela formação inicial podendo trabalhar nas creches, infantil e também nas séries iniciais do ensino fundamental e aqui é contemplado o ensino de EJA nessas primeiras séries desse nível.

⁸⁵ Título VI “Dos profissionais da educação” arts. 61 – 67 trazem normalização para os profissionais da educação, tais como: concurso, formação e valorização da carreira do magistério. LDB nº 9.394/96 (BRASIL, 1996).

Vale também lembrar quando a pesquisadora trabalhava nessa instituição IEC/EN que havia até uma distinção na atual em relação ao currículo (já mencionado) para que o professor tivesse contato tanto teórico como prático, a partir de estágios de observações em escolas específicas nesses 3 (três) campos (educação infantil, ensino fundamental I e EJA) durante o 1º ano e, no 2º, ele já poderia optar por uma dessas áreas de atuação.

Embora o certificado desse direito ao ensino dos 3 (três) e foi extinto em 2009 quando a escola passou a trabalhar com o 1º ano regular, adotando a proposta do governo de Professor Diretor de Turma (PDT)⁸⁶.

Trazendo o depoimento da N2 da 2ª. turma sua opção também foi trabalhar no magistério, corroborando essa ideia, se traz abaixo alguns aspectos pontuados:

N2 da 2ª. turma – quando eu tava fazendo o ginásial meu pai era secretário de educação então quando eu sai do ginásio fui ensinar numa escolinha que tinha perto de lá que era das irmãs o Patronato Nossa Senhora de Fátima. A irmã disse, Rosa (nome fictício) tu não queres vir pra cá não? Ai eu disse assim, quero. Ai fui pra lá como uma brincadeira. Fiquei com os meninos do jardim, depois passei para o 1º ano. Ai foi o tempo que terminei a escola e fiquei lá até me casar. Ainda me casei e fiquei lá dois anos. Foi assim fui professora desse jeito.

A primeira observação que se destaca é que a normalista foi trabalhar em uma escola particular que também era de ensino religioso, fato que vai ao encontro do que se apontou anteriormente.

Outra questão se refere à formação adequada para exercer o magistério e assim, poderia se perguntar: ora, se o curso normal atualmente é a formação inicial para o magistério a partir da lei vigente nº 9.394/96 (BRASIL, 1996) no artigo 62, como a normalista foi convidada para ser professora somente com o ginásio? A partir desta legislação não permite, porém quando se revê a primeira LDB nº 4.024/61 (BRASIL, 1961) na seção “Da formação do magistério para o

⁸⁶ O Projeto Professor Diretor de Turma teve sua origem, aqui no Brasil, por ocasião do XVIII Encontro da ANPAE – Seção do Ceará, no ano de 2007, quando foi apresentada a experiência das escolas públicas portuguesas. Baseados nessa apresentação, gestores educacionais dos municípios de Eusébio, Madalena e Canindé iniciaram um projeto piloto em três escolas. Em 2008, o Projeto é implantado nas 25 Escolas de Educação Profissional. Teve sua expansão, em 2009, para mais 26 Escolas de Educação Profissional, totalizando 51 unidades com o Projeto. Considerando os efeitos positivos da implantação do Projeto, em 2010, a SEDUC promove a expansão para as Escolas de Ensino Regular da rede pública estadual. Disponível em <<http://www.seduc.ce.gov.br/index.php/87-pagina-inicial-servicos/desenvolvimento-da-escola/3257-diretor-de-turma>>. Acesso em 2014.

ensino primário e médio” o artigo abaixo, revogado pela LDB posterior nº 5.692/71 (BRASIL, 1971), especificavam que:

Art. 53 – a formação de docentes para o ensino primário far-se-á:

*a) Em escola normal de grau **ginasial** no mínimo de quatro séries anuais onde além das disciplinas obrigatórias do curso secundário ginasial será ministrada preparação pedagógica.*

*b) Em escola normal de grau colegial, de três séries anuais, no mínimo, em prosseguimento ao grau **ginasial**.*

Dentro dos parâmetros desta lei, a normalista entrevistada poderia assumir a sala de aula do Jardim, como o fez mesmo tendo ou não o conhecimento desta Lei. Mais uma observação mencionada é que se formou na Escola Normal e continuou trabalhando ainda por 2 (dois) anos. Aqui nesse assunto se traz alguns fatores que podem ter contribuído na escolha da saída do magistério, o primeiro, a questão do cuidar dos filhos que era uma incumbência das mães e que também se tornava um impedimento tanto no ingresso no mercado de trabalho quanto na continuidade deste. E muitas das mulheres logo que se casavam ficavam grávidas, pois um dos objetivos era construir uma família.

Em consonância com a lei nº 4.024/61 (BRASIL, 1961) art. 23 “A educação pré-primária destina-se aos menores até sete anos, e será ministrada em escolas maternais ou jardins de infância”. Mas quase não havia possibilidades em escolas públicas e as crianças, na maioria das vezes, somente ingressavam na escola aos 7 (sete) anos de idade.⁸⁷

Outra questão é que mesmo no Jardim da Infância a criança não entrava com idade de menos que 3 (três) anos, diferentemente das creches de hoje que faz parte da educação infantil de 0-3 anos e 4-5 pré-escolas especificados no art. 30 da LDB nº 9.394/96⁸⁸ (BRASIL, 1996) e nos Referenciais curriculares nacionais para a educação infantil (BRASIL, 1998) onde a finalidade da creche não é mais somente o cuidar, mas cuidar e educar a criança, e mesmo assim ainda com poucas ofertas para muita demanda em todo Brasil.

⁸⁷ Esse problema prejudicava, sobretudo, as mães de famílias pobres como também as “solteiras” e que foi vislumbrado no contexto da inserção dessas mulheres no trabalho fabril, sendo primeiro experimentados os cuidados de uma mulher mais velha que cuidaria das crianças enquanto suas mães trabalhavam, porém com as condições precárias em que viviam essas mulheres muitas crianças acabavam morrendo. Posteriormente no final do século XIX tem-se as construções de creches para esse fim.

⁸⁸ Segundo o MEC, até o ano de 2016 é obrigatório aos pais matricular crianças a partir de 4 anos de idade na pré-escola. A alteração foi feita na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) por meio da Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013, publicada no Diário Oficial da União no dia 5. Essa regulamentação oficializa a mudança feita na Constituição por meio da Emenda Constitucional nº59 em 2009.

O último fator que se menciona como possibilidade de incentivo a escolha da normalista de deixar o magistério é a questão do modelo familiar em que elas foram criadas em que o pai mandava e à mulher cabia o cuidar dos filhos, da casa e do marido. Dessa forma, haveria apenas a mudança de quem manda, no caso do pai para o marido.

Na sequência se traz agora as experiências das 4 (quatro) normalistas da 3ª turma. Se referindo à resposta da N1 da 3ª turma, enfatiza-se:

N1 da 2ª. turma – Ensinei pouquíssimo tempo. Porque eu estava só substituindo minha cunhada e depois eu fiquei grávida e também terminou a licença médica dela, aí parei e não fui mais atrás.

Sobre esta fala dois fatos, embora já mencionados nesta pesquisa, são interessantes de serem lembrados neste momento por contribuir trazendo dados que vêm ao encontro do assunto abordado: I) Mostra o momento em que foi tratar dessa substituição na escola e II) Um episódio em relação a avaliação desta normalista.

*N1 da 3ª. turma – um dia estava no colégio das Dorotéias aguardando para falar com a diretora sobre uma substituição de uma professora que eu ia fazer uma inscrição. Então presenciei uma professora chegando e entregando o currículo para a diretora e fiquei surpresa quando ela olhou para a professora e disse: **por que você não fez seu curso Normal na Escola Normal? Lá é que forma excelentes professoras.** (Grifo da pesquisadora).*

Quando se reporta à substituição que assumira como professora e esta fala trouxe uma grande contribuição e também testemunho da tradição da Escola Normal na formação de professoras ratificando a preferência dos diretores pelas professoras formadas nessa instituição. Vale lembrar que a escola em questão também é particular e de ensino religioso.

O segundo, em relação à avaliação da normalista envolvendo seu noivo e um de seus professores da Escola Normal e aqui nesta ocasião se configura uma aproximação de aspectos do magistério e matrimônio:

*N1 da 3ª. turma – meu noivo trabalhava numa concessionária e o meu professor foi lá comprar um carro e quando ele falou o nome dele para meu noivo ele se lembrou que eu tinha um professor com este nome e perguntou se ele ensinava na escola normal. Aí o meu noivo disse que eu (noiva dele) estudava com ele e que estava de casamento marcado (porque ele ia fazer uma argüição e seu estava com medo) então o professor disse que ela tinha que estudar mais ainda, já que queria se casar. Quando meu noivo conversou comigo fiquei com muito medo dele descobri quem eu era e no dia da prova escondi a aliança, mas graças a Deus deu tudo certo. **Só casei um ano depois que me formei.** No outro mês, o que me formei, é que fui me preparar para casar e meu noivo*

também. Tinha uma aluna que ia terminar em dezembro e logo depois se casaram, daí no comecinho do outro ano já estavam casados. (Grifo da pesquisadora).

Desta vez o noivo se apropriou da ideia de se obter privilégio porque a sua noiva se preparava para casar, então se aproveita para sensibilizar o professor, mas pela resposta dele o estudo tinha que vir primeiro e no caso ela teria que ser aprovada para depois pensar em se casar, prevalecendo a postura do professor enérgico e não de outra pessoa qualquer que pudesse dar um jeitinhos na nota e essa condição assustou a normalista que até escondeu a aliança no dia da arguição, com medo de ser descoberta e a prova ser ainda mais difícil. Na fala, ela finaliza que nem iam se casar logo de imediato e que somente se casou um ano depois.

Em relação a N2 da 3ª. turma qual foi sua opção? Queria ser professora, mas alguns percalços impediram sua carreira no magistério:

N2 da 3ª. turma - Eu queria ser professora eu era funcionária da secretaria de educação mas não conseguia uma cadeira pra ensinar. Eu trabalhava na educação e tentei arranjar uma cadeira, mas não consegui, naquela época era muito difícil uma cadeira e muito caro. Eu lembro que eu queria ir mas a minha diretora dizia porque tu quer ir ensinar se aqui tu está ganhando mais um pouquinho do que ser professora? Ai eu me acomodei.

Dois elementos são importantes para serem destacados: não conseguia uma cadeira pra ensinar e a fala da diretora sobre o salário de professora na época. No tocante ao primeiro, já se mencionou da dificuldade de se apropriar desta cadeira, no caso, a disciplina. Ainda analisando a fala da normalista, esta destaca mais aspectos de suas experiências e pretensões:

N2 da 3ª. turma - Ainda dei aula particular e em escola particular no Instituto dos Cegos eu dei aula, tinha aluno em casa. E a minha ideia e de outras amigas era terminar e dar aula e fundar uma escola, mais ai umas se casaram, seguiram outros caminhos e eu me acomodei como funcionária pública. Fiz só o Normal, ainda fiz vestibular pra Direito e Administração mas não passei. Trabalhei na administração da UECE.

Aponta que trabalhou como professora particular e no instituto dos cegos e traz um dado novo ela acrescenta que era a vontade de ser proprietária de uma escola não obtendo êxito. Tentou o nível superior, mas não para área de educação, tendo como um dos fatores que influenciaram na sua opção, a tentativa e dificuldade de ser professora na época e também pelo salário, visto que recebia mais como funcionária pública. Já para a N3 da 3ª. turma:

N3 da 3ª turma - Desde criança eu tive muita vontade de ser professora. Meu pai não queria de jeito nenhum. Ele queria que eu fizesse vestibular pra Direito, queria que eu fosse advogada e herdasse um cartório que ele tinha no interior. Só que depois que eu vim pra cá não quis de maneira nenhuma voltar pro interior, era Várzea Alegre, minha terra natal. Então eu fiz uma promessa a ele que se ele me deixasse fazer o curso normal eu faria vestibular pra Direito contanto que eu fizesse o curso normal. Porque eu queria ensinar ao menos um ano, sabe. Eu era muito ligada a criança e queria ensinar, mas ele tinha aversão ao magistério.

Neste primeiro fragmento enaltece a dualidade do pai em relação à vontade da filha em não querer que esta seguisse o magistério, nessa disputa se observa a postura de mando do pai quando ela coloca “se ele deixasse fazer o curso normal” situação que exemplifica o assunto anterior de uma família patriarcal.

Condição quase impossível de acontecer hoje, do pai ou mãe ditar qual profissão o filho seguirá, e também mínima ainda de que ele seja professor devido a muitas opções de escolhas de profissão em contraponto aos baixos salários e reconhecimento da profissão professor, além dos altos índices de insegurança dentro da sala de aula e no espaço físico da escola e no seu entorno, variando onde essa escola esteja localizada. Esses fatores tendem a ocasionar um distanciamentos de muitas pessoas que compartilham da aversão ao magistério como a do pai da normalista.

Neste momento em que se escreve, também se recorda de uma brincadeira quando criança que vem ao encontro do assunto. Gostava de brincar com colegas a brincadeira “Eu sou pobre, pobre” em que duas mulheres ficavam separadas em dois grupos um de frente para o outro, a pobre tinha várias filhas e a rica que não tinha nenhuma.

Na música se cantava: “Eu sou pobre, pobre, pobre de marré, marré, marré. Eu sou pobre, pobre, pobre de marré deci”. Depois a mesma estrofe era cantada trocando pobre por rica. A rica pede uma das filhas e a pobre pede para ela escolher, depois que escolhe a rica diz o nome da filha, mas a mãe pobre pergunta qual é o ofício que dará a ela? E nas brincadeiras que se participava em todas elas aparecia o ofício de professora. Se as crianças cantassem hoje se considera que teriam poucas chances desse ofício ser mencionado.

Dando continuidade às falas das entrevistadas a *N3 da 3ª turma*, assinalou:

N3 da 3ª turma - Eu fiz o curso normal que na época tinha um vestibularzinho né pro normal. Fiz o curso normal, terminei em dezembro, em fevereiro do ano seguinte eu fiz vestibular e passei. Cursei Direito. Na faculdade eu tinha as notas mais baixas porque eu não tinha o menor incentivo, o menor entusiasmo pra fazer Direito, passei porque Deus quis, pra pagar a promessa.

Ela fez comparações entre os dois cursos e enfatiza a preferência pelo curso Normal. E logo abaixo ela mencionou a experiência que teve como professora, como *N1 da 3ª turma* foi através da substituição:

N3 da 3ª turma - Eu tinha uma vizinha que era professora na guarda civil ai ela foi ter neném e me deixou na substituição sendo que não foi oficialmente. Eu não sei como o estado fazia que ela ajeitou pra ela me pagar, só que quando eu soube que era assim eu não quis aceitar. Porque também nessa época eram 3 meses de licença pra gestante, ai eu ensinei os 3 meses, eram umas crianças tão pequenas que acho que era 1º ano. A escola da guarda Civil era na Padre Valdevino parece que hoje é alguma coisa parece que é um Batalhão de trânsito perto da Solon Pinheiro, por ali. Lá tinha uma escolinha o nome era São Sebastião.

Depois trabalhei na Secretaria de Educação como assessora jurídica, depois de muito tempo eu fui pra Secretaria de Justiça e me aposentei como defensora pública.

Mesmo ela tendo preferência e querendo ser professora, prevaleceu o trabalho na sua formação em Direito que finalizou em 1965, trabalhando na Secretaria de Justiça como assessora e se aposentando como defensora pública. Retornando aos escritos das entrevistas se localizou que ela disse não ter feito concurso e que na época não era preciso, somente por indicação. Outra parte de sua entrevista que corrobora o assunto aqui abordado, no caso o matrimônio, ela pontuou:

N3 da 3ª turma - Tinha uma turma que a finalidade mesmo era terminar pra casar. Eu como tinha prometido ao meu pai de só me casar quando me formar em Direito. Meu marido teve que me esperar da 5ª série ginasial até eu terminar o 5º ano de Direito. Nós namoramos 10 (dez) anos. Ai quando a gente estava terminando o curso normal, muitas falavam em casar e eu ficava pensando eu ainda vou cursar a faculdade.

Neste caso, a faculdade prometida ao seu pai como “credencial” para fazer o curso normal é que protelou o casamento. A última normalista ressaltou as seguintes considerações:

N4 da 3ª turma - Quando terminei o curso em 1960, em 1961 fui lecionar no colégio Tiradentes na Pedro I, escola particular, ensinei no 1º ano, ainda hoje o diretor é vivo Zé Maria Bandeira Barbosa eu vi no jornal de hoje é o mesmo colégio de hoje só que pra preparação pra cursinho de concurso. Era perto de casa eu morava na Tereza Cristina, então eu fui lecionar no Tiradentes no turno da manhã e a tarde eu ia trabalhar na secretaria de educação na Padre Mororó, fiz uma provinha pra entrar. Então eu saía do Tiradentes, passava em casa tomava banho, almoçava e ia pra secretaria. Eu me destaquei muito lá na secretaria, eu fui chefe de seção, secretária da diretora, fui oficial de gabinete. Ai eu já deixei de lecionar. Porque ai eu fui nomeada oficial de gabinete do secretário de educação na minha época em 64, 65 era Dr. José Lúcio de Melo, ainda hoje ele é vivo.

Mais uma experiência no magistério em escola particular, mas não de ensino religioso impedida por um trabalho técnico, embora fosse na Secretaria de educação. Um fato interessante dessa normalista quando estava trabalhando no colégio Tiradentes vale ser mencionado, pois fez diferença na vida de uma aluna sua do primário. Depois que a normalista deixou de trabalhar na instituição, perderam o contato.

Mas o que ela não sabia era que o seu jeito e modo de trabalhar levou esta aluna a se tornar professora e decidir localizar sua professora onde estivesse. O seu marido ajudava nessa procura, enfim quando ela conseguiu o endereço escreveu uma carta para sua professora enfatizando o amor e a influência que ela teve em sua vida. Abaixo segue o início da carta e na íntegra (conforme Anexo A)

Querida professora, não imaginas a emoção que sinto ao escrever esta carta, pois através dela terei a oportunidade de extravasar a minha alegria. Faz muitos anos que fui sua aluna, foi no tempo do “Instituto Tiradentes”, em 1961 quando ainda havia o 1º ano forte, você lembra? Pois sabe professora eu lhe queria muito bem, tanto que nunca a esqueci. [...] O tempo realmente passa muito rápido, pois como você vê, eu tinha apenas sete anos naquela época e já vou completar 53. Gostaria muito mesmo de coração, de um dia ter a oportunidade de revê-la.

Realmente é uma história emocionante e também mostra o lado do professor como um espelho de vida, um “modelo”, no caso, da professora por trabalhar com crianças essa condição se torna mais vulnerável de ser apreendida e não só conhecimentos, mas valores, comportamentos, modos de agir, falar e se vestir, por exemplo. Dessa forma, o professor precisa ter ciência dessa condição. Sobre o assunto na perspectiva de Arroyo (2002, p. 30)

[...] a imagem de professora primária é dominante com traços bastante feitos, onde predomina a competência para o ensino das primeiras letras e contas, mas sobretudo o carinho, o cuidado, a dedicação e o acompanhamento das crianças. [...] Ser professora ou professor é carregar uma imagem socialmente construída. Carregar o outro que resultou de tudo.

Como já anunciado, serão apresentadas as experiências de uma normalista a partir dos relatos de seu esposo, obtidas durante entrevista.

Comecei a namorar com ela já fazia a Escola Normal e depois ela fez outro curso à noite para se especializar, o curso de Pedagogia na UECE. Às vezes eu ia pegar e outras ela ia dirigindo. Ela sempre gostou de estudar ela era uma das primeiras colocadas da turma, os professores dela todos bons e ela se aproveitava com essa vantagem e estudava à noite porque já estava com dois filhos, eu tomava conta dos

meninos e ela ia pra escola à noite no carro mesmo na Belina e eu tomava de conta dos meninos, trabalhava até 5 horas no CTOR. Então ela falava que estudava porque gosta de estudar.

Neste primeiro momento da fala pontua que mesmo ela terminando o curso normal continuou estudando, situação possibilitada também pela ajuda mencionada na fala, elemento que já aponta para um modelo de família mais flexível e que havia ajuda e cumplicidade no cuidar dos filhos.

As amigas dela tinha umas 6 que conhecia a Maria (nome fictício) que você foi na casa dela, era muito amiga dela e todas eu conheci quando ela começou a estudar, depois ela fez a faculdade dela e ela gostava mesmo de ensinar, era uma boa professora. Eu acompanhei muito na escola, porque quando comecei a namorar com ela, tinha 14 anos, estava no 3º ano.

Naquele tempo os professores eram mais “Caxias”, não faltavam de jeito nenhum, tinham amor à escola, ensinavam porque professor nasceu com aquele dom, como a Jasmim (nome fictício) que foi professora porque nasceu com aquele dom pra ser professora.

Além de mencionar sobre a amizade que tinha com as colegas de sua esposa, ele faz uma comparação entre a postura dos professores daquela época com a de hoje ressaltando o compromisso de não faltar e o aspecto da vocação, dom da profissão.

E aqui surge uma brecha para se pensar em como o professor é visto hoje com qual lente se visualiza. A que ele aponta é a do desinteresse e falta de compromisso e que pode ser correlacionado à questão da qualidade de educação nas escolas públicas, assunto recorrente nos debates educacionais atuais. Porém, na busca desta qualidade, estão imbricadas duas das principais reivindicações dos professores: salários e condições de trabalho. Não pode existir uma educação de qualidade sem um professor qualificado. Continuando a citar trechos importantes na fala a seguir, ressalta-se:

Ela falava de uma professora que ela gostava muito e que foi a partir desta professora ela foi pro lado da Psicologia. Ela dava aula no Imaculada no curso Pedagógico e da faculdade. E foi professora do Colégio 7 de Setembro (Centro) no 3º ano.

Como se visitou o colégio 7 de Setembro para pesquisa de dados que foram utilizados neste trabalho na seção “Tradição e Escola Normal” – “O dia 7 de setembro” aproveitou e se pesquisou sobre algum registro da normalista como professora dessa instituição. E se localizou o livro de registro de empregados da época com as seguintes informações:

*Registro de Empregados n° 20
Ginásio 7 de Setembro
Avenida Imperador 1330 – bairro Centro.
Data de admissão: 1º/8/1961
Data da dispensa: 15/julho/62*

A data da admissão mostra que logo que terminou o curso normal e foi trabalhar como professora, mas no ano seguinte já teve dispensa. Em relação a esse assunto, ele enfatizou a conversa que tiveram:

Só tem uma coisa que quando eu casar eu vou perder o emprego porque lá no 7 de Setembro não aceita ninguém casado trabalhar lá. Mas o Dr. Braveza deixou ela continuar, mas ela disse João (nome fictício) eu não vou não, estou grávida. Ela fez um concurso e passou e foi ensinar no 3º ano do colégio. O dr. Braveza disse que a única professora que vai continuar é você porque é uma boa professora.

Mediante esse relato, pode-se inferir que a Escola Normal por sua tradição fez diferença na formação desta normalista uma vez que, mesmo estando grávida, conseguiu ser convidada a permanecer na escola por ser uma boa professora. Também para esse momento se acrescenta o que seu esposo falou anteriormente de que ela tinha o dom, menção que possibilita analisar como o gostar que ela tinha em querer ser professora.

Ainda sobre esta normalista, se apresenta o momento em que ela passa também a ser diretora de sua escola, como assinalado abaixo:

*Era o Instituto padre Frota, na rua Padre Frota, n° 522, no bairro Monte Castelo não. Depois que a gente foi embora para Mato Grosso ela fechou o colégio, porque não tinha como. Era até a 4ª. série era tudo registrado. Depois por um ano ela se tornou coordenadora, foi pra faculdade, professora da faculdade foi pro lado da coordenação, fez o concurso da Secretaria de Educação, já virou uma das promotoras já virou uma das promotoras que tinha lá.
Ela se aposentou, faltava pouco tempo pra se aposentar e trabalhou avulso e pagou e aposentou como professora se aposentou com um salário até mais ou menos.*



Foto 71 – Instituto Padre Frota
Fonte: acervo particular do esposo da normalista.

Na foto está registrado: “Instituto Padre Frota fundado em 1969, Rua Pe. Frota 522. Telefone 23.35.86. Diretora Prof. Teresinha Maciel M. Maia. Cursos: Jardim, Pré-Primário – Primário. 1971”. Essa denominação dos cursos é concernente com a LDB nº 4.024 (BRASIL, 1961). Outro detalhe chamou atenção foi o número de telefone com apenas 3 (três) sequências de 2 (dois) números. Fato que também aponta como indício de pequena quantidade de telefones na época.

Observa-se que o processo histórico de formação para o magistério no Brasil (já mencionado), aconteceu de maneira lenta por decretos e reformas e também pela falta de instituições que proporcionassem essa formação, fatores que ocasionaram muitas dificuldades para ser professor, como uma profissão que tinha reconhecimento, regulamentada e com direitos trabalhistas.

Isso não somente era uma característica na esfera primária, mas também no Ciclo Colegial do Ensino Médio na primeira LDB, atual ensino médio. Essa falta de professores era tão frequente porque as faculdades que formavam esses professores também estavam se instaurando no final da década de 1950, também não havia muitas oportunidades. Exemplo desse contexto está na Lei, Título XIII “Das disposições transitórias”:

Art. 117. Enquanto não houver número bastante de professores licenciados em faculdades de filosofia, e sempre que se registre essa falta, a habilitação a exercício do magistério será feita por meio de exame de suficiência. Revogado.

Art. 118. Enquanto não houver número suficiente de profissionais formados pelos cursos especiais de educação técnica, poderão ser aproveitados, como professores de disciplinas específicas do ensino médio técnico, profissionais liberais de cursos superiores correspondentes ou técnicos diplomados na especialidade. Revogado.

Essa situação ainda não foi resolvida atualmente, no sentido de que ser professor seja uma profissão atraente e que tenha muita procura, embora com a LDB vigente nº 9.394/96 (BRASIL, 1996) e políticas educacionais envolvendo formação, melhoria na carreira em relação aos salários e condições de trabalho tenha avançado desde a o final da década de 1990. Mas se faz necessária uma releitura das políticas vigentes e também mais possibilidades para formação, pesquisa e, principalmente, um salário mais condizente com a profissão.

Na última parte desta seção serão apontados aspectos atuais sobre as vidas dessas normalistas e o que significou para elas estudarem na Escola Normal.

6.3 Aspectos Atuais sobre as Vidas Dessas Normalistas e o que Significou Estudar na Escola Normal

Continuar-se-á a utilizar a mesma estratégia de apresentação da falas das normalistas na sequência e pela turma. Em relação a *NI da 2ª turma* se obteve os seguintes dados de sua vida na atualidade:

NI da 2ª turma - Fui ser professora da universidade, mas terminei o curso de Farmácia Bioquímica. Terminei no Rio e quando defendi minha tese fui convidada pra ser professora lá. Hoje sou aposentada.

Esta normalista, após o seu curso normal, além de fazer um curso de nível superior também permaneceu na carreira do magistério. E quando se falou na entrevista sobre o quanto era importante e o que significou estudar na Escola Normal, ela respondeu:

NI da 2ª turma - eu herdei a importância e significado de estudar na Escola Normal de meus pais porque eles queriam que eu fosse professora. Eles diziam você termina o curso de professora tá com o diploma na mão e tem uma profissão, se vocês terminam o científico ou o Clássico não tem nada, apenas terminou o curso, mas professora naquele tempo era uma coisa muito respeitável.

Nesse momento, a importância e o significado em estudar na Escola Normal estão atrelados ao campo profissional e como a possibilidade de inserção da mulher no mercado de trabalho. Além de ter sido pontuado também que a profissão de professora significava respeito no sentido de reconhecimento dessa profissão.

Vale ressaltar, mais uma vez, sobre esse assunto que para muitos homens, oriundos de famílias patriarcais, esta situação da profissão de professora ser respeitável e muito favorável para a mulher aliada à preparação para se trabalhar com crianças apreendida no Curso Normal tornavam-se fatores importantes e que contribuíam para um prolongamento dos bons costumes e comportamento que a mulher deveria ter diante da sociedade. E, por muitas vezes, justificando até terminar o curso e estar pronta para se casar, ou seja, cuidar da família, marido e do lar. Condição na qual a pesquisadora não se inclui.

Para a normalista 2 da 2ª. turma alguns elementos sobre sua vida forma assinalados com o seguinte teor:

N2 da 2ª. turma - eu quando terminei o curso normal ainda fui ser professora, mas me aposentei como funcionária pública porque o meu pai era diretor da Câmara Municipal de Fortaleza e teve um concurso e fiz e como já trabalhava lá, fiquei por lá.

Embora tenha tido experiência como professora, após o curso ela se aposentou como funcionária pública. E sobre a importância e significado de estudar na Escola Normal, ela enalteceu: *porque já trabalhava desde o ginásio como professora e era importante fazer o curso normal para dá continuidade e a escola Normal era o modelo.* E aqui também se registra a menção à tradição e importância em estudar nesta instituição.

A partir de agora serão mostradas as perspectivas das 4 (quatro) normalistas da 3ª turma e a 1 apontou os dados abaixo sobre sua vida na atualidade:

N1 da 3ª. turma - sou viúva desde os 22 anos, hoje tenho 71 anos. Casei no ano seguinte em que terminei o curso e tive 1 filha e um filho. Tive pouca experiência no magistério e hoje sou dona de casa.

Em relação a importância e significado de estudar na Escola Normal, ela ressaltou:

*N1 da 3ª. turma - Ai no dia do vestibular da Escola Normal ficava todo mundo nervoso na hora da redação, ai eu tirei só 50, tirei 50 em tudo, **mais o importante é que passei porque eu não queria sair de lá, estudei sempre no Justiniano de Serpa.** Meu pai ensinava no Maria Goreti, colégio de freira, ai tinha a irmã Rocha que pedia ao meu pai para eu ir estudar o normal lá. (Grifo da pesquisadora)*

Pela fala da normalista se percebe o desejo desta em querer continuar na mesma Escola Normal fazendo o curso normal para ser professora, mesmo tendo seu pai trabalhando em outra escola onde faria o mesmo curso, se observa o significado e importância da Escola Normal

para essa normalista. Em referência a querer fazer o curso normal e como ela já mencionou que seu pai era professor e influenciou-a para querer também ir para o magistério, embora quando concluiu o curso não tenha tido muitas experiências.

Sobre a normalista seguinte, *N2 da 3ª turma*, era funcionária da secretaria de educação, queria muito ser professora mas não conseguiu. Pensou com algumas colegas em fundar uma escola o que não aconteceu, fez vestibular para Direito e Administração, mas não foi aprovada, trabalhou na administração da UECE e se aposentou como funcionária pública. Quando se perguntou sobre a importância e significado em estudar na Escola Normal ela assim destacou:

N2 da 3ª turma - era uma coisa assim que tinha status, você estudar na escola normal porque a normalista não era quem fazia o normal, mas quem estudava na escola normal.

Era muito boa a escola eu amava aquela escola, eu amava. O meu maior sonho era estudar na escola e consegui estudar.

A escola e o Liceu eram as escolas de alto gabarito de Fortaleza

Nesta fala fica muito claro o que a Escola Normal representava para a sociedade como uma instituição tradicional na formação de professoras e estudar nela era sinônimo se destaque como afirmou a normalista. Para a *N3 da 3ª turma*: queria muito ser professora, mas seu pai era totalmente contra. Queria que fizesse o curso de Direito devido a ele ser dono de um cartório no interior. Ela fez Direito, mas com a condição de também fazer o curso normal. E como ela falou na entrevista:

N3 da 3ª turma - na faculdade eu tinha as notas mais baixas porque eu não tinha o menor incentivo, o menor entusiasmo pra fazer Direito, passei porque Deus quis, pra pagar a promessa. Na faculdade de Direito, eu não gostava de nenhuma disciplina. Foi na faculdade da UFC.

Quando se formou logo seu pai arranhou uma colocação na Secretaria de Educação (na época não precisava de concurso) e trabalhou como assessora jurídica, teve experiência no magistério embora pequena e se aposentou como defensora pública. No tocante a importância e significado em ser aluna da Escola Normal: *então eu tinha um entusiasmo muito grande, eu achava uma maravilha ir pra aula, todas as disciplinas me agradavam demais, me enfeitiçava não sabe.*

N4 da 3ª. turma - Trabalhei como professora no colégio Tiradentes e na Secretaria de Educação. Me destaquei e logo fui mudando de função até que fui nomeada oficial de gabinete do educação na minha época em 64, 65 era Dr. José Lúcio de Melo, ainda hoje ele é vivo. Então me afastei do magistério.

Fiz uma prova para fazer um curso de especialização (nível médio) em Informação e Cadastro na USP no centro de pesquisa lá dentro da universidade. Agente morava lá dentro da universidade, estudava lá. Daí em conheci meu marido, nós começamos a namorar e não voltei mais pra cá (Fortaleza). Ai eu tirei uma licença para interesse particular na secretaria. Foi inaugurado um escritório de representação do governo do Ceará em São Paulo, ai eu trabalhava como assessora e representava o governo do Ceará lá. E eu trabalhava o dia todo porque o escritório tinha que funcionar o dia todo, mas em Fortaleza, na secretaria era só um período.

Formação em nível superior no curso de Pedagogia e Especialização em recursos humanos e didática de ensino:

N4 da 3ª. turma - fiz Pedagogia na universidade particular Ibirapuera que era perto de minha casa. depois eu fiz a pós-graduação especialização em Recursos Humanos e Didática de Ensino. Aposentei-me como oficial de gabinete pela Secretaria de Educação do Ceará.

Mais uma normalista que deixa o magistério e se aposentou como funcionária pública, embora na Secretaria de Educação. A continuação dos seus estudos:

N4 da 3ª. turma - Ainda hoje eu estudo estou no 3º ano na Faculdade Federal de São Paulo, Universidade Aberta sem Fronteiras. O curso lá é o seguinte é dentro do campus, que eu moro do lado, tem a programação e cada mês vem um professor da universidade pra dar aulas Psicologia, Artes, Cinema então cada mês é um assunto e por sinal está começando uma hoje, primeiro dia e já estou perdendo.

Quando se perguntou sobre o significado e importância de ter estudado na escola Normal, ela acrescentou:

A importância pra mim da escola foi uma escola muito boa, aprendi muito, os professores eram de primeira, muito bons, então isso me marcou muito.

Quem não queria estudar ia para as escolas particulares São José, essas escolinhas menores. Então exigia da gente, exigia escrever, se comportar, era muito mais exigente do que hoje. Eu sempre gostei de estudar então eu adorava os professores.

No início até que a gente reclamou porque o outro prédio era maravilhoso, mas o que valia era a tradição da Escola Normal de estudar nessa escola. Eu por exemplo senti um pouco porque aquele prédio era um palacete, com aquelas colunas, mas não me prejudicou em nada na formação porque os professores eram os melhores, por exemplo, Lauro de Oliveira Lima. (Grifo da pesquisadora).

Mais uma fala que explicita e confirma a tese apresentada neste trabalho da tradição da Escola Normal vir em primeiro lugar como uma instituição por excelência na formação de professoras primárias.

Das 6 (seis) normalistas entrevistadas todas tiveram suas experiências no magistério, embora somente uma *N1 da 2ª turma* tenha seguido e se aposentado nessa profissão *N1 da 3ª turma* seguiu se dedicando à família e a casa, e as demais como funcionárias públicas: *N3 da 3ª turma* como defensora pública e as outras três *N2 da 2ª turma e N3 e N4 da 3ª*, como técnicas da Secretaria de Educação. Referindo-se ao casamento, somente a *N1 da 2ª turma* não se casou e as demais dividiram seu tempo com o magistério, outras profissões e suas famílias.

Neste momento em que se apresentou a penúltima seção e com o intuito de situar e resgatar o que foi organizado e percorrido desde o início desta pesquisa, se apresenta o seguinte resumo do que foi abordado: considerações sobre o ensino primário e a formação de professoras, as escolhas sobre os procedimentos metodológicos, apresentação do funcionamento do curso (1958-1960), funcionamento do curso trazendo aspectos administrativos e da estrutura física, ingresso no curso, aspectos pedagógicos: avaliação, prática de ensino, aulas e recurso didáticos, o desfile de 07 de Setembro e a formatura como datas que se tornaram tradição na escola, como também os encontros dessas normalistas após a conclusão que se tornaram uma tradição. Finalizou-se com aspectos sobre o ingresso da mulher no mercado de trabalho, as experiências no magistério e o significado de se estudar na Escola Normal.

Após apresentação deste trajeto, a seguir na sétima e última seção, se mostrarão as impressões e marcas dessas normalistas, sobre o retorno ao prédio da IEC/EN, após 54 (cinquenta) anos de conclusão do curso normal, local onde o sonho de se tornar professora primária pela tradicional instituição de formação de professoras começou e se tornou realidade.



7 RETORNO DAS NORMALISTAS AO PRÉDIO DA ESCOLA NORMAL APÓS 54 ANO



Normalistas no encontro no IEC/EN (11/07/2014)

Estudei e fui formada nesta escola há 54 anos e hoje vim reviver e trazer à tona toda lembrança do meu tempo de estudante. Estou muito emocionada. O encontro foi maravilhoso, o encontro na escola onde estudei, onde revivi tudo, relembrei o meu passado com as minhas amigas que estão aqui. Nos formamos todas juntas e continuamos amigas até hoje

(NORMALISTA 4 da 3ª. TURMA)

7 RETORNO DAS NORMALISTAS AO PRÉDIO DA ESCOLA NORMAL APÓS 54 ANOS

Nesta última seção se tem como objetivo apresentar as marcas e impressões das alunas que estiveram presentes no dia 11 de julho de 2014, participando do encontro no prédio do IEC/EN, instituição onde elas se formaram, pois desde o ano de 1960 elas não tinham mais retornado a esta escola.

Esse fato foi detectado pela pesquisadora durante as entrevistas e se percebeu muito saudosismo e curiosidade em saber quais as modificações realizadas no entorno e dentro do prédio em que estudaram durante os 3 (três) anos de curso e como retribuição de toda atenção, participação que proporcionaram a esta pesquisa se decidiu pela organização de um momento de encontro delas com suas lembranças e histórias nesse prédio e que seria a última seção desta pesquisa.

7.1 Palavras Iniciais e a Chegada das Normalistas

A pesquisadora agendou com a atual diretora do IEC/EN uma visita das normalistas de a esta instituição, explicando que o objetivo era mostrar o que havia sido construído neste prédio após a formatura delas e que este momento faria parte deste trabalho de tese como última seção e que seria filmado e fotografado como registro.

Um fato interessante e que precisa ser enfatizado é que a diretora perguntou se era necessário cuidados especiais pensando na idade das normalistas, o que de fato mostra a preocupação dela em poder receber bem. Mas quando se falou da real situação das normalistas que eram bem-humoradas, não tinham problemas físicos e que todas eram acostumadas à caminhada e diversão, estando bem de saúde.

Ao ouvir tudo isso ficou admirada e aumentou sua curiosidade para conhecê-las, embora a pesquisadora também não conhecesse todas que iriam participar deste momento, mas sabia que tinham aparência e comportamento similares, visto que fazem parte dos mesmos “grupinhos” das normalistas entrevistadas das quais se obteve informações.

Como já mencionado, o evento foi marcado para o dia 11 de julho de 2014 e foram convidadas 10 (dez) normalistas, mas participaram 7 (sete) devido a problemas não puderam comparecer: uma por problema doméstico – encanação de água e 2 (duas) por motivo de doença no momento. Dentre as 7 (sete) participantes 3 (três) foram entrevistadas anteriormente.

A data e o mês foram escolhidos pelos seguintes motivos: mês de férias seria melhor para elas trafegarem na escola e poderem aproveitar melhor, como também porque uma das normalistas, que também foi entrevistada, reside em São Paulo e estaria em Fortaleza na ocasião podendo então participar deste momento ímpar para elas e para a pesquisadora.

Como elas não sabiam mais ir para a instituição foi organizado o trajeto em 3 (três) veículos da seguinte maneira: 5 (cinco) se encontraram na casa de um tia de uma delas no bairro Dionísio Torres e vieram em dois carros (um desses, dirigido pelo esposo da pesquisadora), no outro carro uma normalistas veio dirigindo e outra acompanhando. As outras duas vieram com a normalista de São Paulo e seu esposo que era o condutor do veículo. A pesquisadora já aguardava no IEC/EN com a equipe de filmagem e a diretora.

A pesquisadora chegou ao local às 8 horas e foi direcionando a equipe de filmagem aos lugares do IEC/EN que precisavam de registro e solicitou que a gravação fosse iniciada com os lugares e entrono dessa instituição, que mereciam destaque e proferiu sua fala abordando a importância deste instante do evento para sua pesquisa, como também sobre aspectos da história e relevância dessa instituição para a educação cearense, principalmente, para a formação de professoras para as séries iniciais como mostra em sua fala seguinte:

Eu sou a professora pesquisadora, Helena Marinho, estou aqui no Instituto de Educação do Ceará, atual escola Normal cearense para complementar meu trabalho de Tese de doutorado pela Universidade Federal do Ceará na linha de pesquisa História e Memória, intitulado: "A tradicional Escola Normal Cearense chega ao bairro de Fátima: formação das primeiras professoras primárias de 1958-1960". Nesse momento é um momento histórico porque eu terei o prazer de daqui a pouco acompanhar um grupo de alunas que se formou nesse período de 1958-1960 e se tronaram sujeitos dessa pesquisa. Então hoje é um momento de encontro da história e da memória. Histórias dessas alunas, cheias de lembranças e marcas que vão ser compartilhadas nesse momento, daqui a pouco, através das conversas, grupo focal, através desse momento ímpar, desse momento único muito importante para mim como pesquisadora e para elas que vão ter a oportunidade de retornar após 54 anos ao locus onde elas puderam obter a primeira formação de professoras, ou seja, serem as primeiras normalistas da turma nesse prédio.

Corroborando essa perspectiva de falar sobre a importância do trabalho de tese e também algumas considerações sobre o funcionamento da escola, a diretora também ressaltou na ocasião do encontro:

Bom dia, estou aqui para falar um pouco sobre o trabalho da professora Helena Marinho. Um trabalho que ela está fazendo sobre a escola Normal aqui em Fortaleza. O trabalho dela é de doutorado pela Universidade Federal do Ceará que é um momento muito

importante para a vida dela e saber também que ela está resgatando a nossa história e de qualquer forma da educação do estado do Ceará, a Escola Normal. Hoje também ela está trazendo da pesquisa dela 7 (sete) alunas que entraram na primeira turma (1958-1960). Essas alunas vêm porque estão participando dessa pesquisa dela. Esse momento agora a gente tem de muita importância saber que a professora está trazendo essas alunas para mostrar o quanto foi importante essa história dentro do estado do Ceará.

Na fala seguinte, a diretora continua sua entrevista sinalizando para aspectos relacionados ao funcionamento do IEC/EN:

E hoje os resultados que nós temos durante os 130 anos dentro de nossa educação. A professora Helena Marinho foi nossa professora da casa, hoje está fazendo outros trabalhos, mas nunca esqueceu a casa. É um orgulho da parte dela com essa pesquisa e também a gente se sente honrada em saber que tem alguém que acredita em nosso trabalho. Hoje estou diretora do Instituto de Educação do Ceará fazendo um trabalho de resgate desses alunos. Hoje nós temos 355 alunos fazendo o curso pedagógico dentro do Instituto de Educação, esses alunos assumem as creches da educação infantil de Fortaleza e faz todo um trabalho voltado para a educação infantil.

Mesmo a diretora tendo apontado essa situação atual da instituição, é importante ressaltar alguns pontos citados: I) em relação ao nome do curso, II) ao campo de atuação se restringindo apenas ao âmbito das creches e III) número de alunos matriculados.

Quando se reporta a LDB nº 9.394/96 (BRASIL, 1996) no artigo 62 (supracitado) sobre a formação de docentes ressalta: “[...] admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida **em nível médio, na modalidade normal**”. (Grifo da pesquisadora).

Observando o primeiro ponto se percebe que há um equívoco em relação ao nome do curso que não é pedagógico e sim normal, outro fator que merece destaque e que contribui para o que foi indicado nos pontos 2 e 3 de 335 alunos é que as escolas estão exigindo cada vez mais o nível superior e, dessa forma, contribui para uma baixa procura dos alunos pelo curso normal, fato comprovado no número de alunos que a diretora mencionou como também corrobora para a restrição do campo de atuação somente às creches, deixando as primeiras séries do ensino fundamental tanto para as crianças como para a EJA. Vale destacar que escolas particulares de pequeno porte ainda procuram os professores em formação do IEC/EN para assumirem o magistério

Para o registro desses momentos de história e memória, utilizou-se da filmagem que foi realizada por uma empresa especializada, com duração de 48 minutos (cf. referência ao final deste trabalho). Além desta, tecnologia também se utilizou uma câmera fotográfica. O material gravado foi entregue a cada sujeito da pesquisa, mesmo para as que estiveram ausentes nesse evento, por

serem autores dessa história de formação das primeiras professoras primárias de 1958-1960 no prédio situado no bairro de Fátima.

Após a filmagem de lugares dessa instituição e de momentos da pesquisadora apresentando um pouco da história, ela e equipe se dirigiram para a entrada do estacionamento para o momento especial que foi a chegada das normalistas. Por volta das 10 horas, os carros que traziam as normalistas entraram pelo portão do estacionamento da escola e tanto a pesquisadora quanto a diretora foram recebê-las (esse momento na gravação é embalado ao som da música “Normalista” de Nelson Gonçalves). As fotos a seguir mostram registros deste momento:



Foto 72 - Chegada das normalistas - A
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.



Foto 73 - Chegada das normalistas - B
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

O corpo fala e era impossível não perceber a admiração, alegria, risos, ao colocarem seus pés no chão da escola em que haviam trafegado por 3 (três) anos atrás, há 54 anos é realmente muito tempo. As boas-vindas foram com abraços e muitas conversas todas ao mesmo tempo querendo mostrar algo, se lembrar de algum fato, se admirando com tudo o que viam, enfim foram diversos sentimentos que encobriram as faces de cada uma delas.

A pesquisadora também se emocionou com tanto contentamento, afinal se estava vivenciando momentos de uma história na qual tanto elas como a pesquisadora participaram em função, tempo e épocas distintas da instituição, mas que ali naquele momento as lembranças e memórias se tornavam cúmplices da mesma história. Thompson (2002, p.44) assinala:

A história oral é uma história constituída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só

dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. [...] Propicia o contato - e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a um determinado lugar e a determinada época.

Este sentimento de pertencimento a este lugar, IEC/EN, foi externalizado pelos risos, saudades, alegrias e tristezas. Retornando ao assunto da preocupação da diretora em relação ao estado de saúde das normalistas foi interessante quando a pesquisadora mencionou este fato, as normalistas momento em que sorriram achando muito engraçado, e a diretora também sorriu dizendo que elas eram muito novas e que suas aparências eram exatamente como a pesquisadora havia dito, ressaltando que “elas eram pra frente!”

Dirigiu-se do estacionamento para o portão de entrada da escola que dava acesso ao corredor ou pavilhão onde ficavam as salas de aula e demais dependências da escola, tais como: secretaria, diretoria, coordenação, sala dos professores, auditório pequeno, laboratório de informática e banheiros. Eram muitas novidades para elas, pois no tempo em que elas estudaram não havia quase nada construído. A seguir mostra-se o que elas recordaram e quais as marcas e impressões ao longo desse trajeto que se iniciou na entrada do estacionamento.

7.2 Os Fatos que Foram Destacados pelas Normalistas ao Longo do Trajeto nos Lugares da Escola

Tudo era motivo de encantamento e novidade para elas, pois já pensou se depararem com um prédio com várias modificações, construções que elas não viram no decorrer de sua formação? Foi exatamente o que primeiro foi pontuado: *tudo aqui era só mato, plantas com frutas, não tinha nada disso*. Quando se andava pelo corredor ou pavilhões se apontava algumas placas de bronze afixadas na parede para que elas falassem (placas esta já mostradas neste trabalho).

A primeira foi “Sala Maria de Jesus Cruz Andrade”, sobre esta elas não pontuaram nada recordar, a segunda “Sala Suzana Dias da C. Ribeiro”, disseram que era uma professora, terceira “Sala Prof. Jaime Silva” disseram que não sabiam que não era do tempo delas e na quarta “Sala Profª. Raimundinha M. Cavalcante” disseram que também não recordavam.⁸⁹

⁸⁹ Já mencionado sobre as duas primeiras: orientadora educacional e supervisora, respectivamente. Os dois últimos: ele era do sindicato dos professores e sobre ela não se encontrou registro de ter sido professora no tempo de formação das normalistas (1958-1960).

Continuando esse trajeto, conheceram a sala dos professores e mais à frente pararam em um local que era uma sala de aula que tinha acesso através de duas portas, porém ambas fechadas no momento. Já era o final do pavilhão que se localiza em frente a uma escadaria e logo uma normalista falou alto: *Era aqui a nossa sala de aula!* Como era o mês de férias as salas estavam fechadas, percebendo a inquietação delas se buscou logo saber da possibilidade de se abrir as portas para que elas pudessem adentrar. Enquanto uma funcionária foi providenciar, elas aguardaram conversando, como apresenta a imagem a seguir:



Foto 74 – Grupo de normalistas
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Enquanto o grupo conversa, uma normalista está mais afastada com a mão no queixo em sinal de admiração e reelaboração do pensamento com olhar fixo buscando se recordar. Dentre as conversas do grupo alguns assuntos enfatizados foram: o diretor na época em que estudavam, uma disse que *era a professora Maria Eldair*, outra respondeu: *não foi João Hippolyto, foi ele quem começou e passou para a Suzana Bonfim*. Como já destacados, assumiram a direção: José Teixeira de Freitas (1955-1958), José Sobreira de Amorim (1958-1959), Suzana Bonfim Borges (1960) e João Hippolyto de Azevedo e Sá (1960-1962). Elas tinham razão, mas a ordem foi mencionada ao contrário.

Outro assunto lembrado foi sobre a professora de Educação Física e trazendo um pouco da conversa: *como era o nome dela?* e outra disse *Eldair*, no mesmo instante a normalista que fez a pergunta se lembrou e completou *“Passos”*. Na ocasião, uma delas tinha levado um livrinho de capa vermelha que era o convite de formatura delas e que já foi apresentado algumas considerações quando se reporta ao assunto formatura. Na mesma hora, ela folheou o livrinho em busca de

resposta para a confirmação. Como já informado a professora era mesmo Eldair, - Maria Eldair Barros Sobreira de Freitas, que também foi diretora da instituição (1967-1987).

Uma normalista que estava mais atrás do grupo chega e interrompe a conversa dizendo: *mas vocês não estão se lembrando de uma pessoa espetacular – Lauro de Oliveira Lima. Ah! Lauro de Oliveira Lima!* E mais uma vez o professor Lauro é lembrado como aquele professor que deixou saudades e que fez a diferença. Uma normalista se recordou e apontou para o lugar onde elas faziam ginástica e a foto a seguir mostra esta ocasião:



Foto 75 – Indicação do local de ginástica

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Ressaltou também o fato de ser já no final junto ao quartel do 23º BC, lembraram do futebol, ginástica e também dos soldados que ficavam olhando-as nessa prática da disciplina de Educação Física. E aqui se traz novamente as falas que ilustram este momento:

***N2 da 3ª turma** - a gente ia pra quadra, as quadras eram debaixo das mangueiras e jogava futebol a turma todinha nos intervalos. O pessoal do 23 BC os soldados ficavam tudo nas árvores olhando a gente chamava “os pés dos soldados” que era tanto dos soldados olhando a gente jogar.*

***N4 da 3ª turma** - me lembro (risada) a gente virava a cabeça pra um lado pra outro. Me lembro dos soldados olhando a gente fazer ginástica. Às vezes a gente andava, andava e quase encostava no muro do quartel. Era porque não era uma coisa simples porque a escola era nova, depois melhorou bastante.*

Uma das normalistas, que não participou das entrevistas desta pesquisa, comentou um fato inusitado e que não correspondia ao padrão de disciplina e costumes em que elas deveriam se

formar, mas que faz parte do corpo discente de toda instituição no sentido de se ter algum participante que transcenda ou fuja das regras. Era o caso desta normalista. *Eu era tão corajosa que entrei na sala dos professores, peguei o diário e botei embaixo da blusa e sai para tirar as faltas que era “F”, então coloquei “P” em todo mundo e depois coloquei no mesmo lugar, eu estava reprovada mesmo.* Algumas do grupo reprovavam ela contar esse fato naquele momento e essa postura do grupo corrobora com aquelas normalistas que praticavam as regras da escola e aquela era exceção.

Outro relato da mesma normalista, mas que também contribui para mostrar um pouco de outra possibilidade de comportamento de normalista na época. Ela inventava doenças para sair da escola e ir para o centro da cidade namorar. Colocava as mãos em baixo da água muito fria e dizia que estava passando mal e assim conseguia sua liberação. Esse assunto pode também ser direcionado ao encontro do que é cantado por Nelson Gonçalves na canção “Normalista” (supracitado) em que ela precisa concluir o curso para se casar. E com esta aluna aconteceu exatamente assim que terminou e se casou com o mesmo rapaz da época do curso e não foi ser professora.

A funcionária que havia ido pegar a chave retornou informando que não era possível entrar naquela sala, mas que iria procurar outra limpa, visto que todas as salas de aula eram iguais em sua estrutura, portanto, não teria diferença. Iria providenciar para que elas pudessem conhecer.

Ainda no mesmo pavilhão, depois dessa sala de aula em que todas aguardavam, há uma interrupção devido à construção do auditório, então se tinha dois caminhos: ou virar à direita e ir para o pavilhão seguinte (segundo elas que era o outro pavilhão que tinha sido construído na mesma época em que elas estudaram) ou descer as escadarias e depois retornar ao outro lado do mesmo pavilhão em que se encontravam, optou-se por esta.

Do lugar mais alto da escadaria em frente a sala onde elas estavam podia vê logo abaixo um pavilhão que fora construído depois, mas com salas de aula com o mesmo padrão, porém, atualmente, as salas foram divididas pela metade e funciona o CREACE. (Cf. nota 34).

Ao chegarem à escadaria todas ficaram olhando para o entorno vendo a vegetação de mangueiras e um terreno com plantas de pequeno porte, o próprio pavilhão abaixo construído depois da época delas e como estavam todas nos degraus de cima a pesquisadora se aproxima e diz que onde elas estão muitas turmas tiravam fotos para a formatura. Então, cada uma delas resolveu falar

seu nome e todas mencionarem que elas eram as normalistas pioneiras que se formaram ali naquele prédio. Elas falaram juntas: *3º ano, 3ª turma em 1960. Viva a turma de 1960!*

Outro fato surgido é que uma das normalistas anuncia que é seu aniversário e muitas começam a rir, inclusive ela todas contando e querendo adivinhar a idade. A aniversariante falou: *1960, gente conta ai ...* e ficaram rindo. Aproximou-se do grupo e iniciou-se o canto dos parabéns e depois se a música que fala das bênçãos de Jesus e Maria. Conforme foi registrado nas imagens a seguir. Mais um momento de descontração e alegrias.



Foto 76 – Grupo de normalistas na escadaria
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.



Foto 77 – Parabéns e bênçãos
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Desceram as escadas olhando tudo o que fazia parte do lugar mencionaram *que no nosso tempo não havia nada disso*. Pediu-se que todas segurassem no corrimão para evitar possíveis acidentes, pois a escada é um pouco inclinada. Foi mais um momento de descontração, risadas e todas começaram a falar de suas idades. Já no piso de baixo continuou-se a caminhada e a primeira parada foi embaixo de uma mangueira, onde elas continuaram conversando e seguiram o trajeto. Retornou-se ao piso de cima para mostrar o auditório grande e também a pracinha das normalistas que elas não conheciam.

A primeira direção foi para o auditório grande (já mostrado neste trabalho) explicou-se que foi criado na gestão da diretora e professora Maria Eldair que ocupou a direção em 1967-1987, portanto, 30 anos diretora dessa instituição. Explicou-se que ali era onde aconteciam vários eventos da escola como também algumas solenidades de formatura. Na ocasião, uma das normalistas falou: *a nossa formatura aconteceu na faculdade de Direito*. Como o auditório é aberto de lado ao outro se dirigiu para o lado da Avenida Luciano Carneiro onde termina o terreno da escola.

Uma normalista se recordou de quando vinha para a escola no ônibus e apontando para o lado da Avenida Treze de Maio ressaltou que ele vinha dessa direção e que era na cor marrom e branquinho da empresa São Francisco, que no final da aula ele passava e voltava lotado. Outra se aproximou e perguntou á pesquisadora: onde era a UECE? Explicou-se onde se localizava e aproveitou-se para informar que tanto o terreno da UECE como o do Conselho de Educação era antigamente da escola. E que era possível em ambas instituições ainda encontrar a mesma estrutura de colunas, o piso igual ao da escola.

Sobre essa parte física da instituição, elas pontuaram que ainda se parecia com o do tempo delas pelas plantas de pequeno porte, matos e algumas plantas frutíferas. Mas na época delas não tinha o muro e sim uma cerca de paus e arame farpado. Era um terreno com muita areia. As fotos a seguir mostram a ocasião.



Foto 78 – Grupo de normalistas próximo ao auditório grande – A
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.



Foto 79 – Grupo de normalistas próximo ao auditório grande – B
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Analisando as imagens se percebem a areia, os matos e na foto da esquerda o muro. Já na foto seguinte, além desses elementos que compõem o ambiente físico, a estrutura na cor amarela é a parte de entrada do auditório grande e na parte superior tem o nome da diretora que fundou, homenageando-a, no caso, era Maria Eldair Barros de Oliveira Freitas a mesma que fundou a pracinha da Normalista.

Ainda neste instante de conversa, uma das normalistas lembrou-se de um episódio do tempo do curso que foi a preparação e viagem para o Rio de Janeiro organizado pelo professor José Américo que teve como objetivo mostrar também o trabalho e formação das normalistas para o âmbito cultural e, nesse momento, elas foram apresentar uma peça no teatro onde foram dirigidas e

preparadas pelo B. de Paiva, que era um coreógrafo importante na época. A foto a seguir registra este momento:



Foto 80 – Normalista relatando a viagem ao Rio de Janeiro
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Ela ressaltou que seu papel era fazer as interlocuções dos quadros durante a apresentação das cenas. Ao voltarem para Fortaleza, um jornal da época fez críticas quanto à entonação usada no momento da apresentação por não representar o sotaque cearense. Ela mencionou também que, segundo B. de Paiva, não era possível usar “de” por que o som emitido impedia que as demais pessoas que estivessem mais para trás ouvir som com distinção. Portanto, no teatro era preciso usar a entonação que foi usada por elas. Com mais detalhes abaixo se traz alguns trechos dessa explicação da normalista sobre o evento:

Viajamos pela Panair⁹⁰, nesse tempo ou era essa ou Cruzeiro do Sul⁹¹, sei que nós fomos para o Rio de Janeiro e ficamos hospedadas na Casa do Estudante na Lapa, outra normalista destacou que só uma parte ficou hospedada lá e a outra se hospedou em hotel. Continuou a sua fala: nos apresentamos na TV TUPI e no Jôquei Clube no Rio de Janeiro e

⁹⁰ “A Panair do Brasil foi a maior companhia aérea do Brasil até 1965, quando foi obrigada a fechar as portas no governo militar. A Panair foi uma das pioneiras na rota Brasil-Europa e era reconhecida por sempre buscar o avanço e a tecnologia. [...]O primeiro vôo ocorreu em 11 de junho com um hidroavião Sikorsky S-38. Em 15 de outubro, a NYRBA foi autorizada a voar para o Brasil e em 23 de dezembro foi inaugurada a rota Rio de Janeiro - Buenos Aires”. Disponível em <<http://www.aviacaocomercial.net/panair.htm>>. Acesso em setembro de 2014.

⁹¹ “A poderosa Lufthansa em 1927 começou a criar subsidiárias ao redor do mundo para sustentar sua rede de rotas e uma destas subsidiárias se chamava Sindicato Condor, que viria a operar no Brasil. Vale lembrar aqui, que esta foi a primeira companhia aérea a operar no Brasil. A grande operadora de aviões Junkers, com a explosão da segunda guerra, veio a ser nacionalizada trocando o nome para CRUZEIRO DO SUL. Seu presidente na época era José Bento Ribeiro Dantas e o seu fiel escudeiro Leopoldino Amorim”. Posteriormente comprada pela Varig”. Disponível em <<http://www.avioesemicas.com/cruzeiro-do-sul-heranca-lufthansa-no-brasil.html>>. Acesso em setembro de 2014.

aqui nos apresentamos no teatro José de Alencar. Eu fazia a parte das interlocuções entre os quadros que eram apresentados. B. de Paiva como tinha passado muito tempo no Rio de Janeiro, ele tinha então toda equipe, ele era de teatro, a esposa era bailarina e ele foi quem organizou quem ia falar, a expressão do corpo. Eu declamei a poesia Telha de Vidro da Rachel de Queiroz que era sentadinha em uma cadeira (então ela fez o gesto das mãos sobrepostas).

Sobre as críticas do jornal cearense da forma como as normalistas se expressaram durante a apresentação, ela pontuou:

Sei que no dia seguinte o jornal criticou muito porque tudo o que a gente falava a dicção era “de” e “e” e não dizia “di”, “u”. Era “de”, “do” tudo tinha essa conotação do som. Mas foi uma crítica danada porque esse não era o sotaque do Ceará, no Ceará não tem esse sotaque. Mas o B. de Paiva na hora dizia que tinha que ser daquela forma porque no teatro você não escuta se você falar “di”.

Seguiu-se para a Pracinha da Normalista e se explicou alguns aspectos sobre a história dessa praça, mas para elas, era novidade. Ficaram encantadas com o espaço, as plantas e também com o monumento que está no centro dessa praça – a águia ou fênix (conforme fotos nº 25 a nº 28). Nesta ocasião, ficaram posicionadas em círculo e ressaltaram a importância de estar ali naquele lugar vivenciando muitas lembranças, histórias e memórias.



Foto 81 – Pesquisadora e grupo de normalistas na “Pracinha da Normalista”

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Primeiro se falou um pouco sobre este lugar enfatizando que a pracinha foi fundada em 22 de março de 1974, data de comemoração ao dia de aniversário da escola, tomando como data o funcionamento da escola ter iniciado em 1884, assim, na época estaria festejando o 90º aniversário da escola e, atualmente, em 2014 ela tem 130 anos. Uma delas se admirou com a data e disse “É

mesmo?” Algumas não sabiam que a escola em que estavam naquele momento era a mesma escola desde que iniciou, pois se lembravam mais do prédio da Praça Filgueiras de Melo, mas devido às mudanças de endereços e também às variações de nomes se torna confuso saber que é uma só escola.

Explicou-se sobre o trajeto por onde passou a escola desde o seu primeiro endereço (Praça Marquez de Herval) até o último prédio (Praça Filgueiras de Melo) até que no ano de 1958 a escola sai deste endereço e chega ao Bairro de Fátima. Uma reforçou o que se disse: *então, ela já veio de lá*, outra fala: *ah! Ela é centenária!*. Uma se aproximou da pesquisadora e perguntou: *o que ficou lá naquele prédio da Escola Normal anterior*, a pesquisadora responde que ficou o Colégio Estadual Justiniano de Serpa, nos dias de hoje trabalhando como escola de ensino médio em tempo integral.

Sobre experiências nesse endereço, algumas normalistas sinalizaram: *eu fiz o primário lá*, uma completou: *aqui no nosso tempo a diretora do primário era D. Albaniza*; outra: *eu fiz o Exame de Admissão*, outra complementou: *lá também tinha o Normal e a escola de Aplicação*.

Nesse momento, abordou-se um pouco do assunto concernente ao estágio das normalistas, de sua importância para a formação e também de como elas vivenciaram essa prática no tempo de seu curso. Elas se recordaram de que não havia sido construída uma escola específica para prática de ensino que elas fizeram em uma sala de aula no mesmo espaço da Escola Normal, isto é, naquele prédio onde todas estavam naquele dia 11 de julho de 2014.

Após essas explicações, elas começaram a falar sobre o que estavam sentindo naquele momento e nas falas se percebe o teor de gratificação, emoção, contentamento de estarem juntas naquele momento revivendo lembranças e memórias acontecidas no mesmo prédio onde estavam há 54 anos e se tornaram as primeiras professoras formadas, nas falas a seguir se traz fragmentos dessa conversa:

A gente está se lembrando que há 52 anos, (todas as demais interrompem e corrigem não, há 54 anos) e a mesma normalista que iniciou a conversa complementa: “é muito tempo”. A pesquisadora complementa: muitas histórias e memórias.

A emoção é muito grande, estou muito feliz. Nessa época há 54 anos nós estávamos aqui estudando e esperando a formatura”.

Muitas graças, devemos agradecer esse momento. A pesquisadora completa: com certeza. Outra normalista disse: “exatamente”.

Uma delas se lembrou de colegas da turma que não estavam ali e, também, de mais especificamente de uma que havia falecido por ser esta integrante do grupinho delas (o esposa dela foi entrevistado). Conduziu-se o grupo para o outro pavilhão que seguia o mesmo modelo do anterior, ou seja, com salas e demais dependências da escola. A mesma dinâmica do reconhecimento de nomes de pessoas através das placas afixadas nas paredes foi continuada.



Foto 82 – Normalista apontando a placa

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

A placa acima tinha o nome “Raimundinha Maciel Cavalcante” elas apontaram de impulso que era da tia de uma das normalistas da sala ao qual se referiram a pouco (*in memoriam*), mas imediatamente veio outra observação apontando que o parentesco era irmã e não tia; outra normalista ressalta que ela era professora de Português, mas que não se localizou como sendo da turma delas. E prosseguiu-se a caminhadas pelo pavilhão ou corredor, como mostra a foto abaixo:



Foto 83 – Grupo de normalistas e pesquisadora no pavilhão 2

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Parou-se em frente ao portão de metal cinza e se explicou que no outro lado era a escola de ensino profissionalizante Juarez Távora, mas que após a formatura delas devia ter sido construída naquele local a escola de Aplicação ou Modelo (ressalta-se que se localizou a placa com a indicação, mas que não existia mais no local não se tendo informações de seu destino) onde as normalistas faziam sua prática de ensino ou tirocínio que antes fazia parte da Escola Normal. Atualmente não fazia mais.

No percurso, a placa seguinte afixada na parede tinha a denominação “Museu prof. Dias da Rocha”⁹² e a pesquisadora perguntou se alguém se recordava de algo sobre o nome descrito na placa e elas disseram que não havia museu na época delas e uma falou: *não tinha era nada e todas saíram rindo*, outra destacou: *olha não tinha cantina era um pedacinho de nada*. Pelo o que se pontuou na nota em referência a Dias da Rocha, coincidentemente ele faleceu no ano em que elas se formaram.

Sobre o museu, a pesquisadora quando realizou seu estágio do curso de Especialização em Gestão Escolar nesta instituição (2000), se visitou a sala onde havia peças como: animais empalhados, pedras, plantas etc e quando foi trabalhar nesta instituição como docente (2004-2010) essas peças foram doadas para o Museu do Ceará pela diretora, em 2008, pelo motivo de que a escola não tinha como conservar as peças. Em uma das visitas do projeto que se fazia com as turmas aos lugares onde funcionou a Escola Normal, se passava também no museu e procurou saber das peças, mas estavam aguardando reparos.

A placa seguinte “Biblioteca Prof. José Teixeira de Freitas” a pesquisadora explica que ele era o esposo da diretora e professora Eldair e elas se lembraram bem dela. No trajeto se mostrou um banheiro e elas logo disseram que era diferente, pois o do tempo de 1958 era bem pequeno e estreito. E, por coincidência, se tem uma foto sobre esse momento como mostra o detalhe do lado direito da placa do banheiro.

⁹² “[...] Dos pioneiros do estudo e reconhecimento dos recursos naturais do Ceará. Cofundador e um dos primeiros professores da Escola de Agronomia, publicou vários trabalhos sobre botânica, enumerando centenas de espécies nativas e cultivadas, de efeito terapêutico. É atribuída ainda a Dias da Rocha a descoberta da Janaguba, indicada em importantes tratamentos médicos. Com muito esforço, reuniu peças representativas da antropologia, flora, fauna, minerologia e geologia do Estado. Uma vida inteira dedicada à pesquisa, ao ensino e à ciência”
Quanto ao museu, parte do acervo foi destinado à Escola Normal Justiniano de Serpa. O professor Dias da Rocha faleceu em Fortaleza, no dia 26 de julho de 1960, aos 91 anos de idade. Seu nome foi dado a uma das ruas do bairro Aldeota, por iniciativa do historiador Raimundo Girão, então secretário de Cultura do município. (ARAUJO, 2010) a partir de texto de autor desconhecido encontrado no IEC/EN em 2005.



Foto 84 – Pesquisadora e algumas normalistas em Frente a entrada do banheiro feminino

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Elas ressaltam que não era assim não e que na época delas *era mais estreitinho e se entrava pela lateral*. A última placa de metal bronze desse pavilhão trazia o nome “Sala funcionária Ma. Socorro Reis” e sobre esta placa a pesquisadora nem as normalistas tiveram informações. Nesse momento, se distanciou um pouco do grupo, para que elas conversassem e ficassem um pouco à vontade.

Quando todas se juntaram em um só grupo novamente, elas continuaram conversando e uma delas, a que “pegou o diário do professor” e que “dava um jeitinho para ir namorar”, se lembrou de um fato inusitado que aconteceu em sala de aula e iniciou sua fala:

Um professor com uma calça descosturada aqui e apontou para trás. Uma delas disse: “menina está filmando!” Mas ela disse mais foi o que aconteceu e continuou. Ai ele entrando posudo e olhava assim pra gente, parecia que estava olhando não sei nem pra que. Ai começou a passar a aula e começou a escrever na lousa e foi chegando em baixo e o rasgão da calça aparecendo, ai a gente se acabando de rir ai ele virava e a gente engolia. Acho que ao chegar em casa que viu o rasgão é que veio saber o porque de nossas risadas.

Mesmo com a ressalva de uma das normalistas para que não contasse esse acontecimento, ao finalizar sua fala, algumas das normalistas deram risadas como mostra a foto a seguir caracterizando mais um momento de descontração e alegria do grupo.



Foto 85 – Grupo de normalistas – descontração
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Analisando esta fala, percebe-se novamente o confronto entre o uso dos costumes e da moral quando a normalista fez a observação “menina está filmando” e do outro um modo de ser mais liberal e descontraído. Outro fator mencionado que merece ser apontado era a postura do professor em relação à turma enfatizando o distanciamento entre o professor aquele que “sabe” em relação ao aluno – aquele que não tem luz no sentido de conhecimento e precisa estar abaixo do professor. Concepção extremamente tradicional, mas e contraponto se teve no quadro docente professores com posturas e estratégias distintas dessa concepção, como foi o caso do professor. Lauro de Oliveira agora há pouco lembrado por todas com muito fervor e entusiasmo.

Continuando a caminhada pelo pavilhão ou corredor, a última indicação afixada na parede e essa diferente por não ser uma placa de metal e sim pegando parte da própria parede, anuncia a área de saúde em que o homenageado é o professor João Hippolyto de Azevedo e Sá, conforme foto a seguir:



Foto 85 – Grupo de Normalistas - Indicação da
 Área de Saúde e João Hippolyto de Azevedo e Sá
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Uma normalista diz que *ele era meio odiado porque era muito enérgico*. Como já mencionado nesse trabalho, ele foi diretor da instituição por 3 (três) vezes: 1914-1934; 1939-1951 e 1960-1962. Era médico e conhecido como muito disciplinador, prezava pela moral, bons costumes e comportamento das normalistas.

A última parada neste pavilhão foi no Laboratório de Ciências e, ao entrarem, falaram novamente no *nosso tempo não tinha nada disso aqui* viram o material para experiências, corpo humano, microscópio, frascos, imagens, esqueletos, dentre outros: Tudo novo para elas e logo que entram, se percebe as feições de admiração, como sinalizado nas fotos a seguir:



Foto 87 – Grupo de normalistas no Laboratório de Ciências - A
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.



Foto 88 – Grupo de normalistas no Laboratório de Ciências - B
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Retornou-se ao pavilhão anterior para que elas pudessem conhecer os lugares por onde ainda não haviam passado no começo do trajeto. Entraram no outro laboratório, só que este era de informática. Ao entrar, elas também falaram que recursos tecnológicos era que não tinha mesmo no tempo delas. Conforme foto abaixo:



Foto 89 – Grupo de Normalistas no Laboratório de Informática
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

No momento dessa visita, como era no mês de julho, alguns computadores estavam em manutenção e também o espaço físico não estava organizado com os objetos todos em seus lugares. Elas observaram e também conversaram sobre a importância do computador, mas também apontaram para o assunto amizade, e conversas presenciais dizendo que hoje era mais difícil também por causa do computador, e uma delas mencionou: *as pessoas quando se sentam à mesa cada um liga seu telefone celular e ficam mandando mensagem como se não tivessem juntos ali naquele momento.* Outra também fala: *e também com o casal cada um liga seu tablet ou celular na mão e quase nem se falam.*

Concorda-se com as normalistas e compartilha-se das mesmas observações e também, por várias vezes, ter se deparado com situações similares em que as pessoas são dominadas por esses recursos tecnológicos e não conseguem se afastar mesmo em momentos de união presencial com família e amigos.

Ao lado desse recinto se localiza a secretaria; elas também puderam entrar e conhecer esse ambiente. Como em todo lugar era motivo de comparações com o que haviam conhecido e funcionava em 1958-1960. Assim, elas também destacaram que a entrada no tempo delas era em outro lugar do que é usado atualmente e que era bem menor antes, mas que funciona no mesmo lugar. Veja fotos a seguir:



Foto 90 – Grupo de normalistas na secretaria - A **Foto 91** – Grupo de normalistas na secretaria - B
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.



Na foto da esquerda, captou-se o momento em que a normalista apontava para o chão em referência ao tamanho da secretaria dizendo que na época era somente até o limite em que ela apontava, portanto, quase metade da área da secretaria atual. Outra observação foi em relação à porta de entrada que continuava a mesma, conforme também mostra a foto da direita. Retornaram a falar dos recursos tecnológicos atuais quando viram uma máquina copiadora, ar-condicionado e telefones, confirmando mais uma vez que nada existia no tempo delas.

Ressalte-se, quando a pesquisadora era docente desta casa (2004-2010), a secretaria não funcionava no local atual e que era o mesmo da turma das normalistas. Localizava-se bem próximo à sala dos professores e no local onde funcionou a secretaria, atualmente funciona a coordenação e na sala seguinte a direção.

Outro detalhe que se percebe ao fundo das fotos (mais destaque na direita) é um móvel com a imagem de Nossa Senhora e um livro aberto que é a Bíblia. E desde que se trabalhou nessa instituição se percebeu essa devoção mariana na escola por parte de muitos integrantes da comunidade escolar e também, no mês de dezembro havia a “armação do presépio”, em comemoração à festividade natalina. Fatos que mostram a importância e resquícios da influência da religião católica ainda presentes nas escolas.

Seguiu-se em direção ao próximo lugar. Lembram-se de que anteriormente elas não puderam entrar na sala de aula porque estava fechada? Mas que teriam a oportunidade de conhecer outra? Então, a funcionária avisa que a sala de aula próxima onde se estava poderia ser visitada por já estar limpa e organizada. Este momento, que ora se segue, se tornou um dos mais emocionantes senão o mais importante dos lugares que elas visitaram em todo o trajeto, vejam por que através das fotos seguintes e observações apontadas:



Foto 92 – Grupo de normalistas na porta da sala de aula

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.



Foto 93 – Grupo de normalistas entrando na sala de aula

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

É isso mesmo a sala de aula! Na foto da esquerda se percebe uma das normalistas apontando e o objeto foco era a outra porta da sala e falou: *pessoal nossa sala era esta e aponta para a porta comparando-as com as da sua sala, ressalta também os basculantes, piso e até a pintura das paredes com uma cor bem clarinha*. Na foto seguinte, elas já entram para sentar nos lugares onde sentavam durante o curso.

Como já assinalado, todas as salas de aulas desses dois pavilhões (e que elas confirmaram que eram os que tinham construídos na época) tinham a mesma estrutura física, com 2 (duas) portas que davam acesso tanto a sala quanto ao pavilhão. E no outro lado da parede (em frente a que tem as portas) ficavam os basculantes como já mostrado nesse trabalho. Dessa forma, não se tem certeza de que aquela sala era realmente a que elas estudaram.

A sala visitada tinha como diferenças os ventiladores, a decoração e, sobretudo, as carteiras que antes eram de madeira na cor escura e as que vemos na imagem são de plástico nas cores azul e branco “gelo”. Mas um detalhe se observou foi que elas nas conversas disseram que no tempo delas era também uma “mesinha com uma cadeira” e dessa forma, era similar as que estavam ali naquele momento.

O fato é que esse momento foi carregado de emoções, conversas e elas quase não queriam sair daquele lugar. Apontavam para as carteiras e, nesse momento, mencionavam que havia um lugar determinado para cada uma delas sentarem porque seguia-se a ordem alfabética. Foram se lembrando dos nomes das colegas e mostrando as carteiras, instante em que todas também iam se

recordando e complementado os nomes, tirando as dúvidas quando era mencionado um lugar e um nome errado para ele.

No tocante a esse assunto, uma normalista se lembrou de um fato interessante quando pontuou que *meu nome não se iniciava com a sílaba “No” e sim “Na”, mas como estava errado tive que me sentar por vários dias mais atrás e também tive que ouvir meu nome pronunciado errado por professores e colegas.*

O momento mais emocionante foi quando todas se sentaram em seus lugares na mesma ordem a qual se sentaram durante os 3 (três) anos de curso e foram muitas conversas, lembranças e memórias de professores e colegas. Conforme foto abaixo se percebe que se tem apenas 2 (duas) normalistas de pé, pois estão mostrando práticas de professores. Como é o caso da que está com os braços para trás enfatizando um momento de vitória de um professor na hora da prova e também mencionou que era uma prática também para verificar se as normalistas estavam fazendo a atividade.



Foto 94 – Grupo de normalistas na sala de aula

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

A pesquisadora esteve o tempo todo dentro da sala na frente próximo a equipe de filmagem e lá neste local tinha o quadro hoje branco e que elas também mencionaram que na época era o quadro e giz, observando as conversas, emoção e, principalmente, quando uma delas se sentou na cadeira, no mesmo lugar e percebeu-se a emoção que foi transmitida pelos seus gestos e semblante e permaneceu sentada por um bom tempo pensando, embora todas tenham sentado em seus lugares mas conversavam também e não se captou as impressões como ficou registrado, as impressões daquela normalista.

Depois se dirigiu para o último recinto que foi o auditório pequeno (nomenclatura adotada em contraponto ao auditório grande e aberto) que tem capacidade para aproximadamente 80 (oitenta) lugares. Abaixo um registro dessa visita a esse lugar:



Foto 95 – Grupo de normalistas no auditório pequeno

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Ao sentarem nas cadeiras modelo “palhinha” diferente das usadas em muitos auditórios “estofados”, elas conversam e uma delas folheiam o “livrinho” já mencionado que foi o convite de formatura delas com objetivo de tirar dúvidas sobre nomes de colegas e professores. Vale ressaltar que nesse auditório tinha um televisão, *DvD* e o espaço da frente mais alto.

A pesquisadora por várias vezes esteve nesse lugar trabalhando com filmes e, sobretudo, no evento de apresentação dos trabalhos das professoras em formação sobre os estágios de final de curso (4º ano) onde se tinha como ponto principal o período da regência que acontecia no mês de outubro, já enfatizado neste trabalho. Que saudades! Ela mesma veio chamar as normalistas para que todas seguissem para a sala dos professores que seria servido um *coffee break* e depois seria finalizado este evento com as impressões e marcas que elas tiveram durante o trajeto.

7.3 Socialização de Impressões e Marcas das Normalistas sobre o Encontro

Após o *coffee break*, que foi mais um dos momentos de alegria e descontração, a pesquisadora e as 7 (sete) normalistas se sentaram para o início de uma conversa em que elas iriam socializar suas impressões e marcas sobre aqueles momentos vivenciados durante o percurso nos lugares da escola em que estudaram há 54 anos. Conforme foto a seguir:

A pesquisadora explicou que cada uma poderia falar sobre o que tivesse marcado esse evento deixando livre para se expressarem. Então ficou acertado que cada uma iria dizer seu nome, porque se estava gravando e filmando, e depois acrescentaria seu depoimento. Na fala da primeira normalista:

N4 da 3ª. turma-Estudei e fui formada nessa escola há 54 anos e hoje vim reviver e trazer à tona toda lembrança do meu tempo de estudante. Estou muito emocionada. O encontro foi maravilhoso, o encontro na escola onde estudei, onde revivi tudo, relembrei o meu passado com as minhas amigas que estão aqui. Nos formamos todas juntas e continuamos amigas até hoje.

Percebe-se, nessa fala, um teor de saudades do tempo de estudante que ela vivenciou nessa instituição, como também ela enfatiza a amizade que continua até os dias atuais, assunto já ressaltado neste trabalho. Reportando-se às entrevistas, se localizou uma fala desta mesma normalista sobre o tempo do curso e que vem ao encontro desta fala ora mencionada:

Olha era muito gostoso um tempo maravilhoso porque eu já vinha com amigas do ginásio todas elas que já eram do ginásio então a gente já tinha um grupo formado. Então nós não sentimos diferença nenhuma foi uma passagem que não houve diferença porque nós já tínhamos várias amigas na turma e era muito bom porque a gente descia lá na Treze de Maio vinha andando, brincando, chutando as coisas, às vezes chovia, tinha lama, as vezes tinha vacas passando no meio e as vezes tinha um motorista quando tinha muitas alunas o motorista entrava e ia deixar a gente na porta da escola mais isso cedinho, depois ele não entrava não.

Dando continuidade às falas a próxima normalista, já emocionada com o depoimento da primeira, assim se manifestou:

N2 da 3ª turma - Olha vou falar muito pouco porque sou muito fraca e gosto de chorar. Primeiro quero agradecer a Deus por esse momento que é uma vida. Agradecer a professora Helena (pesquisadora) e as minhas amigas que estudaram aqui. Foi um momento excelente de muita paz, muita harmonia e compreensão, de muita amizade.

Como se estava em círculo, seguiu-se a mesma rota que se iniciou do lado esquerdo e a terceira normalista, no seu depoimento trouxe os seguintes elementos:

Fiz parte desse grupo há 54 anos, ainda faço parte porque ainda nos encontramos, tinha ficado um tempo fora de Fortaleza e só a pouco tempo estou de volta. A colega teve essa ideia de nos trazer através do trabalho da Helena e nos procurou para participar desse encontro.

Esclarecendo esse primeiro momento de fala é importante explicar que essa era uma das normalistas que a pesquisadora não conhecia e não teve a oportunidade de entrevistar até porque como ela mesma coloca, não estava em Fortaleza. E a colega a que se refere é como se fosse a “líder do grupo”, no assunto de organização de encontros entre elas. Continuando ainda na mesma fala anterior:

E realmente é muita emoção você passar por aqui e lembrar que esteve há 54 anos no auge da sua juventude, com todo gás e hormônios à flor da pele. Então foi assim muito gratificante participar desse grupo hoje aqui e lembrar de todos esses momentos alegres, engraçados e tristes também que a gente passou algumas coisas ruins durante o tempo em que a gente esteve aqui.

Na fala, ela ressalta que lembrou dos momentos tristes, alegres, engraçados e ruins, mas que o momento foi gratificante por permitir esse encontro com essas lembranças. A normalista seguinte

N1 da 3ª. turma - Também estudei na mesma época e hoje com muita saudade, com muita saudade mesmo, mas estou feliz por está perto delas, porque hoje é muito difícil amizade, e também difícil a gente se encontrar sempre e através do trabalho da Helena que ela me ligou e desde ali a gente tem conhecimento dela, que é uma pessoa muito legal, muito boa e eu espero daqui pra frente não perder mais de vista nem a amizade.

Esta foi a primeira normalista com quem a pesquisadora teve contato. Quando se encontrou o convite de formatura no jornal (fato já relatado) e se telefonou para os números informados foi ela que atendeu e se teve o primeiro contato, embora via telefone, com uma possível entrevistada. Expliquei um pouco do trabalho e perguntei se poderia ir a sua residência ou em outro local que ela marcasse para se ter uma primeira conversa. Encontro que aconteceu logo em seguida e ela se tornou a primeira entrevistada desta pesquisa. No momento de sua fala ainda há pouco apresentada, ela olhava bastante para mim. Na fala seguinte, a normalista ressaltou:

Passei os 3 (três) anos ligada a essa turma e sinceramente estou muito emocionada por ter visitado a sala e ter sentado no lugarzinho que eu sentava todos os dias nas aulas.

Revedo o material da filmagem se recordou que essa mesma normalista foi a que mais chamou atenção da pesquisadora na hora da visita na sala de aula, recorda-se que ela foi a que ficou mais tempo sentada, pensativa. Que também foi a mesma que primeiro entrou na sala e apontou para carteiras e também para a porta da sala, fato já mencionado. Aqui nesse momento ela confirma em

sua fala que o principal lugar para ela visitado e o momento que ela guardou dessa visita foi a sala de aula. A outra normalista assim se pronunciou:

Em primeiro lugar quero agradecer a Helena que foi um presente que ela nos deu e principalmente para mim no dia de hoje estou aniversariando.

Uma delas diz: *Que beleza!* Outra pergunta: *Quantos anos?* Continuando sua fala ela responde:

Não precisa nem dizer é só somar 54 anos com a idade que eu tinha na época do curso e finaliza dizendo que tem 30 (trinta) anos. Eu quero agradecer em primeiro lugar a ela (Helena –pesquisadora) porque reconheço o esforço que ela fez que até pra falar comigo é difícil.

A seguir, na última fala, a normalista assim se expressou e destacou as palavras que ora se escreve:

Eu agradeço muito a professora Helena com esse maravilhoso trabalho que ela está fazendo. Esse encontro que ela nos proporcionou com essas colegas e amigas que a gente conhece há tanto tempo e fica a vontade e se sente realmente feliz. Estamos muito felizes. Até a gente nem acredita mesmo e fica assim dizendo meu Deus será verdade? Será que eu morri e acordei e enviuvei de novo? (Todas sorriram). Porque é uma novidade, é uma sensação tão agradável que valeu a pena.

Após ouvir todas essas e de estar também muito emocionada foi sua vez de finalizar esse momento, enfatizando:

Depois de tudo isso que vocês falaram, que vocês apresentaram eu não tenho mais nada a dizer e só agradecer por vocês terem participado de minha pesquisa e de eu ter podido conhecer um pouco de cada uma de vocês. Inicie as palmas e todas fizeram o mesmo gesto, depois se complementou muito obrigada!

Ainda todas emocionadas, a pesquisadora acrescentou que para finalizar aquele momento tão especial iria fazer a leitura de parte da poesia de Fernando Pessoa que é a epígrafe desta Tese:

Sim, sou eu, eu mesmo, tal qual resultei de tudo, espécie de acessório ou sobresselente próprio. Arredores irregulares da minha emoção sincera, Sou eu aqui em mim, sou eu. Quanto fui, quanto não fui, tudo isso sou.
Quanto quis, quanto não quis, tudo isso me forma.

Ao final acrescentou: *isso faz parte da nossa vida, da nossa história.* E novamente mais palmas.



Foto 96 – Palavras finais

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Este encontro deixou marcas e impressões que todas as normalistas e a pesquisadora vão guardar em suas lembranças por ter sido um instrumento incentivador das lembranças e memórias que elas vivenciaram no mesmo prédio há 54 anos e que naquele momento se uniam passado e presente. Bosi (1994, p. 46) aponta que a

memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pelas memórias, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (Grifo da autora)

Enfim, esses momentos permitiram que as gavetas onde se guardavam várias lembranças fossem trazidas à tona pela memória. Foram vários sentimentos que se afloraram e tornaram este acontecimento único de encontro da história, lembranças e memórias dessas normalistas, que com muito orgulho, foram as professoras primárias pioneiras que se formaram em 1958-1960 nesta tradicional instituição no prédio do Bairro de Fátima. A seguir, algumas Considerações Finais que procuram resumir o que foi abordado nesta pesquisa.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de educação escolar no Brasil se iniciou de forma ordenada, por via da Companhia de Jesus, no processo da colonização, porém a serviço da minoria da população. A partir desse contexto muitos problemas foram ocasionados permanecendo como uma herança ainda presente na atualidade: analfabetismo, professores mal formados, estrutura física, sem contar com a luta da sociedade pelos investimentos dentre outros. Embora tenha havido mudanças significativas, sobretudo, desde o final da década de 1980.

Segundo destaca a história educacional, dois fatos que contribuíram de forma incisiva para a instauração deste contexto: primeiro, a expulsão dos jesuítas (1549-1759) e segundo, a divisão dos níveis de ensino em que o superior ficou a cargo da Coroa portuguesa e as províncias (estados) com a educação que hoje se denomina de básica, portanto, com os ensinos primário e secundário e aqui o foco em evidência é a condição financeira dessas províncias que não tinham como subsidiar a educação a contento, ocasionando os problemas mencionados.

Esta questão do financiamento da educação nos dias atuais é um dos que apresentam mudanças relevantes a partir da reestruturação da LDB nº 9.394/96 (BRASIL, 1996) que, no conjunto de fatores, se constitui como uma proposta em âmbito geral, medida que corrobora para articular a educação e o contexto em que ela está inserida.

Ressalta também a elaboração do Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2014-2024) que segue a mesma linha de pensamento em que as metas são direcionadas às melhorias da qualidade da educação de forma generalizada, inclusive buscando soluções para os problemas herdados do processo histórico, como também as especificidades que surgem no cotidiano. Mas, como pensar em uma educação de qualidade como um processo global sem priorizar a formação docente? Na atualidade existem várias propostas para a melhoria da formação e também continuada, já implantado um piso salarial base, por outro lado ainda persistem problemas recorrentes tais como: planos de cargos e carreira, reconhecimento do professor e formação continuada.

Desde o Brasil Império, se pensou na formação de professores e propostas que foram transformadas em leis e decretos com o intuito de organizar e estruturar a educação, que acontecia de forma isolada com métodos experimentais, perspectiva que se distanciava do ensino religioso jesuítico que já tinha uma tessitura, de modelo de escola e projeto pedagógico.

O modelo de instituição com planejamento pedagógico mais estruturado, criado pelo Estado, surge com a criação das Escolas Normais que tinham a função de formar os professores para as séries iniciais, contudo mesmo sendo uma proposta estruturada e planejada, no início teve muitos percalços até se solidificar como a instituição por excelência na formação de professores para o primário. Foi uma proposta que abrangeu vários estados do Brasil e se consagrou como marco histórico na educação, pois sob esta nova concepção de educação e formação de professores, as Escolas Normais trouxeram avanços e desenvolvimento para os estados.

O modelo de Brasil agrário passou a ter novas possibilidades de mudanças que movimentou diversos setores: economia, cultura, social e político, pois as Escolas Normais proporcionaram um acontecimento histórico que foi a inserção da mulher no mercado de trabalho, mudando todo um contexto da condição da mulher permitindo que ela saísse “da casa para a rua” parafraseando o livro *A casa e a rua* (DAMATTA, 1997), e também porque “trouxe luz e modernidade para a terra da seca” (SILVA, 2001) quando a autora se referiu ao Ceará, mas que exemplificações podem ser ampliadas para o Brasil.

As Escolas Normais representaram o ideário pedagógico moderno e se tornaram uma tradição entre as mulheres de se formarem nesta instituição, que era personificado e trazido à tona quando se usava a farda da normalista e apresentava-se o diploma que era reconhecido como sinônimo de excelência, portanto, como afirmação de que a mestra estava preparada para ser professora e desempenhar sua função com exímio.

As normalistas se tornaram as profissionais candidatas ao magistério, tradição que acompanhou o trajeto desta instituição cearense, apresentada nesta pesquisa pela estrutura dos prédios, quadro de docentes e diretores formados por pessoas de capacidade e alto reconhecimento na sociedade. Dessa forma, representavam o padrão em formação de professoras para o primário, embora no início esta instituição tenha sido direcionado a homens e mulheres.

Quanto ao período de formação das normalistas desta pesquisa (1958-1960), elas enfrentaram grandes desafios: a mudança de prédio que era localizado em uma estrutura que beneficiava o deslocamento até a escola, a organização já estabelecida do trabalho pedagógico (Praça Marquez de Herval em 1923-1958) para um contexto em que estava tudo em construção se referindo ao prédio e seu entorno, cita-se a falta de urbanização do Bairro de Fátima para onde seguiram a Escola Normal, Escola de Aplicação e o primário. Mesmo assim, as normalistas

tinham o fascínio em ir para esta escola e até mesmo pontuaram que não era um prédio imponente como o anterior, mas não tinha havido mudança nenhuma nesta transferência e trouxe como um argumento a amizade já construída no ginásio no prédio anterior, a convivência, brincadeiras que aconteciam na ida e volta para a escola.

Este prédio, na época em que se iniciou o curso, as dificuldades foram enfrentadas não só pelas normalistas, mas por toda comunidade escolar, sobretudo pelas crianças, abrangiam tanto o entorno da escola: a falta de ônibus e de estrada que não permitiam um trajeto mais tranquilo até a escola; já dentro desta instituição, os problemas também permaneceram: pouco mobiliário, carteiras, recursos, construções em andamento, terreno baixo propício a alagadiço em época de chuvas, enfim, fatores que tornaram-se desafios na época, mas que para as normalistas não causaram impactos na sua formação de forma incisiva, fato que contribuiu para considerar que a tradição da escola prevaleceu frente aos problemas vivenciados.

No tocante à direção, embora nas entrevistas uma das normalistas tenha pontuado que elas podiam falar com o diretor em sua sala, se considera que esta se caracterizava de forma mais tradicional em que o diretor “administrava” a escola, se aproximando das características dos modelos de administração empresarial verticalizado se ocupando mais dos aspectos burocráticos. Não se constatou nenhum engajamento entre supervisão e orientação educacional com a direção fato que pode contribuir para essa perspectiva.

Em referência ao exame de admissão, era conhecido como um exame de vestibular em nível de comparação e dificuldade devido a procura e poucas vagas, assim como para o vestibular havia também curso de preparação para esse tipo de exame. As candidatas sabiam que precisavam estudar muito para obter a aprovação, situação que não foi diferente com as normalistas entrevistadas, que apresentaram as dificuldades no enfrentamento com este exame, mas mostraram que o objetivo era o interesse de estudar e se tornar normalista, aqui se reporta ao momento em que uma disse que passou somente com a média 50 em todas as disciplinas, porém, queria mesmo era estudar na Escola Normal. Pretensão, mesmo tendo seu pai como professor de outra instituição, onde ela também poderia fazer o curso.

O currículo escolar na ocasião e assim como todo o funcionamento do Curso Normal, tiveram novas diretrizes a partir da legislação Lei nº 8.530 (BRASIL, 1946), Lei nº 4.410 (CEARÁ, 1958) e Regulamento –Decreto nº 3.662 (CEARÁ, 1959). Esta foi elaborada com base naquela e a equipe responsável pelas propostas apresentou uma forma de pensar a

formação de professoras primárias a partir de ideias do Escolanovismo sendo uma delas que a experiência deveria ser vivenciada pelo aluno, no caso, a normalista. Dessa forma, ela iria às escolas e retornaria com os problemas identificados que seriam trabalhados com todas as disciplinas tendo as teorias como base e retornariam para a Secretaria de Educação.

Um projeto inovador que teve como um dos entusiastas o professor Lauro de Oliveira Lima, docente dessa instituição. Porém, como já apontado, isso não se concretizou, poucas mudanças ocorreram e a concepção de currículo continuou se aproximando de uma visão estanque sem correlacionamento entre as cadeiras (disciplinas), priorizando as teorias. Por outro lado, ideias da Escola Nova circularam no âmbito da Escola Normal (1958-1960) e disputaram lugar com as práticas tradicionais.

Nesta pesquisa, em relação às aulas e didática dos professores, houve uma tendência mais voltada para as ideias escolanovistas, mesmo ainda sendo forte a presença de atos e características da abordagem tradicional. Quanto aos recursos, se observou que na época devido ao contexto, não havia muitas possibilidades, o Brasil iniciava um projeto de modernização e avanço das indústrias no governo de Juscelino Kubistchek, portanto, era difícil carro, telefone, televisão e, principalmente, computador que somente foi inserido nas escolas no final da década de 1970. Mas que no ano de 1958 já havia sido acordado a construção de 3(três) grandes laboratórios (Química, Física e História).

Muitos professores, sobretudo, Lauro de Oliveira - mencionado pelas normalistas como “revolucionário” -, se distanciavam das estratégias tradicionais permitindo a apresentação na mensagem do governador Flávio Marcílio (15/03/1958) de cartazes, a conversa com os alunos, seminário, aulas de campo (como foi mostrado durante a visita à barragem), a exposição de produtos da região, o uso da autobiografia, permitindo que a normalista fizesse uma reflexão sobre sua história de vida.

Situação que se refletiu também na questão da avaliação que mesmo tendo as provas escritas e arguições orais, também eram incluídas atividades, como as mencionadas, tornando a avaliação um processo e não somente resultado, nesta condição, se distancia da abordagem tradicional.

Em relação à tradição da Escola Normal na participação do dia 7 de Setembro e na ocasião solene de formatura, foram mantidos durante o curso das normalistas (1958-1960) que participaram desses momentos. No tocante ao relacionamento entre corpo docente e entre as

normalistas, o clima de amizade que transcendeu o convívio durante o curso também se caracterizou como uma prática tradicional cultivada nos encontros até os dias atuais.

No que se refere às escolhas das normalistas, após a formatura se constatou que todas as entrevistadas tiveram suas experiências no magistério umas em pouquíssimo tempo e outras com mais intensidade. Das 6 (seis) normalistas entrevistadas *N1 da 2ª. turma* se aposentou no magistério, *N1 da 3ª. turma* seguiu se dedicando à família e à casa, e as demais como funcionárias públicas: *N3 da 3ª. turma* como defensora pública e as outras três *N2 da 2ª. turma e N3 e N4 da 3ª.* como técnicas da Secretaria de Educação. Referindo-se ao casamento, somente a *N1 da 2ª. turma* não se casou e as demais dividiram seu tempo com o magistério, outras profissões e suas famílias.

No retorno ao prédio após 54 (cinquenta e quatro) anos foi notória a satisfação de todas as normalistas em reviver naquele momento, dia 11 de julho de 2014, acontecimentos que vivenciaram juntas no prédio onde estudaram e se formaram, além de terem sido as primeiras professoras primárias (1958-1960), momento em que entraram para a história desta tradicional instituição reconhecida pela excelência na formação de professoras primárias – a Escola Normal Cearense.

Sobre as escolhas metodológicas da pesquisadora se conclui que foram pertinentes, como: o uso de estudo de caso e as fontes diversificadas que vêm ao encontro da teoria da História Nova, que permite esse novo olhar para a história de forma a priorizar o tempo e espaço, porém, não de forma linear. Podendo trazer como sujeitos da história não apenas os grandes heróis, mas as pessoas que, através de suas vozes e histórias, enriquecem a pesquisa e, neste trabalho, os sujeitos tiveram uma importância singular, principalmente, as normalistas que “deram vida” a esta pesquisa.

Retomando os objetivos: geral, compreender como aconteceu a formação das primeiras professoras primárias em 1958-1960 no Bairro de Fátima e os específicos: historiar a chegada dessa instituição nesse bairro, conhecendo as perspectivas das normalistas sobre essa mudança, incluindo o prédio e o entorno da escola; conhecer o currículo escolar do curso, buscando compreender seus aspectos pedagógicos em relação à missão da instituição: formação de professores primários; entender o planejamento das aulas, como também, a preparação da prática docente das normalistas e compreender o que significava para elas estudar na Escola

Normal, buscando entender qual o lugar que esta instituição ocupava na memória dessas normalistas.

Considera-se que tais objetivos foram contemplados, talvez uns mais e outros menos, mas que ao mesmo tempo se partilha da ideia de que toda pesquisa traz considerações e indicações para as questões delineadas em determinado tempo e espaço. O pesquisador, com suas escolhas e os fatos, mostra o que percebeu durante o trajeto, desta forma, se concebe que toda pesquisa deixa abertas portas, como é o caso desta, para que outras pessoas possam entrar, repensar e ressignificar, fazendo desta prática uma mola propulsora que permite o conhecimento ser ampliado.

Por fim, embora as normalistas tivessem vivenciado grandes desafios durante o curso: a mudança para um prédio em reformas, o bairro ainda se estruturando e o contexto educacional reformulando as diretrizes para o Ensino Normal (1958-1959), prevaleceu a tradição de se formar na Escola Normal Cearense, por ser a instituição primordial na formação de professores para as séries iniciais.

REFERÊNCIAS

A) LIVROS, ARTIGOS E LEGISLAÇÃO

ADERALDO, Mozart Soriano. **História abreviada de Fortaleza e crônicas sobre a cidade amada**. Fortaleza: Casa José de Alencar – Programa editorial, 1993. 254 p.

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **História da instrução pública no Brasil (1500 -1889)**. São Paulo: EDUC; Brasília: INEP/MEC, 1989.

ANDRADE, F. A. As vilas de índios na capitania do Ceará: catequese, trabalho e educação. IN. VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula *et al.* **Multiterritorialidades e novas práticas culturais**. Fortaleza: UECE, 2012.

_____. A obrigatoriedade da instrução pública na província do Ceará. In: VIDAL, Diana Gonçalves. **A obrigatoriedade escolar no Brasil**. Cuiabá. UFMT, 2013.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1996.

ARAUJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues Araujo. **Escola normal cearense em foco: perspectiva histórica e da prática docente no estágio supervisionado**. Fortaleza: EdUECE, 2014. 151 p.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2000.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

_____*et al.* **Manifestos dos pioneiros da Educação Nova (1932) e dos educadores 1959**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

AZEVEDO, Otacílio. **Fortaleza descalça: reminiscências (1896-1978)**. Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar, 1992.

BALANDIER, Georges Léon Émile. **A desordem: elogio ao movimento**. Tradução: Suzana Martins. Rio de Janeiro Bertrand Brasil, 1997.

BARROSO, José Liberato Barroso, OLIVEIRA, Almir Leal de Oliveira, BARBOSA, Ivone Cordeiro (Orgs.). **Leis provinciais; estado e cidadania (1835-1861)**. Edição Fac-similada. Fortaleza; INESP, 2009.

BEZERRA, Antonio. **Algumas origens do Ceará**. Edição fac-similada comemorativa do 1º centenário do Instituto do Ceará – 1887 -1997.

BIANCHI, José João de. **A educação e o tempo: três ensaios sobre a história do currículo escolar**. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2001.

BOGDAN, Roberto; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: LDA, 1994. 335 p.(Coleção Ciências da Educação).

BOSSI, Eclea. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo; Companhia das Letras, 1994.

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

CASTELO, Plácido Aderaldo. **História do ensino no Ceará**. Fortaleza: Departamento de Imprensa Oficial, 1970.

CAMINHA, Adolfo. **A normalista**. Fortaleza: ABC Editora, 2001.

CANEZIN, M. Teresa, LOUREIRO, Walderês N. **A Escola Normal em Goiás**. Goiânia: Editora da UFG, 1994.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia, BEZERRA, José Arimatéia Barros (Orgs.). **Biografias, instituições, idéias, experiências e políticas educacionais**. Fortaleza: Ed. UFC, 2003. 467 p.

_____. **João Hipólito de Azevedo e Sá: o espírito da Reforma Educacional de 1922 no Ceará**. Fortaleza: EUFC, 2000.

_____. (Org.). **História e memória da educação no Ceará**. Fortaleza: Imprensa universitária, 2002. 300p.

CEARÁ. Secretaria da cultura. Arquivo público. **Guia de fontes para a história da instrução pública da Província do Ceará (1833-1889)**. Fortaleza: SECULT, 2010.

_____. Lei orgânica do ensino normal do estado do Ceará. Lei nº 4.410, de 26 de dezembro de 1958 – dispõe sobre o ensino normal do Estado e dá outras providências. In. LIMA, Lauro de Oliveira. **Treinamento do professor primário: uma nova concepção da escola normal**. Belo Horizonte: Editora do Professor, 1966. 229 p.

_____. Regulamento do ensino normal do estado do Ceará. Decreto nº 3.662 de 21 de março de 1959. In. LIMA, Lauro de Oliveira. **Treinamento do professor primário: uma nova concepção da escola normal**. Belo Horizonte: Editora do Professor, 1966. 229 p.

_____. Parecer nº 443/72. Conselho estadual de Educação/Câmara de ensino do 2º grau. **Diário Oficial**, 12.12.1972.

_____. Lei nº 13.513 de 19 de julho de 2004. **Diário Oficial**, 27 jul. 04. Dispõe sobre o processo de escolha e indicação para o cargo de provimento em comissão, de Diretor junto às Escolas da Rede Pública Estadual de Ensino, e dá outras providências.

CRUZ, Gisele Barreto da. **O curso de pedagogia no Brasil**: história e formação com pedagogos primordiais. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011. 229p.

DESCARTES, René. **O discurso do método**. (21-71). São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Coleção Os pensadores).

DINIZ, Maria do Socorro Freitas e CAVALCANTE, Raimundinha Medeiros. **Revista do Instituto de Educação do Ceará**, Fortaleza: Edição Especial do Centenário, 1984. 84 p.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. **O que é interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e pesquisa. São Paulo: Papyrus, 1994.

FERNANDES, C. O. Avaliação escolar: diálogos com professores. In: SILVA, J. *et al.* **Práticas avaliativas em todas as áreas**: rumo às aprendizagens significativas. Porto Alegre: Mediações, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis (RJ): Vozes, 2004.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2000.

FONTANA, Roseli A. Cação. **Como nos tornamos professoras?** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FREIRE, Paulo. **Professora sim. Tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 13. ed. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2003.

GIRÃO, Raimundo. **Evolução histórica cearense**. Fortaleza, BNB, 1985, 446 p. (Documentos do Nordeste 5).

GOODSON, Ivor F. **Currículo**: teoria e história. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

GOMES, Joaquim Ferreira. O Marquês de Pombal criador do ensino primário oficial. **Revista de Histórias das ideias**. vl. 4. Tomo II, p. 25-41, Coimbra, 1982.

GUIA DOS BENS TOMBADOS DO CEARÁ. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1995.

- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. (Parte I). Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.
- HOBBSAWN, Eric & RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- IANNI, Otávio. **A sociedade Global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e a patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960)**. São Paulo: Annablume, 2000. 196 p.
- KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papirus, 2007.
- KULESZA, W. A. A sedução da professora. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR, 9, 2005, Ponta Grossa. Anais. Ponta Grossa: UTFPR, 2005. v. 1. p. 1-6.
- KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 2001.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Edições Unicamp, 2003. 553p.
_____. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2000.
_____. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
_____. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1992.
- LIMA, Lauro de Oliveira. **Treinamento do professor primário: uma nova concepção da escola normal**. Belo Horizonte: Editora do Professor, 1966. 229 p.
- LIMA, Maria do Socorro Lucena. **A hora da prática: reflexões sobre o estágio supervisionado e ação docente**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.
- LOPES, Eliane Maria Teixeira. **Perspectivas histórica da educação**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2009.
- LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 2003.
- MAGAHÃES, Rita de Cássia Barbosa, LAGE, Ana Maria Vieira (Org.). **Reflexões sobre a diferença: uma introdução à educação especial**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.

MARTINS, Heloisa Helena T. de S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**. v. 30 n. 2. São Paulo - May/Aug. 2004.

MARTINS, José de Souza. **O poder do atraso**: ensaios de sociologia da História lenta. São Paulo: HUCITEC, 1999.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VIERIA, Sofia Lerche. **Pesquisa educacional**: o prazer de conhecer. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, UECE, 2001. 143 p.

MENEZES, Luis Carlos de (Org). **Professores**: formação e profissão. Campinas-SP: Autores Associados: NUPES, 1996. 448 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 6 ed. São Paulo: Hucitec. Rio de Janeiro: Abrasco, 1994.

MORIN, Edgar. Os desafios da complexidade (559-567). In: Jornadas Temáticas (1998: Paris, França, 1998). A religação dos saberes: o desafio do século XXI. Idealizadas e dirigidas por Edgar Morin; tradução e notas, Flávia Nascimento. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, DF, 2000.

NIDELCOF, Maria Tereza. **Uma escola para o povo**. São Paulo: Editoras Brasiliense, 1979. 102 p.

NOVAES, Maria Eliana. **Profesora primária**: mestra ou tia? 5. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

NOVOA, Antonio. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

_____. **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 152 p. (Coleção Educadores).

_____. **Ensino normal**: formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 148p.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. **Formação integral do educando no tempo da escola normal**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda, 2005. 272 p.

_____. Memórias em desordem na coerência de uma vida p. 46-59. In: VASCONCELOS, José Gerardo e JÚNIOR MAGALHÃES, Antonio Germano (Orgs.) **Memórias no plural**. Fortaleza: LCR, 2001, 138 p. (Coleção Diálogos Intempestivos).

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma re(li)gião**: Sudene, Nordeste, planejamento e conflito de classes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 132 p.

OLIVEIRA, Juscelino K. **Diretrizes do Plano Nacional de Desenvolvimento**. Belo Horizonte: Livraria Oscar Nicolai Ltda. 1955.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão escolar, democracia e qualidade do ensino**. São Paulo: Ática, 2007.

_____. **Gestão democrática da escola pública**. São Paulo: Ática, 2002.

PEDRA, José Alberto. **Currículo, conhecimento e suas representações sociais**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Estágio e docência: diferentes concepções**. **Revista Poiesis Pedagógica – Revista do PPGEDUC** - Universidade Federal de Goiás - Catalão, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2005-2006.

_____. GHEDIN, Evandro. **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.

REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO CEARÁ: história e educação, n 2. Fortaleza: Arquivo Público do Estado do Ceará, 2006.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira: a organização escolar**. São Paulo: Cortez, 1978.

RODRIGUES, Rui Martinho. **Pesquisa acadêmica**. São Paulo: Atlas, 2007.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil (1930 – 1973)**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 267 p.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. 352 p.

SALES, Luís Carlos. Diferenças no saber em função do *locus* do aprender. (113-121) **Revista Olhar de professor**. Ponta Grossa, nov. 2000.

_____. **O valor simbólico do prédio escolar**. Teresina: EDUFPI, 2000. 274p.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007. 473p.

_____. Formação de professores aspectos históricos e teóricos no contexto brasileiro. In **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40. Jan/abr., 2009.

SEVERINO *et al.* FAZENDA, Ivani (Org.). **Novos enfoques da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 2001.

SHÖN, Donald. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, Antonio. **Os professores e sua formação**. Portugal: Nova enciclopédia, 1995.

SOÁREZ, Ednilo. **Edilson Brasil Soárez: um marco na educação**. Fortaleza: Editora Verdes Mares, 1985.

SOUSA, J. Moreira de. **Sistema educacional cearense**. Recife: MEC/INEP. Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife, [s.d].

SOUSA, Rosa Fátima de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX: ensino primário e secundário no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2008.

STOBAÜS, Claus Dieter & MOSQUERA, José Mouriño (Orgs.). **Educação especial: em direção à educação inclusiva**. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

TEIXEIRA, Anísio S. **Educação para a democracia: introdução à administração educacional**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 385 p.

TRIVINÕES, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TURRA, C. M. G.; ENRICONE, D.; Sant'ANNA, F. M.; ANDRÉ, Lenir Cancelli. **Planejamento de ensino e avaliação**. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzato, 1995.

UNESCO - **Um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Rio de Janeiro: Cortez Editora, 1998.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo, PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha e KHOURY, Yara Maria Aun. **A pesquisa em história**. São Paulo: Ática, 1991.80 p.

VIEIRA, Sofia Lerche e FARIAS, Isabel Maria Sabino de. *et al.* **Documentos de política educacional no Ceará: Império e República**; Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006. 113 p. + 4 CD-ROM. (Coleção Documentos da Educação Brasileira).

_____. **História da educação no Ceará: sobre promessas, fatos e feitos**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2002. 400 p.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZAZZO, René. **Alfred Binet**. Tradução de Carolina Soccio Di Manno de Almeida. Organização: Carolina Soccio Di Manno de Almeida; Danilo Di Manno de Almeida. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 142 p.: il. (Coleção Educadores).

B) TESES, DISSERTAÇÕES E MONOGRAFIAS

ALVES, Raquel da Silva. **Mães da pátria educadoras na terra da luz: o ensino primário no Ceará na década de 1920**. 2009. 225 f. Dissertação (Mestrado História Social) - UFC.

ARAUJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues. **Da Escola Normal ao Instituto de Educação do Ceará (IEC): uma Reflexão a Luz da História e da Experiência Docente no Estágio Supervisionado**. 2010. 140 f. Monografia -. Universidade Estadual do Ceará (UECE).

_____. **Considerações à analítica existencial em ser e tempo**. 2004. 117 p. Dissertação de (Mestrado). Universidade Federal do Ceará (UFC)

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **Enquanto o encanto permanece: processos e práticas em aldeias guarani**. 2005. 272 f. Tese (Doutorado), Faculdade de Educação UFRGS.

CAMPOS, Maria Aparecida Ferreira. **A política econômica do governo Juscelino Kubitschek (1956-1961): o discurso em ação**. 2007. 223 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CARVALHO, Maria Helena Vale de. **Da escola normal ao colégio Justiniano de Serpa: um resgate histórico-pedagógico**. 1998. 299 p. (Monografia de Especialização). Fortaleza: UECE.

GUERREIRO, José Nunes. **Fontes para a história e memória do ensino normal no Ceará: O Instituto de Educação do Ceará e a Reforma Lauro de Oliveira Lima (1958–1962)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – FAGED – UFC. 2003. 126 f.

HOLANDA, Maria Laudícia de Oliveira. (cap. 4. Escolas Normais: as primeiras agências de formação de professores no Brasil (p.111-154). In: _____. **A formação de professores no Brasil e na Inglaterra: uma análise comparativa**. 2001, 261p. Tese (Doutorado em Educação) – FAGED – UFC.

MACHADO, Antonio Roberto Moita. **Antiga escola normal: passado e futuro**. Monografia (Graduação em Arquitetura). UFC, 1987.

OLIVEIRA, Jacqueline Holanda Tomaz de. **Escola normal do ceará: o ensino ativo e a arquitetura do palacete da praça Figueira de Melo (1922-1934)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – UECE, 2008. 175 f.

PINHEIRO, Maria de Lourdes. **A escola normal de Campinas no período (1920-1936); práticas e representações**. Dissertação (Mestrado em Educ.) – Univ. de Campinas, 2003. 165 f.

SANTOS, Simone Valdete dos. **O ser e o estar de luto na luta: educação profissional em tempos de desordem**. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

SILVA, Maria Goretti Lopes Pereira e. **A escola normal do Ceará: luzes e modernidade contra o atraso na terra da seca (1884 – 1922)**. 2001. 198 f. Dissertação (Mestrado em Educação.) – FAGED – UFC.

_____. **A Escola Normal do Ceará nos anos de 1930-1950: palco de debates políticos e pedagógicos no calor das reformas**. 2009. 235 f. Tese (Doutorado), Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC).

C) MENSAGENS E JORNAIS

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO CEARÁ. **Governador Flávio Marcílio Assembléia Legislativa do Ceará** - (15 de março de 1958).

GAZETA DE NOTÍCIAS. **Melhoramentos substanciais foram conseguidos para o Instituto de Educação**. (03 de fevereiro 1959).

O NORDESTE. **Professor Amorim Às quintas**. (20 de março de 1958).

_____. **Canal da rua Eduardo Girão** – (28 de abril de 2010 e 10 de dezembro de 2012).

_____. **Convite em homenagem aos 50 anos de formatura**. (21 de outubro de 2010).

_____. **Exposição de produtos regionais em Fortaleza**. (10 de novembro de 1960).

_____. **Instituto aniversaria e homenageia personalidades**. (25 de março de 1982).

_____. **Professorandas foram ao vale do Acarape e viram açudes e usinas** – (4 de setembro de 1959).

TRIBUNA DO CEARÁ. **A congregação do Instituto de Educação se posiciona**. (22 de fevereiro de 1958).

_____. **Entrevista do deputado Francisco Vasconcelos**. (21 de fevereiro de 1958).

_____. **Inconveniente a transferência do Curso primário do Instituto de Educação medida errada e contraproducente que irá ferir os direitos da maioria**. (21 de fevereiro de 1958).

_____. **Transferência para o Centro Educacional: os cursos primário e Normal do Instituto de Educação**. (21 de fevereiro de 1958).

_____. **Universidade Federal do Ceará: Centro propulsor de intensas atividades?**. (14 de dezembro de 1957).

D) DOCUMENTOS E OBJETOS DO IEC

Ata geral de exames de admissão realizados em 1958

Bandeira do IEC

Diários de classe da 3ª. turma - 1959 e 1960

Fotos

Livro de Ata – 1958 a 1960

Livro de ata de inauguração da primeira Escola Normal

Livro de Registro de diplomados - 1960

Pasta individual das normalistas da 3ª. turma (históricos)

Placas informativas com indicação de nomes de salas

Um grito - Texto manuscrito por Lauro de Oliveira Lima

E) SITES CONSULTADOS

ANDRADE, Francisco Ari. **A institucionalização da educação pública no Brasil: a experiência da Província do Ceará (1834-1844)** . Disponível em: <http://www.educadernos.ufc.br/Art_01.pdf>. Acesso em: jun. 2014.

ANTONIO MARTINS FILHO. Disponível em: <http://www.ceara.pro.br/acl/revistas/revistas/2004/ACL_2004_037_Antonio_Martins_Filho_Pai_e_Mestre_Jose_Murilo_de_Carvalho_Martins.pdf> Acesso em: ago. 2014.

BOTO, Carlota. **Iluminismo e educação em Portugal: o legado do século XVIII ao XIX.** Disponível em: <www.revistas.usp.br/rfe/article/view/33601>. Acesso em: jun. 2014. Vol 2., nº 1, p. 145-167, 1996.

BRASIL. **Decreto nº 14.343 de 7 de setembro de 1920.** Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em abril de 2014.

_____. **Decreto de 21 de Dezembro de 1822** - Publicação Original - Declara os dias de Gala no Império. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/sn/antioresa1824/decreto-39069-21-dezembro-1822-568605-publicacaooriginal-91942-pe.html>> . Acesso em: 17 jul. 2014.

_____. **Decreto-lei nº 19.851/31** – Estatuto das Universidades Brasileiras – Reforma Francisco Campos. Acesso em: abr. 2014.

_____. Lei de 15 de outubro de 1827. D. Pedro I manda criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38389-15-outubro-1827-566674-publicacaooriginal-90212-pl.html>. Acesso em: 23 jul. 2013.

_____. Lei Orgânica do Ensino Normal - **Decreto-lei n. 8.530** – de 2 de janeiro de 1946. Disponível em: <<http://www.soleis.adv.br/leiorganicaensinonormal.htm>>. Acesso em: 2012.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional **nº 4.024** de 20 de dezembro de 1961. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/6_Nacional_Desenvolvimento/ldb%20lei%20no%204.024,%20de%2020%20de%20dezembro%20de%201961.htm>. Acesso em 2012.

_____. Lei de Diretrizes da Educação Nacional nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/15692_71.htm>. 2012.

_____. Lei de Diretrizes da Educação Nacional nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. 2012.

CARLOS ALBERTO STUART GOMES. Sociedade Brasileira de História da Medicina. Disponível em: <<http://www.sbhm.org.br/index.asp?p=noticias&codigo=105>> . Acesso em: 9 jan. 2014.

CERTAU, Michael. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

Dicionário bio-bibliográfico cearense Barão de Studart. Disponível em: <http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1030&catid=292&Itemid=101> . Acesso em: 21 ago. 2013.

COLÉGIO OLIVEIRA LIMA. Disponível em: <<http://www.piaget.com.br/>>. Acesso em: 11 jan. 2014.

COSTA. Célio Juvenal Costa. **A racionalidade jesuítica na educação dos índios brasileiros (século 16)**. Em Aberto, Brasília, v. 21, n. 78, p. 93-107, dez. 2007. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1243/1111>>. Acesso em: jun. 2014.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Disponível em <http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm>. 2013.

DOM ALUÍSIO E ALMEIDA LUSTOSA. Disponível em: <<http://www.arquidiocese defortaleza.org.br/arquidiocese/historia/bispos-anteriores/4o-bispo-dom-antonio-de-almeida-lustosa/>>. Acesso em: ago. 2014.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. **Grupo coordenado pela educadora troca experiências e discute os movimentos da interdisciplinaridade na escola e no mundo.** Disponível em: <<http://www.direcionalescolas.com.br/entrevistas/ivani-fazenda>>, Acesso em: 01 dez. 2012. Entrevista concedida a Direcional Educador.

FÁBRICA DE PIANOS ESSENFELDER Disponível em: <<http://casalevydepianos.com.br/piano-usado-essenfelder>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

FORTALEZA IMPLANTARÁ ESCOLA BILÍNGUE PARA SURDOS. Disponível em: <<http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/fortaleza/fortaleza-implantara-escola-bilingue-para-surdos/>>. Acesso em: 29 jan. 2014.

HIDRELÉTRICA ARARAS. Disponível em: <www.chesf.gov.br>. Acesso em 2014.

HISTÓRIA DO CREAECE . Disponível em: <liliacamposmartins.blogspot.com.br/2010/11/centro-de-referencia-em-educacao-e.html>. Acesso em: 29 jan. 2012.

<<http://www.erasmobraga.com.br/a-escola/biografia-erasmo-braga>>. Acesso em: jul. 2014.

<<http://www.masterstudies.com.br/universidades/Italia/Alma-Mater-Studiorum-University-of-Bologna/>>. Acesso em: 31 jul. 2014

HISTÓRIA DO DNOCS. Disponível em <www.dnocs.gov.br>. Acesso em 2013.

HISTÓRIA DO INEP. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/institucional-historia>>. Acesso em: jan. 2014.

HOBSBAWN, Eric. **O presente como história:** escrever a história de seu próprio tempo. Tradução do inglês de Heloísa Buarque de Almeida, nov.1995. Disponível em: <http://novos estudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/77/20080626_o_presente_como_historia.pdf>. 2012.

NEGRÃO. Ana Maria Melo. Resenha. FRANCA S.J., Leonel. O método pedagógico dos jesuítas: o "Ratio Studiorum": Introdução e Tradução. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1952. Rev. Bras. Educ. no.14 Rio de Janeiro May/Aug. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782000000200010&script=sci_arttext. > Acesso em: jun 2014.

NORMALISTA – Disponível em: <<http://cifrantiga3.blogspot.com.br/2006/05/normalista.html>>. Acesso em: 9 jan. 2014.

SAVIANI, Dermeval. **História da formação docente no Brasil:** três momentos decisivos. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2005/02/a1.htm>>. Acesso em 2013.

TEIXEIRA, Anísio S. Centro Educacional Carneiro Ribeiro. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v.31, n.73, jan./mar. 1959. p.78-84.
Disponível em: <<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/dediscurso.htm>>. Acesso em: 19 set. 2013.

VILLELA, Heloísa de Oliveira S. Do artesanato à profissão: saberes de normalistas no Brasil do século XIX. GT 2 trabalho na modalidade oral. Disponível em: <26reuniao.anped.org.br/trabalhos/heloisadeoliveirasvillela.rtf>. Acesso em 2012.

26ª Reunião Anual da ANPED. Novo Governo. Novas Políticas? 5 a 8 de outubro de 2003. Poços de Caldas.

F) FILME

ARAUJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues. **Retorno das normalistas da 1ª. turma de 1958-1960 ao prédio da Escola Normal Cearense após 54 anos**. Fortaleza, 11/07/2014. 48min. Documentário.

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista para as normalistas

- 1) Exame de Admissão
- 2) O início do curso (trajeto até a escola, o que encontrou ao chegar a escola; estrutura física e administrativa)
- 3) Aulas e recursos didáticos
- 4) Prática de ensino
- 5) Festas: Sete de setembro e formatura
- 6) Relacionamento: amizade da turma, professor, diretor e funcionários da escola
- 7) Estudar na Escola Normal
- 8) O exercício no magistério

ANEXO A - Carta da aluna do primário de uma normalista da turma (1958-1960), escrita em 2006

Querida professora,
 Não imaginas a emoção que sinto ao escrever esta carta, pois através dela terei a oportunidade de extravasar a minha alegria. Faz muitos anos que fui sua aluna, foi no tempo do "Instituto Tiradentes", em 1961 quando ainda havia o 1º ano forte, você lembra? Pois sabe professora, eu lhe queria muito bem, tanto que nunca a esqueci. Certa vez, perguntei à Zélia, que é quase minha vizinha e que eu sabia que ela fora sua amiga, quis saber de você, porém a mesma me deu vagas informações. Mas como eu converso muito com o meu marido e havia falado da minha infância, do meu tempo no "Tiradentes" e da professora que muito meimei, que seria uma grande felicidade para mim um dia, ter notícias dela de alguma forma. Então, discretamente, ela investigou e conseguiu o seu endereço em São Paulo. Um dia, ao chegar do trabalho, ele me fez esta surpresa e eu fiquei muito emocionada.



Jesus nos enche com seu amor!

credeal

Professora Valdígia, as pessoas quando realmente são importantes para alguém, elas se tornam inesquecíveis, nem o tempo, que tudo apaga, pode retirar isso da nossa lembrança. Durante toda a minha vida, tive muitos professores, mas nenhum foi tão especial quanto você.

Eu ainda recordo aquele patão ensalado, o hino que cantávamos em fila antes do início das aulas, daquela classe apertadinha lá no fundo da escola onde passávamos as manhãs. Era a menor sala, mas você conseguia torná-la agradável para as ^{suas} crianças. Lembra que a minha mãe havia me matriculado no 1º ano fraco, (pois eu já havia feito a alfabetização com uma professora particular) mas após uma semana com a professora Helena (irmã da Eudóxia), mandaram que eu lesse um texto do livro "Infância Brasileira", e como li tudo corretamente, conduziram-me para a sua sala de aulas com outros alunos. Você me recebeu carinhosamente, passou a mão delicada nos meus cabelos e me deu boas vindas chamando-me pelo

credeal

Jesus nos enche com seu amor!



SWINGÜDO

nome: "Maria Socorro". A professora, eu fiquei tão feliz que você nem pode calcular. Eu era uma criança muito tímida, não sabia como conversar com as pessoas adultas e me recolhia no silêncio. Na época, meus pais estavam atravessando sérios problemas financeiros e como tivemos de nos mudar de um bairro de classe média para um bairro muito pobre, (hoje nem existe mais aquele rua que morei, é agora Av. Oeste Oeste) então eu me sentia inferiorizada, apesar de ser tão criança ainda. Eu tinha sete anos. Lembros também das minhas coleguinhas, uma delas era a Maria das Graças (sobrinha da D. Haydee, a vice-diretora). Ela conversava e brincava comigo, mas no íntimo me massacrava com suas roupas bonitas, com suas bonecas, suas histórias de mamãe rica e com suas boas merendas. Havia também o Carlos Alberto Lidrak, o Gales, a Melania e alguns meninos chatos que um dia investigaram onde eu morava e foram correndo contar para você que a rua era tão feia, que a melhor casa era a minha.

Jesus nos enche com seu amor!

credeal



SWINGÜDO
© LUZ E VIDA

(11)

nome: "Maria Socorro". A professora, eu fiquei tão feliz que você nem pode calcular. Eu era uma criança muito tímida, não sabia como conversar com as pessoas adultas e me recolhia no silêncio. Na época, meus pais estavam atravessando péssimos problemas financeiros e como tivemos de nos mudar de um bairro de classe média para um bairro muito pobre, (hoje nem existe mais aquele rua que morei, é agora Av. Costa Oeste) então eu me sentia inferiorizada, apesar de ser tão criança ainda. Eu tinha sete anos. Lembros também das minhas coleguinhas, uma delas era a Maria das Graças (Dolência da D. Haydee, a vice-diretora). Ela conversava e brincava comigo, mas no íntimo me massacrava com suas roupas bonitas, com suas bonecas, suas histórias de mamãe rica e com suas boas merendas. Havia também o Carlos Alberto Lidzak, o Gales, a Melania e alguns meninos chatos que um dia investigaram onde eu morava e foram correndo contar para você que a rua era tão feia, que a melhor casa era a minha.

Jesus nos enche com seu amor!

credeal



Eu acho que ^{ela} não era assim tão boa-aluna, apesar de ser comportada, mas sempre ganhava umas estrelinhas que brilhavam na minha farda, ostentando o 1º lugar. O seu jeito meigo, a sua delicadeza para comigo mascararam o meu tempo de criança e a tornaram inesquecível. Eu achava você uma pessoa muito bonita, além de ótima professora. Lembro que era branquinha, tinha longos cabelos claros e era simpática e sorridente, (Digo era, porque faz realmente muitos anos e a sua imagem como você era congelou em minhas lembranças) mas acredito que você continue linda como antes.

Lembro também quando você passava todas as tardes na Rua Padre Mororo, onde moravam meus avós. Eu sabia que você vinha naquela hora da "Secretaria de Educação" e ficava na calçada para vê-la passar com suas amigas e muitas vezes me dirigia o olhar.

Que bom recordar tudo isso, professora! É como gosto muito de escrever, os assuntos vão se encaixando

credeal Jesus nos enche com seu amor!



III

SWINGÜDO
© LUZ E VIDA

Hoje, eu também sou professora. Fiz Pedagogia e Habilitação em Português e Inglês. Trabalho numa escola particular, treinando adolescentes de 5^ª a 8^ª séries e sou concursada pelo município de Fortaleza. As coisas mudaram, as crianças e adolescentes não são mais como os de outrora. Houve uma mudança radical em tudo e um professor tem que fazer desse tudo, um pouco, dentro de uma sala de aula. Principalmente saber defender-se com diplomacia das agressões, da violência assustadora que invade a humanidade de um modo geral. Ser psicólogo, artista, pai, mãe e às vezes até palhaço. Não há mais aquele afeto sincero entre alunos e professores, temos que ser rígidos e afetuoso sem esperar nada em troca. Mas tudo isso é a evolução dos tempos, que fazer?

Estou casada há trinta anos com o mesmo marido, graças a Deus. Ele é um grande tesouro na minha vida e adiciona os meus pensamentos, pois até não soube enquanto não realizou

credeal

Jesus nos enche com seu amor!



EU

SMILINGÜDO
© LUZ E VIDA

de estudante, com minha foto, minhas notas e a sua assinatura. Envie também essa foto de como estou atualmente.

O meu endereço está disponível para quando você vier a Fortaleza.

Não sei se você me procurará de volta, seria uma grande felicidade para mim, mas, fique à vontade. De qualquer forma estou feliz, muito feliz.

Beijos, muitos beijos para você e sua família.

Maria Socorro

credeal

Jesus nos enche com seu amor!



ANEXO B - Música Normalista***Música Normalista******Nelson Gonçalves******Composição: Benedito Lacerda & David Nasser***

Vestida de azul e branco
Trazendo um sorriso franco
No rostinho encantador

Minha linda normalista
Rapidamente conquista
Meu coração sem amor

Eu que trazia fechado
Dentro do peito guardado
Meu coração sofredor

Estou bastante inclinado
A entregá-lo ao cuidado
Daquele brotinho em flor

Mas, a normalista linda.
Não pode casar ainda
Só depois que se formar...

Eu estou apaixonado
O pai da moça é zangado
E o remédio é esperar

ANEXO C - Hino do Instituto de Educação do Ceará – IEC

Música de *Antonio Gondim*

Letra de *Filgueiras Lima*

Esta casa onde sonhos despontam
É da ciência um luzeiro, um farol
As lições de seus mestres apontam
Os destinos da Terra do Sol.

Côro

Educação é o brado de amor
Exige ciência e vocação
Eis a suprema inspiração

Do teu sagrado e alto labor
Recebe, pois, nosso louvor.
Instituto de Educação.

Conduzimos os livros diletos
Com orgulho e ardor juvenil,
Confundindo, nos mesmos afetos-
O Ceará e o glorioso Brasil.

O valor desta gente do Norte
Demonstramos na luta mental,
Batalhando de espírito forte
Pela glória do berço natal.